



RAÍZES

Ano XII - Nº 24

São Caetano do Sul

Dezembro de 2001





Nossa Capa

Se existe um tipo de arte que caracteriza São Caetano do Sul, louvando principalmente o trabalho como um traço cultural tipicamente local, esta arte é o muralismo. É o que transparece em vários murais espalhados pela cidade.

O mural que ilustra a nossa capa é de autoria de Alberto Garcia, renomado artista espanhol, e foi executado, em 1954, em uma parede das antigas instalações da Cerâmica São Caetano, onde pode ser apreciado. Possui as seguintes dimensões: três metros de altura por três metros e sessenta centímetros de compri-

mento, sendo formado por sessenta placas de sessenta por trinta centímetros de lito-cerâmica de baixa porosidade. O processo envolve queima em alta temperatura, o que confere à cerâmica duração quase eterna.

A obra retrata as atividades diárias de uma indústria cerâmica, com trabalhadores, equipamentos, ferramentas e grandes fornos para a queima dos produtos. É de uma beleza plástica espetacular, e com ele homenageamos todos os sancaetanenses que fizeram do trabalho com a argila sua própria razão de existir.

Caro leitor

É com grande satisfação que o convidamos para um mergulho na nossa História. A cada novo número da revista sentimos crescer o entusiasmo dos nossos moradores em conhecer suas origens, em vivenciar o passado através de *Raízes*, numa corrente cujos elos se multiplicam e se entrelaçam progressivamente.

Nessa empreitada, você estará acompanhado de valiosos historiadores do ABC, de professores universitários e também de memorialistas, cujos depoimentos, plenos de emoção, permitem-nos incontestável percepção histórica regional.

Em realidade, rastrear as origens, resolver o passado e resgatar em valores humanos as bases da construção da nossa sociedade, é legitimar, com justo orgulho, o nosso progresso aos olhos da geração contemporânea.

Neste número, *Raízes* traz novos e interessantes relatos nas seções depoimentos e personagens. Em seus artigos, enfoca aspectos pitorescos da cidade nas décadas de 1940 e 1950, quando havia ainda resquícios de atividade rural em meio à indústria e ao comércio. Traz também minuciosa descrição das famílias judaicas e sua participação no comércio (de móveis, principalmente).

A seção *Dossiê*, por sua vez, documentou a história da indústria ceramista sancaetanaense, com destaque para a Cerâmica São Caetano.

Consideramos oportuno este registro porque, com a drástica redução da atividade industrial em nossa cidade, as cerâmicas foram fechadas e suas instalações desativadas.

Hoje, o esforço desenvolvimentista concentra-se na área de prestação de serviços, excelência em tecnologia e incentivo ao comércio. Desta maneira, o terreno antes pertencente à Cerâmica São Caetano, e hoje propriedade da Magnesita, deverá ser transformado em grande centro de negócios e serviços. Trata-se, de fato, de um novo capítulo de nossa História sendo escrito. E *Raízes* há de registrá-lo.

Sônia Maria Franco Xavier

Cenário Mágico

Luiz Olinto
TORTORELLO (*)

Raízes tem uma característica notável: a cada edição supera-se em criatividade, conteúdo e objetividade, mantendo brilhantemente a magia que nossa cidade sustenta desde seus primórdios. Éramos um cenário de várzeas

e morros contornado por rios caprichosos – o Meninos e o Tamanduateí – e os frades beneditinos viram, nele, um futuro diferente daquele da maioria das outras comunidades da região. Os imigrantes consolidaram essa visão e, como diz a presidente da Fundação Pró-Memória, Sônia Maria Franco Xavier, *da argila e da cerâmica tratadas com arte assentaram os alicerces de nossa cidade*.

Se, atualmente, somos objeto de estudos de pesquisadores do desenvolvimento urbano em nível internacional pelo êxito como município, comunidade e centro irradiador de processos, métodos e caminhos de gerenciamento de cidades, jamais poderemos esquecer que nossa vontade e determinação, coragem e dignidade, espírito de luta e alegria de viver têm suas origens naqueles tempos de pioneirismo, que se perpetuam dia após dia, em cada ação da comunidade e de seus expoentes desde então, como muito bem retrata esta edição de *Raízes*.

Vale a pena ler. Vale a pena meditar sobre cada artigo, crônica, depoimento. Mais ainda, perceber a identidade permanente de nossa trajetória na qual, hoje, o velho e o novo, o antigo e o moderno convivem e se complementam na construção do futuro e aprimoramento de um lugar no qual vale a pena viver. Na construção, em bases sólidas, de um cenário mágico.



(*) Luiz Olinto Tortorello é professor, jurista e atual prefeito de São Caetano do Sul em terceira gestão

ÍNDICE

Dossiê

Argila e Cerâmica na história de São Caetano



Aluno da Escola Técnica de Cerâmica

05 *Nascimento e descobrimento da cerâmica*

07 *Por que nossa cidade transformou-se em centro cerâmico?*

08 *Argila e cerâmica na história de São Caetano*

09 *Entrevistas com José Teixeira, Paschoal Giardullo, Ivo Pellegrino, Urames Pires dos Santos e Fernando Augusto Lopes*

Pedro KENDE

23 *Arte, Argila e Cerâmica, raízes de nosso crescimento*

Sônia Maria Franco XAVIER

28 *Cerâmica Privilegiada (1913-1919): tecnologia francesa na fabricação de telhas*

José Roberto GIANELLO

Artigos

33 *Ruídos, cheiros e cores em São Caetano dos anos quarenta e cinquenta*

José de Souza MARTINS

43 *As fazendas nas terras do ABC Paulista*

Arlete Assumpção MONTEIRO

48 *A formação da paisagem urbana de São Caetano*

André Luiz Balsante CARAM

53 *No desenvolvimento de nosso comércio, méritos para a colônia judaica*

Carlos GERCHTEL

58 *Família Rosa Alves: Uma história de barbeiros, tintureiros...*

Humberto Domingos PASTORE

61 *A cidade e a fotografia*

Neusa Schilaro SCALÉA

Personagens

63 *A vida dos imigrantes, por Josefina Moretti Lorenzini*

Domingo Glenir SANTARNECCHI

64 *Francisco Marinotti: espírito empresarial e paixão pelo futebol*

Narciso FERRARI



Toti, à esquerda, cumprimentado pelo governador Abreu Sodré

66 *Othoniel Brandão Costa (Toti): uma vida dedicada a combater o crime*

Cultura

68 *Sob o Signo da Espiral, Cleide Veronesi (1949-1987)*

Depoimentos

73 *Observações de Mauro Felipe Roveri a respeito de setenta anos de mudanças*

79 *Histórias entre uma fotografia e um paletó*

83 *Família Toyoda e sua importância na indústria cerâmica*

Mário Porfírio RODRIGUES

Memória

87 *Manelão, o lutador e Impressões de uma viagem à Itália*

Gisberto GRIGOLETTO

90 *Caetano Grecco: 60 anos a serviço de São Caetano do Sul*

Yolanda ASCENCIO



Brinquedo denominado vaqueiro a cavalo com movimento

92 *A fábrica de brinquedos de Ignácio Del Rey*

Mário DEL REY

95 *Foto Americano marcou época no Bairro Fundação*

Esporte

97 *Recordações de uma lenda do Esporte*

Alexandre Toler RUSSO

103 *Araken Patusca: um gênio sagrado do futebol*

José Odair da SILVA

107 *Jogos abertos do interior: participamos pela primeira vez em 1952*

Nelson PERDIGÃO

Registro

110

Memória Fotográfica

114

Nascimento e desenvolvimento da cerâmica

Pedro KENDE (*)



Dossiê

A cerâmica, como obra do gênio inventivo do ser humano, está entre os mais antigos feitos, suplantado em antigüidade provavelmente apenas pela arte de lascar pedras e talvez pela cestaria. O homem primitivo deve ter forrado uma cesta com barro, a fim de evitar que grãos colhidos escapassem pelas fendas do receptáculo. Líquidos não poderiam ser armazenados, pois o barro, mesmo seco, é poroso e não reteria o conteúdo. Entretanto, os espaços formados por pegadas do próprio homem, ou mesmo de animais, retinham a água após uma chuva - desde que isso ocorresse em certos tipos de argila -, levantando assim a possibilidade de se guardar água. E então o homem primitivo observou esse fato e forrou a cesta com argila desse tipo. Deu resultado.

Depois, provavelmente, após algum incêndio numa cabana onde estavam armazenados cestos forrados de argila, o homem primitivo deve ter descoberto que o fogo havia consumido a cesta e, milagrosamente, a argila cozida retinha líquidos. Apesar de o barro cozido ainda ser poroso, mas não muito, estava parcialmente resolvido o problema do armazenamento e transporte de água!!! Grande passo tecnológico na História da Civilização. Provavelmente, o homem deve ter reunido uma porção de cestas forra-



Reprodução da capa do catálogo de louças brancas e decoradas da Fábrica de Louças Adelinas (Manoel de Barros Loureiro era o dono da empresa). Janeiro de 1935

Fundação Pro-Memória

das de argila e depois incendiado a choupana para obter o produto. Se pensarmos bem, os fornos simples são casas que, queimadas, não incendeiam o próprio edifício.

Objetos de cerâmica são encontrados em todas as civilizações e em todos os continentes, demonstrando que a transmissão do conhecimento da arte cerâmica é provavelmente tão antiga quanto a existência do próprio homem. Aliás, a Arqueologia, que se dedica a estudar os objetos de cerâmica encontrados, avalia o grau de desenvolvimento de cada agrupamento humano em função do avanço da técnica cerâmica das populações. As marcas distintivas, as cores, os desenhos, as alegorias, os símbolos e as formas são indícios da evolução da sociedade que produziu os objetos de cerâmica e, portanto, o retrato de uma cultura. A criação de instrumentos cada vez mais adequados para uma produção daquilo que fosse belo e bom constituiu-se no passo seguinte. Não obstante tal

progresso, até os dias de hoje os métodos originais não foram mais do que aperfeiçoados, acrescentando a arte ao artesanato.

A construção em barro, para abrigo do homem primitivo, atendeu à segunda necessidade num gráfico em que a primeira é a alimentação (problema resolvido com o armazenamento da comida), essencial a todas as sociedades. O tijolo - o cru e depois o cozido - é o elemento de construção mesmo de sociedades avançadas. O barro simples, como elemento construtivo, depositado sobre estruturas de varas de madeira, sejam bambus, taquaras ou ramos de árvore entrelaçados, foi utilizado, e ainda o é, naquilo que se chama de *parede de sapapo*. Se, entre duas estruturas desse mesmo tipo de armação, colocarmos barro socado, teremos a *taipa*, que faz parte ainda de importantes edificações em muitas cidades brasileiras, inclusive na capital paulista (isso sem falar que em diversos pontos do território brasileiro o

barro ainda é o elemento construtivo mais relevante).

Todas as edificações das antigas civilizações mesopotâmicas foram feitas com a matéria-prima mais facilmente encontrada nos vales do Tigre e do Eufrates: o barro. E se a Torre de Babel de fato existiu, com certeza foi feita de tijolos. Das civilizações assíria e babilônica restam magníficas obras cerâmicas, inclusive esmaltadas, em cores magníficas, o que demonstra a durabilidade dos produtos e o avanço da tecnologia cerâmica daquelas culturas.

Resolvidos os problemas de abrigo e armazenamento, o ser humano poderia partir para o aspecto estético. É quando surgem os desenhos ornamentais que serviriam para indicar a utilidade do objeto ou simplesmente para deleite dos olhos. Acrescentem-se ainda os registros escritos, os cuneiformes, executados em tabuinhas cerâmicas e que resistiram à sucessão de milhares de anos.

No tocante ao elemento fundamental à feitura da cerâmica, isto é, o fogo, este era conhecido do homem primitivo enquanto combustível espontânea e como resultado da queda de raios. Criar fogo, ou apenas armazená-lo, é uma atividade tão antiga e tão necessária que, na mitologia grega, o pecado de Prometeu, doador do fogo à humanidade, coloca-se no mesmo plano do pecado original bíblico, aquele que permite aos seres humanos reproduzir-se sem interferência divina. Por conseguinte, o crime humano de produzir fogo é algo muito importante. Esse delito, entre outras coisas, possibilitou ao homem cozinhar os alimentos, rachar pedras, endurecer os instrumentos de caça e transformar barro mole em algo similar a pedras para poder construir coisas que vão desde vasi-

lhas para abrigar cereais até urnas funerárias.

O primitivo incêndio de uma cabana, como já foi dito, onde se deu o cozimento da argila e sua transformação em cerâmica, passou a ser reproduzido em fornos, cujas estruturas assemelhavam-se a casas. Na verdade, esse esquema pouco mudou, exceto no que se refere às fontes de calor pois, se no início foi a madeira que pegou fogo, depois se utilizou lenha cortada especificamente para tal fim (mais tarde foi a vez do carvão, depois do petróleo, mais adiante do gás e hoje é a da eletricidade. No futuro, possivelmente, serão usadas outras fontes de energia).

Quanto ao que pode ser chamado de cerâmica, encontramos na origem da palavra a solução do problema. O termo *cerâmica* vem do grego *keramos*, ou seja, argila. Dessa maneira, qualquer objeto fabricado com argila é cerâmica. As variações dependem da composição química do barro, associada à temperatura de cozimento, o que resultará em cerâmica, louça e até porcelana. Há quem considere o vidro como cerâmica também, pois seu preparo parte da mesma matéria-prima.

Porcelana é uma das variantes da cerâmica e destina-se, principalmente, ao uso doméstico, tendo sido a substituta das baixelas de metal a partir do comércio com a China. É desse país também que emprestamos a palavra caulim (Kao Ling), no intuito de designar um tipo de mineral que existe na superfície da terra e que tem a propriedade de produzir uma cerâmica branca, maravilhosamente translúcida, encontrada em praticamente todas as partes do mundo. A tecnologia de seu uso e aplicação passou para a Europa.

O califado de Córdoba, no tempo da dominação mourisca da península ibérica, produziu, por muito tempo, material de louça vitrificada comercializado por mercadores da Ilha de Maiorca. Como os objetos provinham de país muçulmano, quem fazia o transporte negava-lhes a procedência moura para não sofrer sanções comerciais. Desse modo, os produtos espanhóis mouriscos passaram a ser chamados de *maiólica* (em referência à ilha natal dos comerciantes), nome pelo qual o azulejo ainda hoje é conhecido na Itália.

Empreendedores italianos, aliás, já no século XIV produziam excelentes cerâmicas, particularmente em Manises - norte da Itália -, nome que passou para uma das empresas de São Caetano, das que já deixaram de existir.

Por volta do século XVI, a região de Faenza tornou-se conhecida e seus produtos eram exportados para a França com o nome de *porcelaine de Faïence*, de onde deriva o nome de faiança para designar um tipo de produto destinado a adornos. Faenza não fica longe de uma cidade muito conhecida no mundo automobilístico atual, Imola. Situa-se na região da Emilia-Romagna, na metade do trajeto entre Bolonha e Forlì. Trata-se, evidentemente, do extremo sul do vale do Pó, em terras aluviais, como teria de ser para se ter disponível a matéria-prima adequada.

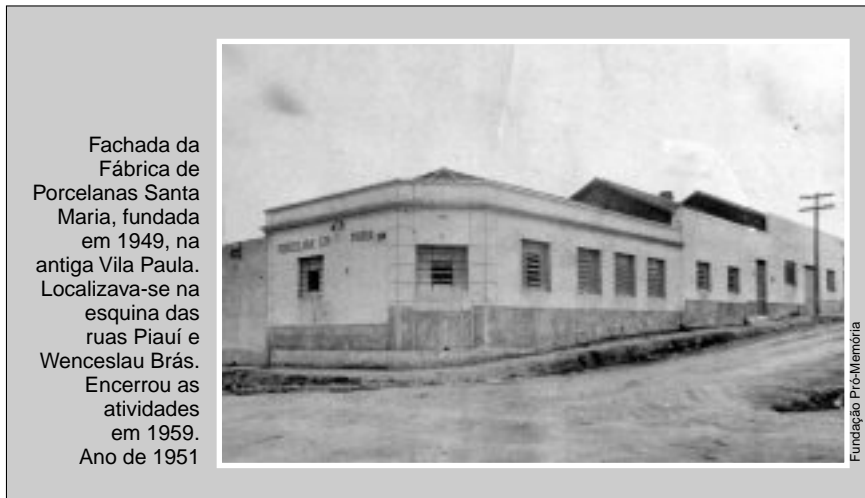
Surge, então, uma pergunta: Por que São Caetano tornou-se um centro cerâmico? Seria pela tradição dos imigrantes vênéticos? Mas estes eram camponeses, mais afei-tos à lida agrícola. Pelo menos entre os primeiros não havia nenhum com experiência em cerâmica. Procuremos as explicações.

Por que nossa cidade transformou-se em centro cerâmico?

Há em Atenas, Grécia, um bairro ainda hoje chamado de Cerâmica. Seu nome deriva da atividade desenvolvida desde tempos imemoriais naquela área. Em seu centro fica a Ágora da Cerâmica, onde tinha lugar, entre outros atos cívicos, o ostracismo. *Ostrakon*, em grego, significa caco, e o procedimento era escrever o nome do condenado ao esquecimento civil em cacos de cerâmica e atirá-los, simbolicamente, ao esquecimento dos cidadãos. Assim, em duas cidades muito distantes uma da outra existem bairros com o mesmo nome, com a ressalva de que, felizmente, o ostracismo nunca foi praticado em São Caetano. Mas o bairro grego homônimo, de qualquer modo, faz São Caetano aproximar-se de Atenas.

No município do ABC, a argila é encontrada em várzeas, em terrenos alagadiços, bastante comuns no vale do Rio dos Meninos. Quando o Mosteiro de São Bento começou a explorar sua propriedade do Tijucuçu, visando montar olarias, o local mostrou-se extremamente apropriado graças, sobretudo, à abundância de argila.

O conhecimento dos beneditinos quanto à arte de realizar obras cerâmicas foi aproveitado, em sua plenitude, não apenas para fazer os tijolos e telhas necessárias para a construção da própria abadia, em São Paulo, mas também para obras de arte ornamental. A região de São Caetano fornecia também a lenha necessária aos trabalhos, e o Rio Tamanduateí servia magnificamente como via de transporte para as barcaças que



levavam os produtos para o Porto Geral. Este local hoje não existe e apenas é lembrado através do nome de uma ladeira, bem ao pé do morro onde era a cidade de São Paulo e em que se ergueria o mosteiro, aliás reconstruído duas vezes, sempre com os mesmos materiais.

Esta fartura de combustível, argila adequada e transporte fácil fizeram das olarias um ponto forte da economia local. Se bem que no início a mão-de-obra necessária tenha sido a escrava, os imigrantes, voluntários e livres, imitaram os seus antecessores, já que dispunham de argila e lenha, assimilando rapidamente a técnica. Quando os primeiros colonizadores imigrantes chegaram, já encontraram fornos prontos e somaram seus conhecimentos trazidos da Europa com a abundância de condições para exercer esta forma de economia e também para a construção de suas próprias casas.

Quanto à porcelana, forma mais sofisticada da cerâmica, mais elaborada, exigindo materiais es-

peciais e mais temperatura, esta chegou a São Caetano quase por acaso. Todavia é preciso dizer que isso se deve ao desenvolvimento de outra atividade cerâmica: as pastilhas fabricadas pela pioneira indústria Argilex, que foi, na época, a grande fabricante de um material muito em voga para revestimentos de fachadas, particularmente no Rio de Janeiro, onde a maresia destrói qualquer tipo de cobertura dessa espécie.

Dois especialistas em porcelana, os irmãos Teixeira, vindos de Portugal, chegaram ao Rio de Janeiro e lá produziram artigos de porcelana, nos anos 30, na indústria Pedro II. De lá, foram contratados para a Argilex, em 1935, pois esta indústria de pastilhas de porcelana para revestimento de paredes pretendia entrar no ramo de porcelana doméstica. Entretanto, não o fez, e os irmãos terminaram por fundar empresa própria em São Caetano. Assim surgiu a única empresa de porcelana que ainda resta nestas plagas: a Porcelana Teixeira.

Argila e cerâmica na história de São Caetano

De 23 de Julho a 29 de Agosto de 1997, o Museu Histórico Municipal abrigou exposição, com o nome deste título, em comemoração aos 120 anos do estabelecimento de uma população fixa em São Caetano. Considerando que a indústria da cerâmica foi a atividade que propiciou a criação do núcleo inicial de povoamento da área, pois a fazenda dos beneditinos tinha como principal atividade a produção oleira, nada seria mais lógico do que o prosseguimento dessa atividade por parte daqueles que vieram a se estabelecer ali.

Foram expostas peças originadas em diversas indústrias, das quais algumas existem e outras não estão mais em atividade. O material exposto foi cedido pelas seguintes indústrias:

Louças Adelinas
Indústria Cerâmica Americana
Indústria Paulista de Porcelana Argilex Ltda.
Indústria de Refratários Santo Antônio
A. D. Ferrari & Cia. Ltda.
Porcelanas Monte Alegre S/A
Cerâmica Itabasil
Indústria Cerâmica Sul-Americana S/A
I.R.F. Matarazzo - Louças Cláudia
Virgílio Teixeira & Irmãos - Porcelana São Paulo
Cerâmica Artística da Costa
Cerâmica São Caetano S/A
Porcelana Rex Ltda.
Porcelana Santa Maria
Marques & Filho Ltda.
Porcelana Caramuru
S. Toyoda & Cia Ltda.
Domingos Perin
Colomba Pastore Scatone
Pereira, Otero Artes e Decorações
Porcelana Royal
Faiança Fátima
Cerâmica Manises
Vincenzo Genga - Inforgel
Cerâmica Regina
Indústria Cerâmica Marinotti
Porcelana A B C
Cerâmica Tupy
Cerart
Cerâmica Artística Agostinho Rodrigues Ltda.

Apesar de terem sido os expositores apenas em número de 30, a amostra foi bastante significativa. Obviamente, a exposição não teve a participação de todas as indústrias do ramo, passadas ou presentes, pois a maioria delas já se extinguiu, mas a história das indústrias cerâmicas não ficou esquecida, nem mesmo temporariamente. O mérito maior da organização do evento foi ter conseguido reunir e despertar o entusiasmo dos remanescentes, tanto de empresas existentes como de pessoas possuidoras de peças elaboradas nas indústrias do passado. Resgatou-se parte da memória daquilo que foi, em certa época, o empreendimento industrial mais importante na vida da coletividade sancaetanense.

Em seu apogeu, a indústria cerâmica, no seu conjunto, chegou a ter em São Caetano vários milhares de trabalhadores, somadas as empresas do ramo, em todas as suas variantes, desde as simples olarias de produção de tijolos comuns e indústrias de tijolos especiais para construção (telhas das mais variadas formas) até indústrias de utensílios domésticos, tijolos refratários, utensílios refratários, cerâmica artística, azulejos, pisos e pastilhas de revestimento, incluindo materiais especiais para os ramos químico e elétrico.

A existência de matérias-primas na área, adicionada ao conhecimento técnico, a uma população ávida de progresso, à tradição herdada do Mosteiro de São Bento, e a muito estímulo, explica por que São Caetano, de uma certa forma, tornou-se sinônimo de cerâmica.

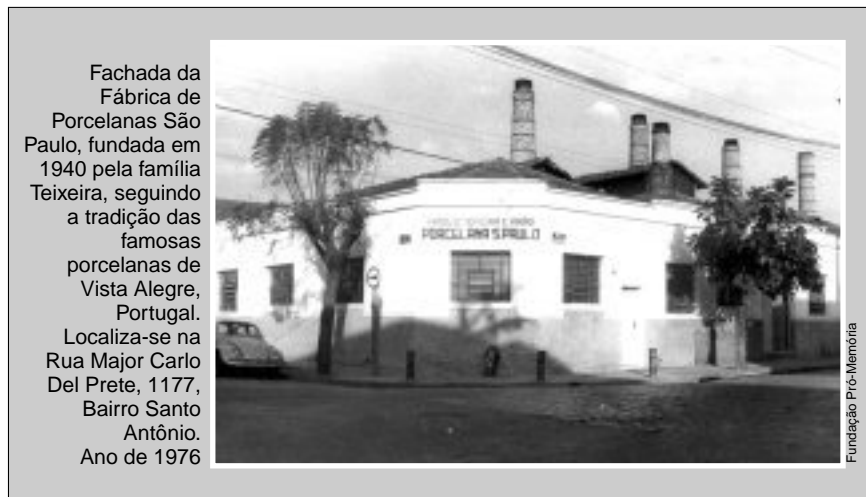
Pode-se concluir que a cidade de São Caetano transformou-se no paradigma da cerâmica, em parte pela existência de matéria-prima, tanto do barro de várzea como do barro de encosta, e em parte devido à tradição legada pelos beneditinos do Tijucuçu, à facilidade de transporte fluvial, à existência de mão-de-obra disposta a aprender, à tenacidade dos habitantes e ao espírito de cooperação de pessoas com ânimo para transmitir e receber conhecimentos. Tudo isso, contudo, decaiu por razões econômicas, por concorrência amparada em políticas regionais, pelo desaparecimento do espírito de comunidade e desentendimentos entre os herdeiros, que herdaram os valores materiais, mas não o espírito de cooperação que reinou até há poucos anos atrás.

Essas últimas afirmações serão corroboradas pelos depoimentos colhidos em entrevistas com pessoas que estão e estiveram dedicando suas vidas ao ramo cerâmico.

Entrevista com José Teixeira

A Porcelana Teixeira Ltda., estabelecida à Rua Major Carlo Del Prete, 1177, Bairro Santo Antônio, hoje é tocada pelo sócio remanescente, sr. José Teixeira, de acentuado sotaque português, filho de um dos irmãos fundadores, especificamente José Teixeira, e que desde 1947 trabalha na empresa. Chegou a São Caetano depois de haver estudado pintura em porcelana na própria fonte tradicional lusitana de Vista Alegre, pois toda a família é do ramo. O sr. Teixeira fala a respeito do avô, que era escultor em cerâmica e de quem desejava ter herdado o talento. Portanto, os dois irmãos que cruzaram o Atlântico, trazendo a tradição familiar e a de Vista Alegre, já vinham com uma carga de conhecimentos que puseram a serviço de São Caetano e do Brasil.

No próprio local da indústria ainda existe um dos fornos originais, onde se queimavam os produtos e que está transformado num memorial das antigas instalações. O forno é circular, com o teto formando a abóbada, e tem três queimadores de fogo diretos, reguláveis (hoje, logicamente, desativados, mas com luzes vermelhas imitando chamas, de forma a se ter a nítida impressão de se estar no interior da fornalha). Há espaço para quatro ou cinco pessoas entrarem simultaneamente. No local, existe ainda uma série de peças, já históricas, junto a fotografias de visi-



Fachada da Fábrica de Porcelanas São Paulo, fundada em 1940 pela família Teixeira, seguindo a tradição das famosas porcelanas de Vista Alegre, Portugal. Localiza-se na Rua Major Carlo Del Prete, 1177, Bairro Santo Antônio. Ano de 1976

Fundação Pró-Memória

tantes ilustres que, por várias vezes, foram à indústria para ver artefatos e observar o método de produção. Só por ocasião da Copa do Mundo, no Chile, em 1962, por exemplo, a Teixeira produziu 1.383.000 peças para a Cinzano.

Os fornos ainda em operação são a gás, isto é, muito menos poluentes e atingindo as temperaturas necessárias para se obter a porcelana num lapso de tempo muito menor que os originais de lenha. Para se conseguir a porcelana, é preciso atingir os 1.000 graus centígrados (...) Disso resulta o biscoito (biscuit). Em seguida, vem o banho de esmalte, a 1350 graus e, na seqüência, vêm os frisos, a 800 graus. Desse modo, a porcelana caracteriza-se não apenas pelo revestimento vitrificado, igual ao da louça comum, mas também pela impermeabilidade, qualidade ausente na louça vulgar, cuja parte interna é permeável e, assim, sujeita a

contaminações, explicou o sr. José Teixeira.

O modelo que serviu para os atuais fornos é exatamente o mesmo utilizado em Limoges, França. O paradigma foi adotado graças a uma visita do sr. Teixeira à França, em 1983, onde comprou um dos queimadores. O restante foi feito em Portugal, e a construção dos fornos concretizou-se no Brasil. Assim, a Teixeira pode produzir porcelana igual à de Limoges, sem nada dever aos franceses, desde que obtenha as matérias-primas convenientes. A bem da verdade, a tradição francesa sobrevive mais em firmas como a Teixeira do que na própria França. Na realidade, não há mais grandes empresas produzindo porcelana em território francês, nem mesmo em Limoges. E, aliás, nem mesmo em Portugal, país em que a porcelana foi introduzida pelos navegantes e comerciantes que a traziam da China, desde o século XVI, e onde foi fundada, em



Funcionários da Fábrica de Porcelana Santa Maria, propriedade de Diogo Antônio Dias (o primeiro da esquerda para a direita, na segunda fila). Ano de 1944

1790, em Vista Alegre, uma grande indústria equipada para produzir porcelana similar à chinesa, mas que está hoje sendo feita por pequenas empresas.

Um dos produtos que representou enorme sucesso para a Teixeira foi a porcelana branca para ser pintada. Durante algum tempo, a febre da porcelana pintada foi avassaladora, e havia uma enorme quantidade de senhoras cujo *hobby* era a pintura em porcelana. Hoje ainda há pessoas que se dedicam a isso, mas o número é muito menor e, no geral, essas mesmas pessoas se transformaram em verdadeiros artistas profissionais. A febre amadorística da pintura em cerâmica passou e com isso um nicho de mercado se perdeu.

A Porcelana Teixeira forneceu, durante muitos anos, produtos a revendedores comerciais da mais alta categoria (...) Mas nossa especialidade era a produção de peças específicas, portando timbres de hotéis e restaurantes, ou ostentando monogramas personalizados. Havia, ainda, a produção de artefatos para empresas que faziam encomendas específicas.

No acervo pessoal do sr. José Teixeira há uma enorme quantidade de desenhos executados para as mais diversas entidades, o que constitui patrimônio histórico de grande valor. É possível refazer o percurso de empresas, entidades e personalidades através daquilo que, um dia, individualizou uma peça de porcelana (como os timbres e monogramas), tal como se faz ainda em pesquisas históricas e até arqueológicas. Hoje a porcelana tornou-se excessivamente cara, pois seu preço sempre foi ditado pela composição das matérias-primas e pelo processo de fabricação que exige duas, três e até quatro passagens por fornos, com a mão-de-obra e consumo de energia correspondentes.

O prestígio da porcelana entrou em decadência por força da evolução tecnológica. Seu preço, evidentemente muito mais elevado que o da louça esmaltada, apesar da magnífica aparência translúcida do produto final, da leveza, enfim, por causa de sua qualidade, dificilmente poderia competir com materiais muito menos nobres, sem falarmos de vidro, de vidro

refratário, ou até de plástico. Essa dificuldade atual fez com que o ritmo dos negócios diminuísse e, apesar da excelente qualidade dos produtos, a Teixeira tem tido problemas para vender os artefatos. A qualidade dos produtos, contudo, pode ser avaliada pela grande facilidade que a empresa teve, em passado pouco distante, em exportar para países vizinhos muitos de seus artigos.

Os herdeiros dos fundadores optaram, recentemente, por dividir o patrimônio e desfazer a sociedade. Assim, a indústria propriamente dita ficou com o sr. José Teixeira, em área menor, e o restante dos imóveis em poder de seus primos, que não mais se dedicam à fabricação de porcelana. A Porcelana Teixeira está hoje com cerca de 30 empregados, ou seja, 10% do quadro anterior. Em sua época de trabalho normal tinha cerca de 300 empregados.

As dificuldades atuais estão também na área fiscal e burocrática, uma vez que, após a divisão patrimonial, foi constituída uma nova empresa, apesar de ser claramente a sucessora da empresa anterior. Não obstante, as autoridades estão fazendo exigências no que diz respeito a normas de segurança ambiental, dispositivos de segurança interna e outras imposições decorrentes de legislação recente, da qual uma empresa com quase 60 anos de existência, pois foi fundada em 1940, estaria dispensada se fosse a mesma juridicamente. Na realidade, o que mudou foi apenas a composição societária, pois o CGC permaneceu igual, assim como a Inscrição Estadual, porém, a interpretação da burocracia está sendo diferente.

Entrevista com Paschoal Giardullo

Havia em São Caetano quatro ramos em cerâmica: a indústria de cerâmica doméstica (as louças), a indústria de revestimentos (azulejos e pisos), o setor de refratários e o segmento de cerâmica estrutural, responsável por telhas e tijolos. Na realidade, a especialidade estrutural começou com os beneditinos, que aproveitaram as jazidas e as facilidades de transporte. Apesar do que se diz quanto aos monges de São Bento terem elaborado trabalhos cerâmicos artísticos - e até porcelana -, nada ficou para provar isso. É possível, mas não é provável.

Tudo começou com o pessoal da área estrutural: as cerâmicas Tupã e João Caetano, produtoras de telhas, ladrilhos e tijolos extrusivos para fazer colunas. Refratários só entraram em cena quando foi feita a Companhia Siderúrgica Nacional, na cidade de Volta Redonda, Rio de Janeiro. Foi aí que a Cerâmica São Caetano entrou no ramo de refratários (vale lembrar que Getúlio Vargas, quando era Presidente da República, visitou São Caetano, e por causa disso calçaram o trecho de rua que ia desde a estação de trem até a indústria cerâmica).

O sr. Paschoal Giardullo conhecia todas as empresas, pois seu pai era guarda-livros - que é como se chamavam, naquela época, os contadores - e fazia os registros da firma da família Toyoda (por volta de 1937), da Cerâmica Tupã, da Teixeira e dos mineradores. Entre as empresas grandes contavam-se ape-

nas as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, a Cerâmica São Caetano e as Louças Adelinas. As demais eram pequenas, familiares, com poucos empregados. Mais tarde surgiram a Argilex e a Cerâmica Americana. A Cerâmica Tupã



foi comprada pela Cerâmica São Caetano e em seguida fechada. A firma F. Blanco, Prior & Cia. Ltda. já existia em 1937. A Colomba Pastore Scattone fazia refratários e a Cerâmica Itabasil S/A. também, mas eram refratários para padarias e não para siderurgia.

O sr. Paschoal Giardullo tornou-se geólogo quase por acaso, pois, originalmente, pretendia ser engenheiro de grandes estruturas. No entanto, como o curso de Geologia oferecia bolsa de estudo e, além disso, era-lhe cer-

ta a possibilidade de fazer estágio na Cerâmica São Caetano, graças a contato pessoal com o engenheiro Urames Pires dos Santos, optou por essa área. Acabou trabalhando no setor de mineração daquilo que era uma empresa subsidiária da Cerâmica, a Companhia Paulista de Mineração, e lá ficou. Os colegas geólogos faziam pouco caso do trabalho com argila, pois naquele tempo buscava-se trabalhar com petróleo, ferro, minerais estratégicos, e não com barro simples. Entretanto, hoje o que vale é novamente a sílica.

Em São Caetano, os primeiros fabricantes de tijolos usavam a argila de várzea. Esta foi substituída pelo taguá (argila aluvional naturalmente colorida por óxido de ferro), obtido no Barreiro Novo (situado onde hoje é a Prefeitura), e usado pelas cerâmicas Tupã e São Caetano. Além do Barreiro Novo, existia, obviamente, o Barreiro Velho, onde hoje fica o loteamento dos Radialistas, então pertencente à Cerâmica Tupã, e também um terceiro, nunca aberto, localizado onde hoje é o Instituto Mauá de Tecnologia. Este ficara como reserva, elucidou o sr. Paschoal Giardullo.

O taguá era importante para a fabricação dos ladrilhões vermelhos que tornaram famosa a Cerâmica São Caetano. Havia o Buracão do Sacomã e a jazida de caulim, onde hoje está o Carrefour da Via Anchieta, o que era o "Caulim do Sacomã". O taguá era um material complicado e foi, com o tempo, subs-

tituído por artigo vindo de Pirapora do Bom Jesus(...) Afinal, a Cerâmica São Caetano estava aqui, mas não gastava um quilo de material local. Os barreiros já estavam parados em 1960. A matéria-prima era tirada com carrocinhas.

No que diz respeito ao material estrutural e aos refratários, nestes últimos 35 anos passaram por grande evolução, tão significativa quanto a verificada no campo de revestimentos. A mudança foi radical, tecnologicamente falando. Trabalhava-se, de fato, em área urbana, com mão-de-obra cara, matéria-prima vinda de longe e encontrando dificuldades em descartar material obsoleto. O terreno passou a valer mais do que o valor intrínseco da jazida.

Quanto aos refratários, ocorreu a compra da Cerâmica São Caetano pela Magnesita, o que resultou no fechamento da histórica fábrica sancaetanense. No mundo inteiro a indústria de refratários diminuiu, porque os produtos passaram a ser muito melhores, muito mais duráveis. Os usuários começaram a tratar muito melhor os refratários. Há 20 anos atrás, gastavam-se 50 quilos de refratário por tonelada de gusa. Hoje se gastam cinco, e a tendência é cair para três. Atualmente, aliás, não se desmonta mais um alto-forno. Com o forno aceso, introduz-se um robô e limpa-se tudo. Os fornos de vidro, outros grandes consumidores de refratários, eram desmontados a cada quatro ou cinco anos, ao passo que hoje são desarmados após dez anos de uso. Esse avanço tecnológico fez diminuir a produção de refratários no mundo.

A cerâmica doméstica foi suplantada pelo vidro, pelo plásti-

co, e isto foi deixando a cerâmica para trás. A porcelana é cara, assim como a louça. A faiança é muito porosa, e com qualquer lasca torna-se inaproveitável. Além disso, podemos observar que os restaurantes por quilo não usam louça, mas sim vidro, pois o peso é muito mais uniforme, eliminando o risco de abater-se do preço de venda os gramas em excesso de um prato de louça (...) Vidro, de fato, é cerâmica, pois parte do silicato e tem que ser queimado. Portanto, a tecnologia básica é a mesma (o mesmo se dá com o cimento). Pó de pedra é uma faiança de baixa qualidade. A louça, de um modo geral, permite uma absorção de 10% na parte não-vitrificada, enquanto que a porcelana nada absorve (...) E nisso reside sua qualidade. Depois de algum tempo, a louça fica com rachaduras no revestimento e passa a acumular sujeira, que se faz notar por meio da coloração escura adquirida pelo material (...) A louça de pó de pedra racha com maior facilidade (...) O grés de porcelana é uma porcelana que não é branca.

A porosidade na cerâmica pode ter a sua aplicação: é o caso das maringas e dos filtros simples, onde a transpiração na parte externa ajuda a diminuir a temperatura e refresca o conteúdo. O mesmo se dá com os filtros normais para água. Por conseguinte, os produtos porosos têm aplicação.

Quanto ao avanço tecnológico, este atingiu todas as atividades correlatas. Os fornos de cerâmica doméstica, utilizados por pessoas com pendores artísticos, também evoluíram. Antigamente eram pesados, contendo 300 quilos de refratário e consumiam a energia necessária a atingir os

900 ou 1000 graus centígrados exigidos pelo trabalho. Hoje, com os refratários modernos, bastam 30 quilos de refratário – portanto, o consumo de energia baixou consideravelmente -, o que permite instalação elétrica mais simples e, logicamente, mais barata. Na realidade, hoje há centenas de milhares de pessoas trabalhando em decoração, não mais de porcelana, e sim de faiança.

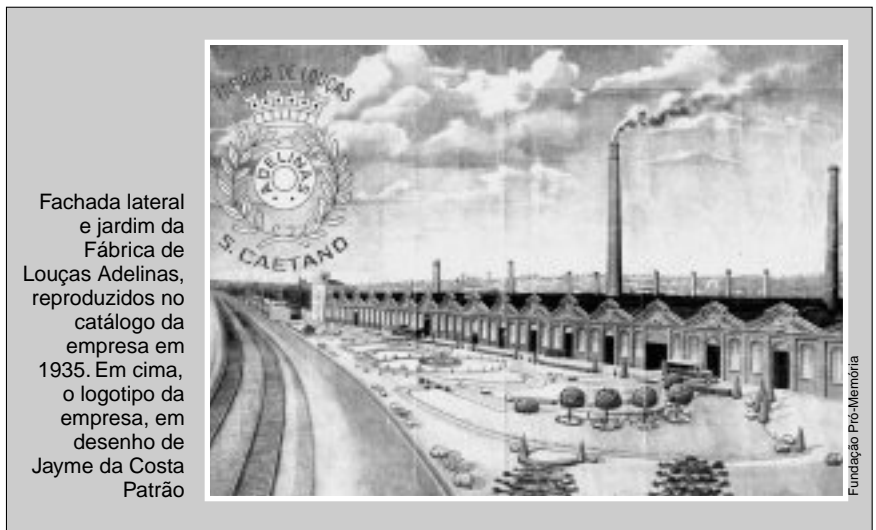
Os métodos de medição ou regulação também avançaram, tanto na área de pirometria como na de termostatos - que permitem automação nos fornos dos artistas domésticos. Hoje, um processador minúsculo comanda toda a operação de um forno. Assim, esse segmento também foi ultrapassado em São Caetano e, apesar do aumento físico do número de artistas domésticos, nem a produção de louça branca, ou porcelana de qualidade - branca também -, nem a de acessórios para essa atividade foram acompanhadas pelos empreendedores sancaetanenses.

Conseqüentemente, a existência de argila adequada, a facilidade de transporte pelos rios dos Meninos e Tamanduateí, a abundância de mão-de-obra barata, o preço baixo dos terrenos, a operosidade dos empreendedores e sua capacidade de absorção de conhecimentos, enfim, todos os elementos que trabalhavam em prol da cerâmica, deixaram de ser fatores importantes. Foram atropelados pelo avanço da técnica, pelos modernos meios de transporte, pelo desenvolvimento dos movimentos sindicais, pela invasão da urbanização, por novos métodos industriais, pela globalização.

No fim dos anos 1990, os produtos de Santa Catarina pas-

saram a dominar o mercado paulista de pisos e revestimentos, enquanto que nas décadas passadas essa primazia cabia a São Caetano, particularmente à Cerâmica São Caetano S/A, que chegou a ser sinônimo de excelência desses produtos.

Antes de 1964, a produção do famoso piso de ladrilhos hexagonais, que reveste o piso de milhões de construções no Brasil, tinha um ciclo de 36 horas. Se recebesse uma camada de esmalte, eram necessárias outras oito ou dez horas de forno. Foi então importado um forno de passagem italiano que permitia a produção do ladrilho em apenas duas horas e meia. Isso reduziu deveras os custos em energia e mão-de-obra. A tecnologia italiana permitiu que industriais de outros ramos, que tinham capital, ingressassem nesse e, assim, surgiram as empresas de Santa Catarina, competindo em preço e destruindo os empresários que não se prepararam (e nem poderiam fazê-lo, em razão dos custos elevados) (...) Nessa fase entrou em moda o lajotão colonial, que não precisava de equipamentos sofisticados e poderia proporcionar um piso barato. Os fabricantes italianos de equipamentos passaram a explorar esse filão de fabricantes de lajotão, fornecendo-lhes os novos equipamentos e, com isso, também aquelas regiões do interior do Estado de São Paulo passaram a ser produtoras de pisos e revestimentos. Esses fatos ocorreram nos últimos cinco anos, e há cerca de 50 cerâmicas, na região de Rio Claro, das quais 30 equipadas com a última palavra em equipamentos, com pouquíssima mão-de-obra, administração extremamente simples - o dono e mais uma ou



Fachada lateral e jardim da Fábrica de Louças Adelinas, reproduzidos no catálogo da empresa em 1935. Em cima, o logotipo da empresa, em desenho de Jayme da Costa Patrão

Fundação Pro-Memória

duas pessoas - e altíssima produção (...) As indústrias do Sul mineram a argila, moem com água, deixam secar, transformam em pó e depois fazem a prensagem. As do interior paulista secam e moem a argila minerada, tal como a extraem, e colocam-na no forno imediatamente. Com isso, conseguem preços muito baixos. Obviamente, São Caetano ficou fora dessa nova febre. Transformou-se em História.

A tecnologia de produção cerâmica está atualmente nas mãos dos italianos. Em segundo lugar, encontram-se os espanhóis e, em terceiro e honroso posto, os brasileiros. A porcelana chinesa é, hoje em dia, de péssima qualidade. A alemã e a dinamarquesa são muito superiores, e o mercado sabe disso.

Atualmente se pesquisa muito na área de minerais para indústria, pois papel, tintas e materiais afins precisam de novos minerais. Quanto ao estudo do ferro, tudo o que precisava ser descoberto já o foi. No tocante ao petróleo, há ainda dez anos pela frente. E a sílica apresenta novidades a cada momento. No Brasil há muito o que fazer, tan-

to que os de fora estão vindo cada vez mais, a fim de transmitir conhecimento. Aqueles técnicos empíricos, que punham o dedo na barbotina e diziam o que faltava, são coisa do passado.

A Cerâmica São Caetano tinha um departamento de pesquisa, com a fina flor dos técnicos disponíveis. Havia uma fábrica em miniatura fazendo aquilo que poderia ser feito em larga escala. Era uma fabriquinha em miniatura. Novidades saíram da indústria sancaetanense, que iniciou a fabricação de ladrilhos coloridos, diferentes do clássico vermelho (cores como o amarelo, o preto e, depois, o verde foram utilizadas). No Restaurante Itatiaia, na Via Dutra, há um piso verde (...) Seguiram-se, é claro, as imitações, como as feitas pela indústria Mogi-Guaçu. A cor pérola, que era um begezinho com pintas pretas, veio na seqüência (...) Mas isso era caro. Tingir a massa toda era muito complicado. Então passaram a fazer os ladrilhos esmaltados com cores. Era uma linha de ladrilhos com aspecto e consistência de porcelana, porém, tão duros que causavam problemas de limpeza (a sujeira só saía com

Entrevista com Ivo Pellegrino

Sapóleo). Foi um furo n'água. Posteriormente veio a litocerâmica que, ao contrário, foi um sucesso (...) Os sucessores do senador Roberto Simonsen, homem de grande visão, foram três de seus filhos: Vítor, Eduardo e Robertinho. O Vítor ficou com a Cerâmica São Caetano, o Eduardo com a Sofunge e o Robertinho com a Sotema, mas o que ele fazia mesmo era especulação financeira (...) Vítor prestigiou a parte técnica. Os ceramistas, de um modo geral, desprezam os laboratórios. Quem tinha laboratório de pesquisas era a Cerâmica São Caetano, padrão de excelência em pisos e revestimentos, e a Celite, que no campo de sanitários estava dez anos à frente dos outros. A Hervy era a maior, mas nunca teve tecnologia. A biblioteca da Cerâmica São Caetano era uma coisa fantástica. Vítor Simonsen era um erudito, não apenas em assuntos técnicos, mas em tudo. Infelizmente, o acervo escrito da indústria não está disponível para terceiros.

A terceira geração substituiu a equipe técnica e a comercial, terminando por sucumbir. A concorrência já estava em ação. Os novos donos - a Magnesita - ficaram com o que dava lucro e transferiram a fábrica para Susano, deixando para trás pisos e azulejos. Havia sido feito, em realidade, um empréstimo do exterior e, portanto, o perigo de o capital estrangeiro assumir o controle da empresa existia (isso em uma época de extremo nacionalismo). No entanto, a Magnesita obteve do Bndes (Banco Nacional de Desenvolvimento) um empréstimo para liquidar a dívida externa e, assim, assumiu a direção de seu concorrente em refratários.

Depois de apresentada a lista dos expositores de cerâmica na mostra do Museu Municipal de São Caetano, o sr. Ivo Pellegrino, atualmente comerciante de materiais para a indústria cerâmica, particularmente caulim – e que portanto conhece quem atua e quem atuou na área -, concedeu-nos entrevista. Comentou que a maior parte das empresas deixou de atuar por razões diferentes umas das outras: algumas encerraram as atividades, outras mudaram-se para cidades diversas, e poucas ainda existem em São Caetano, atuando em ritmo mais reduzido. A Indústria Cerâmica Sul-Americana S/A, por exemplo, mudou-se para Boituva. A Cerâmica São Caetano S/A foi adquirida pela Magnesita, e a fábrica de pisos e revestimentos, produtos de origem da histórica firma sancaetanaense, foi transferida para Susano, restando apenas a fabri-

cação de refratários. A Porcelana Rex está em Mauá. A Inforgel, de Vincenzo Genga, fazia e faz fornos pequenos para cerâmica decorativa.

Apesar de São Caetano ter sido, no passado, o grande pólo produtor de cerâmica no Brasil – tanto que uma escola da especialidade, no Senai (Serviço Nacional de Apoio à Indústria), foi fundada na cidade –, as atividades desse ramo passaram a concentrar-se no interior de São Paulo. A mudança da Cerâmica Tupy para São Bernardo, exceção à regra, deveu-se mais à necessidade de espaço do que por alguma outra conveniência. Para lá foram os equipamentos e os arquivos. A fábrica está em plena atividade.

A Cerâmica Itabasil recebeu esse nome – esclareceu Ivo Pellegrino – porque nasceu da associação de um brasileiro e de um italiano chamado Rossetti.

São Caetano possuiu, de 1952 até 1989, a única escola para formação de técnicos em cerâmica da América Latina. Da esquerda para a direita: Anacleto Pires (vereador), Rubens da Costa Patrão (Ciesp – Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), José de Souza Martins (jornalista), Arthur Scott (paraninfo da turma de 1960) e



Ernesto Carlos Strauzer (diretor da escola). A formatura da turma de 1960 da Escola Senai Armando de Arruda Pereira, de São Caetano, aconteceu no dia 26 de Junho

Fundação Pró-Memória

Na realidade, a empresa surgiu em 1944, ano em que a Itália participava da Segunda Guerra Mundial, do lado dos alemães e, por isso, tornava-se adversária do Brasil, que apoiava os aliados. Nesse tempo, havia muitas restrições quanto à participação de estrangeiros, de um modo geral, em qualquer empreendimento brasileiro, particularmente no setor de mineração (...) Acontece que o italiano em questão era um antigo imigrante, excelente profissional, com quem o engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino associou-se quando ainda era gerente da Cerâmica São Caetano (da qual sairia logo depois).

Por essa época, procurava-se caulim na região. Encontrou-se material de excelente qualidade na área de São João Clímaco, que foi explorada pelos sócios da Itabasil. Na área onde hoje está a Mercedes Benz, encontrou-se argila. Havia argila também em São Caetano, nas bacias do Rio dos Meninos. A Itabasil passou a fornecer argila para todas as indústrias localizadas no município. Depois disso, entraram na área de refratários, de louças sanitárias, enfrentando a concorrência da grande indústria de Osasco, a Hervy. Os refratários destinavam-se a fornos de padaria e, alguns mais especiais, à indústria siderúrgica.

O nome Itabasil, de acordo com o que dizia o engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino, derivava de ita (pedra em Tupi). Os italianos, por sua vez, achavam que as duas sílabas vinham de *italiano*. Assim ficaram satisfeitas ambas as correntes.

A indústria funcionou até 1964 quando, devido ao golpe militar, o País tornou-se economicamente instável. Os problemas decorrentes da turbulência



Seção de pintura da Fábrica de Louças Adelinas. Ano de 1935

Fundação Pro-Memória

política, somados aos empecilhos criados pelo aumento da concorrência, fizeram com que a empresa encerrasse as atividades de mineração. Em suma, o motivo do fechamento desse ramo foi o seguinte: a firma havia iniciado atividades como mineradora e fornecia, para as indústrias locais, tanto argila como caulim (chegou mesmo a desenvolver um sistema de transporte). As jazidas foram se exaurindo, e o valor da superfície do terreno passou a ser maior que o valor dos minérios extraídos. Assim, era inviável prosseguir numa atividade em que o valor imobiliário do terreno superava o preço agregado da argila.

No tocante ao caulim, a história da sociedade ítalo-brasileira é outra. Desde que com qualidade, esse material é vendido para as indústrias de papel, de tinta, de látex, o que lhe permite suportar o preço agregado com mais facilidade. O caulim fornecido para a barbotina de cerâmica - massa líquida básica, vertida nas formas de gesso depois de composta com argila, caulim, feldspato, quartzo e, eventualmente talco, moídos, diluídos e acrescidos de silicato para dar mais viscosidade - deixou de ser interessante.

Esse tipo de material é agora fornecido só para a indústria de sanitários, como a Celite. O outro segmento que a empresa atende é o de revestimentos, para qualquer parte do Brasil. Hoje o minério não é vendido em bruto, como sai da natureza, mas, ao contrário, já vem tratado, com controle de qualidade, pois há uma usina de beneficiamento junto a cada mina. Há um laboratório central e um laboratório de campo junto a cada jazida.

Portanto, o que hoje se faz é o fornecimento de componentes para a elaboração de pisos cerâmicos vitrificados, não só para São Caetano, mas para todo o País. Naturalmente, a tecnologia atual de pisos é italiana - a madeira, na Itália, é muito cara -, e os pisos das casas são de granito, mármore, ladrilho ou cerâmica, segundo o poder econômico do usuário. Esse procedimento foi transferido para o Brasil junto com os equipamentos de produção importados.

Quanto ao porquê de o pólo cerâmico ter deixado São Caetano e ter se dirigido para o interior e outros estados da Federação, isso deveu-se em parte ao valor dos terrenos, já que a maioria dos estabelecimentos ficava

Entrevista com Urames Pires dos Santos

no que é hoje área urbana, e em parte à falta de modernização de equipamentos, pois se utilizava muito a mão-de-obra, que era barata. Com o avanço tecnológico em outras áreas, os trabalhadores que vinham do campo para as cerâmicas - e em pouco tempo se habilitavam -, passaram a se preparar melhor e, obviamente, a fazer jus a melhor ganho (...) Grande parte dos operários metalúrgicos foi, outrora, trabalhadora da indústria cerâmica. A busca de melhor remuneração fez com que o setor cerâmico fosse preterido pelos assalariados (...) O número de sancaetenses empregados no ramo era muito grande, pois havia necessidade de gente para o transporte de peças, na modelagem, na secagem da argila nos pátios, para esparramar e recolher o material, e para empurrar carrinhos de mão (...) Mulheres trabalhavam no acabamento, especialmente nas peças mais delicadas, que exigiam maior cuidado, comentou Ivo Pellegrino.

O preço de venda dos produtos cerâmicos, executados manualmente, não deixava margem de lucro. Os artigos eram vendidos a atacadistas que passaram a se abastecer onde os preços fossem mais convenientes e, assim, desapareceu a possibilidade da colocação de produtos de manufatura, que passou a ser cara. Ao mesmo tempo, vidros e plásticos, muito mais baratos, passaram a concorrer violentamente. Portanto, avanço tecnológico, encarecimento da mão-de-obra e alto valor dos imóveis foram os grandes fatores do desaparecimento dessas indústrias, particularmente das pequenas empresa do ramo da cerâmica, que não souberam atualizar-se, sobretudo aquelas que lidavam com porcelana de mesa.

A primeira fase das indústrias de São Caetano foi a das olarias, que lidavam com a argila das várzea dos rios dos Meninos e Tamandateí. Foram mais de 30 olarias, começando, historicamente, pela dos beneditinos na região denominada Tijucuçu. Há, em São Paulo, próximos à Praça da Sé, muitos edifícios erguidos com tijolos feitos por essas olarias. A última delas, que o engenheiro Urames chegou a ver, chamava-se Olaria do Parente, e ficava perto da Cerâmica São Caetano. O local depois se transformou em campo de futebol e, hoje em dia, ali está instalado o Clube Recreativo Esportivo Tamoyo. Isso foi em 1943, quando Urames Pires dos Santos veio para São Caetano trabalhar como estagiário.

A Cerâmica São Caetano foi montada, na década de 30, por franceses que, em vez de usar o barro de várzea, passaram a usar o barro de morro. Tratava-se de uma jazida de taguá, isto é, um tipo de argila terciária, vermelha, que se extraía mas não era amas-

sada nem batida na elaboração de tijolos, porém, ao contrário, era seca, moída e prensada, sendo por meio desse segundo método que se faziam tijolos, telhas e ladrilhos. Chamava-se, naquele tempo, material brilhante. A Cerâmica Sacomã também começou a produzir esse tipo de material, considerado nobre. Há ainda muita lareira feita com esse produto (que era caro). A construção civil ainda não o usava, pois não era propício à época, isto é, não havia mercado. Um dos dirigentes da empresa chegou a se suicidar. A indústria faliu, lembrou o engenheiro.

A Companhia Construtora de Santos, propriedade de Roberto Simonsen, adquiriu a massa falida. Na verdade, Roberto Simonsen realizou o negócio em parceria com o companheiro de trabalho Armando de Arruda Pereira. Logo começaram a prosperar, pois a Companhia Construtora de Santos era o próprio mercado de consumo de material de construção, visto que ganhara a concorrência para o enguimento de quar-



Grupo de funcionários do escritório da Fábrica de Louças Cláudia, parte do grupo Matarazzo de São Caetano do Sul. Dia 29 de Novembro de 1941

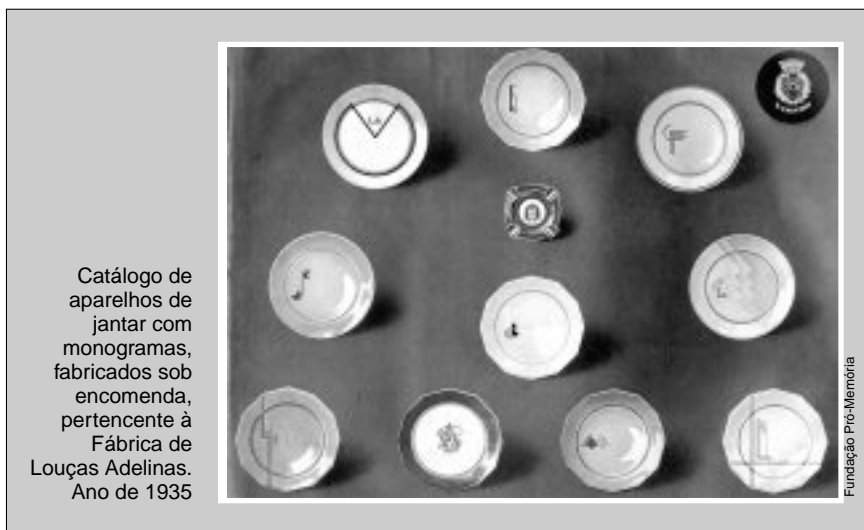
Fundação Pró-Memória

téis do Exército no Brasil inteiro, no tempo do ministro Pandiá Calógeras (década de 20).

Quando os sócios vieram para São Caetano, havia a fábrica de Louças Adelinas, muito grande. Roberto Simonsen, viajando de trem, que era o transporte que se usava, podia ver as grandes proporções da empresa. Era o período da Segunda Guerra Mundial. Depois, Simonsen ia de charrete até o local de trabalho, percorrendo a atual Avenida Roberto Simonsen, então Rua Santo Antônio, que tinha calçamento só no centro, feito na ocasião em que Getúlio Vargas veio inaugurar a primeira fábrica de refratários do Brasil.

Getúlio Vargas chamou Roberto Simonsen para dizer-lhe que o Brasil ia ter a grande Siderúrgica de Volta Redonda, e que todo refratário para a montagem era importado, fazendo parte do pacote. Mais tarde teria que haver importação constante de refratário, que era material de consumo da Siderúrgica. Portanto, convinha que se fabricasse refratário siderúrgico no Brasil, por razões estratégicas. Após algum tempo, surgiram outras empresas para fazer a mesma coisa (...) Assim que Roberto Simonsen faleceu - ele que era um idealista, um homem extraordinário, membro da Academia Brasileira de Letras, patriota ao extremo -, a empresa mudou de direção. Os herdeiros foram três filhos: Roberto Simonsen Filho, Eduardo Simonsen e Vítor Geraldo Simonsen. O primeiro, mais velho, nem quis tomar parte na São Caetano. Quando o engenheiro Urames começou a trabalhar de fato, depois de formado, os outros dois, Eduardo e Vítor, eram os chefes. Eles não foram treinados pelo pai, pois, na época do senador, eles não trabalhavam na empresa.

A empresa teve uma época mui-



to boa no começo dessa nova gestão, mas depois passou por um período muito mau. Eles fizeram um empréstimo nos Estados Unidos, com a empresa General Refractors, para modernizar o empreendimento, pois as fábricas européias já estavam muito avançadas e eles estavam interessados em alcançá-las. Infelizmente, investiram esse dinheiro em outras coisas e, quando o prazo de pagamento venceu, eles teriam que pagar ou entregar ações para a empresa americana. O pessoal de Minas Gerais, especificamente da Magnesita, forte concorrente da São Caetano, em plena época de grande nacionalismo, procurou o presidente Juscelino Kubitschek e o convenceu a não deixar que a indústria de refratários nacional fosse parar em mãos estrangeiras. Graças a um empréstimo obtido junto ao então chamado BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento), a Magnesita assumiu a dívida. Em 1971, também tomou conta da empresa.

O engenheiro Urames tinha obrigação moral e sentimental de trabalhar com o pessoal do Simonsen, mas não tinha nenhum compromisso com a Magnesita, de modo que deixou o cargo sem mes-

mo saber se teria sido ou não conservado em seu posto. Ele era afilhado de Roberto Simonsen, que pagara todos os seus cursos. Em realidade, era essa relação que o mantinha na empresa - a viúva de Roberto Simonsen declarou-o intocável -, visto que os filhos do falecido empresário apenas o toleravam. Urames Pires dos Santos formara-se no Mackenzie, em Engenharia Industrial, no ano de 1946.

Quando se graduou, havia dificuldade em conseguir matéria-prima para a fabricação de refratários. Para ladrilho havia bastante, mas refratário era diferente, uma vez que são usados quartzo, magnesita e dolomita. O minério tinha que vir de Minas Gerais e do Nordeste. Roberto Simonsen chegara mesmo a fundar uma Companhia de Mineração, a fim de buscar os minérios adequados para a fabricação de refratários. Foi aí que passou a trabalhar no controle de qualidade dos minerais

Na década de 60, a empresa comprou um forno elétrico para fabricar ladrilho esmaltado em diversas cores. O material para cobertura em cores era fornecido por uma única empresa no Brasil: a firma americana Ferro Enamel. Hoje há mais de dez tipos de co-

bertura. A Ferro Enamel fornecia o esmalte para a Cerâmica São Caetano e para todas as fábricas de louça e faiança que existiam na cidade e que fabricavam aquele corpo, chamado biscoito, cobrindo-o com o esmalte da indústria estrangeira. Essa empresa sempre foi em São Caetano, mas hoje está em São Bernardo, bem no centro. A tecnologia de fabricação do esmalte só foi conquistada pelo Brasil na década de 80.

O processo de fabricação era a extração do taguá, que seria seco ao sol. Havia dez alqueires de terreno só para secagem. Vinha em carrocinhas basculantes, puxadas a burrinhos, e era despejado em montinhos. Em pouco tempo chegavam os operários, espalhando-o com uma pá ou enxada. Depois de seco, recolocavam o taguá nas carrocinhas e o levavam para dentro da indústria, onde era moído em moinhos de martelo. Levantava uma poeira vermelha imensa. O material moído era peneirado. Às vezes, o material não passava pela peneira, então havia uma mocinha que passava uma escovinha para que passasse pela peneira (...) Havia cinco mil empregados (...) Hoje, com 200 empregados se faz a mesma coisa. O pó peneirado, praticamente seco, ia para uma prensa, chamada prancha de fricção, já em formas para ladrilho. Esse ladrilho ia dentro de uma caixa de refratário e aí era empilhado dentro do forno. Esse ciclo durava 28 dias!!! (...) O processo não era contínuo. Era intermitente, chamado forno de garrafão (...) Exceto o de telhas, que era um forno chamado Hoffman (...) Havia vários fornos, então se colocava no forno, retirava-se do forno (...) Aqueciam-se os fornos (...) Era uma bateria de fornos (...) O combustível, no início, era a lenha, mas logo passou a ser o óleo combustível.

Esse processo, que levava 28 dias, hoje se faz em uma hora e meia, contando todas as etapas. É um túnel, em cima de uma esteira contínua, que realiza todos os procedimentos. A Cerâmica São Caetano começou isto na década de 80. O material molhado é jogado num secador rotativo ou de coluna. Já não é o calor do sol que faz o trabalho, e sim o elétrico. O pó seco entra numa prensa automática, que o joga em cima de uma esteira (portanto, não há mais caixa). A esteira vai andando, atravessa um secador num túnel e, em seguida, recebe uma espirrada de material líquido do esmalte. Continua andando, passa num outro túnel e seca. Não pára - portanto não se faz o biscoito - e passa pela monoqueima. É tudo elétrico ou a gás. Conclusão: para fazer 100 mil metros quadrados de ladrilho por mês precisava-se, antigamente, de uma área de dez mil metros quadrados. Hoje basta uma pequena sala. O produto final é o ladrilho esmaltado.

O velho ladrilho, chamado de ladrilho hidráulico, é uma mistura de cimento e areia, e não é queimado. É curado. Conseqüentemente, a tecnologia é a mesma do bloco de cimento furado. Para que não fique quebradiço, o que ocorreria se fosse secado por calor, usa-se uma câmara de vapor, que se chama de cura a vapor. Para esse ladrilho ficar bem liso, pega-se cimento em pó e faz-se queima por cima, antes de prensar (...) A louça de pó de pedra é um corpo de biscoito com esmalte por cima. É bem diferente da porcelana, que é um corpo só. O miolo da louça é poroso. O processo de produção é similar, mas muda a composição e a temperatura de queima final, que na porcelana precisa de mais de 1.300 graus e na de pó de pedra bastam 1.100 ou 1.050. Só a

partir daí se vê a diferença na qualidade do produto.

Louça, pó de pedra, faiança, porcelana e, hoje, o vitrificado, o grés, depois o grés porcelanado - material mais moderno do mundo e que o Brasil começou a produzir há cerca de um ano - são os principais produtos desse meio. *É o que há de mais lindo*, diz o engenheiro Urames, referindo-se ao grés porcelanado. *No Center 3, situado na Avenida Paulista e que acabou de passar por uma grande reforma, o chão todo é desse material. O chão parece ser todo de vidro. Para se obter isso foram necessárias temperatura e tecnologia. A matéria-prima é a mesma: argila, esmalte em cima, temperatura de fusão mais alta. Ao término do processo, dá-se um polimento. Não polido é o grés comum. Se uma dessas peças se quebra, é possível ver que ela é toda do mesmo material. Não é cobertura. É inteirinha do mesmo material, que é barato. É argila, quartzo, feldspato - que é o fundente -, ou seja, as mesmas matérias-primas. O resto é tecnologia. Composição, força na prensagem e temperatura de queima. Isto comanda tudo. A pressão é de 180 a 300 quilos por centímetro quadrado. Quanto mais pressão, menos poroso é o material. Portanto, o segredo está aí. Uma temperatura mais baixa produz a faiança, que primeiro é o biscoito, mistura de argila, dolomita, um pouco de silicato de sódio e quartzo. A forma líquida, que é a barbotina, é jogada na forma de gesso. O material gruda na forma de gesso, mas só a parte que interessa. O excesso de líquido volta para o tamborão. Abre-se a forma e tem-se a peça pronta. Um vaso sanitário se faz assim (...) Dessa maneira se tem o biscoito, que será decorado, e depois se lhe aplica o esmalte e ele volta ao forno. Pode-se fazer a esmaltação primeiro e a decoração*

em seguida, e então a peça volta para o forno. Sendo a decoração em ouro ou prata, a terceira e última queima será em temperatura bem baixinha, em torno de 300 ou 400 graus.

Nos anos 50, havia em São Caetano mais de 40 empresas do ramo cerâmico, entre produtores dos mais diversos objetos, além de mineradores e beneficiadores que proviam as ditas indústrias. Algumas exploravam jazidas fora de São Caetano, trazendo e beneficiando materiais para preparar matéria-prima para as cerâmicas existentes. Segundo o pensamento do engenheiro Urames, os motivos que levaram ao desaparecimento da maior parte das indústrias do ramo em São Caetano foram vários, entre eles: o preço dos terrenos, que passaram a valer mais do que o que deles se poderia extrair; as pressões trabalhistas; as exigências dos órgãos de defesa ambiental contra os excessos de, por exemplo, fumaça ou barulho. De fato, quando a cidade era pequena e havia pouca gente, as atividades não atrapalhavam ninguém. Hoje atrapalham todo o mundo. A fuga se deu para cidades menores, para Minas Gerais, para Santa Catarina. *Em Criciúma, se alguém quiser montar uma cerâmica, mesmo com a cidade toda contaminada por esse tipo de indústria, o prefeito local arranja terreno, arranja energia elétrica, redução de impostos, arranja tudo.* O ABC não faz isso. Por essas mesmas razões, a indústria automobilística vai fugir também. A General Motors ainda está em São Caetano por milagre, se bem que o desenvolvimento dela está indo para outros lugares. Os salários são altíssimos. Os operários acham hoje desinteressante trabalhar em cerâmica. Basta observar que o Senai (Serviço Nacional de Apoio à Indústria) ti-



Aluno da Escola Técnica de Cerâmica Armando de Arruda Pereira, de São Caetano, em aula prática de modelagem de vasos decorativos. Década de 60

Fundação Pro-Memória

rou o curso de cerâmica de São Caetano e transformou o espaço em cursos de informática. A cultura da cidade mudou. As empresas da lista de expositores do Museu são uma prova disso.

São Caetano tinha, em determinada época, segundo a lista dos expositores do Museu, 38 empresas do ramo (aí também estão incluídos os fornecedores de matérias-primas). Havia uma porção de empresas que exploravam jazidas, eventualmente fora de São Caetano, mas que traziam, beneficiavam e forneciam para todas as cerâmicas de lá, portanto empresas correlatas, e com isso o número total ia muito além do mencionado. O próprio Genga, que fabricava fornos para faiança, forneceu os produtos para uma fábrica que o engenheiro Urames montou, em sociedade com Jayme da Costa Patrão - homem que conhece muito bem louça, porcelana, faiança, além de ser grande artista -, em Santa Cruz das Palmeiras.

O engenheiro Urames entrou para a política por idealismo. Era jovem, impetuoso e seguia os con-

selhos de Roberto Simonsen, que dizia que *a vida não é só o salário: há uma série de complementos. É preciso dar assistência aos empregados, não o que se chama de paternalismo, mas sim dar-lhes algo para que se desenvolvam, possam produzir mais e, com isso, aumentar a produtividade da empresa.* Foi por essa razão que o senador Roberto Simonsen fundou o Senai e o Sesi (Serviço Social da Indústria), ambas idéias dele. O engenheiro Urames também admirava muito o presidente Getúlio Vargas que, no entanto, era paternalista. Tamanha era a admiração, que se candidatou a um posto no Legislativo sancaetanense pelo PTB (Partido Trabalhista do Brasil), agremiação política encabeçada pelo caudilho gaúcho. Na oportunidade, foi eleito vereador pela primeira vez na vida. Como andava de macacão, junto com os operários, tornou-se uma espécie de líder, ouvindo-os e cuidando de atender às reivindicações, no que era apoiado por Roberto Simonsen. Na eleição de 1953, em São Caetano, era candidato à Prefeitura Oswaldo Samuel Massei. Ele morava perto da Cerâmica São Caetano e era do PTB. Também andava junto aos operários e convidou Urames para se candidatar à Câmara Municipal. Consultado, Roberto Simonsen acolheu a idéia com muito entusiasmo. Urames Pires dos Santos foi eleito com ampla margem de votos. Na segunda eleição, entretanto, concorreu pelo PSP (Partido Social Progressista) de Adhemar de Barros.

Nessa época, a indústria já possuía quatro engenheiros, todos moradores de São Paulo, assim como os diretores. Vinham pela manhã e iam embora à noite, à exceção do engenheiro Urames, que morava em casa construída pela empresa, num espaço que fora desmatado,

próximo ao atual Parque Chico Mendes (a residência ainda permanece lá). Depois foram erigidas outras moradias, mas a de Urames é a maior e mais bonita. Tinha um jardim de 20 x 40, com duas garagens. A vigilância era feita dia e noite, permanentemente. Assim que se casou, mudou-se para lá. Na seqüência, vieram outros moradores, entre eles Paschoal Giardullo, que se transferiu para a quarta casa construída no terreno da Cerâmica São Caetano. Foram erguidas, a partir de então, ainda outras 12 moradias para abrigar funcionários. Isso foi o máximo a que se chegou em termos de vila operária. Lá moravam encarregados. Assim, a Cerâmica São Caetano não teve os problemas normalmente gerados uma vez que se antecipou aos programas habitacionais. Com efeito, a maior parte das vilas operárias do Brasil enfrentou problemas sem solução, tais como o do filho do operário diferenciado que não se torna operário da mesma empresa, porém, não deixa a residência, criando um impasse social.

Outra questão levantada em nossa entrevista foi a do surgimento, crescimento, desenvolvimento tecnológico e, depois, estagnação e liquidação de empresas. Esse fenômeno ocorreu com a Cerâmica São Caetano, com as Louças Adelinas, com as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo e com as Louças Cláudia. Em todas estas ocorreram problemas após a sucessão familiar. A geração seguinte não soube aproveitar a equipe dirigente. A última empresa em que o engenheiro Urames trabalhou, o Grupo Paranapanema, também se liquidou após a morte de Otávio Lacombe. Parece ser uma doença das empresas brasileiras. A exceção é o grupo Ermírio de Moraes, que conseguiu chegar à terceira geração ainda em expansão.



Peças de cerâmica produzidas em São Caetano na década de 30

Família Toyoda

Entrevista com Fernando Augusto Lopes

A Cerâmica Artística Tupy Ltda. nasceu quase que de uma brincadeira entre o sr. Rodolfo Cravari, sogro do sr. Fernando Lopes, e o sr. Néelson, da Mecânica Paulista, especialista em resistências elétricas. Em 1958, havia muitas empresas cerâmicas em São Caetano e, nessa época, o sr. Rodolfo, que tinha uma oficina especializada em soldas elétricas, tinha acabado de fazer muflas (caixas, nas instalações elétricas, onde se acham os interruptores gerais) para alguém – provavelmente para o sr. Virgílio Teixeira, da Porcelana Teixeira -, e o sr. Néelson sugeriu que fossem feitas outras, nas quais ele próprio colocaria as resistências, e assim todos estariam montando, em sociedade, um pequeno negócio. O sr. Fernando Lopes era pintor de letreiros e ia se casar com a filha do sr. Rodolfo. A profissão do sr. Lopes, pelo perigo de ficar no alto de escadas, não agradava muito ao futuro sogro. Desse modo, ele aceitou a idéia de montar a cerâmica para ser dirigida pelo candidato a genro.

Contratou-se então um técnico, chamado Marcelino Milani, para auxiliar os srs. Rodolfo e Néelson. Esse senhor entendia bastante de cerâmica sanitária, mas muito pouco de faiança, que era o objetivo. No fim das contas, o sr. Néelson não ficou na sociedade, mas o sr. Marcelino sim. O local onde se instalou a indústria é o mesmo de agora, e ali ainda havia um pequeno galpão, que tinha sido uma tecelagem.

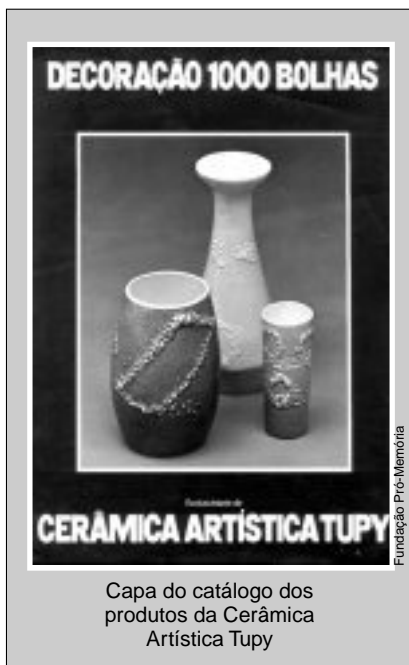
O sr. Marcelino tentou dar início à confecção de faiança, mas não obtinha resultado: a massa ficava sempre gretada. Ele tentou durante alguns meses. A essa altura, o sr. Lopes entrou para trabalhar no escritório e começou a observar que nada estava dando resultado. E o prejuízo crescia. O sr. Néelson, então, apelou para o sr. Virgílio Teixeira que, depois de ver o que ocorria, disse que dessas fórmulas nada sairia e que seria necessário chamar um técnico adequado. Foi então contratado o sr. Roberto Costa, para passar um mês, ensinando a quem fosse. Roberto era muito brincalhão, mas ensinou o sr. Fernando Lopes

a trabalhar. Ficou 45 dias apenas, mas ensinou a escolher as argilas, a carregar o camburão, a fundir a forma, a tirar, esponjar, queimar no forno, esmaltar, pintar - e isso era fácil para Fernando Lopes, que era pintor - e depois a vender. Cobrar era com o sr. Cravari. Este, contudo, tinha um coração enorme e, ao invés de receber dos clientes, ainda dava algum dinheiro para o *coitado* do freguês.

Assim, depois de 45 dias de treinamento, o sr. Fernando Lopes aprendeu a fazer cerâmica. Em 1959 foi aberta a primeira conta da empresa no Banco Noroeste. Na hora de obter um empréstimo, o banco negou. Abriu-se então uma conta no Banco do Brasil. A filosofia do Banco do Brasil era considerar o caráter do empresário, saber se é idôneo, e isso agradou os sócios, que resolveram trabalhar com a instituição. O gerente, o sr. Faria, era um parai-bano que tinha 13 filhos. O critério que ele usava era o de descontar duplicatas que tivessem aceite (assinatura do aceitante em título de crédito), o que não era difícil obter. A clientela era da periferia de São Paulo: Guaianazes, Suzano, etc. Só se vendia em bairros pobres.

Em 1960, uma prima da sogra do sr. Lopes, dona Egle Imperatore, que vivia em São Paulo, no Bairro do Pari, era artista cerâmica. Dona Egle fazia um produto cheio de bolinhas brancas, um esmalte diferente. Pareceu uma novidade muito boa. A mulher foi convidada a ser sócia. Todavia, o processo da artista era muito empírico. Ela usava uma escova de dentes para espirrar cera nas peças, uma por uma, e depois esmaltava. Onde havia cera, o esmalte não pegava, e ficava muito bonito. O sr. Rodolfo, então, muito engenhoso, inventou um aque-

cedor elétrico e, com um revólver de pintura, espalhava a cera líquida aquecida. No começo, só era possível fazer de 20 a 30 peças por dia com a escovinha. Depois, com o revólver, a produção aumentou bastante. A novidade pegou muito bem. Em 1962, a Tupy participou da UD (Feira de Utilidades Domésticas) com esse produto, chamado *pingo de leite*, e fechou pedidos equivalentes a



Capa do catálogo dos produtos da Cerâmica Artística Tupy

oito meses de produção. Eram vasos, abajures, cinzeiros. Esse produto ficou 12 anos na linha. Era como um Volkswagen, sempre o mesmo modelo, só variava na cor. Aproveitou-se o mesmo *pingo de leite* para fazer lustres, pendentês de lustre e outros artigos similares.

O catálogo não teve que ser alterado por muito tempo. Foram feitos modelos muito arrojados, com modeladores espanhóis, pois na época ninguém fazia abajures de cerâmica. Essa saída, através da diversificação, permitiu à Cerâmica Tupy vencer etapas de crise econômica. A empresa hoje

produz bases de abajur, cúpulas e abajures completos.

Os sócios originais eram todos os proprietários da oficina mecânica de reparos, especializada em soldagem de tanques de combustível veicular. Os carros-pipa da Texaco eram reparados lá, aproveitando a grande capacidade de soldagem elétrica do sr. Cravari, o que lhe dava uma clientela fixa. Assim, os sócios da oficina mecânica, que eram três, entraram para a sociedade da cerâmica. No início, portanto, eram quatro os associados. Com a entrada do sr. Fernando Lopes, passaram a ser cinco. Depois veio dona Egle, que passou a ser a sexta sócia. Numa empresa tão pequena, não havia lucro suficiente para distribuir entre eles. Não demorou e um dos sócios da mecânica quis sair da sociedade. Acabou recebendo um automóvel Ford 1934 como parte de pagamento (o que foi uma pena, pois hoje o carro seria uma peça histórica). Logo depois, outro sócio saiu, de forma que ficaram apenas quatro: O sr. Cravari, o sr. Alberto Dé, dona Egle e o sr. Fernando Lopes. Só os sócios que trabalhavam tiravam alguma coisa, mas muito pouco.

Então foram feitos levantamento e avaliação da empresa, para ver quanto ela valia, e foi proposto que dois sócios permaneceriam e pagariam o valor justo das cotas aos que saíssem (o mesmo valor para todos). E assim foi feito. Durante um ano, foram pagos os valores correspondentes ao capital de cada um. Isso ocorreu em 1962 e durou até 1963/1964.

O cálculo de custo era absolutamente empírico. Olhava-se o objeto e pelo *jeitão* aplicava-se o preço de venda. Obviamente, em alguns produtos havia prejuízo e, em outros, lucro excessivo. No conjunto, imagina-se que havia

perda geral. Mesmo assim, a conta no banco chegou a ter uma reserva equivalente a um mês de despesas. Só em 1965 é que houve preocupação com resultados operacionais, portanto, avaliação de custos. Preços chegaram a ser alterados em 70%, sem que a clientela reclamasse.

Em 1977, faleceu o sr. Cravari, que já estava viúvo, retirado dos negócios da oficina mecânica e morando na praia. Nessa época, a cerâmica estava dando um certo retorno e ele pôde desfrutar, durante alguns anos, de uma certa comodidade. Em 1986, a fábrica já estava com dois mil metros quadrados e pegou fogo. O seguro, como sempre acontece com as empresas brasileiras, cobria apenas 20% dos danos. É um erro que muitíssimos empresários cometem, tentando fazer uma economia sem sentido, pois ou se faz um seguro como se deve, ou não se faz nenhum.

A empresa, contudo, tinha um caixa muito bom e conseguiu retomar o negócio. Havia um terreno com fábrica, de propriedade das Casas Bahia, do sr. Samuel Klein, no Bairro Santa Maria, com dez mil metros quadrados. A cerâmica só precisava de dois mil metros quadrados. O sr. Klein, porém, foi de uma lisura extraordinária e disse: *Paguem por dois mil metros, mas podem usar os dez mil. Usem o que quiserem.* Passaram a trabalhar dia e noite, fazendo prateleiras, e tudo para reconstruir o perdido. A sorte era que havia uma carteira de pedidos enorme. Era pleno Plano Cruzado, a época de ouro do governo Sarney. Havia três mil clientes, e as grandes lojas já procuravam os produtos, portanto, não havia necessidade de se fazer esforço de venda. O problema era a produção.

Nem se tentou entrar no ramo de porcelana, pois essa exigia uma temperatura de queima acima de 1.300 graus centígrados, enquanto a faiança permitia trabalho na casa dos mil graus (para se obter os 300 graus de diferença entre a faiança e a porcelana, é necessário um dia a mais de aquecimento. É como subir uma montanha: os últimos metros são os mais difíceis).

Depois foi feito um empréstimo no Badesp (Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo). A empresa tinha dinheiro, mas este servia como capital de giro. Todavia, para construir seis mil metros quadrados de instalações seriam necessários um milhão de dólares. O juro era baixíssimo, de apenas 8% ao ano, mesmo assim, depois de decorridos sete anos foram devolvidos ao Badesp dois milhões de dólares. Haviam obtido um ano de carência. Foi tudo pago.

Em pleno apogeu, a Cerâmica Tupy chegou a ter 330 funcionários e exportou para muitos países da América do Sul e até para o Panamá. Era muito vantajoso. Para o Panamá, Uruguai e alguns clientes da Argentina, a empresa trabalhava com carta de crédito. Outros, contudo, vinham e pagavam em dinheiro vivo. Nesse caso, só na diferença de ágio ganhava-se de 10% a 20%, pois os compradores não tinham crédito. Mesmo hoje não têm crédito. *Tradings* brasileiras, nos dias atuais, são as compradoras e também as responsáveis pela exportação. A Tupy não exporta mais.

Atualmente, graças à política de diversificação, a Tupy trabalha com cinco segmentos: a cerâmica artística, a cerâmicoplastia - uma metalização da cerâmica -, o resinado - onde se coloca o metal na resina -, a fábrica de cúpulas e a fábrica de lustres. Mesmo com

essa política de diversificação, a empresa está com pouco mais de 140 funcionários. Neste tipo de atividade, a mão-de-obra representa muito, pois é bastante difícil mecanizar trabalho artístico.

Dentro da empresa existe um laboratório de ensaios industriais que tem nome: Laboratório Basso, homenagem ao homem que criou o segmento de galvanoplastia. Hoje ele tem 84 anos de idade e ainda trabalha em pesquisas.

É interessante observar que o empreendimento todo foi realizado em São Caetano e partiu de pessoas que não eram do ramo. Na seqüência, porém, recebeu assessoramento de gente como o sr. Virgílio Teixeira, homem do ramo. É verdade que Teixeira nunca atuou em faiança, portanto, não se sentia concorrente. Na realidade, uma empresa fornecia clientes para a outra. Clientes que queriam algo em porcelana seriam levados para Teixeira, se quisessem coisas diferentes, eram encaminhados a Jayme da Costa Patrão. Cada empresa tinha o seu estilo: ninguém copiava um do outro.

As empresas do ramo cerâmico foram fundadas em São Caetano baseadas no pensamento de que a região tinha argila, mas a argila que havia era a argila vermelha, que servia para tijolos e telhas. Além disso, os mestres que ensinaram todos a trabalhar em cerâmica eram de São Caetano ou da região, como Roberto Costa, de Ribeirão Pires.

Curiosamente, a argila adequada para faiança é minerada em Suzano, onde não há produção de faiança. Lá também se minera argila adequada, mas não há indústrias do ramo.

(*) Pedro Kende, bacharel em História pela PUC - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

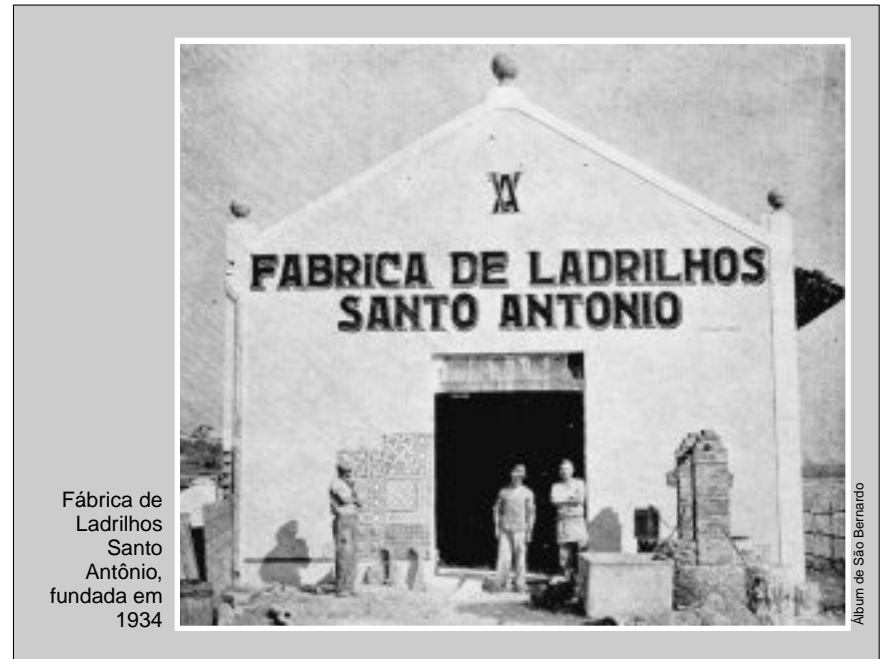
Arte, Argila e Cerâmica, raízes de nosso crescimento

Sônia Maria Franco XAVIER (*)

A região que hoje compreende o ABC paulista pertenceu a São Paulo até o terceiro quarto do século XIX, no período colonial. Em 1916, foi criado o Distrito de São Caetano, definindo os limites da cidade, tendo o rio dos Meninos como parte de suas divisas. A ele foram incorporadas terras que não pertenciam à fazenda dos beneditinos nem ao núcleo colonial, constituídas pelos atuais Bairros São José, Jardim São Caetano e parte do Bairro Mauá^[1]. No final do século XX, em Abril de 1967, com a anexação do hoje Bairro Prosperidade, São Caetano definiu seu perímetro urbano atual.

Na Fazenda São Caetano, pertencente aos monges do Mosteiro de São Bento, teve início a produção cerâmica da região. Por mais de 130 anos eles produziram tijolos, ladrilhos, lajotas, telhas e louças, além de obras de arte.

Inúmeras construções na cidade de São Paulo utilizaram mate-



Fábrica de Ladrilhos Santo Antônio, fundada em 1934

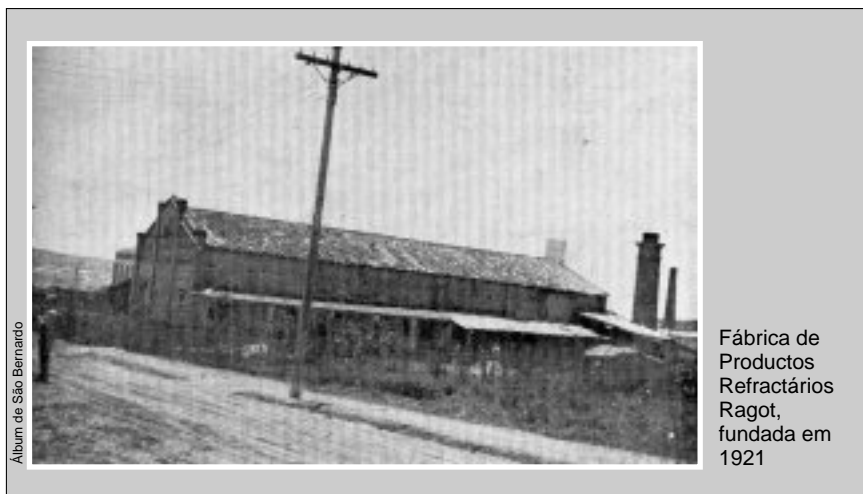
Album de São Bernardo

riais produzidos em São Caetano: *Palácio do Governo, Pátio do Colégio, Convento de São Francisco e Santa Tereza, chafariz da Misericórdia, além do próprio mosteiro de São Bento, suas igrejas e suas casas*^[2].

No final do século XIX, o governo federal desapropriou a fa-

zenda dos monges beneditinos e, com o término da escravidão, o cenário modificou-se. Os antigos moradores do Bairro São Caetano mesclaram-se aos imigrantes italianos que chegavam para construir o núcleo colonial. Estes, embora de tradição agrícola, adaptaram-se às facilidades aqui encontradas, assimilando a técnica ceramista. Surgiram, então, dezenas de olarias que se diferenciavam por marcas próprias.

Dentre os diversos exemplares de tijolos antigos do acervo do Museu Histórico Municipal, conseguimos identificar algumas marcas, pois as inscrições nos mesmos quase sempre se referiam às iniciais dos nomes dos chefes da família. Depoimentos de antigos moradores e descendentes destas famílias de imigrantes autorizam a lista que se segue:



Fábrica de Productos Refractários Ragot, fundada em 1921

Album de São Bernardo



A * B
Olaria Antonio Barile



A * F
Olaria de Archinto Ferrari



C * B
Olaria de Carmine Barile



C * P
Olaria de Carmine Perrella



CMSC
Companhia Melhoramentos
de São Caetano

Museu Histórico Municipal

Paulista: Olaria de Samuel Eduardo da Costa Mesquita – 1880

JDP: Olaria de João Domingos Perrella

SP: Olaria de Silvério Perrella

IM: Olaria dos Irmãos Martorelli

AFI: Olaria de Angelo Ferrari e Irmãos

JB: José Benedetti e Irmãos

BM: Olaria de Benedito Moretti

AM: Olaria de Angelo Mantovani

AF: Olaria de Archinto Ferrari

JBC: Olaria de José B. Coan

AB: Olaria Antonio Barile

AC: Olaria Angelo Cavana

AP: Olaria Antonio Parente

ARC: Olaria Antonio R. Cajado

GG: Olaria Giacomo Garbelotto

CP: Olaria de Carmine Perrella

C/C: Olaria de Cavana / Cavana

DB: Olaria Domingos Biagi

DP: Olaria Domingos Perin

FF: Olaria Fortunato Favero

ID: Olaria de Irmãos De Nardi

IF: Olaria Irmãos Ferrari

JD: Olaria João De Nardi

JF: Olaria José Ferrari

MP: Olaria de Miguel Perrella

RT: Olaria de Raphael Thomé

RF: Olaria de Raimundo Ferrari

CP: Olaria Cerâmica Privilegiada – 1911

SC: Cerâmica São Caetano

CSC: Cerâmica São Caetano

CMSC: Companhia Melhoramentos de São Caetano

IRFM: Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo – 1926

FLC: Fábrica de Ladrilhos Copelli

IP: Olaria Irmãos Perin

IB: Olaria Irmãos Braidó

TD: Olaria Theodoro Donato

LFF: Olaria Leonardo Ferrari Filho

CB: Olaria de Carmine Barile

Segundo o *Livro de Impostos da Prefeitura de Santo André*, em 1928, São Caetano contava com 25 olarias, mais a Cerâmica São Caetano e a Fábrica de Ladrilhos Copelli.

As olarias eram empresas familiares, e somente em caso de ne-

cessidade contratavam outros trabalhadores, geralmente amigos ou conhecidos. Todos se conheciam: oleiros-ceramistas; caçambeiros, responsáveis pela extração e transporte do barro; pipeiros, responsáveis pelo abastecimento do barro ao batedor e funcionamento da pipa; batedores, que batiam o barro na forma molde; lançadores, que untavam as formas, tiravam os tijolos e os emparedavam.

Esse árduo trabalho era sujeito aos caprichos do tempo. Se o vento era favorável, a secagem era fácil. Chuvas fortes desmanchavam os tijolos e o sol muito quente provocava rachaduras. Cada olaria tinha área exclusiva de extração de barro e a mão-de-obra feminina e infantil eram comuns.

Gradativamente o trabalho artesanal das olarias foi sendo substituído por máquinas e instalações modernas, aperfeiçoando-se os produtos e aumentando-se a produção. Surgiram, então, as indústrias cerâmicas que notabilizaram São Caetano até a metade do século XX, constituindo-se na sua principal atividade econômica. Era a vocação natural de desenvolvimento para a região alagadiça dos rios dos Meninos e Tamanduateí, abundante em argila de excelente qualidade e fácil extração.

Em seus áureos tempos a indústria Cerâmica de São Caetano empregava milhares de trabalhadores e elaborava uma enorme diversidade de produtos, tanto para a construção civil quanto para a ornamental e artística. Havia também produção específica de materiais para os ramos elétrico e químico.

A seguir estão relacionadas algumas cerâmicas com seus respectivos endereços e que hoje, na grande maioria, já não fazem parte do parque industrial de São Caetano do Sul.

■ **Louças Adelinas:** Rua Conselheiro Antonio Prado, paralela à estrada de ferro, e ruas Pernambuco e Paraíba, onde hoje se localiza o terceiro módulo do Terminal Rodoviário de São Caetano do Sul. Fundada em 1929 por Manoel de Barros Loureiro. Em 1937, havia ali 1200 operários produzindo uma média anual de 18 milhões de peças para uso doméstico.

■ **Indústria Cerâmica Americana S/A:** Rua Conceição, 159, São Caetano do Sul. Fundada em 1934. Número de funcionários: 400. Artigos produzidos: pastilhas de porcelana para pisos e fachadas, e ladrilhos cerâmicos.

■ **Indústria Cerâmica Sanitária Vitrex Ltda.:** Rua Major Carlo Del Prete, 1093, São Caetano do Sul. Fundada em 1948. Artigos produzidos: bacias sanitárias, bidês, lavatórios, acessórios e azulejos.

■ **Indústria Nacional de Arte Cerâmica Ltda.:** Rua Santo Antônio, 255, São Caetano do Sul. Fundada em 16 de Março de 1953. Número de funcionários: 12. Artigos produzidos: objetos de adorno.

■ **Indústria Paulista de Porcelana Argilex Ltda.:** Rua Guaiurus, 106, São Caetano do Sul. Fundada em 17 de Setembro de 1935. Número de funcionários: 200. Artigos produzidos: mosaicos e ladrilhos de porcelana, ladrilhos de grés, ladrilhos rústicos, isoladores de alta e baixa tensão e bolas de porcelana.

■ **Indústria Refratária Santo Antônio - A.D. Ferrari & Cia Ltda.:** Rua Conceição, 454, São Caetano do Sul. Fundada em 1935. Artigos produzidos: ladrilhos e mosaicos.

■ **Porcelana Monte Alegre S/A.:** Rua Marechal Deodoro, 25, São Caetano do Sul. Fundada em

1945. Número de funcionários: 160. Artigos produzidos: louças de porcelana doméstica.

■ **Cerâmica Ita Brasil Ltda.:** Rua Major Carlo Del Prete, 410, São Caetano do Sul. Fundada em 1944 por Ângelo Raphael Pellegrino. Artigos produzidos: louça de mesa e refratários.

■ **Cerart Agostinho Rodrigues:** Rua Maranhão, 1247, São Caetano do Sul. Artigos produzidos: vasos e objetos de adorno em decorações artísticas.

■ **Porcelana Saviel:** Rua Alagoas, São Caetano do Sul. Proprietários: Agostinho Rodrigues e Alesimico Savioli. Artigos produzidos: utensílios domésticos e objetos de adorno.

■ **Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo S/A - Louças Cláudia:** São Caetano do Sul. Fundada em 1926. Artigos produzidos: louça de mesa e azulejos.

■ **Virgílio Teixeira & Irmãos - Porcelana São Paulo:** Rua Major Carlo Del Prete, 585, São Caetano do Sul. Artigos produzidos: porcelana de mesa e adornos. A antiga Virgílio Teixeira & Irmão foi fundada em 1940 pelos irmãos Virgílio e José Teixeira, vindos de Portugal. Quando chegaram a São Caetano, foram trabalhar na Cerâmica Argilex. Em 1939 começaram a fabricar peças de porcelana num pequeno galpão. Trabalhavam como empregados durante o dia e à noite iam para a pequena fábrica.

O dia 24 de Junho de 1940 foi decisivo para o futuro desta fábrica. Neste dia seria queimada a primeira fornada de peças. Se fosse realizada com sucesso, a fábrica continuaria, caso contrário, o sonho terminaria ali mesmo. Contavam os irmãos Teixeiras que aquela foi a melhor fornada tirada em toda história da fábrica. Não perderam nenhuma peça e conse-



CSC
Cerâmica São Caetano



D * B
Olaria Domingos Biagi



G * G
Olaria Giacomo Garbelotto



I * D
Olaria Irmãos De Nardi



I * B
Olaria Irmãos Braido



I * M
Olaria dos Irmãos Martorelli



I * P
Olaria Irmãos Perin



IRFM
Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo



JDP
Olaria João Domingos Perrella



LFF
Olaria Leonardo Ferrari Filho

Museu Histórico Municipal

guiram vender tudo. No início eram fabricadas xícaras de café, num modelo antes importado da ex-Tchecoslováquia e da Alemanha. A partir dessa data, contudo, os artefatos passaram a ser produzidos no Brasil pela Virgílio Teixeira & Irmão.

Contrataram alguns funcionários. O primeiro foi um italiano chamado Guilherme Zanini, que fazia os serviços de escritório, enquanto que os irmãos Teixeiras trabalhavam na execução das peças. Os dois tinham um grande conhecimento do assunto. Anos depois a empresa passou a ter 240 funcionários.

A Porcelana São Paulo, como era conhecida, sempre fabricou porcelana. De 1980 a 1992, por questões comerciais, fabricou cerâmica.

Em 1980, após o falecimento de Virgílio e José Teixeira, a fábrica passou a chamar-se Porcelana Teixeira Ltda., de propriedade dos filhos dos fundadores.

A Porcelana Teixeira está até hoje no mesmo local em que foi fundada (onde ainda existe o forno usado na primeira fornada da Virgílio Teixeira & Irmão). A empresa está com 80 funcionários. É a mais antiga fábrica de porcelana de São Caetano do Sul (*depoimento do sr. José das Neves Teixeira, proprietário, filho de José Teixeira*).

■ **Cerâmica Artística Da Costa:** Rua Pernambuco, 430, São Caetano do Sul. Fundada em 1950. Diretor Jayme da Costa Patrão. Número de funcionários: 50. Artigos: louças, objetos de adorno, painéis em azulejos e decorações finais.

Propriedade de Jayme da Costa Patrão e Renato Costa, a Cerâmica Artística Da Costa iniciou atividades em 1950 com decorações de louças. Em 1954,

passou a fabricar as peças. Em 1958, passou a pertencer apenas a Jayme da Costa Patrão.

Suas principais atividades eram pintura em porcelana, louças, faianças, mosaicos para bares, hotéis, etc., letreiros, monogramas, cerâmica fina, vasos, pratos, xícaras, louças decoradas e brancas, além de decalques e filetes (*depoimento de Jayme da Costa Patrão*).

■ **Cerâmica Regina:** Rua Conselheiro Lafayete, 136, São Caetano do Sul. Artigos produzidos: cerâmicas, artigos para adorno e uso doméstico.

■ **Cerâmica São Caetano S/A:** Rua Casemiro de Abreu, 4, São Caetano do Sul. Artigos produzidos: telhas prensadas, brilhantes, tipo marselha e colonial; tijolos prensados; ladrilhos cerâmicos em cores; material refratário para qualquer tipo de indústria e material litocerâmico para revestimento de fachadas e outros fins.

■ **Porcelana Rex Ltda.:** Av. Dr. Augusto de Toledo, 200, São Caetano do Sul. Fundada em 1948. Número de funcionários: 40. Artigos produzidos: materiais elétricos.

■ **Porcelana Santa Maria:** Rua Wenceslau Brás, 135, São Caetano do Sul. Fundada em 1943 por Diogo Antônio Dias da Silva, Manoel Ribeiro e Teodoro Simões da Graça, ficando mais tarde sob o comando de Diogo Silva. Número de funcionários: 205.

■ **Porcelana Barcelona:** Rua Alegre, 1043, São Caetano do Sul. Artigos produzidos: porcelana em geral.

■ **Markesz & Filho Ltda. – Porcelana Caramuru:** Rua Caramuru, 123, São Caetano do Sul. Artigos produzidos: porcelanas, azulejos, louças sanitárias, bibelôs, adornos e artefatos de porcelana.

■ **S. Toyoda & Cia Ltda.:** Rua

Amazonas, 678, São Caetano do Sul. Artigos produzidos: cerâmica e fábrica de estatuetas de barro.

■ **Domingos Perin:** Estrada das Lágrimas, em São Caetano do Sul. Artigos produzidos: materiais cerâmicos.

■ **Colomba Pastore Scatone:** Rua Major Carlo Del Prete, em São Caetano do Sul. Artigos produzidos: cerâmicas.

■ **Cerâmica Marinotti S/A:** Rua Justino Paixão, Vila São José, em São Caetano do Sul. Fundada 1957. Artigos produzidos: figuras de barro e depois pastilhas esmaltadas.

■ **Cerâmica Ada Ltda.:** Vila Barcelona, em São Caetano do Sul.

■ **Cristaleria Americana Ltda.:** Bairro Centro, em São Caetano do Sul. Artigos produzidos: telhas.

■ **Cerâmica Tupã S/A:** Rua São Francisco, 96, São Caetano do Sul. Fundada em 1935. Artigos produzidos: produtos cerâmicos em geral e tendo como especialidade telhas tipo francês.

■ **Fábrica de Produtos Refratários Ragot:** fundada em 1921. Número de funcionários 20. Artigos produzidos: tijolos refratários.

■ **Porcelana Royal:** Rua Municipal, em São Caetano do Sul. Artigos produzidos: objetos de adorno.

■ **Faiança Fátima:** Rua Alagoas, em São Caetano do Sul. Artigos produzidos: louça para uso doméstico.

■ **Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) Armando de Arruda Pereira:** Rua Niterói, 180, São Caetano do Sul. Fundado em 1952. Artigos produzidos: peças de cerâmica. Tinha como objetivo a formação de recursos humanos para a indústria

cerâmica. A cidade pôde contar com muitos técnicos desta escola.

Conforme depoimentos dos trabalhadores, a grande escola da época foi o aprendizado na própria indústria, tendo como mestres os ceramistas mais velhos que, graças à experiência adquirida, iam formando novos técnicos no próprio trabalho, isto é, na prática.

Assim, São Caetano espalhou por todo território nacional sua marca registrada: a cerâmica. Posteriormente, agregado ao pólo industrial do grande ABC, a partir da metade do século passado experimentou grande progresso, alavancado por indústrias nacionais e multinacionais, tornando-se um dos mais evoluídos municípios do Brasil.

Hoje vivemos, outra vez, tempos de transformações econômicas radicais no município. Com a arrecadação combatida pelo êxodo das grandes indústrias, São Caetano reestrutura-se para uma nova fase de sua existência.

Notas:

[1] MARTINS, José de Souza, Revista Raízes nº 5, A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano, pág. 15

[2] MARTINS, José de Souza, A Escravidão em São Caetano do Sul, 1988, págs. 13 e 14

Bibliografia:

CALDEIRA, João Netto, Álbum de São Bernardo, 1937

Catálogo oficial da Exposição Industrial 4º Centenário de Santo André da Borda do Campo, 1953

MAESIMA, Hildo Henry, Memorial de Qualificação de Mestrado. Área Interdepartamental de Arqueologia, 1995

(*) *Sônia Maria Franco Xavier é professora e presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



M P
Olaria de Miguel Perrella



Paulista
Olaria de Samuel Eduardo da Costa
Mesquita - 1880



R * F
Olaria de Raimundo Ferrari



S C
Cerâmica São Caetano



S * P
Olaria de Silvério Perrella



T D
Olaria Theodoro Donato



As antigas instalações industriais da Cerâmica Privilegiada transformaram-se na Cerâmica São Caetano S/A.. Década de 30

Fundação Pro-Memória

Cerâmica Privilegiada (1913-1919): tecnologia francesa na fabricação de telhas

José Roberto GIANELLO (*)

A história que envolve a Cerâmica Privilegiada do Estado de São Paulo, antecessora da Cerâmica São Caetano, foi marcada por fatos trágicos, típicos do início da industrialização no Brasil, onde o pioneirismo da tecnologia contrastava com atitudes amadoras na condução de projetos industriais. Os negócios, em geral, eram comandados por uma elite de empresários provenientes do mundo rural (agrário-exportador) e sem a devida capacitação para a condução de tais empreendimentos.

Antes de tudo é necessário esclarecer que a Cerâmica Privilegiada não representava apenas a simples evolução das olarias que funcionavam no imenso barreiro das terras do Tijucuçu (formada pelas várzeas dos rios Tamanduateí e dos Meninos). Em sua estrutura existia o que havia de mais moderno no pro-

cesso de fabricação de telhas e tijolos, e a morte de um dos seus diretores, dr. Alfredo Cajado de Lemos, suicidando-se nas águas do Rio Tietê, em 1916, só fez aumentar o mistério e a curiosidade por esta empresa, pioneira na fabricação de telhas *tipo Marselha no Brasil*.

A fabricação de telhas francesas no Brasil, *tipo Marselha*, representava um grande avanço na tecnologia da construção civil. Vinha substituir a telha *tipo colonial* usada até então e fabricada de forma artesanal, num processo caro e dispendioso. Para fabricar essa telha, a Cerâmica Privilegiada obteve a licença e o privilégio da *Société d'Exploitation de Brevets Industriels* de Paris, o que lhe permitiu lidar, no Estado de São Paulo, com o processo privilegiado de *moldagem pulvurulenta*.

O primeiro estatuto oficial da empresa foi publicado no *Diário Oficial*, de 29 de Abril de 1913, e

continha a relação dos 37 diretores ou representantes. Eram os seguintes os acionistas: Cajado C. Barbosa, Antônio Barbosa Ferraz Júnior, João Paulo Correia de Oliveira, Guilherme Krell Sobrinho, Phelipe J. Dohl, Antônio Cardoso dos Santos, Theodomiro de M. Ulhoa, Caetano Pedro Duarte Nunes, Bráulio Silva, Gustavo Figner, Henrique Lindemberg, Jomberro Costa, Arthur Diedrichesen, João Lindemberg, Francisco Ferraz de Sampaio, Antônio Vicente Ferraz Sampaio, Antônio Carlos da Silva Telles, Eduardo Cajado, Oscar Leite Ribeiro de Faria, Sidnei B. Mumm, Coriolano de Lima, José Francisco Malta, Joaquim Cordeiro, Constantino Fraga, Leôncio Franco, Silvano de Anhaia Mello, Antônio Rodrigues Cajado, Maria Borba, Zoroastro Arantes, Iracema Novais Jardim, Antônio Augusto Novais Jardim, Joaquim Inácio Oliveira, José Malhaio Filho, João Batista de Ferraz

Sampaio, Manoel Maximiniano Junqueira, Albert Delpont, José Nogueira Terra.

No primeiro relatório da Cerâmica Privilegiada, apresentado na assembléia geral de 21 de Maio de 1914, a diretoria da empresa já dava conta do terreno adquirido no Distrito de São Caetano, Município de São Bernardo, com área de 206 mil metros quadrados, comportando casas de operários, forno, trilhos, vagonetes e amassador de barro. Tudo isso pertencia a uma antiga olaria localizada na área. A escolha desse local deveu-se à qualidade do barro existente, já devidamente estudado na Europa e aprovado pela *Société de Brevets Industriels de Paris*. Em razão disso, a empresa concordou em fornecer todo o maquinário necessário para a fundação da fábrica. Duas outras decisões ainda fizeram parte do relatório da diretoria em 1914: a primeira foi a compra de um escavador para substituir o trabalho braçal, principalmente no período das chuvas, e a segunda foi a contratação do engenheiro francês Caulad Martial para dar início à produção.

Um dos principais problemas que afetavam o início da produção era a abundância de chuvas que, na época, tornavam inviáveis a construção e a cobertura dos enormes galpões que deveriam abrigar as máquinas importadas. Quem assinou esse relatório, em 1914, foi o acionista majoritário João Paulo Correia de Oliveira, que viria a ser o pai de Plínio Correia de Oliveira, fundador e presidente da instituição leiga católica TFP (Tradição, Família e Propriedade), além de ter sido figura de destaque nos movimentos políticos da década de 1960, em São Paulo.

Plínio Correia de Oliveira, advogado, professor, político e jornalista, brasileiro, nasceu em São Paulo, em 13 de Dezembro de 1908 e faleceu em três de Outubro de 1995. Esteve entre os fundadores e dirigentes da Liga Eleitoral Católica, criada em 1932, com o apoio do episcopado brasileiro (tinha a finalidade de indicar candidatos para o eleitorado católico). Foi eleito deputado constituinte em 1934 e fundou, em 1960, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), entidade católica conservadora com a finalidade de combater a influência comunista e socialista e preservar o que considera os valores básicos da civilização cristã. (Larousse Cultural, Brasil A/2: Editora Universo Ltda. – 1988)

No mesmo ano de 1914, no mês de Junho, nova convocação reúne os acionistas para uma assembléia geral ordinária. O descontentamento com os rumos da empresa leva a uma reconstituição do quadro de acionários com substituições dos majoritários, ficando patente o descontentamento com a gerência da fábrica, comandada pelo dr. Alfredo Cajado de Lemos, em vista do resultado

do balancete, contas e despesas relativas ao ano de 1913.

Outra reunião só iria acontecer em Abril de 1915, desta vez dirigida pelo sócio majoritário, dr. João Paulo Correia de Oliveira, que expõe a condição financeira da empresa, opinando pela interrupção dos trabalhos da fábrica. Após intensos debates, fica resolvido, por deliberação da maioria da assembléia, a continuação dos trabalhos de fabricação, sendo aprovada pela diretoria a obtenção de empréstimo de até 200 contos de réis podendo, para tal fim, onerar os bens sociais da hipoteca ou penhor mercantil. Este empréstimo não resolveu de imediato os problemas da fábrica. Alguns sócios retiraram-se da sociedade. Discute-se a reforma dos estatutos e principalmente os prejuízos advindos da demora de se iniciar a produção ainda em 1914, sendo que as contas relativas a esse ano deveriam ser amortizadas em 25%. O mesmo valeria para os anos subsequentes. No fim de uma reunião tensa e nervosa, decide-se a contratação de um técnico para dirigir os trabalhos da fábrica e os vencimentos dos diretores são reduzidos: o de diretor-presidente passa a 300\$000 (trezentos mil



A telha produzida pela Cerâmica Privilegiada faz parte do acervo do Museu Municipal de São Caetano do Sul

Fundação Pró-Memória

réis) e o de diretor-gerente a 500\$000 (quinhentos mil réis).

Na assembléia realizada em Agosto de 1916, todos estavam conscientes de que os problemas financeiros da empresa haviam se agravado com as dificuldades, causadas pela Primeira Guerra Mundial, na importação de equipamentos. Os sócios da fábrica endividavam-se cada vez mais. O dr. Alfredo Cajado, então, resolveu expor a necessidade de ficar a diretoria armada de poderes para contrair novo empréstimo. A proposta foi a seguinte: (...) *Proponho a) que a diretoria fique autorizada a levantar um empréstimo até a quantia de trezentos contos de réis, podendo convencionar juros, prazos e demais estipulações que entender convenientes, outorgando garantia hipotecária sobre os bens imóveis da Sociedade Anônima; b) que fique autorizada ainda a dar esses mesmos bens em garantia das divisas que atualmente constitui o passivo social, outorgando e convencionando todas as cláusulas da escritura de hipoteca que julgar necessário.*

Os anos de 1917 e 1918 foram críticos para a situação da Cerâmica Privilegiada, principalmente após o suicídio do dr.



Primeiras instalações da Cerâmica Privilegiada em São Caetano

Fundação Pró-Memória

Cajado de Lemos. A partir de então, o projeto inicial da fabricação de telhas tornou-se insustentável, de forma que os demais sócios começaram a abandonar a empresa. Assim, em sete de Junho de 1916 foi decretada a falência da Cerâmica Privilegiada. A fábrica foi colocada à venda e os que se interessassem em comprá-la deveriam buscar esclarecimentos no escritório da empresa, localizado na Rua Boa Vista, 11, centro de São Paulo.

De 1919 a 1923, ano em que a Cerâmica São Caetano adquiriu as antigas instalações da Privilegiada, os bens da antiga produtora de telhas tipo Marselha foram administrados por vários e

diferentes proprietários. Em 24 de Julho de 1919, seus donos eram os srs. João Teles da Silva Lobo e Luiz M. Pinto Queiroz. Em 12 de Fevereiro de 1920, é admitido como sócio Joaquim José Pereira Braga, com a empresa passando a denominar-se Queiroz, Lobo e Braga. A fábrica que já adotara o nome fantasia de Cerâmica São Caetano cresce e progride em novas mãos, sendo que em 1922 recebeu a medalha de ouro na Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro. Finalmente, a empresa passa para as mãos de Roberto Simonsen e Armando de Arruda Pereira e, em 19 de Fevereiro de 1924, adota o nome oficial de Cerâmica São Caetano S/A., iniciando nova fase para si própria e começando um capítulo crucial na história de São Caetano do Sul.



Outro ângulo das instalações da Cerâmica Privilegiada, com destaque para a chaminé de 40 metros de altura. Aproximadamente 1915

Fundação Pró-Memória

FONTES –
Diário Oficial da União
Larousse Cultural, Brasil A/2: Editora
Universo Ltda. - 1988

() José Roberto Gianello é sociólogo e assessor cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Fundação Pró-Memória

Eduardo Simonsen, Marcos de A. Pereira, Sidney Simonsen Neto, Vicente Moreno Palácios, respectivamente vice-presidente, diretor-administrativo, gerente e sub-gerente da Cerâmica São Caetano, efetuando a distribuição das gratificações de Natal de 20 de Dezembro de 1952



Fundação Pró-Memória

Armando A. Pereira, prefeito de São Paulo, discursando na entrega das medalhas aos funcionários que completaram 20 anos de serviços prestados à Cerâmica São Caetano. Dia 21 de Junho de 1951



Fundação Pró-Memória

Festa realizada na Cerâmica São Caetano em homenagem a Armando de Arruda Pereira, eleito presidente do Rotary Club Internacional. O engenheiro estava com viagem marcada para os Estados Unidos da América, o que aconteceu em 27 de Abril de 1940

Lucas Nogueira Garcez, governador de São Paulo, João Neves da Cunha da Fontoura, ministro das Relações Exteriores, Cunha Lima, secretário do Trabalho, Roberto Simonsen Filho, presidente da Cerâmica São Caetano, em visita ao estande da fábrica na III Exposição Industrial de São Paulo, realizada na Galeria Prestes Maia em 17 de Junho de 1951

J. J. Pereira Braga, na inauguração do busto de Roberto Simonsen, em 23 de Agosto de 1948



Fundação Pró-Memória



Fundação Pró-Memória



Fundação Pro-Memória

Vicente Moreno Palácios, subgerente da Cerâmica São Caetano, e esposa, durante a distribuição dos brinquedos na fábrica, por ocasião do Natal, em 20 de Dezembro de 1952



Fundação Pro-Memória

João Dal'Mas, vereador, discursando em nome da Sociedade Amigos de São Caetano, no ato da inauguração do busto de Roberto Simonsen



Fundação Pro-Memória

Guardas da Cerâmica São Caetano em frente aos sacos de brinquedos a serem distribuídos aos filhos dos funcionários e operários por ocasião do Natal de 1953

Almoço oferecido por ocasião do Natal de 1952. Participaram do evento Marcos de A. Pereira, Sidney Simonsen Neto, Vicente Moreno Palácios, Renato Siqueira, Sampaio Leite, Barzagh, Renato Marestti e Lavinia Vasconcellos

Papai Noel e Helena C. de Andrade, junto ao garotinho Arthur Carlos, filho do funcionário Sylvestre Messina. Natal de 1948



Fundação Pro-Memória



Fundação Pro-Memória



Fundação Pro-Memória

...Eu morava perto da linha do trem, primeiro na Rua José do Patrocínio e depois na Rua Paraíba, tendo de permeio apenas a Fábrica de Louças Adelina...

Ruídos, cheiros e cores em São Caetano dos anos quarenta e cinquenta (*)

Contribuição para uma história das mentalidades

José de Souza Martins (**)



Hoje, retrospectivamente, posso lembrar de São Caetano e de Santo André, especialmente o primeiro, por seus ruídos, odores e cores. Eu morava perto da linha do trem, primeiro na Rua José do Patrocínio e depois na Rua Paraíba, tendo de permeio apenas a Fábrica de Louças Adelina. Nasci e cresci ouvindo os apitos das locomotivas a vapor da São Paulo Railway. Morando não muito longe da estação, cerca de cinco quarteirões, e a dois quarteirões da ferrovia, aprendi desde cedo a discernir a emoção diferencial das diferentes modalidades de apito.

Ficou-me a impressão de que à noite o apito era mais longo e ia se perdendo enquanto os sons da própria locomotiva dele se distanciavam na escuridão, por trás da fábrica de louças, em direção ao Ipiranga ou em direção à Estação de São Caetano e à de Santo André. Havia uma tristeza enorme nesse apito prolongado noturno, que passava a impressão do trem indo embora, de alguém indo embora, mais do que de alguém chegando. Esse apito *falava* de distância e separação, falava do fim do dia. Diferente dos apitos diurnos, que se misturavam com os muitos ruídos e apitos das fábricas, que de algum modo os abafavam. Pareciam, então, apitos curtos e banais, de um trem que passava e pedia passagem. Era mais o apito diurno do trabalho e da permanência do que o apito noturno do adeus.

Os apitos das fábricas se distinguiram entre si. Era possível saber

que fábrica estava apitando pela peculiaridade do seu apito. Lembro bem do apito da fábrica Matarazzo, do outro lado da linha, não muito longe de casa. Parecia um apito agudo, desproporcional em relação ao tamanho imenso da fábrica e de suas chaminés. Parecia a fala de alguém que estava doente e debilitado.

Lembro de um *apitão*. No dia do armistício, que pôs fim à Segunda Guerra Mundial, todas as fábricas da região apitaram continuamente durante a noite inteira para celebrar um primeiro dia de paz. Eu tinha uns cinco anos de idade, pois meu pai ainda estava vivo. Lembro que chorei de uma emoção esquisita, cuja causa não conhecia. Aquele longo apito encerrava anos de apreensão, sofrimento e privação, que chegavam até crianças de minha idade através do clima tenso no interior das casas. As privações da guerra eram claras para todos, adultos e

crianças. Só se falava em racionamento, especialmente o racionamento de pão, por falta de farinha de trigo. Alguns jovens da vizinhança tinham sido engajados na FEB (Força Expedicionária Brasileira) e enviados à Itália para participar da guerra. Deles se falava como se o curso da vida tivesse sido temporariamente suspenso, até que voltassem. *O filho da dona Fulana foi pra guerra*, era o que se ouvia.

O apito coletivo daquela noite anunciava a proximidade daquela volta. Lembro bem que, semanas depois, as crianças que brincavam na rua, numa tarde comum, fizeram admirado silêncio no momento em que por ali passava, fardado de verde-oliva e amparado em sua mãe, nossa vizinha, um pracinha da FEB que retornava da guerra e morava na Rua Senador Vergueiro.

Aliás, todas as crianças sabiam cantar de cor o Hino do Expedicionário (*Você sabe de onde eu venho? Venho do morro, do engenho...*, nos versos de Guilherme de Almeida). Aquele expedicionário que voltava era filho adotivo. Matou-se com um tiro poucos dias depois.

Havia uma certa apreensão difusa, compartilhada, de um certo medo, mesmo após o fim da guerra. Dessa época, lembro de um incêndio muito grande para os lados do Ipiranga. Lá de casa, via-se o céu avermelhado. A vermelhidão do céu falava a todos de bombardeios, perigos de guerra, coisas vistas em fotografias de jornais e revistas todos os dias. Os vizinhos, na rua, assustados, especulavam sobre o que seria. Era um tempo em que se falava muito em quinta-coluna (os que apoiavam os inimigos), em sabotagem, em japoneses envenenando caixas d'água, e vingança pela guerra perdida.

Nessa mesma época, houve incêndio, ao que parece, na Texaco, ao lado da estação ferroviária. De nossa esquina, onde havia uma venda, um armazém de secos e molhados, do músico João Batista Negro, o *seu* Batista, único lugar de encontro dos vizinhos, via-se os reflexos vermelhos intensos no céu. O comentário era o mesmo: sabotagem, quinta-coluna, vingança dos derrotados. Era o tempo do bode expiatório, essa coisa forte e triste da nossa cultura, do nosso modo de ser e de lidar com o outro, especialmente com os estrangeiros, os diferentes, os frágeis. Em todo canto alguém tinha que ser culpado de alguma coisa.

Havia, ainda durante a guerra, os blecautes e a vigilância dos espiões da polícia política. Aquelas noites eram noites de pesado silêncio: não se podia ouvir rádio, conversava-se em voz baixa e, de preferência, dormia-se cedo. Em nossa casa, a cozinha era de três paredes, aberta de um lado, tipo de construção popular estimulada pela Prefeitura de Santo André, cujo dono ficava dispensado de pagar taxas e impostos, como se dizia. O fogão era daqueles simples de lata, a carvão, com chapa de ferro de duas bocas para apoiar as panelas. Além de apagar as luzes na hora em que eram mais necessárias, porque era hora do jantar, minha mãe punha duas cadeiras na frente do fogão e colocava sobre elas um cobertor para evitar que a luz das brasas fosse vista de fora.

Um dia nossa vizinha, que também tinha uma criança pequena, acendeu a luz elétrica por uma fração de segundo para encontrar a mamadeira da filha. Poucos minutos depois a polícia estava batendo na porta de nossa casa. Lembro que fui com meu pai até o portão, agarrado à sua perna. Quando o policial descobriu que meu pai era

português, foi logo acusando-o de ter acendido a luz para fazer um sinal aos alemães, porque era estrangeiro, para que eles pudessem bombardear a cidade! Foi um custo convencer o meganha de que nada daquilo acontecera.

Foi uma noite de susto. Naquele tempo, a polícia política temia e perseguia os comunistas de São Caetano, vários deles presos e alguns deportados. E comunista era invariavelmente estrangeiro na concepção policial. Cresci ouvindo histórias de prisões de estrangeiros na calada da noite, como se dizia, e seu desaparecimento para sempre, mortos ou deportados, mesmo que tivessem família no Brasil. Aquele foi o meu primeiro medo político.

Naquele tempo, ainda se ouvia nitidamente os sinos das igrejas na casa de meus avós e na minha casa. Seus sons eram belos, lentos, únicos, e se estendiam ao longe, como se nos levassem, e levavam, até o fundo dos tempos. Os sinos da Matriz Velha soavam agudos, meio abafados, distantes, sinos de uma igreja de aldeia. Já os sinos da Matriz Nova soavam graves, solenes, diversificavam os tons. Destes, sabiam todos distinguir os dobres anunciando mortes. Era comum que os mortos fossem levados antes à igreja, a caminho do Cemitério da Vila Paula (que alguém teve a má idéia de transformar em Santa Paula, mesmo não sendo). Na entrada da igreja, o sino batia. Se fosse *pessoa rica*, batia lenta e demoradamente. Se fosse *pessoa simples*, bastavam umas poucas badaladas.

Nesse tempo, os sinos falavam. Falavam de hierarquia social. De certo modo, eram os padres que, através dos sinos, indicavam uma gradação social baseada em riqueza, sem dúvida, mas também em participação na vida comunitária,

em participação nas atividades da Igreja, nas irmandades religiosas. Éramos pobres, embora os primos de meu pai, os Ribeiro, de certo modo fossem considerados pessoas de recursos, donos de carpintarias. Era a quem recorriamos em momentos de aperto. Lembro bem que foi objeto de comentário o fato de que os sinos da Matriz Nova tivessem demorado mais do que o costumeiro nos dobres por um pobre quando do enterro de meu pai, um homem muito católico, de família catolicíssima. Aliás, uma das últimas lembranças que tenho dele é a de caminharmos juntos, de mãos dadas na Rua Baraldi, na Procissão do Enterro, de uma sexta-feira santa, eu com uns cinco anos de idade.

O fato de as duas igrejas, especialmente a segunda, terem praticamente sido cercadas por edifícios altos, tornou os sinos inaudíveis e inúteis. Foi uma tristeza descobrir um dia, aí pelos anos 60, que eu já não podia ouvir os sinos das duas igrejas. Uma época estava acabando.

Não só de ruídos era feito o ambiente sonoro da localidade, mas também de silêncios. Lembro com muita saudade dos silêncios domingueiros e dos dias santos de guarda e feriados. No geral, as fábricas trabalhavam de segunda a sábado. Paravam no domingo ou diminuíam acentuadamente suas atividades. Domingo era diferente, porque logo de madrugada se podia ouvir os galos cantar, um canto comprido, sossegado, de quem ainda queria dormir. Na minha memória, ficou o registro de que os galos só cantavam no domingo de manhã, como se eles próprios trabalhassem durante a semana.

De manhã, ouvia-se fortes e solenes os sinos da Matriz Nova e, como que lhes fazendo eco, os da Matriz Velha, fraquinhos e distan-



Fundação Pro-Memória

...os da Matriz Velha, fraquinhos e distantes, com seus dois sinos de bronze fundidos no século XIX na oficina de Von Sydow, no Bairro da Luz, em parte com o sino que os monges de São Bento instalaram na torre da capela de São Caetano no século XVIII...

tes, com seus dois sinos de bronze fundidos no século XIX na oficina de Von Sydow, no Bairro da Luz, em parte com o sino que os monges de São Bento instalaram na torre da capela de São Caetano no século XVIII. Depois, durante o dia, facilmente se ouvia os cachorros latir ou as pessoas conversando nas casas vizinhas ou, eventualmente, na rua de terra. Poucas e raras pessoas, passantes ocasionais, que a vida era vivida dentro de casa. Aqui e ali, um galo tardio ainda cantava seu canto prolongado, de que vinha uma longínqua resposta de outro galo.

Era um silêncio de roça, ou melhor de subúrbio. O silêncio natural do trabalho interrompido. Dizendo melhor: quando cessavam os ruídos industriais em São Caetano, podia-se então ouvir os ruídos rurais que ainda persistiam em muitos traços da vida local e na própria mentalidade e nos costumes de sua população. Nessa

cantiga de galos, ao longe, havia o colorido sonoro de uma sociedade de aldeia, comunitária, que ainda praticava muitas formas de ajuda mútua, especialmente na doença, mas também nas festas públicas e familiares, que eram muitas. Casamento sem festa, nem pensar, e festa com muita gente: parentes, amigos e vizinhos. Não por acaso, São Caetano teve por quase um século a *Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli*. E, além dela, outra associação de socorro mútuo, que ainda existe, já quase centenária, a União Operária, da qual meu avô foi sócio e um irmão de meu pai foi porta-bandeira.

Eu era muito criança na primeira metade dos anos 40. Mas, me lembro dos comentários domésticos sobre construção de casas, porque a cozinha tinha que ser assim e não de outro jeito; porque era necessário pintar uma barra mais escura ao redor da casa, para ocultar a cor de terra espirrada do chão em dia de chuva, etc. Em 1944, meus pais estavam terminando de construir a nossa pequena casa de quarto, sala e um alpendre que servia de cozinha, em que fomos morar depois de alguns anos morando na casa em frente, a de meus avós, na Rua Rio Grande do Norte, hoje Rua José do Patrocínio. Como lembro, também, dos comentários sobre o mesmo assunto quando meu avô construiu a casa na esquina dessa rua com a Rua Paraíba, para alugar, uma espécie de previdência social dos antigos.

A preocupação maior era com a disposição do poço de água (pois, não havia água encanada) em relação à casa e, sobretudo, em relação à fossa séptica e à fossa negra que, bem no fundo do quintal, recebia as águas servidas decantadas na primeira. A Prefeitura de Santo André, de que São

Caetano era distrito, fiscalizava severamente o cumprimento das normas a respeito. Menos porque os fiscais fossem exageradamente cumpridores do dever e muito mais porque a contaminação das águas era grave fator de doenças, especialmente verminoses.

Lembro com verdadeiro horror do rito anual de tomar lombrigueiro, pelo qual passavam todas as crianças. Era preciso levantar de madrugada e tomar em jejum um óleo grosso e horrível, *Vermiol Rios*, com um cheiro insuportável de erva-de-santa-maria, que ainda havia nos matos e quintais de São Caetano. Aquele cheiro pavoroso ficava grudado na pele da gente o dia todo. Depois, a vítima só podia tomar chá preto o dia inteiro e nada mais. Era para eliminar as lombrigas, de que as crianças estavam invariavelmente infestadas.

Naquele tempo, era impensável jogar as águas servidas na rua. Ao longo de cada lado da via pública de terra havia uma espécie de rego seco para receber e drenar a água das chuvas. Fiquei fora de São Caetano durante dois anos, em Guaianases, para onde minha família se mudara por motivo de desemprego de meu padrasto, em 1948 e 1949. Pouco antes, a água encanada havia chegado à nossa casa. Quando voltamos, no início de 1950, foi um custo nos acostumar-mos com o novo recurso, adotado por muitos vizinhos, de jogar as águas servidas da casa na canaleta da chuva, por meio de manilhas.

A água suja corria dia e noite, num canal de limbo esverdeado, e minúsculos vermes vermelhos moviam-se em conjunto quando sentiam algum movimento do solo por perto, na pisada dos passantes. Observá-los era uma diversão das crianças. Havia um leve fedor de esgoto pelas ruas, um cheiro de coisas fermentadas. O que se agra-

vou quando alguns acharam de lançar na rua também as fezes domésticas, ao invés de canalizá-las para as fossas. Um relaxamento na fiscalização tornara o abuso generalizado.

O adensamento das construções parece ter inviabilizado a manutenção de fossas em muitas residências. O esgoto passou, então, a ser atirado diretamente à rua, sem mesmo passar antes pela fossa séptica. O cheiro azedo de esgoto ganhou um fedor adicional de merda, que parece ter contribuído para afastar as pessoas, sobretudo as crianças, da rua, lugar até então predileto da sociabilidade infantil e de um alargamento comunitário do lazer dos imaturos: as cirandas, as cantigas de roda, o passa-anel, as adivinhações, a narrativa de casos, quase sempre fantasiosos, o esconde-esconde.

Não raro, no começo da noite, nas brincadeiras de pegador, no corre-corre, alguém acabava enfiando um pé na imundície, para desespero e irritação das mães que já haviam lavado seus filhos antes do jantar e, cansadas, tinham que fazer tudo de novo.

É uma pena, aliás, que até hoje não tenham surgido entre nós estudos no campo de conhecimento histórico que os historiadores franceses denominam de *histoire de la merde*, estudos das mentalidades e das relações sociais que tenham por referência o tratamento social e político dos detritos domésticos e humanos^[1]. Boa parte da nossa vida diária é atravessada pelas regras e cuidados com os dejetos, as decorrentes normas de limpeza e a cultura de dissimulação dos odores resultantes.

Antes que esses abusos se disseminassem, as ruas de São Caetano tinham um perfume suave e difuso. Os perfumes naturais vinham dos jardins modestos das

casas de moradia. Na primeira onda de expansão urbana, São Caetano teve sobretudo casas cuja fachada se alinhava com a calçada real ou presumível, pois as havia de terra. Essas casas foram construídas até os anos 30, início dos anos 40. Delas ainda sobrevivem muitas, especialmente na parte mais antiga, no Bairro Fundação. Mas, também no centro, no Bairro Santo Antônio, onde ainda permanecem alguns dos meus parentes.

No começo dos anos 40, ou pouco antes, começaram a disseminar-se as casas recuadas da rua, deixando espaço para os pequenos jardins. Dálíias, roseiras, margaridas, cravos e rainhas-margaridas eram muito comuns, mas havia outras flores de cujo nome não lembro. Ficou-me a impressão de que os moradores de São Caetano preferiam em seus jardins uma certa diversidade multicolorida de flores, que variavam dos tons e perfumes fortes dos cravos encarnados, passando pelos tons e perfumes suaves das rosas, aos tons quentes e variados das dálíias e rainhas-margaridas, flores de odor sem graça e até desagradável.

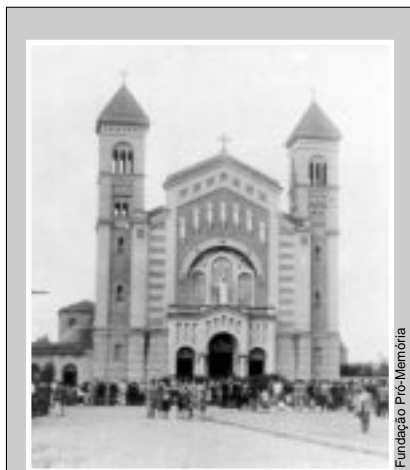
Nas casas que não tinham recuo, a parte *agrícola* ficava no fundo ou na lateral. A casa de meus avós paternos, na Rua José do Patrocínio, era assim. Eles tinham vários terrenos, um ao lado do outro, nessa rua e na Rua Paraíba (mais alguns na Rua Senador Vergueiro). Foram fazendo casas para os filhos e netos. Na casa deles, a parte social da casa, a sala de visitas, ficava imediatamente próxima da rua. Mas, voltado também para a rua ficava o quarto do casal, a que se chegava através da sala. A parte mais íntima, a do encontro cotidiano da família, que era a cozinha, era a parte voltada para o quintal. Lateralmente, havia uma grande hor-

ta, não só de cheiro-verde, mas também de couve e milho. O milho destinava-se aos porcos. A couve-troncha era usada diariamente na sopa do jantar.

Na casa de meus avós o jantar era invariavelmente uma cheirosa e fumegante sopa de caldo de feijão, feijão e arroz ralos e couve picada, com alguns pedaços de toucinho defumado e, eventualmente, uma folha de louro. Era tomada com nacos de broa de milho ou pedaços de pão. Um alimento de aldeia, trazido por eles da Europa camponesa. Às vezes cada um punha no seu prato de sopa um pouco de farinha de mandioca, como fazia meu avô, que invariavelmente também tomava um copo de vinho feito por ele mesmo, que para ele era alimento. Não tomava água. Depois se lavava a louça e se rezava o terço, todas as noites, antes de dormir.

Em nossas casas não havia rádio. Poucos vizinhos o possuíam. De modo que, após jantar, rezar e conversar um pouco, ia-se para a cama, muito cedo, não raro bem antes das nove horas. E, já na cama, uma prudente reza final para a eventualidade de que se morresse durante o sono, coisa que, aliás, aconteceria muito mais tarde com minha prima Esmeralda: *Com Deus me deito, com Deus me levanto...* E o dia terminava com o sinal da cruz.

No corredor lateral externo, beirando a horta, de acesso a essa parte interior da casa, havia, se não me engano, rosas e dalias de várias cores ao longo da cerca e da calçada interna. Mas, havia também um prudente pé-de-arruda, que muito depois eu soube que servia para espantar o eventual mau-olhado dos visitantes estranhos à família. Uma espécie de muralha simbólica protetora erguida no início do acesso ao interior da casa.



...já os sinos da Matriz Nova soavam graves, solenes, diversificavam os tons. Destes, sabiam todos distinguir os dobres anunciando mortes...

Fundação Pró-Memória

A cozinha, recuada em relação ao corpo da casa, dava para uma espécie de pátio por meio de uma varanda comprida, onde também se conversava após os almoços do domingo. Nesse pátio havia um banheiro grande, já no fundo do quintal, que me parecia, em meus cinco, seis, anos de idade, muito longe da casa. Atrás do banheiro havia algumas parreiras. No mesmo pátio havia o forno para assar a broa. Mais para o fundo ficava o chiqueiro em que meu avô criava porcos, ao pé de uma goiabeira, cujos frutos comiam, além da *lavagem*, que eram os restos de comida misturados com farelo, cujo cheiro azedo causava enjôo.

Periodicamente, um porco era morto ali mesmo naquele pátio, a carne cortada em pedaços e frita na hora para que os pedaços pudessem ser colocados em latas na banha, também derretida na hora, e assim conservados durante algum tempo. Também se fazia o chouriço, muito saboroso. Pedaços de carne eram enviados a alguns parentes e vizinhos ou repartidos entre os participantes do mutirão organizado para matar e cortar o animal em pedaços apro-

priados: cada parte tinha um nome e um uso.

Essa prática tinha sua razão. Era evidente que os parentes sabiam da matança do porco. Isso era comentado dias antes, até porque se precisava de ajuda nessa hora. E os vizinhos o sabiam não só pelos gritos do animal como, também, pelo demorado cheiro de carne frita que se seguia, tomando uma tarde inteira. Não enviar a essas pessoas, como deferência e sinal de amizade, um pedaço da carne, era manifestação de egoísmo, uma óbvia negação do destino comum que decorria do parentesco e/ou da convivência no espaço da vizinhança.

Essa omissão era intolerável. Havia um intenso comentário entre as mulheres que, na cozinha, preparavam as carnes, para lembrar a quem se deveria mandar e a quem se tinha obrigação de mandar um prato com um pedaço de carne frita. Como havia, também, critérios de distância social e espacial para que a dona da casa não se sentisse obrigada a essa deferência, um dos quais era claramente o da violação da regra por parte da pessoa que viesse a ser excluída dessa lista. Quem se omitia no cumprimento dessa obrigação, desobrigava o vizinho de cumpri-la.

Essa era uma prática comunitária muito difundida. Quando se fazia bolo ou doces, as mães de família mandavam às vizinhas mais próximas um prato com um pedaço, cuidadosamente embrulhado num guardanapo limpo. Lembro que, certa vez, na Rua José do Patrocínio, faltou essa providência por parte de uma vizinha, o que acarretou indignada reação de uma outra, cheia de filhos, que protestou aos berros na porta da primeira, atraindo toda a vizinhança, pois um de seus filhos, sabendo

do do bolo, tinha ficado *com vontade, com lombriga ou aguado* (de água na boca), como se dizia, uma espécie de doença infantil semelhante ao quebranto decorrente do mau-olhado.

A gritaria, aliás, deixou a todos constrangidos e incomodados, pois isso não era comum, embora, ainda que raramente, ocorressem confrontos de rua entre vizinhos, nos quais se envolviam todos os moradores da mesma casa. Lembro-me de duas ocorrências desse tipo, sempre por violação de pequenas regras de vizinhança. As crianças se assustavam com a desproporção do conflito em face de seu pretexto.

O conflito envolvia basicamente as mulheres e era anunciado previamente, a desfeitada fazendo provocações ao longo do dia, desde cedo. Toda a vizinhança se preparava, tensa e preocupada, para a ocorrência, que funcionava, aliás, como um lembrete para os demais. Nos dois casos que testemunhei, o desfecho se deu no início da tarde, depois de arrumada a cozinha, quando não havia homens na casa e quando a destinatária da agressão já estava saturada dos insultos em voz alta, diante de sua própria porta.

No geral, havia uma sutil diferença social entre quem desafiava e quem era desafiado por um motivo assim, um enfrentamento entre *mais pobres e mais ricos*, na verdade todos pobres e trabalhadores. A sovínice, o pão-durismo, a falta de deferência simbólica e ritual do envio de um pedaço de bolo já eram interpretados como desprezo e traição, como se o vizinho tivesse passado para o outro lado, como se se presumisse rico e se achasse no direito de desprezar e ignorar os demais.

Isso, às vezes, era dito em voz alta quando um vizinho passava e

não cumprimentava o outro: *Ué, agora ficou rico, hein? Não enxerga mais os pobres?* Foram de mulheres os comentários desse tipo que tive oportunidade de ouvir. Forma simpática, mas não menos agressiva, de chamar o outro ao cumprimento dos ritos próprios das relações de vizinhança, reafirmação cotidiana da interdependência e da solidariedade que são a previdência social dos pobres, dos que vivem do trabalho e para o trabalho. Sociológica e antropologicamente, mais significativo do que as classes sociais em si é o modo como as classes se manifestam na efetiva convivência dos que o destino histórico pôs juntos no mundo do trabalho, a classe para si, mesmo no seu suposto e aparente folclore.

Nessas ocasiões, adultos e crianças da respectiva casa se defrontavam com cabos de vassoura, mais ameaçando do que batendo. Logo apareciam outros vizinhos que interferiam e restabeleciam a ordem, distribuindo-se entre as casas dos contendores para dar-lhes razão e fazer um chá calmante, um copo de água com açúcar e para uma palavra de conciliação.

Nos mesmos quintais em que se criava o porco, havia também os galinheiros, que ainda eram comuns nas casas de São Caetano. Daí a cantoria dos galos de manhã bem cedo, bem antes do apito das fábricas. Desses galinheiros vinham os ovos para os ovos fritos, mistura de emergência quando não havia outra nas refeições, sinal de que as coisas não iam bem. Vinha também a carne para o frango assado do domingo ou a canja-de-galinha das parturientes e dos doentes em geral, as primeiras invariavelmente obrigadas a uma dieta leve, como se o parto fosse uma doença.

Naquela cultura de trabalhado-

res, não raro pobres, como em minha casa, nessas horas alguém jocosamente sempre lembrava: *Quando pobre come frango, um dos dois está doente*. Ou, então, reafirmando valores próprios da cultura da pobreza que havia nesses ditos: *Dinheiro e caldo de galinha não fazem mal a ninguém*, os dois considerados como remédios para os males da vida, meios de superar problemas e adversidades, uma concepção pré-capitalista do dinheiro e da alimentação.

Havia uma distinção valorativa na cultura alimentar da época, de clara origem rural, que colocava em extremos opostos a carne de porco (carne pesada e reimosa, imprópria para doentes, para mulheres em circunstância como a do parto ou dos incômodos próprios da condição feminina e também para crianças pequenas) e a carne de frango (carne leve, comida de mulher e de criança e, quando preparada de determinado modo, como a canja, desvalorizada pelos homens).

Os ditos populares nos falam dessas associações e valorações sociais. Na concepção popular, a doença, aliás, podia ser reconhecida muito mais pelo que os doentes comiam do que pelo que o médico diagnosticava. Para cada doença havia um conjunto de regras alimentícias, rigorosamente observadas, independente da opinião médica, nos mutirões vicinais de ajuda à família do doente que surgiam espontaneamente quando alguém adoecia. Lembro bem de que quando tive caxumba e fiquei acamado prevaleceu a recomendação de uma vizinha para que eu comesse melão, uma fruta importada e rara. E nada de água da torneira: Água da Prata, que só se comprava em farmácia. Esse foi um luxo penoso para minha família, mas me dei otimamente com o

tratamento e tive muita vontade de ficar doente de novo.

Talvez em consequência dessas associações das galinhas com doença e incômodos femininos, naqueles tempos de ingenuidade falava-se muito, e depreciativamente, nos ladrões-de-galinha. Eram eles especialistas em invadir o galinheiro do quintal das casas sem provocar a conhecida algazarra dessas aves, quando assustadas. Foi assim que várias das nossas galinhas, na casa nova, desapareceram certa noite de um dia de semana algum tempo depois do falecimento de meu pai.

Havia uma certa covardia em roubar galinhas, um roubo de quem não é valente. Além disso, ladrão-de-galinha era quase sempre alguém que tinha algum conhecimento da vizinhança, quem tinha e quem não tinha galinheiro. Nesse caso, o ladrão provavelmente sabia da ausência de meu pai. As suspeitas, talvez injustas, sempre iam para o lado dos mais pobres. Em nosso caso, os moradores de um cortiço próximo.

Os ladrões-de-galinha ficavam no ponto mais baixo da escala de classificação dos amigos do alheio. E esse era o único tipo de delinqüente de que se ouvia eventualmente falar em São Caetano, o que já sugeria que as coisas estavam mudando, que estranhos estavam chegando. Era, aliás, um dos fatores de distinção da localidade como subúrbio. Formas mais elaboradas de transgressão eram atribuídas ao movimentado centro da cidade de São Paulo, de que se tinha notícia através dos jornais ou por ouvir dizer, com o qual todos tinham relações freqüentes.

Um pouco acima dos ladrões-de-galinha ficavam os batedores-de-carteira, os mãos-leves, como também eram chamados. E acima deles os que aplicavam o conto-

...Na primeira
onda de
expansão
urbana, São
Caetano teve
sobretudo
casas cuja
fachada se
alinhava com a
calçada real ou
presumível,
pois as havia
de terra...



Fundação Pro-Memória

do-vigário, alusão ao espertalhão que, até vestido de padre, enganava os ingênuos, especialmente os caipiras que desembarcavam na Estação da Luz e lhes vendia ou o bilhete de loteria já premiado, ou o Viaduto do Chá, ou um bonde ou a própria estação em troca do dinheiro que tivessem no bolso para atender alguma inesperada urgência do golpista.

Em São Caetano, de certo modo, todos eram conhecidos entre si, ao menos de vista, como se dizia. No mínimo, muitos moradores se encontravam nas plataformas da estação de manhã e de tarde, e sabiam quem era de lá e quem não era. Não havia, portanto, uma realidade social que comportasse a ação de tipos assim, que só podiam atuar numa sociedade de estranhos entre si, mas inseridos numa cultura comunitária. De fato, sociologicamente falando, a delinqüência do conto-do-vigário é uma delinqüência de transição entre a sociedade tradicional, a que pertence a vítima, e a sociedade moderna, a que pertence o delinqüente.

Voltando aos quintais, os fedores ficavam bem longe da casa de meu avô e da rua, bem além da cozinha, bem no fundo do terreno. A cozinha e o forno do quintal

(que mantinha um permanente e suave odor de broa de milho, ali assada periodicamente, como mencionei) estavam numa área de cheiros agradáveis, cheiros alimentícios. E, na lateral, as flores e seu perfume ao longo do corredor de acesso formavam um corredor odorífero para recepcionar visitantes e chegantes.

Nas casas que depois fizeram o recuo e tiveram jardins, essa divisão social dos odores, que expressava uma divisão social e doméstica das atividades e do trabalho, transferiu as flores claramente para a frente, como uma espécie de invisível cômodo perfumado de entrada. Mais um espaço para os de fora do que para os de dentro. Expressão de um momento em que a casa deixa de ser, de algum modo, extensão do local de trabalho, para ir se constituindo aos poucos como negação do trabalho, como lugar de estar e repousar.

Isto é, os jardins faziam parte da maquiagem, dos disfarces, uma necessidade social que começou a se difundir nessa época e que chegou ao cume com a apresentação pessoal, com o decoro domingueiro, com a exacerbação da teatralidade da vida enquanto contraponto da impossibilidade

de fingir e teatralizar na circunstância do trabalho braçal.

Estamos hoje plenamente mergulhados neste segundo momento. Antes, a casa e sua circunstância eram o cenário de quem vivia do trabalho, depois foi se tornando muito mais o cenário da ostentação, da afirmação do consumo, do contrário do trabalho. Não eram poucas as famílias que tinham num barracão do quintal o seu lugar de trabalho, geralmente uma pequena oficina, mesmo para o trabalho extra dos moradores operários no fim da semana. Às vezes, um trabalho de passatempo, resquício do trabalho artesanal de uma época da história social do trabalho em que o trabalhador era senhor e sabedor do que fazia e da cultura do que fazia.

Meu primeiro emprego, ainda menino, foi numa casa assim, na Rua Senador Vergueiro, aliás casa alugada por meu avô a uma família operária. O operário tinha seu próprio emprego numa fábrica, mas montara num barracão do quintal, todo aberto, com uma máquina por ele inventada e construída, uma pequena oficina de fabricação de guarnições de lata para vassouras de piaçaba, na qual trabalhávamos sua esposa e eu. Eram matéria-prima latas de óleo comestível vazias, vendidas aos garrafeiros, que as repassavam ao ferro-velho que, por sua vez, as vendiam ao dono da fabriqueta.

Mesmo meu avô tinha no fundo do terreno lateral de sua casa, um galpão de alvenaria, que ainda existe, onde fazia seu vinho, do esmagamento à fermentação e ao engarrafamento, e onde mantinha uma bancada de carpinteiro e todas as ferramentas necessárias ao trabalho com a madeira, pois vinha de uma antiga família de carpinteiros. Ele nunca renunciara a essa tradição da família, que sus-

tenta alguns de meus parentes até hoje, provavelmente há bem mais que um século.

Aliás, hoje os jardins domésticos praticamente já não existem. Suas funções ostentatórias passaram para o interior da casa, por meio das preocupações com a decoração, o arranjo doméstico, a distribuição dos cômodos de modo a separar os interiores íntimos dos interiores acessíveis ao visitante e estranho. Particularmente, em São Caetano, essas mudanças estão associadas às mudanças decorrentes do quase desaparecimento da indústria, do aparecimento de um novo morador de classe média, ligado ao setor de serviços.

Naquela época, da primeira transição, as flores foram desocultadas, trazidas para a frente das novas casas, reunidas espacialmente num jardim de entrada. Certamente, um indício de mudança na sociabilidade das pessoas. As famílias redefiniam sua intimidade e redefiniam seu relacionamento com os de fora.

Em minha família aconteceu isso. Nossa nova e pequena casa, na Rua José do Patrocínio, tinha um jardim na frente, coisa que não acontecia com a casa de meus avós. A casa de meus avós, do outro lado da mesma rua, bem na frente da nossa, e a de minha tia-avó Albina Ribeiro, na Rua Paraíba, que não tinham jardim na frente, eram os lugares da família extensa, em que os membros da família entravam e saíam com grande intimidade e confiança, especialmente os netos e sobrinhos-netos.

Lembro-me entrando e saindo sem dizer nada a ninguém na casa de minha tia-avó Albina, às vezes indo até o quintal para ver se havia alguma fruta que pudesse ser colhida. Não que isso fosse nor-

mal e eu não fazia isso sem um certo temor de estar entrando onde não devia.

E o mesmo fazia na casa de minha avó, quando de lá nos mudamos para a nova casa em frente. A casa de um parente parecia extensão da casa de outro. Os jardins ergueram uma barreira a esse trânsito. A entrada da casa ficou lá dentro, inacessível sem se bater palmas antes, que campainhas quase não havia. O jardim abriu um espaço perfumado entre a casa e a rua, um espaço de visibilidade, acolhimento e de fingimento estético, algo como *não se recebe visita despenteado e desarrumado ou de papalotes na cabeça*. Aparentemente, essa mudança sugere a necessidade de abrir um espaço para o *estranho*, o vizinho, o conhecido, o visitante de fora da família e, ao mesmo tempo, mantê-lo à distância.

Os jardins solenizaram o acesso às casas e impuseram uma espacialidade de distanciamento burguês com os *de fora*, revelando o nascimento ou a difusão, no subúrbio, de uma necessidade social de distância e privacidade, mesmo entre os moradores pobres, operários ou de baixa classe média. Era um modo de ficar *longe* da rua, no privado da casa, protegido contra as *invasões* auditivas, odoríficas e visuais do que era o público, a rua. Sempre que as crianças na rua diziam um palavrão ou faziam alguma malcriadeza, era comum um adulto, geralmente mulher, sair à janela ou ao portão e repreender as autoras da transgressão auditiva. Isso afetava especialmente os moradores cujas casas não tinham o jardim da frente. A resposta vinha rápida e grosseira: *A rua é pública!* Evidência de uma cidadania em esboço, porém mal polida e autoritária.

Assim como as pessoas se ar-

rumavam para receber os de fora, o jardim era o preâmbulo dessa arrumação, um vestíbulo odorífico da casa. Com isso, a família se recolheu completamente aos fundos, às partes íntimas e cotidianas da casa, ao redor da cozinha. Consolidou esse espaço como espaço da vida privada. O que indica uma nova sociabilidade, diversa da sociabilidade familiar de uma época em que os vizinhos eram todos parentes ou quase. Especialmente os descendentes dos fundadores do núcleo colonial de São Caetano, com o tempo se tornaram todos parentes entre si. De modo que circular entre a casa de um e outro, era natural, a casa de um como extensão da casa de outro.

Mas, isso estabeleceu também uma sociabilidade peculiar: a da ausência de visitas formais, especialmente visitas de estranhos. É conhecido o fato de que as famílias antigas da localidade (o que de certo modo inclui a minha) não costumam convidar pessoas para suas casas. Em parte, também, porque entrar na casa do outro quando não se era parente ou conhecido muito próximo era algo reservado para situações de adversidade. Os relacionamentos eram mais os de uma sociabilidade de parentesco do que os de uma sociabilidade de vizinhança.

No espaço urbano amplamente redefinido pela indústria, da qual as moradias pareciam um apêndice, ao invés de se difundirem rapidamente os relacionamentos de tipo contratual, persistiu e dominou durante muito tempo o mundo patriarcal da família extensa e rural. Meus avós, imigrantes, os mais velhos da extensa família, eram chamados por todos os parentes, descendentes, colaterais e por afinidade, de Mãe Maria e Pai João. E assim foi até quase o final dos

...Na casa da minha avó, havia duas entradas, como a confirmar aqueles diferentes modos rituais de acesso ao interior da casa. Pelo lado esquerdo de quem olhava da rua, havia o comprido corredor ladeado por flores, que levava ao pátio de acesso à cozinha...



Fundação Pro-Memória

anos 40, quando faleceram. Um tratamento mais do que simbólico, que expressava claramente um modo de organização da família e um tipo de dominação.

As interdições de acesso à casa desapareciam quando alguém estava doente, quando nascia uma criança ou quando falecia alguém. Eram os momentos da solidariedade mais intensa. Vizinhas que se revezavam na casa do enfermo ou da enferma para lavar roupa, cuidar das crianças, fazer comida ou atender a doente ou o doente. Aliás, a *Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli*, fundada no século XIX, era severa na exigência do cumprimento do dever estatutário de que os sócios tivessem essa disponibilidade em relação aos sócios que adoecessem, especialmente na assistência durante a noite.

Qualquer sarampo de criança implicava em ter a casa cheia de vizinhas, o que provavelmente contribuía para espalhar a doença. Uma cirurgia, então, era um deus-nos-acuda, mobilizava um número enorme de pessoas, que se revezavam na casa, como aconteceu quando minha mãe teve apendicite e foi operada. Não raro, se a doença não fosse grave, aquilo virava um clube, boa oportunidade

para bater papo enquanto faziam os diferentes trabalhos da casa. Para as crianças era, também, a boa oportunidade de ter à mesa comidas feitas de modo diferente do habitual, outros sabores, outros aromas, uma paparicação incrível.

Na casa de minha avó, havia duas entradas, como a confirmar aqueles diferentes modos rituais de acesso ao interior da casa. Pelo lado esquerdo de quem olhava da rua, havia o comprido corredor ladeado por flores, que levava ao pátio de acesso à cozinha. Mesmo os visitantes eram recebidos por ali. Não receber um visitante pelo lado íntimo e doméstico da família no interior da casa era quase uma ofensa, uma expressa declaração de que o interior da casa era vedado àquela pessoa, uma expressa rotulação de *estranho*. Isso ficava bem claro quando a pessoa era recebida e atendida no portão da rua.

Do lado direito, havia outro portãozinho, que dava diretamente a uma escadinha de cimento para o acesso à sala de visitas da casa. Só vi esse portão usado em funerais, o de meu pai e o de minha avó. Além disso, nunca era usado nem mesmo nos almoços matriarcais de Natal que meus avós costumavam oferecer a filhos, netos,

sobrinhos e contraparentes na sala cujas janelas enormes davam para a rua. O mesmo em casa de minha tia Isaura Ribeiro, bem de frente para a Rua José do Patrocínio, na Rua Pernambuco, uma casa com recuo e jardim. Normalmente as pessoas entravam pela entrada lateral esquerda. A porta da varanda e do jardim da frente eu vi aberta apenas em ocasiões de velório, de minha prima e de meu avô. Lembro que uma vez minha mãe, meu irmão e eu saímos por ali, o que criou uma espécie de mal-estar, de estarmos sendo tratados como se não fôssemos membros da família, embora minha tia fosse irmã de meu pai e meu tio Manuel Ribeiro, seu marido, fosse, além de cunhado, primo-irmão de meu pai.

Já adulto, ainda sonhei com esse episódio, um sonho desconfortável de dilaceração de vínculos familiares, o que dá bem a medida do grave que era usar a *porta errada* para entrar ou sair de uma casa cheia de códigos de relacionamentos sociais, como eram as antigas casas de São Caetano e da região. Aliás, norma sagrada era a de entrar e sair pela mesma porta.

Os moradores de uma casa ficavam muito aflitos quando um visitante entrava na casa pela porta *dos fundos* e inadvertidamente saía pela porta da frente: levava consigo a *sorte*. Era sinal de mau agouro e acarretava o risco de iminentes adversidades para os moradores. Um ato que, não raro, era associado à má fé de quem assim agia, pois havia nisso uma espécie de roubo: o transgressor da regra levava embora a sorte que pertencia àquela casa.

Dá surgem algumas associações interessantes sobre o espaço público e o espaço privado. O privado como o recinto da família e da vida e o público como recinto

do estranho e da morte. A sala de visitas, até os anos 40 pelo menos, parece ter sido um ambiente liminar ainda demarcado por valores da cultura do tradicionalismo camponês e agrário, apesar de se tratar de uma localidade industrial.

Mas, em tudo, entre os anos 30 e 50, foram se propondo evidências do dilaceramento desse mundo interior da casa de família (uma expressão que, aliás, quase desapareceu) para designar o domicílio por oposição a lugares públicos e mesmo a lugares de moralidade duvidosa, como se dizia (que em São Caetano sempre ficaram confinados muito longe de vizinhanças habitadas, como o Morro do Parente ou o Campestre, perto da Estação de Utinga).

As mudanças na arquitetura das casas, na localização da casa no interior do terreno, na localização de flores e hortalças, na definição dos acessos, foram indicando uma progressiva ameaça da casa pelo que é propriamente público, pela necessidade de manter uma fachada de decoro e mesmo, dentro dela, de um cenário de palco por oposição a uma situação de bastidor, uma distinção entre o que pode ser visto pelo estranho e o que pode ser visto apenas pelos íntimos^[2].

Essas mudanças estavam relacionadas com outras, menos perceptíveis. O recuo das casas em relação à rua e o aparecimento dos jardins da frente estão associados ao desaparecimento dos janelões almofadados de duas folhas inteiriças abertas para dentro, com vidraças de duas folhas abertas para fora. Ou vice-versa. No passado, aliás, tudo indica que por influência dos camponeses de origem italiana, existiram os janelões de duas folhas inteiriças e de madeira maciça, sem vidraça, abertos para fora. Cheguei a vê-los num sobra-

do antigo na esquina da Rua São Paulo com a Rua Roberto Simonsen. Época da casa como lugar de reclusão visual da família, a janela como uma espécie de vedação controlada, quase uma extensão da parede.

Já no tempo dos janelões almofadados, os quartos, à noite, ainda eram quentes e abafados. Os vidros pareciam ter unicamente a função, durante o dia, de permitir a entrada da luz e impedir a entrada do ar e do vento, considerados insalubres e muito associados à causa de enfermidades. Ainda me lembro de uma estranha enfermidade muito citada: dizia-se de pessoas que repentinamente ficavam com a boca torta, que haviam pego um *golpe de ar*. Em seu lugar, as novas casas, mais baixas, passaram a ter venezianas voltadas para fora e vidraças de guilhotina que podiam ser levantadas ou baixadas. Desse modo, surgiu melhor controle da entrada de luz e ar nas casas. Sobretudo, o quarto da frente passou a se interligar ao novo vestíbulo odorífico representado pelo jardim fronteiro, que o separava da rua.

NOTAS -

[1] Cf. O inspirador livro de Alain Corbin, Saberes e Odores (O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX), Companhia das Letras, São Paulo, 1987.

[2] Utilizo-me, aqui, desta distinção fundamental na sociologia fenomenológica de Erving Goffman. A Representação do Eu na Vida Cotidiana, trad. De Maria Célia Santos Raposo, 6ª edição, Vozes, Petrópolis, 1995.

(*) Este texto é capítulo de ensaio mais extenso sobre Odores, ruídos e cores: a industrialização e a transformação do cenário vivencial no subúrbio
(**) Professor Titular de Sociologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

As fazendas nas terras do ABC Paulista

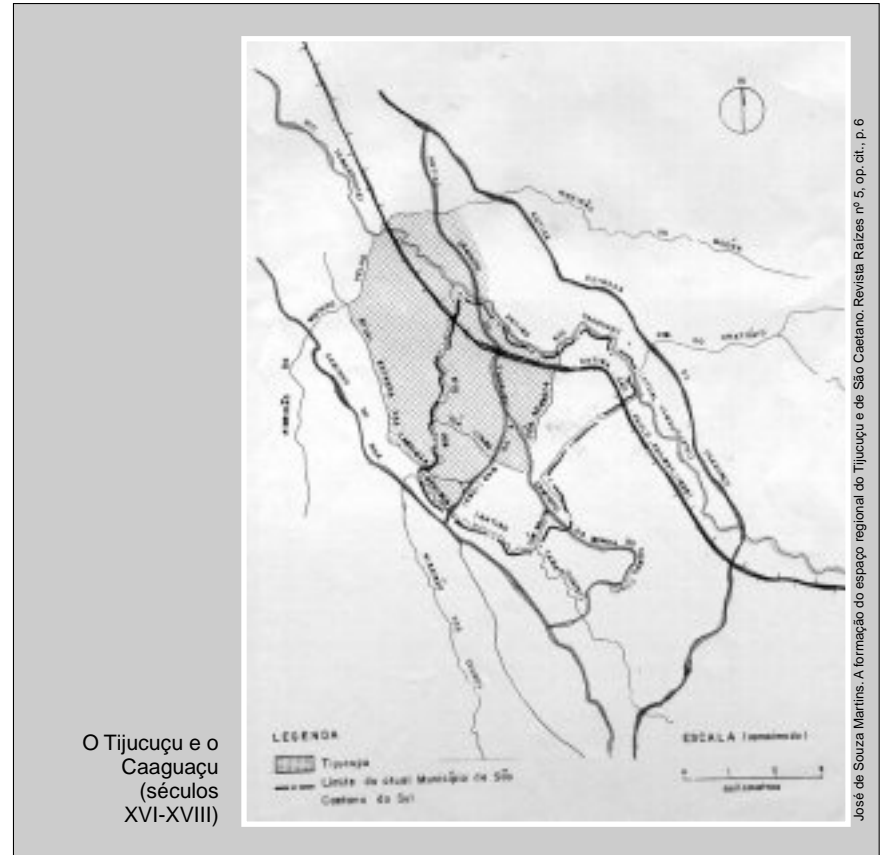
Arlete Assumpção MONTEIRO (*)

Para compreender o ABC Paulista em sua totalidade é imprescindível considerar o papel desempenhado pelas fazendas que na região se implantaram, no decorrer dos séculos XVIII e XIX. No início dos Setecentos, a Ordem de São Bento instalou uma fazenda em São Bernardo e outra em São Caetano (vide Mapa 1), áreas do atual Grande ABC Paulista^[1]. Em São Bernardo os monges montaram a fazenda na beira do Caminho do Mar e fundaram, em 1717, uma capela dedicada a São Bernardo, em terras que haviam recebido, por doação, de Miguel Aires Maldonado e sua mulher, em 1637^[2].

O local da fazenda era às margens do ribeirão Tamandati, depois chamado dos Couros e, hoje, dos Meninos. Ali os beneditinos se instalaram com casas e pequeno templo. (...) na mesma ocasião, 1717, transferiu do mosteiro central para a nova capela uma imagem de São Bernardo. Nascia, assim, a capela de São Bernardo^[3].

Era uma fazenda agropecuária. Em 1730, destacavam-se os 900 marmeleiros e as 250 laranjeiras. Criavam-se 72 reses e trabalhavam 26 escravos, inclusive mulheres. Com o passar do tempo, os beneditinos foram desenvolvendo atividades industriais. Em 1797, além dos 30 alqueires de feijão, produziram 150 alqueires de farinha e 320 medidas de azeite de amendoim para iluminação^[4]. Nessa ocasião, pagando uma porcentagem pelo uso da terra, contavam-se 26 foreiros.

Ocorriam invasões de terras,



nas áreas dos beneditinos, que obrigaram os religiosos a recorrer à justiça para reavê-las. Esta deu ganho de causa para os invasores, declarando a área de campo de domínio público; aos beneditinos restaram as matas^[5].

Os religiosos foram ocupando a mata do terreno que haviam ganho, para suas plantações. Estas, por sua vez, já eram usadas pelos negociantes de madeira e lenha, resultando em novos problemas para os monges. Em 1754, os beneditinos fundaram a Fazenda Jurubatuba, nas terras da Fazenda São Bernardo, que lhes pertenciam. Colocaram seus escravos e desenvolveram atividades agrícolas. E a

antiga Fazenda São Bernardo foi arrendada para João José de Jesus Colaço e, em 1808, para Manoel de Toledo Piza, inclusive com a casa da fazenda^[6]. Foi da Fazenda São Bernardo que os beneditinos extraíram madeira para a construção do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, e de outras igrejas.

A capela da Fazenda de São Bernardo servia aos moradores da região para batismos, casamentos, sepultamentos e celebrações religiosas. Em 1814, os monges cederam um terreno distante da sede da fazenda para ser construída a igreja matriz. Assim, a partir de 1814, o movimento da capela dos monges beneditinos foi diminuindo. Para

diferenciá-la da nova matriz, a capela passou a ser conhecida como Capela de São Bernardo Velho. Na fazenda era pequeno o número de frades beneditinos.

A Fazenda São Caetano formou-se com doações de terras, em 1631, por Duarte Machado e, em 1671, por Fernão Dias Paes⁷¹. Em 1747, o padroeiro da capela, São Caetano, já dava nome ao bairro. A capela teria sido construída em 1717 e 1720. A Fazenda São Caetano situava-se no antigo Bairro de Tijucuçu. Conforme José de Souza Martins, o Tijucuçu *...abrangia, no sentido leste-oeste, do córrego do Moinho Velho ao Ribeirão do Moinho Velho, e, no sentido norte-sul, desde os campos da margem direita do Tamanduateí mais próximos ao rio, do lado da Mooca, até o Caminho do Mar*⁸¹. Era uma fazenda industrial que fabricava telhas, tijolos, lajotas, louças, obras de arte como carancas e fontes. Os beneditinos utilizavam-se do trabalho escravo indígena e, depois, dos negros, os quais, aos poucos, foram alforriando, tornando-os arrendatários. A disciplina no trabalho já era desenvolvida pelos religiosos.

*(...) uma fazenda industrial, cuja atividade já se baseava numa disciplina de trabalho regulada pelo relógio, o que só mais tarde o capitalismo disseminaria*⁹¹.

Vendiam seus produtos para São Paulo, através do rio Tamanduateí até o Porto Geral, em São Paulo, onde havia um depósito.

A capela de São Caetano era centro de reunião de moradores do Bairro de São Caetano e dos trabalhadores da fazenda. Celebravam missas, casamentos, batizados e sepultamentos.

Em 1765, quando da restauração da Capitania de São Paulo, o seu governador Morgado Mateus requereu o levantamento da po-

pulação da província. No Bairro de São Caetano arrolou 11 famílias e 37 membros. O censo não incluiu os moradores da Fazenda São Caetano, dos beneditinos (faziam parte do Mosteiro de São Bento), que, além dos monges, apresentava 19 escravos, inclusive índios.

A população do Bairro de São Bernardo e Borda do Campo era composta por 326 indivíduos, sendo 157 homens e 169 mulheres, distribuídos em 67 domicílios. Com São Caetano, somavam-se 105 domicílios e 502 habitantes livres. Todavia, os dados são imprecisos porque não estavam estabelecidas as divisões administrativas, onde moradores ora aparecem num bairro, ora noutro.

Em 1804, São Bernardo e Caaguaçu, região da mata onde hoje é Santo André, compunham-se de brancos, mulatos e pretos livres e cativos, totalizando 1620 pessoas¹⁰⁰ (vide tabela 1).

Tabela 1	
População de São Bernardo e Caaguaçu 1804	
Branco	779
Pretos livres e cativos	385
Mulatos livres	456
Total	1.620
<small>Fonte: Mapa da População de São Bernardo de 1775-1846. DAESP, Ordem n. 155. Apud SANTOS, Wanderley. Antecedentes históricos do ABC Paulista: 1550-1892, São Bernardo do Campo: SECE, 1992, p. 84.</small>	

No início do século XIX já se verificava na região - que veio a ser o Grande ABC Paulista - a presença de tarefas específicas como jornaleiros - trabalhadores por jornadas de trabalho -, artistas, que seriam os artesãos, e condutores, formando uma parcela significativa na constituição da população local. Representava uma porcentagem maior que a de agricultores, o que vem confirmar que a região do

Grande ABC já se organizava de uma forma diferenciada das outras regiões paulistas e brasileiras (vide tabela 2).

Tabela 2	
Distribuição da população por atividades - 1804	
Corpo Miliciano	98
Clero Secular	1
Agricultores	36
Condutores	36
Artistas	14
Jornaleiros	21
Escravos	445
Mendigos	5
Total	656
<small>Fonte: Mapa da População de São Bernardo de 1775-1846. DAESP, Ordem n. 155. Apud SANTOS, Wanderley. Antecedentes históricos do ABC Paulista... op. cit., p. 84.</small>	

Em 1812, a povoação de São Bernardo foi elevada a freguesia. Em 1813, contavam-se na freguesia 218 prédios e 1423 habitantes.

Os antigos moradores da região - atual Grande ABC Paulista - mantinham um relacionamento não apenas de ordem religiosa com as fazendas dos beneditinos, principalmente os do Bairro de São Caetano. Vendiam ou trocavam bois, prestavam serviços de transportes, enfim, estabeleciam relações comerciais.

Bairro e Fazenda eram duas realidades distintas. As fazendas - São Caetano e São Bernardo e, posteriormente, Jurubatuba -, com seus administradores, escravos, indígenas, negros e agregados, desenvolviam atividades econômicas, políticas e culturais diferentes da população do bairro. Estavam ligados diretamente ao Mosteiro de São Bento, que controlava a contabilidade e dirigia as decisões. Seus membros faziam parte dos recenseamentos do Mosteiro e não de São Caetano ou São Bernardo. Todavia, Bairro e Fazenda desenvolviam relações sociais de vizinhan-

ça que incluíam relações econômicas, através do comércio e do transporte, além do empréstimo de dinheiro por parte do Mosteiro de São Bento a seus vizinhos.

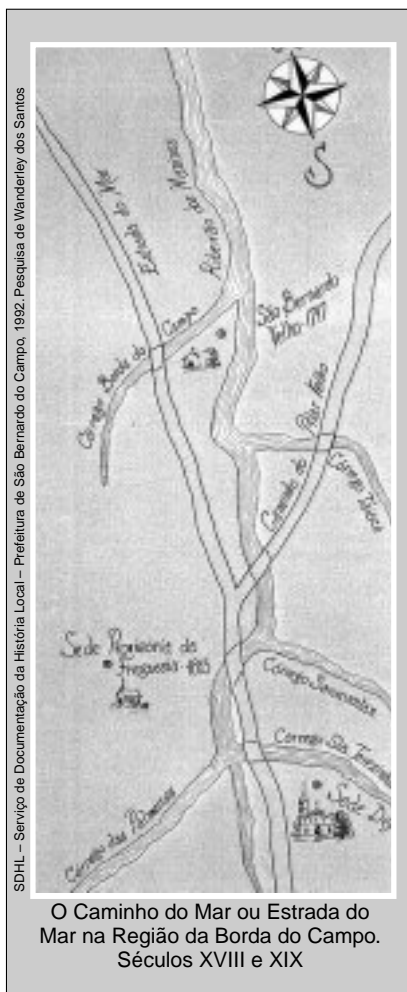
Esse relacionamento era variado e dependia (...) da condição social de cada um (...) não era apenas de natureza religiosa (...) o Mosteiro também emprestava dinheiro a juros aos vizinhos da Fazenda, sob fiança ou sob hipoteca, como se deu com José da Silva Soares, e S. Caetano, que emprestou dos monges RS. 43\$535, (...) hipotecando seu sítio entre 1763 e 1766^[11].

Entre o mosteiro e seus vizinhos dava-se também compra e venda de imóveis e terras. O aforamento de terras revertia tributos para o Mosteiro de São Bento, dono das fazendas. Como o aforamento estava vinculado à herança do foreiro, tornava-se uma garantia para os monges o recebimento de dívidas contraídas pelo foreiro, quando do acerto da documentação do arrendamento das terras pelo herdeiro.

O Abade parecia interessado em transferir o aforamento de um para o outro, uma vez que Antonio Joaquim deixara de pagar a renda da terra durante oito anos (...) em 1839 foram pagos de uma só vez (...) a terra foi repassada a (...) em março de 1841^[12].

Outras vezes, era o Mosteiro que tinha interesse em terras vizinhas. Isso para desenvolver suas terras e também para estender seus domínios da Fazenda São Bernardo até a Fazenda São Paulo.

A Fazenda Boa Vista. Comprou-se esta nova fazenda muito apetecida pelos nossos antepassados por ser muito interessante ao Mosteiro, assim pelas lenhas para a olaria, e madeiras de serra; como para evitar litígios sobre confrontações, por isso que fi-



cava entre a Fazenda S. Caetano, e S. Bernardo^[13].

As fazendas do Mosteiro de São Bento foram desapropriadas pelo Governo Imperial para fundar o Núcleo Colonial de São Caetano e o Núcleo Colonial de São Bernardo, para imigrantes europeus. E as fazendas acabaram em cinco de Julho de 1877.

Os bairros de São Caetano e de São Bernardo continuaram existindo. Os antigos moradores, lentamente, foram se integrando com os imigrantes que chegavam, nem sempre num clima amistoso.

SOCIEDADE - No decorrer dos séculos XVIII e XIX pode-se visualizar a sociedade da região do atual Grande ABC - então Freguesia de São Bernardo - já diferenciada por

camadas sociais, ocupando espaços geográficos distintos.

Uma camada constituída pela população instalada ao longo do Caminho do Mar, sobrevivendo da prestação de serviços aos viajantes que percorriam a rota Litoral-Planalto Paulista, anteriormente analisada^[14]. Outra parcela que pode ser dicotomizada em duas subcamadas: uma integrada à produção industrial dos beneditinos, principalmente os da Fazenda São Caetano, constituída por escravos, foreiros e agregados. Outra, prestadora de serviços aos monges, como o transporte de mercadorias. Eram os sitiantes instalados nas proximidades do caminho para São Paulo que, com carros de boi, dedicavam-se à pequena criação de gado e ao transporte de lenha e carvão para São Paulo. Foram eles que pressionaram os beneditinos da Fazenda São Bernardo.

A terceira camada destacava-se na economia paulista nos meados dos Oitocentos. É a parcela formada por fazendeiros. Estes dedicavam-se tanto à agricultura como à criação de cavalos, bestas e potros, utilizando mão-de-obra escrava. Estavam instalados, principalmente, na região do Caaguçu^[15], mais próxima à serra.

Em 1817, sem contar os beneditinos, existiam sete fazendeiros na Freguesia de São Bernardo: quatro na zona da Mata, ou seja, no Caaguçu, e três em São Bernardo. Entretanto, estes tinham apenas 21 escravos, enquanto aqueles, 102.

O Caaguçu era considerado mais rico, sendo, em 1729, tributado quatro vezes mais que a Borda do Campo. Em 1733, persistia tributação maior, Rs. 82\$560 contra Rs 33\$180 da Borda do Campo^[16].

Na Freguesia de São Bernardo, bem próximo ao Caminho do Mar, destacava-se a fazenda de Francisco Martins Bonilha por suas

Tabela 3**Composição da Riqueza 1845-1895.
Proprietários de Sítios e Imóveis Urbanos**

Ano	Riqueza Bruta	Participação dos bens da riqueza								
		Imóveis	Utensílios e Máquinas	Animais	Escravos	Dinheiro	Ações	Dívida Ativa	Outros	Total
185	85:048\$	26,0	0,20	11,8	11,65	4,24	0,00	43,8	2,19	100,
1 ¹	361	2	0,06	5	27,79	0,00	0,00	9	0,69	00
185	75:492\$	24,0	0,54	6,54	18,51	4,35	0,00	40,0	1,00	100,
5 ²	950	9	0,00	5,88	18,28	0,00	0,00	1	2,87	00
185	76:388\$	20,0	—	0,29	—	—	—	46,9	—	100,
9 ³	602	2	—	—	—	—	—	7	—	00
186	129:124\$	26,8	—	—	—	—	—	51,7	—	100,
3 ⁴	472	0	—	—	—	—	—	6	—	00

1. Inácia Manoella de Toledo / 2. Mafalda Franca / 3. João Cardoso de Siqueira / 4. Maria Rosa da Silva Leme
Fonte: MELO, Zélia Cardoso de. Contribuição ao estudo da formação do empresariado paulista, op. cit., p. 214.

plantações de chá. Foi a maior fábrica de chá da Província de São Paulo nos meados dos Oitocentos. Bonilha morava em São Bernardo numa casa assobradada, tendo sido juiz de paz, subdelegado e deputado provincial^[17].

No intuito de elucidar a formação e natureza da burguesia paulista, Zélia Cardoso de Melo, pesquisando os inventários do Arquivo do Fórum de São Paulo, selecionou aqueles que apresentavam maior nível de riqueza no período de 1845 a 1895.

(...) *Mafalda Franca, sitiante em São Bernardo, possuidora também de casas em São Paulo e em Mogi das Cruzes, responsável por 32,54% do ano de 1855 (...) possuía 40 escravos e muitos animais, gado, bestas, cavalos*^[18].

Melo verifica que, entre os proprietários rurais de sítios nos arredores de São Paulo e com imóveis na capital, Mafalda Franca apresentava a menor porcentagem de dívida ativa, 40,01% (vide tabela 3).

Em 1859, a maior riqueza - 42,44 % - estava nas mãos de João Cardoso de Siqueira (vide tabela 3), da Fazenda Oratório, cujas terras se localizavam ao norte de São Bernardo - freguesia -, onde hoje é Santo André, portanto, longe do Caminho do Mar. Possuía escravos, cavalos e po-

tros, plantava milho, feijão e mandioca. Supõe Melo que essas fazendas forneciam produtos para o mercado de São Paulo.

João Cardoso de Siqueira possuía uma fazenda (...) começa no córrego Lavapés, estrada que vem para São Paulo, pelo Rio Tamanduateí (...) com seus poteiros situados na beira da estrada que vai de Mogi das Cruzes para Santos, com muitos cavalos, bestas e gado, 22 escravos, plantações de milho, feijão e mandioca (...) com casas em São Paulo (...)^[19].

Em 1835, foi elaborado um Mapa Eclesiástico da População da Freguesia de São Bernardo, pelo vigário local, que apresentava o número de almas e fogos da freguesia (vide tabela 4).

Em 20 de Fevereiro de 1830, foi lido pelo presidente da provín-

cia ofício que punha em concurso a cadeira de primeiras letras para a Freguesia de São Bernardo (Mapa 2). Um único candidato se interessou pelo cargo: o padre Tomás Inocêncio Lustosa. Em 11 de Junho do mesmo ano, foi confirmado seu nome para ocupar o posto de professor de todas as matérias na escola criada na freguesia. Dois anos depois, a escola apresentava 30 alunos matriculados, segundo relação enviada pelo padre Lustosa ao Estado^[20].

Portanto, conclui-se que, antes da chegada da São Paulo Railway no extenso território que veio a se constituir no Grande ABC Paulista, mesmo com sua dispersa população, principalmente nas áreas mais distantes da cidade de São Paulo, como o Caaguazu, seus moradores já possuíam um cotidiano marcado pelo trabalho, principalmente com serviços relacionados à atividade industrial e ao transporte de mercadorias.

O advento da ferrovia pelas terras do ABC Paulista proporcionou o olhar do governo imperial para a região, planejando e implantando três grande núcleos coloniais - São Bernardo, São Caetano e Ribeirão Pires - e atraindo imigrantes europeus. A partir de 1877, nas antigas fazendas dos beneditinos, os imigrantes europeus, principalmente italianos, começaram a chegar, im-

Tabela 4**Mapa da População da Freguesia de São Bernardo por bairros, fogos e almas - 1835**

Distritos	Almas	Denominação dos bairros
1	239	Bairro da Freguesia
2	195	Bairro do Caminho de Santos
3	160	Bairro da Borda do Campo, até confinar com o distrito da Sé e com o bairro de São Bernardo (...) Freguesia de Santo Amaro
4	372	Guarará ou Vila Velha de Santo André
5	134	Bairro de Caaguazu e parte do Pilar que confina com Bom Jesus do Brás
6	170	Bairro do Pilar onde há uma capela

231 Fogos em toda a Freguesia 1270 almas no total

Fonte: Documentos Avulsos da Paróquia. ACMSP. Apud SANTOS, Wanderley. op. cit., p. 139.

primindo um novo direcionamento socioeconômico à região.

NOTAS -

- [1] MARTINS, José de Souza. A escravidão em São Caetano (1598-1871), São Caetano do Sul: CEDI, 1988. MARTINS, José de Souza. A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano. In Raízes, nº 5, São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano, 1991. MARTINS, José de Souza. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992. SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550 -1882. São Bernardo do Campo: SECE, 1992.
- [2] MARTINS, José de Souza. A escravidão em São Caetano (1598-1871), op. cit., p.22.
- [3] SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes históricos do ABC Paulista: 1550 - 1882, op. cit., p.87.
- [4] Id. ib., p.22.
- [5] SANTOS, Wanderley dos. op. cit., p.23.
- [6] Id. ib., p.17.
- [7] MARTINS, José de Souza. A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano, op. cit., p.12.
- [8] Id. ib., p.12.
- [9] MARTINS, José de Souza. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, p.128.
- [10] SANTOS, Wanderley. Antecedentes históricos do ABC Paulista..., op. cit., p.84.
- [11] MARTINS, José de Souza. A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano. In Raízes, nº 5, São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano, 1991, p.12.
- [12] Id. ib., p.12.
- [13] Id. ib., p.12.
- [14] Revista Raízes: Prefeitura de São Caetano do Sul, nº 23.
- [15] Caaguçu era a zona da mata, também co-

Os padres de São Bento tomam posse das terras doadas por Duarte Machado e localizadas no Tijuçu



Desenho de Reuel de Macedo, publicada no livro São Caetano do Sul em IV Séculos de História, de José de Souza Martins

- nhecida como Mata Grande, situada ao contrário da Borda do Campo. Era uma vasta área que no século XIX veio a constituir o bairro paulista de São Mateus e Pilar Velho, hoje os municípios de Mauá e Ribeirão Pires, que integram o Grande ABC. Foi o primeiro nome do rio Tamanduateí, cuja nascente se situa no atual município de Mauá, antigo bairro do Pilar. Fonte: entrevista com o jornalista Ademir Médici.
- [16] MELO, Zélia Cardoso de. Contribuição ao estudo da formação do empresariado paulista. In Revista Brasileira de História, São Paulo, 2 (4): 193 - 216, set. 1982, p.194.
- [17] MARTINS, José de Souza. A escravidão em São Bernardo... op. cit., p.12.
- [18] MELO, Zélia Cardoso de. Contribuição ao estudo da formação do empresariado paulista, p.194.
- [19] Id. ib., pp. 194 e 195
- [20] SANTOS, Wanderley. op. cit., p.201.

BIBLIOGRAFIA -

- AVÉ-LALLEMANT, Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed da USP, 1980.
- EGAS, Eugenio. Galeria dos Presidentes de São Paulo, período monárquico, 1822-1889. São Paulo: Secção de obras d' O Estado de S. Paulo, 1926.
- FLORENCE, Hercules. Viagem Fluvial do Tietê

- ao Amazonas: 1825-1829. Tradução Alfredo D'Escagnolle Taunay. São Paulo: Melhoramentos, 1941.
- KIDDER, Daniel P. Reminiscências de viagens e permanências no Brasil (províncias do sul). São Paulo: Martins Fontes e Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.
- MARTINS, José de Souza. A escravidão em São Caetano (1598-1871), São Caetano do Sul: CEDI, 1988.
- MARTINS, José de Souza. A formação do espaço regional do Tijuçu e de São Caetano. In Raízes, nº 5, São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano, 1991.
- MARTINS, José de Souza. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MELO, Zélia Cardoso de. Contribuição ao estudo da formação do empresariado paulista. In Revista Brasileira de História, São Paulo, 2 (4): 193-216, set. 1982.
- MORSE, Richard M., De Comunidade a Metrópole, Biografia de São Paulo, Comissão IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações Culturais, São Paulo: Irmãos Adrioli SA, 1953.
- PETRONE, Maria Thereza Schorer. A lavoura canaveira em São Paulo, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1882. São Bernardo do Campo: SECE, 1992.
- SPIX, J.B. e MARTIUS, P.F., Viagens pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Melhoramentos, 2a. ed., sd.
- TSCHUDI, J. J. Von. Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., 1953.



Vila de São Bernardo no início do século XX. Em destaque, a velha matriz da Boa Viagem, ainda com os muros de velho cemitério aos fundos

(*) Profa. dra. Arlete Assumpção Monteiro é diretora segunda secretária do CERU - Centro de Estudos Rurais e Urbanos - USP, docente na Faculdade de Educação da PUC/SP, pesquisadora colaboradora do Centro de Memória Unicamp/SP e membro do Gipem

A formação da paisagem urbana de São Caetano

André Luis Balsante CARAM (*)

A cidade é um fragmento da história. É uma entidade dinâmica que carrega no seu espaço físico e geográfico a evolução das diversas transformações ocorridas na sua paisagem e que também reflete a urdidura dos conflitos socioeconômicos, políticos e culturais da era moderna; ou seja, espelho de uma sociedade em constante transformação, que transfere para o ambiente urbano os ideais e anseios de melhores condições de vida. A cidade acaba sendo o espaço onde a vida se desenvolve para mais de 80% da população de muitos países e, portanto, merece reflexão não somente a história de sua fundação, mas sobretudo os meandros das modificações ocorridas em sua geografia e paisagem. Embates que são fatores primordiais para a formação da identidade sociocultural de uma sociedade e a sua relação com o ambiente construído e a história da sua cidade.

Desde os desocupados campos do Tijucuçu, com sua paisagem nativa, até a formação de um espaço urbano, a cidade de São Caetano do Sul acumulou alguns séculos de história para contar. Durante esse período, o ambiente natural foi modificado de forma a atender às necessidades de seus habitantes. Matas foram arrasadas, terras escavadas, construções foram erguidas e a paisagem (re)construída foi diversas vezes (re)desenhada, até se trans-

formar na atual cidade de São Caetano, cosmopolita e de ambiente tipicamente urbano. O atual município não surgiu do nada, mas resultou de processo social mais amplo e evolutivo, remontando aos primeiros moradores que ocuparam as terras do Tijucuçu.

A abertura das primeiras vias de acesso do litoral à Vila de Piratininga (a cidade de São Paulo como era conhecida antigamente) possibilitou a ocupação das terras que futuramente formariam as cidades do Grande ABC. A antiga Vila de Santo André da Borda do Campo foi o cerne desta ocupação e a lendária figura de João Ramalho, como um dos supostos fundadores da vila que, em 1560, foi extinta, também faz parte da história local.

Por volta de 1598, a região do Tijucuçu, onde se fundou a cidade de São Caetano, tinha como um dos primeiros habitantes Paulo Rodrigues Sobrinho, que *obteve de seus irmãos,*

por doação e compra, terras no Tijucuçu herdadas do pai, Garcia Rodrigues^[1], e depois concedidas a Duarte Machado e esposa (Joana Sobrinho, filha de Paulo Rodrigues Sobrinho). Todavia, a ocupação mais efetiva só viria com a fixação dos monges beneditinos, que receberam, por doações de Duarte Machado e Fernão Dias Paes, respectivamente nos anos de 1631 e 1671, terras no Tijucuçu e nelas formaram a Fazenda do Tijucuçu, nome que em 1743 foi mudado para Fazenda de São Caetano do Tijucuçu. Anos depois, tornou-se apenas Fazenda de São Caetano.

Naquela região, além de monges beneditinos e índios administrados, o censo demográfico elaborado em 1765 tinha notificado a existência de uma população instalada nas proximidades da Fazenda de São Caetano. Conhecida como Bairro de São Caetano, aquele agrupamento era composto por *onze famílias e seus 37 membros,*

Vista da região central de São Caetano, década de 1990



Fundação Pró-Memória

conforme indica o professor de sociologia José de Souza Martins^[2]. Este dado evidencia que a história de São Caetano é anterior à chegada dos imigrantes italianos, em 1877, que fixados no Núcleo Colonial não foram os primeiros habitantes a ocuparem as terras do Tijucuçu, mas representaram o início de uma nova fase na história de São Caetano.

Entretanto, o bairro e a fazenda tinham realidades sociais distintas. De um lado a fazenda com seu sistema monástico favorecido pelo trabalho escravo e, do outro, a população do bairro, que se estabelecia em terras aforadas pela fazenda, numa relação baseado no paternalismo, mas também cheia de ambigüidades, já que a fazenda mantinha *a dependência pessoal dos administrados, a escravidão dos negros e o caráter rentista do vínculo com muitas famílias do lugar*^[3]. Mesmo recebendo tributos pelas terras aforadas, a base econômica da fazenda vinha dos recursos obtidos com a venda dos artefatos cerâmicos, enquanto que a população do bairro, beneficiária das terras, ocupava-se da criação de gado e do transporte de mercadorias.

Nesse cenário tipicamente colonial, a paisagem era formada pela fazenda e suas instalações, como a casa-grande, a capela, a senzala, o moinho e os fornos para produção das louças cerâmicas, telhas e tijolos, e, também, pelas poucas e precárias habitações da população do bairro espalhadas na paisagem. Somavam-se às dificuldades impostas pelo regime colonial as terras lamacentas do Tijucuçu. De fato, na língua tupi, Tijucuçu quer dizer barreiros.

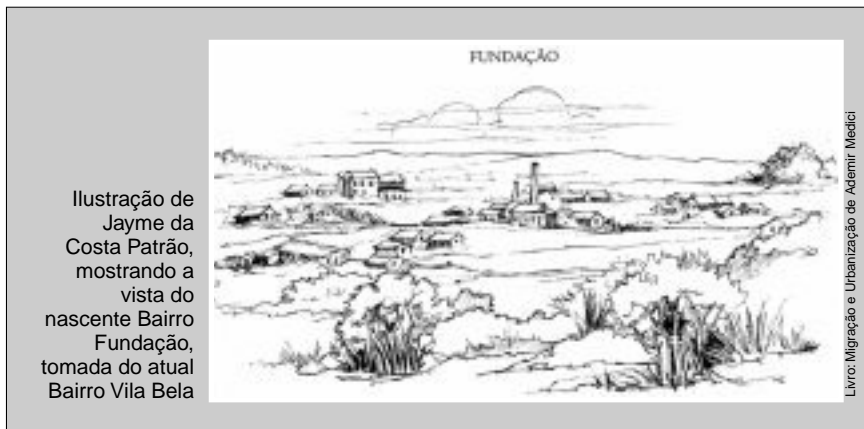


Ilustração de Jayme da Costa Patrão, mostrando a vista do nascente Bairro Fundação, tomada do atual Bairro Vila Bela

Livro: Migração e Urbanização de Ademir Medici

ro. Por aí já se tem uma idéia de como era a paisagem daquele tempo.

Dentro da Fazenda de São Caetano, a capela, a casa-grande e as senzalas eram as edificações que mais se destacavam na paisagem. Algumas delas o professor Martins descreveu, principalmente a capela, que foi alvo de várias reformas e existiu até 1883, quando foi totalmente construída e virou a atual Igreja Matriz Velha, do Bairro Fundação.

Entre 1769 e 1784, a capela foi ampliada e sua fachada reconstruída, transformando-se num digno exemplar da arquitetura barroca. Antes dessa reforma, a capela *era pequena e baixa, de 6,6 metros de comprimento por 2,64 metros de altura – uma igrejinha rural*^[4], construída entre 1717 e 1720. No século XIX, por volta de 1817 e 1828, a fazenda passou por uma grande reforma, e a capela, no geral, passou por grandes modificações. *A reforma e ampliação realizada no século XVIII fez da Capela de São Caetano uma obra de arte*^[5]. Neste pequeno relato, percebe-se o quanto a capela significava para aquela comunidade, sendo até mesmo um consolo para suportarem as duras difi-

culdades da época.

Antes da chegada dos primeiros imigrantes italianos, em 28 de Julho 1877, a Fazenda de São Caetano tinha sido adquirida pelo governo imperial e transformada em colônia de imigrantes, o que resultou em novo uso e ocupação daquelas terras. É interessante ressaltar que os fornos, administrados pela fazenda, foram adquiridos por um dentista de São Paulo. Neles foi produzido um tipo de tijolo conhecido pela marca *Paulista*, conforme explica o sociólogo Martins. Este aspecto demonstra que a tradição na fabricação de telhas, tijolos e louças, vinda desde os monges beneditinos, foi mantida e continuada, e acabou determinando o futuro econômico e o destino industrial da cidade de São Caetano nas décadas subseqüentes.

Mas, quando os colonos chegaram em São Caetano depararam-se com um cenário de descaído e abandono, com tudo ainda para se construir. A princípio, ficaram alojados nas edificações remanescentes da extinta Fazenda de São Caetano, que se resumiam às senzalas e à casa-grande, todas construídas em taipa. Além disso, a vida dos primeiros colonos italianos não

era nada fácil. Muitos são os relatos que descrevem os sofrimentos e as angústias que os imigrantes passaram nos primeiros anos quando chegaram. As dificuldades impostas pelo lugar, a luta pela sobrevivência, o contato com a língua desconhecida, o sonho de uma nova vida que se esvanecia a cada dia, as mortes súbitas provocadas pelas várias doenças que dizimaram parte da população, enfim, uma série de problemas que só com o tempo foi possível resolver. As dificuldades eram tantas que, em 1878, eclodiu uma revolta no núcleo motivada pela *falta de fornecimento de víveres e por falta de pagamento das diárias prometidas pelo governo*⁶¹.

O ano seguinte ao da instalação dos colonos foi marcado pela visita inesperada do Imperador D. Pedro II, que permaneceu na recém-criada colônia por praticamente 60 minutos - um dia atípico na vida daqueles imigrantes. O cenário era de penúria e precariedade, sendo até mesmo possível imaginar como viviam os primeiros imigrantes que se instalaram no Núcleo Colonial de São Caetano. Moravam em barracões de madeira construídos por colonos carpinteiros, num total de 45 casas, conforme indica o professor José de Souza Martins, que por certo nada tinham de especiais ou nem deviam ser confortáveis.

Agrupados em lotes coloniais, os colonos imprimiram naqueles campos uma nova paisagem, que era formada por suas casas; os caminhos antigos que ligavam São Caetano às vilas adjacentes; o cruzamento de duas primeiras vias abertas sem calçamento, que estruturaram o

crescimento urbano do pequeno núcleo que futuramente viria a se tornar o centro histórico de São Caetano; e, ainda, os trilhos da Estrada de Ferro São Paulo Railway, inaugurada em 1867, que romperam as matas selvagens para ligar o litoral ao interior paulista, marcando brusca-mente a paisagem. A implantação desta linha férrea representou um sensível avanço na economia brasileira, com maiores reflexos para a capital paulista, que deixou de ser mero entreposto de tropeiros e se tornou o centro econômico do País. Além de ser um marco da engenharia britânica, representou também a manutenção de uma dependência econômica que remonta desde os idos de 1822, quando o Brasil abriu as portas ao capital estrangeiro, que tomou grande importância, principalmente, *na forma de monopólio, dos recursos naturais e serviços públicos*⁶², assim comenta Antônio Andrade.

Quanto à ferrovia, não servia apenas para o escoamento da produção cafeeira e transporte de passageiros, mas favoreceu o surgimento de muitas cidades que bordejam o seu trajeto. Em muitos casos, as vilas e agrupamentos existentes ao longo da linha foram beneficiados com a sua implantação. Como São Caetano, que recebeu, em 1883, uma estação de passageiros, construída em estilo inglês, com passarelas metálicas, cancelas e coberturas de telhas para passageiros, semelhante a outras estações da linha. Além da ferrovia, instalada com capital inglês, temos também a implantação da Light, que dominou o setor de energia elétrica em São Paulo. Em 1905, no Município de São Bernardo foi instalada

uma estação para fornecimento de energia elétrica e, em 1915, é a vez de São Caetano receber esse serviço. É válido notar como a ferrovia e as estações de energia elétrica influíram no planejamento da zona urbana e na construção da paisagem da cidade.

Em relação à industrialização de São Caetano, cujas fábricas são elementos que compunham a paisagem urbana, temos que a existência da ferrovia, para escoamento da produção, as águas dos rios Tamanduateí e Meninos e a topografia suave nas imediações da estação de trem foram fatores que contribuíram para o fomento da industrialização em São Caetano, colocando-a no panorama socioeconômico da cidade de São Paulo. As primeiras instalações industriais, a princípio bastante modestas, foram erguidas nas proximidades dos rios, como as olarias, que se tornaram a base para a transição da economia agrícola à industrial. Esta mudança econômica foi sentida até mesmo pelos colonos que moravam próximos às áreas de interesse, pois muitos tiveram que vender seus terrenos devido ao crescimento do setor industrial naquelas imediações, pois eram de grande interesse para industriais e olarias. Mesmo com a economia caminhando à industrialização, ainda foi necessário a manutenção do sistema agrícola para abastecimento local. Ainda que a terra não fosse muito adequada, os colonos plantaram alguns gêneros alimentícios como arroz, feijão, milho, batata e, com maior destaque, a uva - que tornou São Caetano famosa no início do século XX. Com o crescimento de São Caetano, a atividade agrí-

cola acabou sendo suplantada pelo setor industrial.

São Caetano, aos poucos, foi deixando de ser apenas uma colônia de imigrantes, destinados ao trabalho agrícola, e foi se transformando num conglomerado urbano, em que coexistiam as fábricas, as casas residenciais e o comércio com suas padarias, armazéns, barbearias, açougues e bares. Percebe-se ao longo das primeiras décadas, desde a fundação do núcleo, o quanto São Caetano mudou. O que antes era ocupado pelo mato, foi abrindo espaço para as habitações, as vias, o comércio e as instituições filantrópicas, que junto com a igreja funcionavam como um alívio para as duras penas sofridas naqueles tempos. A primeira instituição que marcou presença em São Caetano, e que até hoje é lembrada, foi a Sociedade Beneficente *Principe di Napoli*, fundada em 1891.

No plano político, São Caetano foi ampliando seu poder administrativo e, em 1905, foi elevado a Distrito Fiscal de São Bernardo do Campo que, em 1889, tornou-se município. Mas esta mudança não influenciou no modo de ocupação física de São Caetano, pois os habitantes continuavam concentrados em torno da igreja e da estação de trem.

Em 1910, a cidade parecia uma grande família^[8]. Assim relembrou o memorialista Casério Veronesi sobre São Caetano. A frase nos mostra um aspecto interessante de São Caetano, de quando ainda era uma cidadezinha pitoresca e de baixa densidade demográfica, a tal ponto que os seus moradores praticamente se conheciam, como se realmente fizessem parte de



uma grande e única família. Veronesi foi além e desenhou, de memória, um mapa em que identificou as principais edificações e indústrias que compunham a cidade naquela época. Avaliando a planta (cuja cópia encontra-se na Fundação Pró-Memória), verificamos que a São Caetano do começo do século passado não tinha mais do que 150 pontos de interesse, como casas, comércios e indústrias, assinalados no mapa que também mostrava as principais vias de circulação e os nomes dos proprietários das residências e casas comerciais.

Da instalação do núcleo colonial até princípios do século XX, São Caetano cresceu significativamente. O núcleo histórico concentrou a maior parte da população e as principais famílias. Mas, numa determinada época, esta região ficou saturada e a cidade demonstrou indícios de que cresceria além da área central, que já estava sinalizada pelas ruas abertas em direção a Santo André e a São Bernardo. Ruas que rasgaram a paisagem e estruturaram o crescimento urbano de São Caetano, numa época em que as pessoas conheciam os morado-

res e os proprietários do comércio e compartilhavam de um contato maior com a cidade.

Mas não era só isso. A paisagem de São Caetano foi ainda marcada pelas diversas chácaras que existiram nas primeiras décadas do século passado, carregadas de árvores frutíferas e flores. Descreve Henry Veronesi que *não havia rua que não tivesse uma bica d'água para matar a sede de quem precisasse e casa que não tivesse no quintal plantação de árvores frutíferas*^[9]. Até meados da década de 1930, muitas ruas de São Caetano não tinham calçamento e a iluminação pública mal iluminava as noites.

O comércio tentava acompanhar o ritmo do crescimento urbano e indicou o nível do progresso e dos serviços que São Caetano oferecia. Mesmo assim, tinha-se muito o que construir. Tanto tinha, que muitos dos primeiros melhoramentos urbanos foram feitos pelos próprios comerciantes, que se viram prejudicados pelas más condições urbanas da cidade. As indústrias, fábricas e olarias foram se expandindo e, com isso, rabiscando na paisagem os seus edifícios e chaminés, que

contrastavam com as residências e casas comerciais, transformando a paisagem rural da pequena São Caetano numa paisagem com ares de modernidade, ditada pelo rígido horário das fábricas e pelo ritmo do trabalho assalariado.

Com as fachadas voltadas para a rua, estavam as casas e os estabelecimentos comerciais, que esboçavam uma nova maneira de ocupação urbana da cidade. De aparência robusta, foram construídos não mais de madeira, como as casas dos primeiros colonos, mas com tijolos que provavelmente vieram das próprias olarias da cidade. O padrão de construção mudou e com isso uma nova arquitetura floresceu naquela comunidade e, aos poucos, foi-se apoderando da paisagem de São Caetano. Construídas em lotes coloniais, com pé-direito alto, janelas e portas de madeira que marcavam expressivamente as aberturas das fachadas, as construções respeitavam os alinhamentos da rua e dos terrenos laterais. Algumas residências, construídas acima do nível da rua, possibilitavam a criação de porões. Outras eram pequenas e tinham grandes quintais, demonstrando que a cidade contemplava várias soluções na implantação das edificações no lote.

Os materiais de construção, produzidos pelas olarias e indústrias cerâmicas, desempenhavam um papel preponderante na formação da paisagem urbana, pois propiciaram um novo padrão construtivo, diferente dos métodos rudimentares da taipa. A necessidade de materiais estandardizados e em grande quantidade forçou o aparelhamento e a mecanização do setor de materiais construtivos,

necessários ao abastecimento do mercado da construção. Foi por isso que surgiu, em São Caetano, um significativo número de indústrias e olarias ligados a este setor, abastecendo tanto o mercado local quanto o mercado da capital paulista. Os materiais cerâmicos de São Caetano eram de tão boa qualidade que, até mesmo, chegaram a ditar o padrão de excelência da época, sendo comum a denominação do *tipo São Caetano*, modelo que as olarias concorrentes deviam atingir. O acúmulo de capitais, gerado pela comercialização dos produtos cerâmicos, repercutiu tanto no ritmo de vida dos moradores quanto na forma de elaboração da paisagem de São Caetano. Algumas empresas inclusive contribuíram para a urbanização da cidade, construção de escolas, áreas recreativas, calçamento de ruas e edificação de vilas operárias.

Na formação da cidade de São Caetano, cabe também ressaltar a relevância desempenhada pelas companhias imobiliárias, que surgiram em função do desenvolvimento da cidade e da necessidade de expansão urbana. A divisão das glebas coloniais em diversos terrenos menores foi um processo ocorrido em praticamente toda a São Caetano. Algumas imobiliárias eram de famílias da própria cidade, outras vieram de fora e se consolidaram com o comércio das terras.

Foi nesse contexto que se delineou a formação da paisagem urbana de São Caetano, sendo muitos os fatores que coadunaram para transformar a cidade e seus espaços no que conhecemos hoje: um aglomerado urbano densamente ocupa-

do, de população marcada pela cultura italiana e de forte identificação com seu passado histórico, inserida num espaço conurbado com a complexidade urbano-arquitetônica da Grande São Paulo.

Contudo, neste pequeno apanhado sobre a evolução urbana e paisagística de São Caetano, procuramos enfatizar justamente os fatores que propiciaram o desenvolvimento da cidade e a transformação da paisagem rural em urbana. Com isto, também fica a sugestão para aqueles que se interessam pela história: destacar os fatos e as modificações de sua cidade, como processo de formação da cidadania e memória em relação ao ambiente urbano, que esconde muitas histórias que ainda não foram contadas.

Notas

1. MARTINS, José de Souza. O Bairro de São Caetano no censo de 1765. In: Raízes, nº 3.
2. Idem.
3. Idem.
4. MARTINS, José de Souza. A visita do imperador D. Pedro II ao núcleo colonial de São Caetano, em 1878. In: Raízes, nº 2.
5. Idem.
6. Idem.
7. ANDRADE, Antônio. Por que aqui?. In: Raízes, nº 2: 18-21
8. XAVIER, Sônia Maria Franco. Homenagem: São Caetano, nas lembranças de Casério Veronesi. In: Raízes, nº 2.
9. VERONESI, Henry. No tempo da gabioba. In: Raízes, nº 1: 10-11

(*) André Luis Balsante Caram é arquiteto da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e autor do livro *Pujol - Arte e Concreto*

No desenvolvimento de nosso comércio, méritos para a colônia judaica

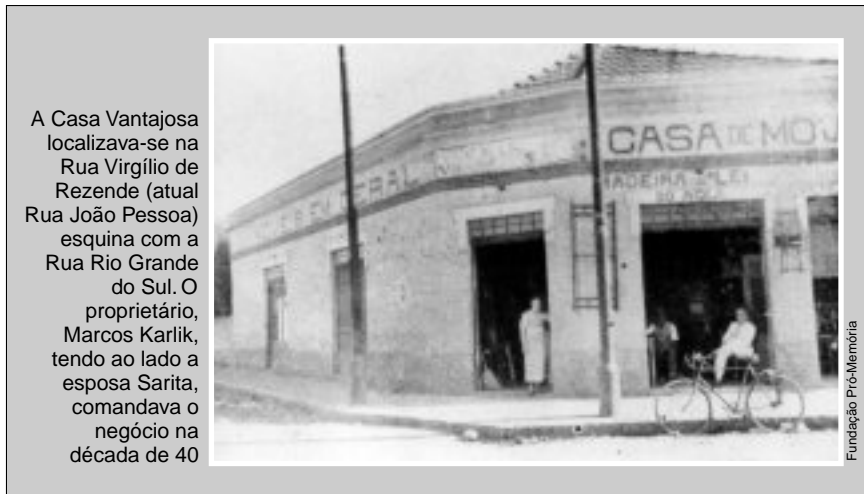
Carlos GERCHTEL (*)

Nas nossas páginas históricas, a contribuição dos imigrantes, em especial os italianos, foi de capital importância para inclusive fazê-los merecer figurar, nessas mesmas páginas, como personagens de realce e hoje, como não poderia deixar de ser, ao mencionarmos o fato, é lógico que deve ser enaltecida esta enorme cooperação dada por eles, ajudando com muito entusiasmo no nosso desenvolvimento e participando ativamente do crescimento normal e natural do nosso município.

É preciso ressaltar que todo e qualquer município, na maioria das vezes, tem a colaboração precisa da mão-de-obra estrangeira. Este privilégio foi somente dos italianos? E as demais colônias? Até que ponto chegou a influência das mesmas?

Pelo que sabemos, estes outros grupos que aqui aportaram no início do século passado também tiveram idêntica participação, colaborando com muita eficiência, principalmente na ampliação do nosso comércio, demonstrando igualmente uma extraordinária capacidade nas suas iniciativas, não sem os sacrifícios tão comuns nestas realizações, justificando plenamente a própria presença.

Assim, esses grupos representados por famílias espanholas, portuguesas, japonesas, árabes, judaicas, alemãs, polonesas e outras nacionalidades, aproveitando a oportunidade, se destacaram de uma forma preponderante na fase das grandes modificações e, com isto, quem de fato acabou se be-



neficiando foi o próprio município, que rapidamente se transformou numa pequena metrópole.

CARACTERÍSTICAS - Assim como os imigrantes italianos que se distinguiram pelos seus empórios, armazéns e as famosas vendinhas, os portugueses pelas padarias, confeitarias e açougues, os espanhóis pelos depósitos de ferro velho e lojas de calçados e os árabes pelas lojas de armarinhos, os judeus que aqui se radicaram se caracterizaram pelas primeiras colchoarias e lojas de móveis, aproveitando naturalmente o progresso da cidade, a sua expansão, com o conseqüente aparecimento de novas vilas, dando ensejo à implantação dessas lojas que acabaram abastecendo as inúmeras novas moradias, à medida que as mesmas iam sendo construídas. Os móveis geralmente eram entregues em carroças com muitas dificuldades, fato bastante comum naquele tempo pois as ruas, quando existiam, eram completamente intransitáveis e quando chovia então... sem comentários: um verdadeiro caos. Ainda não se

cogitava em colocar guias, sarjetas, calçamento e nem sequer iluminação. Tudo era muito rústico, sem nenhum planejamento, com as supostas ruas inteiramente irregulares.

Como se nota, entregar móveis naquele tempo era um verdadeiro ato de heroísmo, tamanha a dificuldade para se chegar em determinados locais, não muito adequados. Com o passar dos anos, as carroças acabaram sendo substituídas por caminhonetes e caminhões, já em condições mais favoráveis.

VIDA - Os judeus no município sempre primaram pela discrição, pelo viver no ostracismo, pela falta de integração na sociedade, totalmente isolados de tudo e de todos. A colônia judaica, onde quer que se instalasse, sempre vivia desse modo, separada das demais, causando logicamente muita estranheza e fomentando a pergunta que se fazia insistentemente – Por que seus membros não se integravam devidamente, evitando, assim, a situação nada agradável

que se criava? Na verdade, essa postura era consequência das constantes perseguições que esse povo vinha sofrendo através dos séculos, o que os impedia de um melhor e maior relacionamento, mais por se sentirem rejeitados e repelidos do que por qualquer outra coisa. Dos lugares de onde vieram ainda se procedia dessa maneira. Foram tratados com muito desprezo, com muito preconceito nos seus países de origem, destacando-se neste particular os da Europa oriental.

Diferentemente do contato com o mundo externo, eles eram muito unidos entre si e agiam como se fossem uma grande família, já acostumada com este tipo de vida. Procuravam compensar a falta de entrosamento com o trabalho, buscando através dele a sobrevivência e a oportunidade para poderem se adaptar com os novos usos e costumes mais facilmente. Dado este contexto, com todos estes percalços, a participação desta coletividade no comércio foi de grande avanço para o setor. Muitos estabelecimentos foram montados e, em especial, no ramo de móveis a partir dos anos 20, alguns deles existindo até hoje.

MASCATES - Paralelamente havia o comércio direto, feito de porta em porta ou, melhor dizendo, os chamados vendedores de rua, os mascates, que foram, sem dúvida, os precursores das vendas à prestação, fazendo uso de cartões que serviam para controlar os valores que eram cobrados mensalmente, sem nada fixado com antecedência. Cada freguês dava a quantia que podia no momento. Esse sistema, apesar do grande risco por ser aplicado sem nenhuma garantia, acabou dando certo para muitos que tiveram a sorte de fazer bons negócios nos momentos certos, escolhendo a freguesia certa, mas também sofrendo grandes prejuízos pela má escolha. Não se costumava fazer o cadastro de ninguém. Vendia-se indistintamente, confiando totalmente no cliente. Ganhava-se ou perdia-se pela ótima ou péssima escolha da clientela.

Não houve um só membro da colônia que não se iniciasse por esse processo. Todos, sem exceção, tiveram que passar por este método comercial. Não havia outro jeito. As lojas foram consequência desta iniciação.

Geralmente os mascates carrega-

vam as mercadorias nas charretes e, quando não podiam, levavam os produtos nos próprios ombros ou contratavam meninos para ajudá-los nas atividades.

Não se pode negar, todos prosperaram neste tipo de trabalho, muitos dos quais chegando a fazer ótimos relacionamentos com as famílias locais, havendo um respeito mútuo muito grande e, acima de tudo, uma enorme compreensão, levando-se em conta as dificuldades na comunicação entre as partes. Isto ocorria porque os novos moradores da cidade, recém-vindos de outras plagas, ainda estavam encontrando muitos obstáculos na acomodação, particularmente no idioma.

As primeiras famílias da colônia começaram a se instalar no município entre 1925 e 1928 e, a partir de 1930 inúmeras lojas foram montadas, a maioria no ramo de móveis, algumas delas comercializando outros artigos.

Foram pioneiros no desenvolvimento comercial de São Caetano do Sul os irmãos Cohen, que se estabeleceram com uma colchoaria; Marcos Karlik, com a Casa Vantajosa, na Rua Santa Catarina; Paulo Ostrowsky com a Casa de Móveis A Paulistana; Ajzyk Goldberg com a Casa da Sorte na Rua João Pessoa. Ainda na João Pessoa, os irmãos Kogan montaram uma alfaiataria conjugada a uma loja de artigos masculinos mais tarde arrendada a Joseph Fuchs. Este, além de lojista e industrial, também se sobressaiu como grande desportista, tendo sido diretor de esportes não só do São Caetano Esporte Clube, no seu período de realce, mas também do Sport Club Corinthians Paulista. Lazlo Krausz, seu sobrinho e sócio, assumia os negócios na sua ausência. Adolfo Altman complementa esta série



Em dez de Julho de 1946, foi fundada a Sociedade Religiosa Israelita de São Caetano do Sul, na Rua Pará, 61. No local reuniam-se os israelitas da cidade. Havia grande parcela de comerciantes entre os membros da colônia. Ano de 1959

fundando, na Rua João Pessoa, a Casa Popular, num ramo diferente: máquinas de costura. Convém salientar que os irmãos Kogan anteriormente foram donos de uma loja de móveis na Rua Amazonas, exatamente no local onde hoje funciona o Instituto de Ensino de São Caetano do Sul.

A família Timerman, da mesma forma, pode ser considerada como pioneira através de seu chefe Arthur Timerman. O mesmo montou sua loja na Avenida Conde Francisco Matarazzo, em cujo endereço mais tarde um de seus filhos, Moisés Timerman, iria se tornar proprietário de uma das primeiras lojas de disco em São Caetano do Sul, a TV Lar que, por muito tempo, competiu com lojas tradicionais e famosas do ramo.

A Rua Manoel Coelho foi uma outra rua do centro da cidade escolhida por outros membros da coletividade com o intuito de agilizar ainda mais o comércio nos seus mais variados ramos. Ali se estabeleceu Isaac Timerman com uma loja de móveis denominada O Rei dos Móveis, que permaneceu em atividade até o falecimento do proprietário. Isaac Timerman, também conhecido como Jacob Timerman, foi sócio fundador do Lions Clube. Outros lojistas que merecem ser citados: Chaskiel Auchmann, Samuel Strauch, Elias Idelsohn, Wolva Szczupak - este último ainda mantendo uma loja em funcionamento, a Casa de Móveis Novo Mundo.

Opa! Está faltando alguém! Não poderia esquecer de citar Boris Giersztel, que por acaso é meu pai. O mesmo teve a oportunidade de se estabelecer comercialmente e se especializar na venda de malas de viagem, chapéus e pastas para guardar marmi-

Fachada da casa de móveis A Paulistana, propriedade de Paulo Ostrowsky, localizada na antiga Rua Virgílio de Rezende (atual Rua João Pessoa). A esposa do comerciante está acompanhada pelos filhos Sofia, Malvina, Rosa, Dora e Moisés. Ano de 1936



Fundação Pro-Memória

tas. Passado algum tempo, meu pai vendeu o estabelecimento para Leiba Abramavicus e exerceu uma nova profissão, a de vendedor praticista, representante de várias fábricas de móveis, no que se saiu muito bem.

PORTEIRAS - O Bairro Fundação foi outro importante bairro, onde se concentrou grande parte da colônia israelita pois, por ser o marco inicial da cidade, conseguiu atrair grande número de comerciantes que buscavam a ocasião favorável para desenvolver suas aptidões e tentar, ao mesmo tempo, progredir na vida.

Havia a vantagem da ligação que o bairro tinha com algumas vilas de São Paulo, como a Vila Bela, a Vila Alpina e a Vila Califórnia, cujas populações, sem outra opção, aproveitavam para se dirigir a São Caetano do Sul e fazer compras. Era utilizado o comércio local, já razoavelmente instalado, em especial na Avenida Conde Francisco Matarazzo, na chamada parte de baixo, separada pelas tradicionais porteiras da estação ferroviária. Iniciando pela Rua Perrella, temos Samuel Schwartz fundando a Casa de Móveis Bom Gosto, Jaime Skinowsky montando A Favorita

do Lar, a família Zetune que iniciou com uma pequena loja e formou os 3 Irmãos, Wolf Beer com a loja denominada Móveis Triunfo, os irmãos Kogan com a loja Ao Conforto do Lar e David Gafanovitch como dono da Mobiliadora São Bento.

Luiz Bloch e José Nulman se associaram para montar uma casa comercial na Rua Heloísa Pamplona, registrada como Bloch & Nulman Ltda. Luiz Bloch foi cunhado de Moisés Chapaval, vereador na primeira legislatura da cidade. Do outro lado da rua, Landau & Bierkeistat igualmente abriram, para não fugir à tradição, a sua loja de móveis. A mesma funciona até hoje e é conhecida por A Noivinha Móveis. Da família Timerman, somente Sebastião Zimmerman não seguiu o caminho de seus irmãos. Enraizou-se em São Caetano do Sul como vendedor praticista no ramo de móveis. Não escapou da rotina. Júlio e Idel Timerman, apesar de figurarem na época no nosso comércio, não ficaram aqui por muito tempo. Foram tentar melhor sorte respectivamente em Jundiaí e Mogi-Mirim, ambos se saindo maravilhosamente bem.

Esse histórico bairro também

teve o privilégio de ver nascer uma pequena casa, despreziosa na sua instalação, chamada Casa de Móveis Argentina, pertencente a Gregório Kleiman, logo em seguida vendida a Arão Wasserman, até chegar às mãos de Samuel Klein, já com o nome mudado e com o intuito de bem servir a uma outra pequena colônia também sofrida, a colônia nordestina. Essa modesta casa acabou se transformando numa grande potência, sendo reputada atualmente como uma das maiores do país. Seu nome...? Casas Bahia. Não foi tão difícil de adivinhar, foi?

OUTROS - Outros bairros de São Caetano, na época conhecidos como vilas, da mesma maneira receberam representantes dos novos moradores da terra.

O Bairro Monte Alegre, por exemplo, teve como pioneiro Salomão Lachterman com a Casa de Móveis Rumania. Zelig Grymberg teve o condão de montar seu negócio na Cerâmica usando o nome de Casa de Móveis O Barateiro. A loja tornou-se tradicional no setor. Bernardo Bezinsky não deixou por menos: organizou sua casa comercial na antiga Vila Gerti,

Registrou-a na Junta Comercial como Casa de Móveis Progresso. Seus filhos Jacob e Saul Bezinsky, por serem grandes desportistas, tiveram a felicidade, com o apoio da própria vila, de fundar um clube de futebol com o mesmo nome da loja e que, por algum tempo, foi considerado como um dos melhores, sempre estando entre os primeiros nos campeonatos da liga. Os esportistas daquele tempo ainda devem estar lembrados deste clube, que chegou a dividir com o 7 de Setembro, outro clube famoso da Vila Gerti, a preferência dos torcedores.

Na Vila Paula, Israel Tworecki teve a vantagem de principiar este tipo de trabalho com a Casa de Móveis Saúde, se dedicando à venda de colchões. Desta atividade surgiu a idéia de se construir uma pequena indústria de colchões para, inclusive, abastecer a própria loja, que gradativamente foi progredindo, até se transformar numa importante fábrica de colchões de mola. A marca *Saúde*, adquirindo um ótimo prestígio, foi muito bem aceita no mercado de um modo geral.

PATRIMÔNIO - O que chama a atenção é que muitos elementos,

não obstante terem saído da cidade, ainda conservam o patrimônio formado pelos seus antepassados dentro dela. Refiro-me aos herdeiros que estão usufruindo de tudo o que foi implantado pelos seus parentes já falecidos, não se desfazendo de nada do que foi constituído por eles.

Os comerciantes pioneiros, de algum modo, preservam seus vínculos com a cidade que os acolheu através dos descendentes, que continuam ligados ao município, administrando os bens deixados pelos antepassados.

Muitos exemplos poderiam ser narrados, mas o maior deles mais uma vez pode ser demonstrado pelas Casas Bahia, cujos proprietários reforçam cada vez mais o ativo da empresa, adquirindo novas propriedades, principalmente para ampliar as instalações já existentes ou construir novas instalações, sempre dando a primazia ao próprio município, mantendo aqui mesmo a sua sede central e, com isso, colocando a cidade de São Caetano do Sul numa posição elevada dentro do cenário nacional. Dando privilégio ao local de origem, a empresa ainda hoje auxilia, de maneira bastante notável, na arrecadação que a cidade requer para dar continuidade ao desenvolvimento obtido por meio das múltiplas atividades aqui existentes.

Não é preciso dizer o que tudo isso acarreta: novas vantagens, muitos melhoramentos, novas filiais, mais empregos, crédito facilitado, enfim, uma série de fatores importantíssimos para solidificar ainda mais este vínculo.

Aplicando aqui mesmo o resultado das suas labutas, dos seus esforços, quase a totalidade conseguiu tornar mais firme os bens das respectivas famílias, desde



Primeira loja de móveis de Samuel Klein, no Bairro Fundação, no começo dos anos 50. Já se chamava Casa Bahia

Fundação Pró-Memória

os áureos tempos, com uma ou outra exceção.

AJUDA - Por serem forasteiros e pelo fato de assim se considerarem até mesmo dentro da coletividade, cada um procurava se apoiar naquele que estivesse em melhor situação ou, para ser mais claro, naquele que fosse mais bem conhecido e, por conseguinte, de maior confiança. Esse tipo de união fez com que muitos conseguissem ajuda financeira, utilizando-se naturalmente dos préstimos bancários. Em outras palavras: os mais conceituados avaliavam uma nota promissória, documento muito usado pelos bancos na ocasião, garantindo um empréstimo e dando condições, aos até então completamente desconhecidos, de um início bem esecorador financeiramente.

Samuel Klein foi um dos que necessitou desse tipo de ajuda, num momento bastante difícil da sua vida, sendo prontamente atendido, o que possibilitou a criação de seu imenso império comercial, que a cada ano se torna mais consistente. Este é o verdadeiro resultado, que pode inclusive servir como grande modelo para aqueles que duvidam do espírito fraternal que existia naquela fase, quando todos dependiam de todos e a palavra *não* jamais era usada.

Hoje, com a situação inteiramente invertida, sempre que solicitado procura, sem titubeios, ajudar a todos dentro do possível, dando uma especial atenção aos ligados à sua colônia que, por alguma razão, não estão em boas condições ou não tiveram a mesma ventura, tentando, com este gesto, fazer o mesmo que lhe fizeram numa circunstância por demais desagradável de sua existência. Encontrou guarida, boa vontade e solidariedade: três fatores que influenciaram sobremaneira o



Joseph Fuchs (de sapato branco) foi um grande batalhador do esporte em São Caetano e pertencia à colônia judaica da cidade. Santos, 1946

A. Rosa Alves

seu modo de encarar a vida, dando-lhe incentivo para partir resolutamente para as grandes conquistas, formando esta descomunal organização.

MISSÃO - A não ser pelas Casas Bahia, que estão simbolizando toda a luta de um pequeno grupo de imigrantes judeus, visto o seu dono ainda estar em atividade e ser o maior exemplo de tudo o que foi comentado, sendo portanto a testemunha viva para comprovar tudo o que aconteceu, poucos se lembram dos nomes citados, da importância dos mesmos e o que cada um representou nesse desenvolvimento tão relevante.

Apesar da pouca divulgação, apesar do esquecimento, não podemos deixar de enaltecer esta perfeita e nobre colaboração de uma colônia que procurou honrar admiravelmente a cidade, oferecendo o melhor de si e participando ativamente nesses empreendimentos tão necessários e tão importantes, sobretudo nos tempos atuais.

São Caetano do Sul, que antigamente era considerada como tipicamente industrial, na atualidade está se transformando em cidade tipicamente comercial, e uma grande parcela dessa metamorfose cabe a esta coletividade que, mesmo passando por grandes di-

ficuldades, nunca deixou de cumprir com muito tirocínio, muita determinação, muito sacrifício a missão que o destino lhe reservou, entregando uma parte daquilo que produziu: uma nova geração que por certo irá dar continuidade no trabalho iniciado há várias décadas, só que em moldes diferentes.

Sim, a coletividade israelita continuará colaborando no comércio de São Caetano do Sul, e isto nós já estamos vendo nas placas, nos painéis, nos letreiros, nos classificados, anunciando médicos, dentistas, engenheiros, advogados, o que representa a real herança deixada pelos velhos forasteiros, velhos imigrantes, antigos mascates, os chamados *turcos da prestação*, como eram carinhosamente tratados, que um dia chegaram por estas bandas para dar o seu quinhão e deixar fincados seus nomes para sempre. Pena que a maioria não esteja dando valor algum a esta passagem tão importante da história da nossa cidade.

(*) Carlos Gerchtel foi professor do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul e do Centro Interescolar Municipal Professora Alcina Dantas Feijão

Família Rosa Alves: uma história de barbeiros, tintureiros...

Humberto Domingos PASTORE (*)

O estado de Minas Gerais tem uma cidade com o nome de Andradas. Nessa cidade existe uma vila com o nome de Gramínea. E nesse lugarejo, na década de 30, existia um casal muito simples que vivia do cultivo da lavoura. Era o Gabriel Rosa Alves e sua esposa Mariana Norberta de Souza. Aliás, o sr. Gabriel cuidava da terra de segunda a sexta feira, pois no sábado e no domingo o seu instrumento de trabalho era outro. Ele se transformava em barbeiro para cortar o cabelo e a barba dos seus vizinhos.

Da união desse casal nasceram nove filhos. A mais velha ao se casar veio com o marido morar em São Paulo, mais precisamente em São Caetano do Sul. O patriarca Gabriel tinha um rígido princípio: para ele a família tinha que morar sempre perto. E ao perceber que sua filha não retornaria para Minas Gerais, decidiu juntar sua família e partir em viagem para São Caetano. Na sua bagagem, o fruto da colheita: arroz, feijão, rapadura e café em grão que, para desespero geral, foi se acabando antes que se conseguisse algum tipo de emprego na nova cidade.

A primeira moradia da família de Gabriel foi um casarão do Bairro Fundação que pertencia aos De Nardis, curiosamente o mesmo local que, dezenas de anos depois, viria



Mariana Norberto de Souza, no ano de 1943, em sua plantação de verdura no Bairro Fundação

Família Rosa Alves

abrigar o museu do município. Estávamos no ano de 1937 e o palacete foi dividido ao meio. Num lado continuavam morando os familiares dos De

Nardis e no outro a família inquilina. Ali a família mineira permaneceria até 1940.

REVIVENDO - Dois dos filhos de Gabriel e Mariana voltaram a este mesmo casarão no dia 15 de Julho de 2001. Antônio Rosa Alves, com 74 anos, e seu irmão Sebastião Rosa Alves, de 76, estiveram no Museu Histórico Municipal para deixar os depoimentos que ilustram esse artigo. Eles contaram como foi difícil a vida naquela época: *Nossa mãe pegava meio litro de leite e completava com água. Fritava um ovo e repartia para dois filhos. Nós éramos muito pobres. Apesar de nós nunca termos entrado na casa de nossos "vizinhos", usávamos o mesmo quintal, e a gente percebia o quanto eles eram mais "ricos" que nós pela diferença da quantidade da comida. Eles faziam um mundo de macarronada e tinham sempre enormes pães.*

O pai Gabriel montou sua



Este Chevrolet 28 também foi utilizado para entrega. Onofre Alves, o empregado Luiz, Antônio Alves, o empregado Augusto e o empregado José Teodoro Gomes

Família Rosa Alves

barbearia, que funcionava de segunda a segunda, e assim foi sustentando a família. O salão ficava na Rua Heloísa Pamplona, 64, onde hoje está uma loja de conserto de aparelhos de televisão. Os filhos também conseguiram trabalho. Sebastião foi trabalhar como lançador de tijolos na olaria do Nicola Perrella, que ficava na Rua Rio Branco. Com seus 13 anos já acordava muito cedo. Por volta das quatro e meia da madrugada já estava de pé para iniciar o *batente*. Afinal trabalhava por tarefa e em todos os dias a produção deveria atingir 1500 tijolos. Seu irmão Antônio, mais novo dois anos, também trabalhava. Ele levava o almoço de Augusto Pomper-mayer até a Metalúrgica Mecânica.

Antônio tem uma história gostosa para contar: *Acho que fui um dos primeiros grevistas infantis da história. Eu recebia após trabalhar 30 dias e, como o "salário" atrasou cinco dias, mesmo falando para minha mãe que eu iria trabalhar, preferi seguir um caminho diferente e naquele dia não fui levar o almoço. Ou se-*



Carrinho para entrega dos ternos. Antônio Alves; o jogador Plácido, do Ipiranga; o jogador Lula, do Palmeiras, conhecido como Canhãozinho do Parque; e o empregado Moisés

Família Rosa Alves

ja, fiz greve sem saber o que era isso. Foi a maior confusão. Foram me procurar em casa e minha mãe disse que eu tinha saído para trabalhar. Só quando me acharam é que contei o caso e, para minha sorte, naquela mesma tarde recebi o dinheiro. Deu tudo certo e no dia seguinte voltei a trabalhar normalmente.

TRISTEZA - Os dias iam passando e parecia que as coisas estavam se ajeitando. Sebastião trabalhava na Lavanderia Monte Fuji, que funcionava na Rua Manoel Coelho. Já o jo-

vem Antônio tinha mudado de emprego. Agora estava ganhando três mil réis por mês para entregar, nas residências, as roupas lavadas na Tinturaria São Caetano, do José Fucks, que ficava na Rua Perrella, 115. Para esse serviço usava os tradicionais cabides instalados na parte de trás da bicicleta. O nome dessa tinturaria era Européia mas, por causa da guerra, teve que ganhar outra denominação.

Mas veio o ano de 1941 e, com ele, a tristeza de perder o patriarca da família, vítima de câncer, após permanecer longos meses numa cama. Antônio, hoje com 74 anos, ainda se lembra que o pai, no leito hospitalar, reconhecendo a hora da morte, chamou os filhos e, para cada um, deixou uma mensagem. Ao mais *devagar*, pediu empenho para aceitar a idéia do trabalho. Para um que vivia falando palavrões, pediu para que não mais usasse sua boca para dizer esse tipo de palavreado. Para o mais ajuizado, disse que estava no caminho certo. Mostrou que todos deveriam cuidar da mãe e



Sebastião Rosa Alves

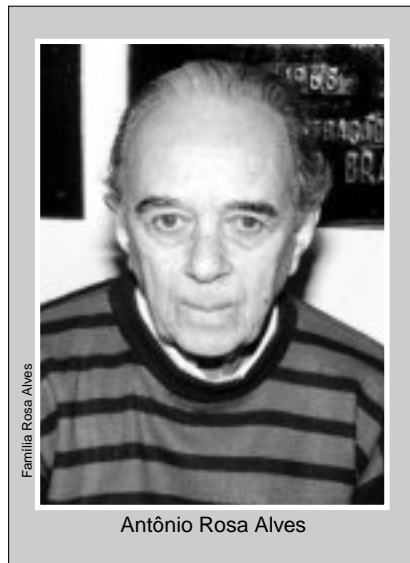
Família Rosa Alves



Antônio Rosa Alves, na frente de seu chevrolet 28, utilizado para entrega de roupas

do irmão caçula. Contou a história dos gravetos que se quebram com facilidade quando estão sozinhos e de como ficam resistentes na hora em que se unem.

Com sua morte, a família voltou a passar grandes necessidades. Foi com lágrimas nos olhos que Antônio lembrou desse tempo. Sua mãe, analfabeta, teve que tomar conta dos filhos, todos menores. *Com uma fibra intensa, minha mãe soube buscar dentro de si a força para nos criar. Muito religiosa, soube passar os ensinamentos de Cristo para cada um de nós. Se chorou sozinha durante as noites, não escutam. Ela sempre nos passou confiança e muita esperança. Partiu dela a idéia para vendermos o sítio em Minas Gerais e, com o dinheiro, comprarmos uma casa na Rua Perrella. Ela pertencia ao sr. Serafim Constantino, hoje nome de rua, no centro da cidade. Nossa mãe viveu até os 92 anos e sempre morou nessa casa. Viu os netos e os bisnetos nascerem. Nos tempos difíceis lavou roupa das vizinhas e plantou verduras para depois serem vendidas. Anos mais tarde perguntei para ela como tinha conseguido vencer*



Antônio Rosa Alves

sozinha. Ela apenas me respondeu: "Nunca fiquei só". A religião tinha lhe dado essa força extra.

UNIÃO - O pedido do pai foi atendido. Dois irmãos já trabalhavam na Tinturaria São Caetano que, por causa do novo traçado da Rua Perrella, adquiriu o número 336. Corria o ano de 1947 quando o proprietário José Fucks apresentou uma proposta para que comprassem o estabelecimento. Caso contrário, iria fechar a tinturaria e os rapazes teriam que procurar outro emprego. A oferta era tentadora, mas onde conseguir os 12 mil cruzeiros solicitados?

Antônio, na época com 20 anos, foi contar para a mãe o ocorrido. Dona Mariana ouviu atentamente e respondeu-lhe: *Pode comprar, pois eu tenho esse dinheiro.* Essa afirmação foi uma grande surpresa para ele. Afinal, onde ela teria conseguido esse dinheiro? Esse mistério foi desvendado quando ela contou o segredo: Toda semana, depois de vender as verduras, saía de casa dizendo que ia visitar sua filha Dita. Só que essa visita servia também para pedir à moça que guardasse o dinheiro, pois sabia que se ficasse com ele dentro de casa, acabaria gastando.

Naquele mesmo dia foi buscar as economias. Não chegava ao total, pois tinha um pouco mais de 11 mil reis. O restante teve que ser pago no mês seguinte. A tinturaria passou a chamar-se Antônio Rosa Alves & Irmãos. Logo depois estavam trabalhando no local, além do Antônio e do Sebastião, os demais manos João, Onofre, Pedro e José.

O empenho da família Rosa Alves não foi em vão. Em pouco tempo já trabalhavam no local oito pessoas, no intuito de atender o elevado número de clientes que levavam os ternos todas as semanas para serem lavados. A média semanal já era de 200 unidades.

O tempo passou, mas essa tinturaria ainda está em plena atividade e funcionando no mesmo endereço, lá no Bairro Fundação.

(*) Humberto Domingos Pastore é jornalista e atualmente dirige o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul

A cidade e a fotografia

Neusa Schilaro SCALÉA (*)

Percorrendo a produção fotográfica da cidade, representada nos arquivos da Fundação Pró-Memória por centenas de fotos, produzidas por profissionais e amadores ao longo de várias décadas, encontramos iconografia bastante informativa, peculiar e principalmente instigante. Dentre as várias fotos realizadas sem nenhuma preocupação, a não ser a de registrar aquele determinado momento, há muitas em que se pode perceber o cuidado na composição, no uso do equipamento e nos serviços de laboratório. Boa parte do acervo tem meio século ou mais e ainda se apresenta com notável nitidez. Alguns retratos são datados, ao passo que outros, atemporais, vão além do registro. Entre esses, merecem particular atenção os produzidos no Foto Ideal.

Criado pelo imigrante alemão Jean Wild, esse laboratório e estúdio ofereceu à cidade produção fotográfica de ótima qualidade. De fato, ao garimparmos nossos arquivos em busca de bons flagrantes de São Caetano, encontramos com frequência trabalhos feitos no Foto Ideal. E é bastante prazeroso, para quem aprecia e trabalha com fotografias, descobrir esses tesouros. Por conhecer todo o processo que, ao contrário do que se diz, não termina no momento do clique - mas ali começa -, reconhecemos a habilidade, identificamos as dificuldades e percebemos as propostas que norteiam o fotógrafo em determinada tomada.

Outro estúdio, cujos trabalhos colaboraram para o registro das imagens da cidade, foi o Foto Famula. Tivemos oportunidade de ver fotografias da época em que os irmãos Famulas ainda trabalhavam em Curitiba, Paraná, e nos impressionamos com a boa qualidade dos retratos. Temos registros da atuação dos irmãos fotógrafos em São Caetano entre 1920 e 1930. Contudo, uma vez que grande parte da produção do Foto Famula é constituída de retratos, em especial fotos de casamento em estúdio, deve haver ainda, nos álbuns das famílias do município, alguns registros (isso sem contar aqueles que fazem parte do acervo da Fundação Pró-Memória).

Também merecem ser mencionados os trabalhos de Waldomiro Chomem, fotógrafo que acompanhou as transformações urbanas da cidade, com apurado sentido de composição e excelente técnica, na década de 1950.

Fotografar é também uma questão de escolhas: o profissional ou o amador avançado devem possuir conhecimento suficiente do equipamento, das condições - sejam de iluminação ou de ambiente -, das limitações impostas pelo material sensível e sobre todos os outros recursos auxiliares. Além disso, deve saber que, muitas vezes, apesar de possuir todos os controles - ou, pelo menos, conhecê-los -, precisa improvisar, agir com rapidez e precisão. O fotógrafo trabalha com um elemento sempre em mutação: o tempo. Sua função é retê-lo, ou melhor, reter, em um

pedaço de material sensível à luz, tudo o que ela, a luz, possibilita ver.

Alguns puristas afirmam que só podem ser considerados fotógrafos aqueles que trabalham todo o processo de criação, desde a sensibilização, ou escolha das chapas ou filmes, até a revelação - incluindo a preparação dos produtos químicos - das cópias em papel, envolvendo inclusive os retoques, em especial o retoque seco. Este último é um verdadeiro trabalho de arte, realizado na própria chapa ou no filme, com instrumentos específicos, cuidados extremos e paciência sem limite.

Antes mesmo da chegada dos filmes coloridos, havia *artistas-fotógrafos* que colorizavam as fotos, com *ecoline*, utilizando delicados pincéis. No processo, denominado *viragem*, banhos químicos criam sensações de cor, dando tonalidade às fotografias. Muito conhecidas e apreciadas são as *viragens* em sépia, que produzem tons quentes, ou seja, marrom-amarelados. Um acabamento, hoje desnecessário devido à utilização dos papéis fotográficos resinados, é a secagem em esmaltadeira. Pode-se perceber quando uma fotografia foi submetida a tal procedimento.

Mas, mesmo sem esses recursos especiais, há fotografias, do início do século até os anos 50, que levam o profissional de imagens de hoje a encantar-se ante o trabalho bem-feito.

Por certo, não apenas os três estúdios aqui citados merecem elogios pela qualidade da produ-

ção fotográfica, todavia, mencionamo-los em razão de terem assinado suas produções. Isto é, deram-nos uma identificação pessoal, seja no encarte, seja na própria fotografia. Não é usual o fotógrafo assinar sua obra. E isso certamente despertará o interesse das novas gerações, visto que se trata de assunto a ser discutido e pesquisado. O tema *fotógrafo desconhecido* transformar-se-á, sem dúvida, em capítulo relevante da história da fotografia.

Dissemos, no início do artigo, que admirar retratos é instigante não só para o fotógrafo que, avidamente, deseja saber mais sobre a foto ou quer fazer a análise técnica da mesma, mas também para o historiador, o memorialista, o estudioso e, por que não, para todos com capacidade de situar-se no tempo e entregar-se ao devaneio.

Enfocar os arquivos da Fundação Pró-Memória é, com o perdão do trocadilho, uma grata revelação para quem lida com fotografia. Trata-se, realmente, de precioso acervo fotográfico bem cuidado pela instituição e merecidamente respeitado pela população.

Gostaríamos de finalizar esta breve incursão no acervo da Fundação Pró-Memória com uma frase lapidar do mestre Cartier Bresson: *As coisas das quais nos ocupamos em Fotografia estão em constante desaparecimento, e uma vez desaparecidas, não dispomos de qualquer recurso capaz de fazê-las retornar. Não podemos revelar e copiar uma lembrança.*

(*) Neusa Schilaro Scaléa é fotógrafa e designer gráfica da Fundação Pró-Memória

Algumas observações têm por finalidade fazer com que o leitor compreenda melhor o processo de interpretação de uma fotografia. Selecionamos uma foto que possui como indicação, escrita no verso, a lápis, apenas a palavra diafragma.



Fundação Pró-Memória

Este senhor anônimo, de costas, com um jornal dobrado na mão, está em uma rua de São Caetano do Sul. Não há indicação da data em que foi tirada a foto mas, se desejarmos saber, devemos partir de alguns indicadores. O primeiro e mais superficial é a indumentária do personagem: a forma como está vestido pode ser um indício. Uma segunda informação, e esta é mais precisa, refere-se aos arredores. Há cartazes cinematográficos e um poste em duas cores indica que é proibido estacionar. A rua é calçada com paralelepípedos. Duas colunas retas dão enquadramento aos cartazes e à porta levadiça de ferro. O personagem não está no centro ótico. Seu terno escuro recebe iluminação vinda da direita - tipo de luz que pode ser das primeiras horas da manhã ou do final da tarde. Composição equilibrada. Há atmosfera.

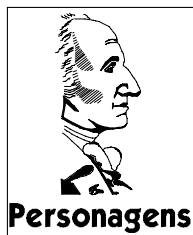
Consideremos também o tipo de papel fotográfico utilizado, o processo e o acabamento, e teremos outro indício, tendo em vista o material disponível no mercado fotográfico de então. Se desejarmos uma análise científica, poderemos observar a emulsão e os resquícios de produtos químicos.

Na maneira de se fazer fotografia sucederam-se estilos e até modismos e, quando o fotógrafo disso não escapou, é possível determinar com maior ou menor precisão a época de uma produção lembrando também esse aspecto.

E, por último, vamos observar a poética, o imaginário e a divagação que uma foto como esta desperta. E só desperta porque nela há algo mais do que um registro frio e calculado. Há texturas acentuadas pela luz: a barra da calça, a manga do paletó, o piso de pedras, a calçada com um remendo e um toco de cigarro. Sensação de equilíbrio e simplicidade, insinuando questões.

A vida dos imigrantes, por Josefina Moretti Lorenzini

Domingo Glenir SANTARNECCHI (*)



Personagens

O nome era Josefina Moretti Lorenzini, todavia, na cidade (principalmente no Bairro Fundação) todos a conheciam como dona Beppa. Seu pai foi um dos fundadores de São Caetano, juntamente com outros imigrantes italianos que aqui aportaram em 28 de Julho de 1877. Josefina nasceu em São Caetano, em 24 de Setembro de 1889. Herdou a coragem e o espírito de trabalho dos primeiros imigrantes. Simbolizou perfeitamente a mulher sancaetanense: disposição para trabalhar, amor ao lar e dedicação extraordinária a esposo, filhos e família.

Em 1966, conseguimos entrevistá-la, em sua residência, pouco tempo antes de sua morte. Praticamente cega, dona Beppa estava ladeada pela filha Edna e pelo esposo, Pedro José Lorenzini. Sua memória, no entanto, era fantástica, e o depoimento foi muito rico em detalhes. Morreu em 30 de Dezembro de 1967.

MEMÓRIA – As primeiras lembranças relatadas diziam respeito à época em que trabalhava para ajudar os pais. Aos dez anos de idade, passou por momentos difíceis, tendo, às vezes, que se alimentar apenas com pão e feijão. Emocionada, rememorou as caminhadas diárias que fazia, até São Paulo,



Dona Beppa
posa ao lado do
esposo, Pedro
José Lorenzini

Família Lorenzini

ajudando os pais a empurrar um carrinho de mão repleto de carvão, verduras e outros produtos a ser vendidos na Praça da Sé. Com alegria, relatou a festa ocorrida quando a família conseguiu uma carroça. De fato, o meio de transporte passou a carregar verduras, ovos, batatas, carvão e outros produtos, pondo fim às penosas jornadas a pé até São Paulo.

Algumas outras lembranças também estavam muito vivas em sua mente: construção da primeira casa da família, casamento com Pedro José Lorenzini, erguimento da primeira capela da cidade e, principalmente, a visita do Imperador do Brasil, D. Pedro II, a São Caetano. Dona Beppa disse que o Imperador, a pedido de alguns colonos, teria doado várias glebas de terra não ocupadas. Descreveu, ainda, a enorme fila de homens carregando pedras, desde a Vila Califórnia até o começo da Rua 28 de Julho, para a construção

da Matriz Velha do Bairro Fundação (Paróquia São Caetano). Contou-nos, comovida, a respeito de algo que, em 1966, já não mais existia: os inúmeros bebedouros, instalados na Praça da Sé, onde os cavalos, todos os dias, matavam a sede. Seus depoimentos fizeram reviver um passado não – literário, mas que sobrevive oralmente, transmitido de geração em geração. Quem melhor poderia retratar a luta dos imigrantes contra a natureza inóspita e contra as dificuldades do trabalho, do que alguém diretamente envolvido no processo de colonização?

Tendo em vista a São Caetano de 1966, onde centenas de chaminés e edifícios haviam substituído a floresta, os brejos e os caminhos barrentos de antigamente, dona Beppa concluiu que todos os sacrifícios dos primeiros colonos valeram a pena. Comentou que, além de terem vencido a luta pela sobrevivência, os imigrantes lan-

Francisco Marinotti: espírito empresarial e paixão pelo futebol

Narciso FERRARI (*)

çaram as bases do desenvolvimento mais tarde atingido pela cidade. *Todo o trabalho, toda a luta desenvolvida pelos fundadores para vencer, para sobreviver e para implantar o progresso, foi acompanhada, em todos os segundos, pela dedicação, pelo trabalho e pelo amor das mulheres e esposas,* ressaltou a filha de imigrantes.

HOMENAGEM - Em Maio de 1966, mais especificamente no Dia das Mães, Josefina Moretti Lorenzini foi homenageada por ser a mãe mais antiga da cidade, motivo pelo qual recebeu honrarias e foi alvo de reportagens do *Jornal de São Caetano*. Era também considerada a mais velha filha de fundadores ainda viva.

Talvez a maior alegria de dona Beppa, muito mais importante do que qualquer homenagem, foi ter constituído uma grande família com o esposo Pedro José Lorenzini. De fato, tiveram 11 filhos: Jacob João Lorenzini, primeiro vice-prefeito da cidade; Santina; Maria; Tereza; Hugo; Frugoli; Celestina; Escolástica; Edna; Joaquina e Anacleto (esses dois últimos precocemente). Durante a entrevista, dona Beppa, aproximando-se ternamente do esposo, fazia questão de afirmar, muitas vezes, que estavam casados há 65 anos.

Francisco Marinotti nasceu em São Caetano do Sul, na Rua Rio Grande do Sul, ao lado esquerdo do necrotério do Hospital São Caetano, em 27 de Outubro de 1912. Faleceu em 23 de Outubro de 1988. Filho de João e Maria Mutton Marinotti, imigrantes italianos que vieram de Treviso, em 1897, teve cinco irmãos: Anita, Ângelo, Elvira, Antonieta e Hermínio. Casou-se em 29 de Outubro de 1947 com Nair Scarpetti Marinotti. Do enlace resultaram dois filhos: Miriam e Luiz. Desde então, residiu sempre à Rua Niterói, 48, nesta cidade.

EMPREENDIMENTOS - Na adolescência, foi trabalhar na Indústria de Pregos Sant'Ana Ltda., posteriormente passando à Light & Power Co.Lt. e à General Motors do Brasil S/A. Simultaneamente, na Rua Rio Grande do Sul, onde nasceu, abriu um açougue, tendo trabalhado ali por pouco tempo.

No início da década de 1940, fundou uma sociedade cuja razão social era Saviolli & Marinotti Ltda. O sócio, Alesemico Saviolli – conhecido como Bizueta –, era seu colega de jogos de futebol e companheiro no ramo de fabricação de estatuetas de barro, à Avenida Goiás, fundos, esquina com a Rua Manoel Coelho, pois seus pais e tios eram proprietários de toda aquela quadra de terreno. Com a saída do sócio, em 1943, Francisco Marinotti conti-



nuou no ramo, juntamente com os irmãos Ângelo e Hermínio, mas o empreendimento passou a chamar-se F. Marinotti e Irmãos. O negócio permaneceu no mesmo local, vendendo seus produtos a quermesses, parques de diversões e para todo o interior paulista. Em 1957, Marinotti adquiriu, de Adelino Stefanini, uma vasta área, à Rua Justino Paixão, Bairro Cerâmica, para onde transferiu a indústria, cuja denominação passou a ser Cerâmica Marinotti S/A. O ramo também mudou: de figuras de barro passou para pastilhas esmaltadas.

Homem de espírito empreendedor, fundou a Marifran – Comércio e Administração S/A., no mesmo local. Em associação com a Construtora Lorenzini Ltda., ergueu vários edifícios na zona central da cidade. Fundou,

(*) Domingo Glenir Santarnecchi é jornalista, pesquisador da memória da cidade e autor da biografia do santo padroeiro, São Caetano di Thiene. É, também, apresentador do programa ABC Brasil, da TV São Caetano, Canal 45 UHF

em sociedade com Narciso Ferrari, uma distribuidora de títulos e valores mobiliários, cuja sede era na Praça Cardeal Arcoverde. Homem de visão, estava sempre pronto a atender os mais necessitados e, mesmo trabalhando com prejuízo na sua indústria, hesitava em fechá-la, pois achava que seus empregados, que trabalhavam ali há muito tempo, não encontrariam trabalho noutro lugar.

ESPORTE – Sua paixão era mesmo o futebol, embora seu pai fosse totalmente contra. Iniciou suas peladas onde trabalhava e, em 1930, com 18 anos, estreava no São Caetano Esporte Clube substituindo o titular Henrique Lorenzini. Jogador muito clássico, inteligente e rápido, foi atuar no Palestra Itália, hoje SE Palmeiras, permanecendo no Parque Antártica por dois anos como semiprofissional. Posteriormente, fez parte dos quadros do CA Ypiranga, do CA Juventus - ambos da capital - e do Guarani FC, de Campinas. Sempre como semiprofissional, o que era comum na época. Teve rápidas passagens pelo Brasil FC, do Bairro Fundação, pelo Suzano FC e pelo CA Flor do Mar, encerrando a carreira, no final de 1945, no clube do seu coração: o São Caetano EC.

Formado como técnico de futebol pela escola da Federação Paulista, dirigiu a equipe profissional do São Caetano EC nas temporadas de 1948/1950 e 1953 do campeonato da segunda divisão, conseguindo levar o clube a disputar as semifinais e sendo campeão dos grupos que disputava.

Atuando como técnico fez uma façanha. Em um jogo realizado pelo campeonato da segunda divisão de profissionais,



Francisco Marinotti e a esposa Nair Scarpetti Marinotti

em Indaiatuba, contra o Primavera local, Marinotti errou o caminho para a cidade e, quando chegou ao estádio, a partida estava no intervalo. O São Caetano perdia por 2 X 0.

O centroavante Oswaldo Screncsi, que era o mais experiente do time, foi quem dirigiu no primeiro tempo. No vestiário, Marinotti chamou-o e disse-lhe: O time vai continuar jogando como você orientou, entretanto, se até os dez minutos não alterarmos o marcador, jogaremos da forma como eu orientei. Assim ficou combinado entre ele, o técnico e os jogadores e, para surpresa geral, o São Caetano EC venceu por 3 X 2.

Gostava tanto de futebol que adquiriu um sítio, no quilômetro 28 da Via Anchieta, e fez questão de construir um campo – em dimensões menores -, a fim de reunir os amigos e especialmente os veteranos do São Caetano EC para jogar às quartas-feiras à tarde e aos sábados. Chegava a reunir, às vezes, cerca de 40 atletas.

Exerceu a função de técnico do São Caetano Esporte Clube por verdadeira paixão e por gostar demais da agremiação. Nada recebia e, ao contrário, dava di-

neiro do bolso para gratificar os jogadores. Além disso, empregava os atletas em sua fábrica. Chegou mesmo a ser convidado, pelo amigo Joseph Fuchs, quando este era diretor do SC Corinthians Paulista, a dirigir as equipes menores do time de Parque São Jorge. Recusou.

Foi diretor do São Caetano EC e um dos responsáveis pela construção da Praça de Esportes, situada na Rua Ceará, 393. Ajudou financeiramente o seu clube de coração, o São Caetano EC, a Associação Comercial e o Cruzada Esportes (para a aquisição das sedes próprias, respectivamente às ruas Rio Grande do Sul e Manoel Coelho), o Externato Santo Antônio e a Paróquia Sagrada Família.

Francisco Marinotti, homem humilde, sério, modesto, sempre dizia que a esposa, Nair Scarpetti Marinotti, colaborara decisivamente para o seu sucesso, sentindo muito o seu falecimento, ocorrido em 18 de Janeiro de 1985.

(*) *Narciso Ferrari, ex-presidente do São Caetano Esporte Clube*

Othoniel Brandão Costa (Toti): uma vida dedicada a combater o crime.

No dia 25 de Janeiro de 1968, a Câmara Municipal de São Caetano do Sul, através do vereador Sebastião Laureano dos Santos (Decreto Legislativo nº 011/68), concedeu o título de Cidadão sul-sancaetanense a Othoniel Brandão Costa, popularmente conhecido como Toti, pelos relevantes serviços prestados ao estado e ao município. Na justificativa desta honraria, os elogios a Toti remontam à década de 40, quando este migrante baiano, nascido em Jacobina, em 1930, chegou a São Caetano do Sul, precisamente em 1946, aos 16 anos de idade, e empregou-se como trabalhador nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Depois passou para a Aços Villares, transferindo-se em seguida à CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos), até que finalmente iniciou brilhante e corajosa carreira de investigador policial na capital de São Paulo.

Othoniel Brandão Costa, o Toti, ingressou na polícia em 1952, tendo como chefe o delegado Coriolano Nogueira Cobra e, até o final da década de 60, tornou-se o maior caçador de bandidos do Estado de São Paulo. Em 1957, indicado por um colega de trabalho, foi transferido para a 2ª Delegacia Auxiliar, trabalhando com o delegado Nemr Jorge. Um ano lá, um ano no Serviço Especial de Menores, um ano e meio novamente na Delegacia de Roubos, um ano na chefia do Departamento de Investigações e sete anos na 1ª Delegacia Auxiliar fizeram de Toti um dos

Othoniel Brandão Costa
"TOTI"
O INÍMIGO NÚMERO UM DOS BANDIDOS



Biografia de Othoniel Brandão Costa (Toti), publicada na Revista Vanguarda Policial em 1969

Em 1969, no ano de 1968, Othoniel Brandão Costa, conhecido como Toti, foi indicado para a Delegacia Auxiliar de São Paulo, tendo como chefe o delegado Coriolano Nogueira Cobra e, até o final da década de 60, tornou-se o maior caçador de bandidos do Estado de São Paulo.

Em 1957, indicado por um colega de trabalho, foi transferido para a 2ª Delegacia Auxiliar, trabalhando com o delegado Nemr Jorge. Um ano lá, um ano no Serviço Especial de Menores, um ano e meio novamente na Delegacia de Roubos, um ano na chefia do Departamento de Investigações e sete anos na 1ª Delegacia Auxiliar fizeram de Toti um dos

mais experientes investigadores de polícia, conhecido e respeitado pelos paulistas.

Em 1967, foi cumprimentado pelo governador do Estado, Abreu Sodré, após libertar dois garotos raptados em São Paulo, crime esse que foi manchete nas revistas e jornais do mundo inteiro. Esse fato aconteceu da seguinte forma: dois meninos haviam sido raptados e os bandidos exigiam dos pais grande soma em dinheiro para a devolução

dos mesmos. Sob as ordens de Nemr Jorge e Nerval Ferreira Braga Filho, Toti, com a cooperação dos colegas, e correndo risco de vida, localizou os marginais e, após cerrado tiroteio, conseguiu prendê-los. Os garotos foram salvos e o dinheiro do resgate foi recuperado. Nessa ocasião, por tal ato de bravura e coragem, foi Othoniel alvo dos maiores elogios por parte de superiores e colegas.

Antes da resolução desse se-

qüestro, em 1967, Toti havia participado, durante a década de 60, de outras investigações policiais de repercussão nacional. De fato, seu nome apareceu nas maiores revistas semanais da época, como *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Fatos e Fotos*, e na imprensa diária - *Última Hora*, *Diário de São Paulo*. Além disso, foi capa do extinto jornal regional *Folha Policial do ABCDMR*, nº 1, em Fevereiro de 1969.

Entre os episódios policiais que mais marcaram sua trajetória profissional, destacam-se: em 1957, desvendou o primeiro assalto a uma agência bancária, no Município de Osasco, e também um assalto contra a Companhia Vigor, em São Paulo; em 1960, desmantelou uma das mais perigosas quadrilhas de São Paulo, chefiada pelo bandido *Promesinha* e por seu cúmplice Jorginho; em 1961, Toti foi designado para prender dois bandidos brasileiros refugiados na Bolívia, onde se encontravam escondidos e respondiam a diversos processos movidos pela Justiça brasileira.

Foi por todos esses feitos que Othoniel Brandão Costa fez jus aos títulos e honras conseguidas



Flagrante da libertação de dois garotos seqüestrados em São Paulo. Toti é o policial do meio. Ano de 1967

Othoniel Brandão Costa



Toti, à esquerda, cumprimentado pelo governador Abreu Sodré

Othoniel Brandão Costa

por sua coragem e trabalho no perigoso ofício de investigador de polícia (*Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*).

Fontes:

- Revista Vanguarda Policial – 1969, composta por Artes Gráficas R. Zanetti
- Revista Combate ao Crime Ano X – Julho de 1967. Porto Alegre – R.S.
- Revista Machete nº 791 de 17 de Junho de 1967
- Revista O Cruzeiro nº 38 de 17 de Junho de 1967
- Revista Fatos e Fotos nº 333 de 17 de Junho de 1967
- Jornal Folha Policial do ABCDMR nº 1 de Fevereiro de 1969



Toti no jornal Folha Policial do ABCDMR, em Fevereiro de 1969

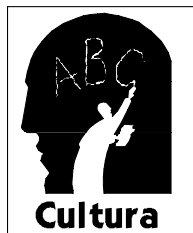
Othoniel Brandão Costa



Toti, em segundo plano, acompanhando o então governador Carvalho Pinto. Ano de 1962

Othoniel Brandão Costa

Sob o Signo da Espiral, Cleide Veronesi (1949-1987)



O título desta matéria sobre a obra literária de Cleide Veronesi é idêntico ao nome de um de seus contos, publicado na co-

letânea *Amordaçados*, coordenada por ela mesma, em 1985, e em que os autores apresentavam, na época, moderna perspectiva do novíssimo conto paulista. Esse livro foi apenas parte da obra de Cleide Veronesi em sua curta, mas profícua produção literária, que se estendia à poesia, ao teatro, e às colunas literárias publicadas nos jornais *São Paulo Zona Sul*, de São Paulo, e *A União de João Pessoa*, da Paraíba. Ainda faz parte de sua produção o livro de poesias *Cenas & Luzes*, de 1981, em parceria com Noel Sobrinho.

Cleide Veronesi, sancaetanense, nasceu em 19 de Novembro de 1949, descendente de antiga família local, que aqui chegou em 1913, sendo pioneira dos transportes coletivos na cidade. A trajetória de sua obra poética cruzava-se com uma participação efetiva de militante nos movimentos ecológicos, através de seu trabalho desenvolvido na Apedema (Assembléia Permanente das Entidades de Defesa do Meio Ambiente do Estado de São Paulo). Nas atividades em prol de escritores e poetas jovens que iniciavam a carreira no início da década de 80, Cleide Veronesi foi fundamental no apoio e coordenação através da editora Egus Assessoria Editorial, responsável pelo lançamento de centenas de novos poetas do Brasil, desde São Paulo até Rondônia. Em outras



Cleide Veronesi

instituições, o seu trabalho era reconhecido e elogiado pelos amigos, principalmente na UBE – União Brasileira de Escritores -, nas Bienais do Livro, no Festival Nacional das Mulheres nas Artes, e nas Feiras Culturais. Quanto aos grupos literários, sua presença foi marcante no Grupo Poeco-Só Poesia; Colégio Brasileiro de Poetas, em Mauá; Tuba Oficina; Oficina Literária do SESC - Carmo; entre outros.

Na realização da IX Bienal Internacional do Livro, em 1986, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, a presença dos artistas da região do ABC foi marcante no estande dos independentes, na Praça da Cultura, com a presença de vários escritores ligados ao Grupo Livrespaço de Poesia e Atrações Musicais. Nesse evento, Cleide Veronesi, como coordenadora dos autores independentes, apresentou vários músicos da região, como Edmundo Santos e Grupo, os alunos de violão de Nilce Libera Casella (que tiveram os poemas musicados), e o violonista Marcos Murilo. Em outro livro de contos,

Exóticos e Livres^[1], editado em 1986, Cleide Veronesi coordenou o trabalho de 17 escritores, escrevendo uma brilhante dedicatória: *A todos os que se empenham na reconstrução da vida livre em cada vez que o arbítrio se impõe ao Homem e à Sociedade Humana como um limite indesejado*.

Outra contribuição importante foi um texto publicado no *Caderno do Painei - Literatura no Crusp*. Ano V – nº 4 de 1985, com o título *O Brasil Social e Político no Romance dos Autores Alternativos*^[2], em que Cleide Veronesi analisa a obra de três romancistas alternativos: *Caminhos Sem Fim*, de Vasques Filho; *O Planeta do Silêncio*, de Anatole Ramos, e *Matadouro Humano*, de Reinaldo Cabral.

Nas palavras da própria Cleide, nessas obras o resultado do conjunto *nos coloca, imediatamente, na atualidade do momento da transição que vivemos neste findar da abominável ditadura (1985) que nos solapou as liberdades de decisão e participação direta em nossos interesses mais imediatos, já registrados nestas obras, desde antanho*. A autora conclui que ler os autores alternativos brasileiros ainda é gratificante pelo realismo da visão aplicada, o que enaltece a sensibilidade de nossos escritores.

Enfim, este foi um resumo do trabalho realizado por Cleide Veronesi. Procuramos reproduzir, neste artigo, uma pequena amostra dos contos, poesias e pensamentos da autora para análise dos contemporâneos e a fim de que São Caetano do Sul se orgulhe cada vez mais de sua poetisa, que nos deixou tão cedo.

Sob o signo da espiral ^[3]

Para as mulheres inalienáveis.

O ônibus saíra há algum tempo já. A janela semi-aberta descortinava o verde irregular da paisagem. Tudo passava lindo e sem importância. Jacyra refletia sobre os valores existenciais. Era uma quase mania, uma quase angústia a não fixação de valores em sua mente. Meditava. O vazio era grande para o seu porte mignon.

- Juca! ... Importante presença, de riso irreverente ... Marca acentuada do sempre desafio na vida dos dois...

Jacyra não compreendera o fim. Esperava que a cortesia do relacionamento o fizesse eterno. Nunca havia pensado em ficar sem Juca algum dia, tentava e não compreendia sua partida... Tentava encontrar motivos em si mesma e suspirava... despercebidamente quando pensava em seu abraço... seu membro ereto, desbravador... suas palavras meigas durante o ato sexual, ah!... precisava dessas palavras para sentir-se fêmea... mais, para sentir-se produtiva. Lembrava-se daquela vez que Jair entrara no quarto, e ouvindo seus gemidos de gozo, agredira Juca. Ele não sabia ainda o significado do êxtase viril, do delírio provocado pela excitação... e os tomara por maltratos!

Ah!... as crianças... elas estavam bem, não deveria preocupar-se com elas... afinal, Nilma sua irmã, apesar do temperamento explosivo, adorava os pequerruchos e os trataria

bem nesses poucos dias que passariam juntos.

Sim, as crianças eram pequenas demais para compreenderem que mamãe e papai não mais viveriam juntos. Uma pausa!... precisavam de uma pausa, antes do fim definitivo.

Jacyra se agarrava a essa idéia sem medir a inconsequência desse ato, talvez estivesse trabalhando demais... Também, pudera!... O dr. Elias aquele ser tão fleumático, exigia o máximo de todos os funcionários... parecia vê-lo, ali, impecável...

- D. Jacyra. O controle de média não veio...

- D. Jacyra, marcou reserva para o Seminário Nacional?

- D. Jacyra, apresse o papup, não posso esperar indefinidamente a nova embalagem de "X" ...

- D. Jacyra... D. Jacyra...

É, tinha uma vida agitada! Várias vezes tivera que desmarcar seu namoro com Juca num teatro, num jantar de confraternização. Juca... Sim, Juca!... Apesar de tudo, falaria com ele sobre a "pausa", ele aceitaria por certo. Mas, e se não aceitasse?... Teria que falar com ele... Teria que falar com ele sobre as crianças, a escola... Há quanto tempo não ia a uma reunião de Pais e Mestres? Bem, Marina cuidava disso muito bem. Sim, precisava aumentar o salário de Marina, mas isso poderia esperar. Esperar até quando?

Será que Juca levaria o car-

ro? Precisava pedir-lhe que não o levasse. Bem, depois acertaria isso...

Onde estariam seus cigarros?... Tinha necessidade deles. Puxa! Que distração... Não queria incomodar a vizinha de banco... Havia deixado a carteira completa na maleta, no bagageiro!...

Quando voltasse, mandaria consertar o portão e a campainha que os vândalos notívagos haviam destruído...

O que diria no escritório? Como justificaria, assim de repente, o rompimento? Felizmente, Cecília havia emprestado a chave de sua casa de campo. Precisava pensar... Pensar o quê, não sabia... não sabia por onde começar...

Viera mocinha para a cidade grande, cheia de sonhos e ilusões, mas quando conhecera Juca, naquela sexta-feira chuvosa, tudo se modificara...

Lembrava-se daquela noite em que Jair nascera, a emoção de Juca fora invulgar – maior do que quando nascera a pequena Júlia – contudo, ainda assim eram felizes...

Não, não podia acabar. Será que ele não entendia que não podia acabar? Tinha certeza de que não havia outra mulher na vida de Juca. Se houvesse, teria percebido... Teria?!

Parada para o cafezinho. Jacyra aproveitou-a para ir ao "toilette" e para apanhar os cigarros, acendeu um automaticamente, expirando a fumaça azulada como que a livrar-se de um peso.

Se precisasse, mandaria Júlia e Jair para a casa de sua mãe. Ela entenderia?!

Alugaria talvez uma "kith" bem iluminada, prática e funcional. Não! Tentaria não mudar nada, seguiria adiante a partir de então, continua a dizer

- Sim, Dr. Elias...

- Não, Dr. Elias...

Continua na mecânica do escritório, manteria Marina, seria a mãe carinhosa e liberal e atenta... seria tudo que necessário fosse...

Por que Juca não insinuara sua insatisfação antes? Era cruel romper assim repentinamente, nem sequer falara em dar um tempo, em reorganizar as coisas... Há quanto tempo não falavam exclusivamente de si mesmos? Seria tão solitário viver sem eles! Mas não, não o perderia tão simplesmente. Falaria com ele, cederia no que ele quisesse. Tentaria até o impossível a preservação, mas... seria válido? Ainda existiria amor no coração de Juca? Seria justo coagi-lo para ficar?

Sempre foram tão liberais, sem cobranças comportamentais... unidos e francos...

Todos esses valores tinham sido discutidos na última reunião dos casais – era um grupo heterogêneo o que ambos frequentavam – Cida e Gilberto, tão conservadores, Zuleica e Sérgio, tão superficiais e agressivos – tergiversavam acerca do menor motivo, Matilde e José, tão festivos e cordiais – davam um jeitinho pra tudo. – É, falar com Matilde poderia ser útil... Assim que chegasse, telefonar-

lhe-ia... Ela era tão tolerante... e compreensiva.

Pela janela, Jacyra avistara os anúncios que denunciavam o fim da viagem. Estava quase chegando àquele refúgio necessário.

A agonia das decisões gerava um vácuo interior, cobrava a si mesma uma consequência equilibrada. Sua atitude aleatória durante as duas horas de viagem, era um esforço para disfarçar a insegurança emocional em que vivia.

Inconscientemente, levantara-se antes da parada final do ônibus, segurando firmemente o livro de Simone de Beauvoir e a maleta, na mesma mão. Aproximara-se da porta de saída como se estivesse com pressa para chegar ao destino.

Sua vizinha de banco disse-lhe, discretamente, em voz monótona:

- Esqueceu seus óculos.

Jacyra surpreendeu-se com o ganido hermético de seu "muito obrigado". Era uma estranha para si mesma. Não, não estava calma, reconheceu. E, nervosamente, deu um sorriso desculpado e saiu, passos firmes, sem direção definida.

- Tudo aqui é estranho. – disse a si mesma.

- Um táxi. Sim, preciso de um táxi... Ah! Ali está um...

Apressadamente deu o endereço ao motorista e isolou-se no fundo do banco traseiro. Um muxoxo de criança reprimida aflorou-lhe a face, o olhar ausente ensimesmava a introspecção, a viagem ao interior de si, uma tentativa vã de se questionar claramente.

- Pronto. Cá estamos.

- Ah! Que casinha delicada! Cecília, percebe-se, é muito caprichosa. Deixou marcas de suas mãos por todos os cantos, nos menores detalhes... Mãos habilidosas as dela! – pensou.

Entretanto, Jacyra captou a luz e a sombra. A penumbra e o silêncio de reflexão. Suspirou, e concluiu quão bom era estar ali. Jogou a maleta sobre o divã e procurou o telefone. Contou até dez e discou o número de Matilde.

Tamborilava os dedos sobre a pequena mesa quando ouviu dizer alô. Era Matilde. Ouviu novamente o alô apressado e disse:

- Alô, aqui é Jacyra... preciso falar com você...

- Tudo bem, Jacyra... mas, me faz um favorzinho... liga daqui a uma hora, estou dando banho na Tutuca e tenho que pôr a torta no fogo antes do José chegar; o pessoal vem para cá jogar baralho e eu estou tanto atrasada com as coisas...tá, bem? – e ouviu ainda.

- Vocês vêm?

Mas sua mão, depositava já o telefone no gancho. Um ligeiro sentimento de inveja tomou corpo em seu âmago. Por que para ela e Juca, tudo não era tão simples e bom? ... Olhou a casa-silenciosa e tentou-se localizar. Tudo ali era novo, diferente, não-familiar, faltava o barulho das crianças, o ladrar de Pepita, a agitação do trânsito...

A ausência de objetos pessoais reconhecíveis, insinuava-lhe sua dependência da monogamia. Nunca antes tivera essa sensação praticamente! Tentou penetrar na intimidade do es-

paço, sentiu-o alheio, sentiu-se a invasora. Descobriu o quarto e num ímpeto incontrolável, atirou-se na cama e chorou... Sentiu pena de si mesma, ficou em estado de hibernação emocional longo período e explodiu... Levantou-se como um autômato, não desfez a maleta, apanhou o catálogo telefônico e chamou a Estação Rodoviária..

- Há ônibus dentro de meia hora...

Lavou o rosto, passou batom e saiu...

- Falarei com ele... cederei... Táxi... por favor, Estação Rodoviária, depressa... Ele me ouvirá... precisa ouvir a minha verdade... mais depressa, por favor... Onde estará ele? Irá jogar com o grupo?

- Não, não irei buscar as

crianças... darei folga à Marina...

- Guarde o troco... Tenho de encontrá-lo... Hoje, tem de ser hoje. Preciso saber o porquê, ele tem de me dizer...

- Passagem para São Paulo... Uma... Pedirei férias... Faremos uma longa viagem, só nós dois... Ele tem de aceitar... Dar uma chance...

- Com licença, meu lugar é...

Trilhas D'Uma Manhã de Sol [4]

encontro minha dimensão,
reminiscências,
neste som do amanhecer.
trilhas d'uma manhã de sol
invadem minha janela.
janela de sol
que ilumina os insetos,

em vôos esferoidais.
frescor verde e néctar de flor
à beira do caminho.
transcendentes transposições ocorrem
neste milagre eterno do existir
a nos dizer: - bom dia!

reflexão [5]

Luzes,
cores de um palco
vazio de emoções.
Passos vagos
de uma bailarina
anônima,
coberta de lantejoulas,
lantejoulas que
refletem o brilho
da solidão coletiva.
Meia noite...
Copos tilintando,
Sorrisos sem direção
perdem-se no éter
onde se perde
o fundo rouco
de uma voz musical.
Duas horas...
Desespero inconsciente

de nós,
todos,
quase todos,
nós...
Quatro horas...
Poemas pecaminosos.
Pecados ardentes
em bocas beijadas,
caladas,
deixadas para trás.
madrugar em corpo adulto,
adúltero,
profano,
amado,
devasso,
completo,
cansado,
bom dia.

Futurismo [6]

Os seres da Grande Era...
a Tecnologia, dona dos destinos
Criando bebês de proveta
E homens sem sonhos e sem rumo.

A vida, de máquinas e engrenagens, dona
A humanidade toda vai transformando
Em geração futurista de epsilon e gama

Da grande idade de motivação "SOMA".
Da cibernética à flor sintética
Em prazeres fúteis
E viagens inter-galáxias
A juventude
Quase velha e autômata
Canto da fonte e dos pássaros
Não ouvirá mais.

Mar de Avelino [7]

Cavalgar a Esperança
Dos sonhos reclusos,
Pelas madrugadas
Soltas,
Em luazes bêbados,
Excitando o sexo
Dionisíaco.
Lançar a cabeça
Em abandono, divagante...
No mar de Avelino,
Bem ali... na Praça
Roosevelt...

Sobre o túnel
Que abocanha a Augusta.

- Libertino o segredar
Das Vestais,
Que contracena
A hipocrisia! –
Caminhar... caminhar...
Deixar que o concreto fira
O olhar do transeunte
E agrida os céus
- linhas curvas e retas -

pela mão da Arquitetura,
e vislumbrar,
através do véu neblinoso,
o Marquês de Sade,
com seu bigode em riste,
desembainhar
um longo pênis,
feito espadachim altivo,
conclamando o povo
a procurar a razão
daquela árvore ser
tão ousadamente linda!

Pensamentos de Cleide Veronesi

"Se as migalhas são mais importantes que o pão,
há que se questionar o joio e o trigo".

"A imaginação excessivamente fértil de alguns,
se contrapõe à pobreza de espíritos de outros,
então, se unidos, gerarão o desequilíbrio certa-
mente".

"Às vezes, o silêncio, é a melhor arte".

"O comportamento humano, por mais estudado
que seja, será sempre indefinível no pré-julga-
mento, que por si só é errôneo no mais das vezes.
Como também é errôneo, o seu próprio estado de
ser, ainda que absoluto".

"Atire uma nesga de carne e verás que até o cão
bem alimentado brigará por ela".
(mesmo o com peadgree)

"Um ideal, talvez não possa se fundamentar ape-
nas na firmeza de caráter e no vigor do pensa-
mento mas poderá consolidar-se a partir de então
e ou objetivar tenazmente a ação que o atingirá".

"Nossa luta pela Cultura e Educação brasileira
pode ser feita em partes, o que é muito relativo,
mas nunca de negligências ou esquecimentos".

(Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural
da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

NOTAS –

[1] Exóticos e Livres – contos – por Cleide Veronesi e outros. 1986

[2] Caderno do Painei Literatura no Crusp. Ano V – NC94 – 1985. São Paulo.

[3] Amordaçados – Cleide Veronesi e outros – 1985 – Egus Assessoria Editorial

[4] Cenas e Luzes, por Cleide Veronesi e Noel Sobrinho – Grupo Poeco-Só, São Paulo – 1981

[5] Projeto Palavra – Espaço Livre –

Comissão Pró- formação da cooperativa dos escritores do ABC. Nº 0 – Ano I – 1980

[6] A Cigarra – Jornal Literário Alternativo nº 8.

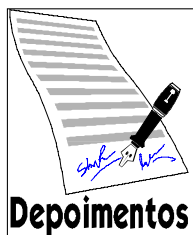
[7] Blanco, Avelino – Cinzento – Edições do Autor, São Paulo, 1986



Fundação Pró-Memória

Depoimento de Mauro Felipe Roveri à Fundação Pró-Memória no dia 14 de Fevereiro de 2001

Observações de Mauro Felipe Roveri a respeito de setenta anos de mudanças

**Depoimentos**

Mauro Felipe Roveri, bisneto de Filippo Roveri, um dos primeiros imigrantes italianos a chegar em São Caetano, nasceu em três de Novembro de 1919. Traz muito nítidos, na memória, episódios da infância, juventude e maturidade. Procura sempre falar do ambiente, ressaltando as mudanças ocorridas na cidade desde os anos 30 até hoje. Explica que a meninice foi muito boa, ainda que sem fartura. Também não foi opulenta a mocidade, mas dela recorda os bons momentos. Quando adulto, casado e com filhos, contou com o auxílio da esposa na luta diária contra as adversidades (sobretudo as enfrentadas na década de 40). De qualquer forma, destaca sempre as alegrias, tais como as proporcionadas pelos piqueniques anuais realizados em Santos. Naira Roveri, a companheira desde 1943, não só acrescenta informações ao depoimento do marido, mas também, trazendo à

tona as recordações mais antigas, enriquece o panorama de todo um período. A sucessão dos relatos não é linear, não obstante estar norteadas por três momentos pontuais da vida de Mauro Felipe Roveri: infância, juventude e maturidade. Por vezes, reminiscências dos tempos

de garoto conduzem a lembranças recentes. E vice-versa.

INFÂNCIA – *Lá na Vila Califórnia (...)* Inclusive, eu era menino, por volta de 1926 ou 1927 (...)
Ia ajudar meu pai na olaria (...) Acompanhava ele, porque ele tinha que passar a noite fazendo tijolos (...)
Tínhamos um colchão do lado (...) Dormíamos (...)
Eu fazia companhia (...) Eu era criança, mas ele achava que eu era ideal para ele (...)
Ia dormir ali, abastecia o forno (...) Quase que umas três ou quatro noites por semana (...)
Eu até que cozinhava um tijolinho bom (...) Era a época das olarias em São Caetano. Na verdade, já no tempo do Mosteiro de São Bento faziam-se tijolos. E escravos eram destinados a tal serviço. Houve interrupção, pois a ordem beneditina desfez-se das terras. Chegaram os colonos, em 1877 e, a princípio, tiveram necessidade de cultivar o solo. Na década de 20 e início dos anos 30, porém, o ofício de oleiro dava sustento para muitos habitantes do então Distrito de São Caetano (parte do Município de São Bernardo). *O pessoal de*



Mauro Felipe Roveri

Da esquerda para a direita: Joana Apolônio Roveri, tendo ao colo a sobrinha Inês Moreto, e Antônio Roveri Sobrinho

Santo André chamava a gente de tijoleiros (...) Aqui tinha olaria de monte (...) O Martorelli, o Braido, o meu pai, todo mundo fazia tijolo (...) Cada tijolo, rapaz (...) O tijolo ia para São Paulo, no Brás (...) Ia para todos os lados (...) Nas carroças, porque o trem não levava essas coisas pequenas.

Santo André e São Caetano, distritos de São Bernardo, começavam a atrair, graças à proximidade da estrada de ferro, mais atividades comerciais e, lentamente, industriais. No final dos anos 20, entretanto, o ambiente geral, inclusive nas regiões periféricas de São Paulo, era bucólico. Várzeas, ruas de terra, carroças, carros de boi. Automóveis eram raros. As distâncias tornavam-se enormes. *Eu morava na Rua Perrella, n.º 323, onde hoje é a sede do São Cristóvão (...) Era um terreno fundo, com uns 120 metros. Não era muito largo, porque estava dividido entre os vários familiares. Cada parte devia ter uns sete metros de largura (...) Quando eu era menino, levava o almoço para o meu*

pai (...) Pegava a cestinha e ia a pé (...) Para lá da Vila Califórnia, quase na Vila Prosperidade (...) Uma bruta caminhada (...) Não tinha condução (...) Era só mato (...) Depois, às duas horas da tarde, ia levar o café para ele (...) Então ficava lá (...) Gostava daquela vida (...) Enfim, não conhecia outra coisa.

A Estrada de Ferro São Paulo Railway (ainda não havia sido estatizada e transformada em Estrada de Ferro Santos – Jundiaí), fundamental para o progresso dos dois distritos, foi lembrada por Mauro Felipe Roveri como um local onde as crianças se divertiam. *Antigamente, a estrada de ferro não tinha cerca (...) Aí, a gente ia brincar nos vagões (...) Andávamos pelos trilhos (...) Não passavam mais de três trens por dia (...) As recordações de infância suscitaram-lhe reflexões maduras: Os trens paravam na estação (...) Naqueles anos, o transporte, como não havia esses caminhões de hoje em dia, era feito por ferrovia.*

Os garotos, além de perambular pelos trilhos da São Paulo Railway, pescavam, caçavam passarinhos, jogavam bola horas a fio. *Ia pescar, caçar passarinho (...) Até uma vez montei num cavalo e ele me derrubou (...) Não havia rádio, não havia carro (...) De noite, ficávamos na soleira da porta conversando, brincando, falando coisas (...) A gente jogava bola, no meio da rua, até às 11 horas da noite (...) Não passava carro (...) Ônibus, então!? (...) Tinha um ou outro que ia para a Vila Ressaca (...) Sabe onde era a Vila Ressaca? (...) Hoje é a Vila Paula! (atual Bairro Santa Paula) (...) Ia até lá, na Vila Monte Alegre e na Cerâmica (...) Um ou dois ônibus por dia. Nada mais (...) E eram pequenininhos (...) Seis pessoas dentro e acabou (...) Era tudo diferente, rapaz!*

As ruas, segundo o bisneto de imigrantes, eram iluminadas por lâmpadas pequenas, cuja luz tinha pouco alcance. Dentro das residências, havia energia elétrica. Mauro Felipe Roveri, ao comentar sobre isso, lembrou-se do que ouvia, dentro de casa, a respeito da época dos fundadores. *Antes de eu nascer não tinha luz elétrica (...) Veio depois (...) Os fundadores, para se encontrar de noite, tinham que se guiar pelo som do sino da Igreja (...) Alguém ia lá, batia o sino (...) Porque era só mato, não dava para ver nada (...) Não tinha luz (...) A turma ia pelo sino até se encontrar (...) Então se aglomeravam e conversavam (...) Assuntos deles (...)*

Ao completar oito anos de idade, Mauro Felipe Roveri entrou no Grupo Escolar Senador Fláquer. Frisou que as crianças só ingressavam na escola com essa idade, diferentemente de



Quarto ano, grau B, do Grupo Escolar Senador Fláquer. Da esquerda para a direita, primeira fila, de cima para baixo: professor Perrenoud, Homero Perrenoud, Vitorio Gava, Celidonio Garcia, Mauro Felipe Roveri, (?), Ettore Dal'Mas. Segunda fila: Losque Garcia, Carmine Perrella, Sebastião Gianotti, Aldo Cucatto, Antônio Barreira, Ângelo Trevisan, (?)Carbucci. Terceira

Fila: (?), José Lecio Dias, Domingo Prescinotti, (?), Néelson Flosi, Alcides Gonçalves, Oswaldo Lima Bisquolo. Quarta fila: (?), (?), (?), (?), Guido Tomasso, (?), (?), Luiz Perrella e Reinaldo Costa

hoje em dia. Também destacou a severidade do diretor do colégio. Aos 12 anos, repetiu o quarto ano do grupo. Um ano antes, começara a trabalhar. *Entre numa oficina de bicicletas (...)* *A oficina do Peruche (...)* *Ele era um cara trabalhador (...)* *Mas os patrões tratavam a criançada no tapa (...)* *Eram brutos, severos (...)* *"Faz isso, faz aquilo, faz aquilo outro!" (...)* *Mandavam catar lixo (...)* *Mandavam lavar banheiro (...)* *Mandavam fazer tudo (...)* *Era duro (...)* Em poucas palavras, definiu a época de garoto: *Não havia fartura, não existia dinheiro. Mas tive uma infância gostosa.*

JUVENTUDE – Nas décadas de 30 e 40, Mauro Felipe Roveri viveu os anos de mocidade. Contou em detalhes quais eram as distrações dos jovens. Lembrou-se de situações específicas da época, como o comércio nas vendas ou os banhos em chuveiro improvisado. O trabalho também esteve presente nas recordações.

As Lojas Pernambucanas (...) *Olha, uma das coisas mais velhas de São Caetano é as Pernambucanas (...)* *Foi mais ou menos o primeiro comércio da cidade (...)* *Não foi o primeiro, mas um dos primeiros que existem até hoje (...)* *Pois os outros foram sumindo (...)* *Antes por aqui eram tudo vendas (...)* *Júlio Marcucci, Artêmio Lorenzini, Mauro Perrella (...)* *Nos armazéns, as coisas eram vendidas por quilo (...)* *A gente não escolhia (...)* *Você ficava fora do balcão e falava: "Me dá um quilo de arroz" (...)* *Ele ia lá, pegava, embrulhava e te dava (...)* *O pão também era vendido por quilo (...)* *Não havia desses pãezinhos tipo francês (...)* *Ou era filão ou era almofadinha*



Quadrilha realizada no Externato Santo Antônio em 1965

Mauro Felipe Roveri

(...) *Tinha também a bengala (...)* *Parecida com a de hoje, mas um pouco mais grossa (...)* Naira Roveri complementou: *A mulherada fazia o pão, para a semana, em casa. Me lembro de que a minha mãe fazia o pão para oito dias (...)* *Tinha uma masseira grande (...)* *O pão era assado no forno a lenha.*

Todos os alimentos, em realidade, eram comprados dessa forma. Açúcar, feijão, sal e outros mantimentos chegavam às vendas em sacos de 60 quilos. Até mesmo produtos como a massa de tomate eram negociados por quilo. *Lembro-me de que, em 1944 ou 1945, eu ia na venda buscar massa de tomate (...)* *Não existiam latinhas (...)* *Era uma lata comprida, que ficava na venda, em que eles enfiavam uma colher e te davam uma ou duas colheradas de massa de tomate,* explicou Naira Roveri. De fato, embalagens de lata, comuns hoje em dia, não chegavam diretamente ao consumidor. *Não existiam esses óleos de lata (...)* *A gente cozinhava com toicinho (...)* *Fritando o toicinho, ele solta gordura, óleo, arrematou a esposa.*

Muitas outras comodidades atuais eram desconhecidas pelo jovem Mauro Felipe Roveri.

Água de torneira? Que nada, as mulheres iam lavar roupa no rio (...) *Chuveiro elétrico? Mas nem! (...)* *Só depois dos anos 50 que essas coisas começaram a vir para cá (...)* *A gente tomava banho uma vez por semana (...)* *Cada um se virava (...)* *Fazíamos um tambor em cima de quatro apoios (...)* *A altura era um pouco maior que a de um homem (...)* *A gente punha água no tambor (...)* *Tinha uma torneira nele (...)* *Depois, era abrir e pronto (...)* Naira Roveri ainda se recordou dos baciões, recipientes utilizados para o banho.

Se alguém ficasse doente, era preciso ir a São Paulo. Não existiam médicos, hospitais, e sequer um serviço de pronto-socorro funcionava em São Caetano. Se o caso não fosse grave, era possível recorrer à farmácia de José Paolone. *Não tinha médico por aqui (...)* *Nem hospital, nem pronto-socorro, nem nada,* refletiu Mauro Felipe Roveri. A esposa Naira interveio: *Tinha uma farmácia (...)* *Era a farmácia do Perrone (...)* *Era mesmo Perrone o nome dele? (...)* *O esposo lembrou: Paolone! Ele dava o remédio para a gente (...)* *Atendia muito bem (...)* *Tinha três ou quatro filhos (...)* *Um deles era farma-*

cêutico (na verdade, José Paolone, farmacêutico, chegou mesmo a formar-se em medicina. Eram quatro os seus filhos: Américo, Leônidas, Paschoal e Imbriani).

O Distrito de São Caetano, na visão do casal, era como uma pequena cidade do interior. Viam-se carros de boi, charretes, cavalos. Os fornos eram aquecidos com lenha e as pessoas criavam bichos nos quintais das casas. *São Caetano era interior puro! Antigamente, passavam os carros de boi para trazer ... sabe o quê? Lenha, feixinhos de lenha para poder cozinhar (...)* O fogão funcionava com lenha (...) *Depois passou para carvão (...)* O gás chegou mais tarde (...) *O pessoal criava galinha (...)* Gatos e cachorros tinha de monte (...) *Naira Roveri fez uma ressalva: Os pintinhos e as galinhas ficavam fechados (...)* Não era que nem nas novelas, tudo andando dentro de casa (...) *Não! Tinham o lugar deles (...)* No mais, lembrou Mauro Felipe Roveri, *tinha o Bar Americano, onde jogávamos bilhar (...)* As Casas Pernambucanas, ali vizinha (...) *O Carioca, aquela papelaria (...)* Era ali onde é a esquina das Casas Bahia (...) *Naira Roveri adicionou: Tinha também o que a gente chamava de carniceiro, que era o açougueiro que vendia na rua (...)* Pois é, emendou o marido, *o único açougue era o do Beppe Lorenzini, lá embaixo, na Rua 28 de Julho (...)* Então, o filho dele punha a carne na carrocinha e trazia.

O quadro bucólico dos anos 30 começava, aos poucos, a ser modificado pela chegada de indústrias. Os campos de várzea, por exemplo, davam lugar às instalações de empresas como a

Fábrica de Louças Adelinas. Mauro Felipe Roveri lembra-se de uma das primeiras, e mais importantes, fábricas de São Caetano: as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Esse grupo, porém, data de período anterior à década de 30. Em realidade, situa-se no cenário das olarias. *Indústrias havia (...)* Nos anos 30, várias delas tinham chegado (...) *Uma das mais antigas, que me lembro de quando eu era criança, era o Matarazzo (...)* Na verdade, o Matarazzo comprou o local de um sujeito chamado Mariano Pamplona (...) *Tava tudo entre italianos (...)*

O clima familiar dos colonos italianos se fazia presente até mesmo na paquera dos jovens descendentes. Reunidos na Rua Perrella, flertavam, cada grupo de um lado, e não demoravam muito para marcar encontro no cinema. Uma vez que todas as famílias eram conhecidas umas das outras, as investidas eram respeitosas e tímidas.

- *Eu morava lá perto do Cine Central (...)* Sabe aquele vaivém que os moços fazem hoje na Goiás? (...) *Fazíamos lá na Rua Perrella (...)* Era ali que o pessoal se conhecia (...) *Quantos casamentos saíram!*, recordou Mauro Roveri.

Naira Roveri, lembrando das sessões de cinema, comentou: *No cinema o pessoal também começava os namoros. Se conheciam no vaivém da Rua Perrella, nos bailes, e depois marcavam de ir ao cinema. Como ninguém era rico, os moços diziam assim: "Vai você na frente e guarda lugar para mim" (...)* Isso porque eles não tinham como pagar duas entradas (...) *O Mauro foi sempre desse jeito. Eu ia primeiro e guardava uma*

carteira. Pagava a minha entrada. Ele pagava a dele.

Os bailes, comentados de relance por Naira Roveri, aconteciam nos salões do São Caetano Esporte Clube. Mas não apenas aí. Os rapazes e moças chegavam mesmo a ir até Mauá para dançar. *A gente ia para os bailes, eu, o Mário Buratto, o Amílcar Romaldini (...)* Em Mauá! Já cheguei a ir até Mauá para dançar (...) *Em Utinga também (...)* A gente ia sempre de trem, ajuntou Mauro Felipe Roveri

O trabalho foi outro fator que muito marcou sua juventude. Desde cedo contribuiu para a renda da família. Após sair da bicicletaria do Peruche, foi aprender um ofício na fábrica de Matheus Constantino. *Quando fui trabalhar com o Matheus Constantino, aprendi o ofício de repuxador (...)* Sabe o que faz um repuxador? (...) *Faz, por exemplo, painéis (...)* Pega um pedaço de chapa, um disco, corta e vai puxando ele em um modelo de madeira (...) *Vai levando, vai levando, até formar o que você quiser (...)* Também trabalhei na Lorenzetti como repuxador (...) *Deixando essa atividade, passou a atuar como mecânico. Satisfeito com o novo ofício (o qual estudou durante um tempo), arrumou emprego na Laminação de Metais. Nessa função, também esteve na Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC). Em seguida, trabalhou, por conta própria, durante oito anos. Terminado o negócio, empregou-se nas Bombas Weiser, aí ficando por nove anos. Trabalhei em vários lugares, Laminação de Metais, CBC (...)* Até na General Motors (...) *Só saí das Bombas Weiser porque o Wilton, meu filho, disse assim: "Sai de lá pai, vem tra-*

balhar comigo" (...) Mas não deu certo (...) Aí o outro meu filho, que já morreu, me arrumou trabalho na Basf (...) Fiquei 12 anos nessa firma.

MATURIDADE – Todos os anos de trabalho, até à aposentadoria, evidentemente contribuíram para o amadurecimento de Mauro Felipe Roveri. O casamento, o nascimento dos filhos e as dificuldades enfrentadas quando os meninos ainda eram pequenos, todavia, são marcos mais distintos – esclarecedores – do início da maturidade do bisneto de imigrantes.

Aos 23 anos, casou-se com Naira Gonçalves. Conheceu-a quando, certa vez, dirigia-se ao clube Guarani, no Bairro Cerâmica, para dançar. Passou pela Avenida Roberto Simonsen, onde a moça morava. Avistaram-se. Gostaram um do outro. O namoro começou e, em 1943, casaram-se. Veio o primeiro filho, ainda na época da Segunda Guerra Mundial. Tempos de racionamento e dificuldades.

- *Foi o tempo da guerra (...) Quando eu casei, disse Naira Roveri, a gente não conseguia achar nem panela de alumínio (...) Tudo era revertido para a fabricação de armas (...) Não fabricavam nada de alumínio (...) Mauro Roveri adicionou: Latas de óleo (...) Eles aproveitavam tudo (...) O cobre substitua o alumínio.*

Os anos da Segunda Guerra Mundial foram de muita pobreza para os habitantes do distrito. O governo havia determinado que os alimentos seriam racionados. Formavam-se filas, nas portas das padarias, para a obtenção de 100 gramas de pão por pessoa. O dinheiro era pouco. Os salários eram baixos. Às vezes a gente não tinha o que



comer (...) Quer dizer, na minha casa com ele (o marido) não tinha, mas no meu pai tinha (...) Ele sempre teve muita sorte com empregos (...) Ganhava bem (...) Era eletricista dos bons (...) Lá havia comida (...)

Mauro Roveri não gosta muito de falar sobre esse tempo. Ainda assim, relatou: *Foi duro (...) Nossas crianças eram pequenininhas (...) Só depois dos anos 50 é que melhorou (...) A guerra acabou em 1945 (...) Apesar de tudo, eu nunca fiquei desempregado (...) Ganhava pouco, mas sempre trabalhei (...) Não existia dinheiro (...) Eu recebia uma mixaria por hora trabalhada (...) Em 1946, fui para a General Motors (...) Quando saí de lá, vim para a Metalúrgica São Francisco, que depois virou Coferraz (...) Hoje tá tudo fechado (...)*

Naira Roveri também contribuía para a renda familiar. Desde pequena, por necessidade, ajudava os pais trabalhando nas Indústrias Matarazzo. Depois de casada, a difícil situação não lhe permitiu parar. *Assim que saí do Matarazzo fui para o Aliberti (Fábrica de Botões Aliberti). Lá*

eu fazia botões de madrepérola. Cheguei a pegar esta fase. Só parei de trabalhar quando veio o segundo filho.

Com o fim da guerra, como sublinhou Mauro Felipe Roveri, a situação começou a melhorar. Não apenas a economia se recuperava, no contexto do País, mas o Distrito de São Caetano, então rebaixado, por uma série de modificações políticas, a subdistrito de Santo André, alcançou a autonomia em 1948. A década de 50 modificaria sensivelmente o recém-criado município.

Em 1948, depois da autonomia, aí que as coisas começaram a mudar (...) O transporte de ônibus melhorou e cresceu (...) Construíram o Viaduto dos Autonomistas (...) Até a televisão chegou (...) Para Mauro Felipe Roveri, tudo chegava ao mesmo tempo: a melhoria da própria condição financeira e o progresso da cidade.

O relato da boa época resgatou momentos alegres. Naira Roveri foi quem exclamou: *Tinha uma coisa que era muito boa (...) Todos os anos a Aliberti fazia um piquenique em Santos (...) Alugavam um trem*



Piquenique em Santos, promovido pelo IAL Club, em 1938, com o conjunto de jazz de Batista Negro

(...) *Era um trem que vinha especialmente para isso (...)* Mauro Felipe Roveri deu continuidade ao assunto abordado pela mulher: *Era um trem especial que vinha levar a gente (...)* *Íamos para a praia do José Menino (...)* *Antes, não havia prédios (...)* *Era só mato (...)* *A praia era limpa (...)* *Era saudável, gostoso (...)* *A única praia usada era essa, a do José Menino, porque nas outras nem se entrava (...)* *A praia do Gonzaga ? (...)* *Naquilo nem se falava (...)* *Era mato em cima de mato (...)*

Naira Roveri lembrou-se de um procedimento comum na época: *A gente não comprava maiô numa loja (...)* *Chegava lá e alugava (...)* *Usava, devolvia, outro ia e alugava (...)* *Mas não tinha doença (...)* Mauro Felipe Roveri continuou: *Tinha umas cabines, eles davam as chaves (...)* *Uma porção de cabines que comportavam duas ou três pessoas (...)* *De madeira, com portinhas (...)* *Perto da praia (...)* *Você ia lá, alugava uma cabine, pegava a chave (...)* *Dizia: "Me dá um maiô!" (...)* *Te davam (...)* *Você pagava, ficava com a chave e passava o dia lá.*

Mauro Felipe Roveri comen-

tou que as pessoas iam para a estação pegar o trem com destino a Santos por volta das sete horas da manhã. Eram nove vagões, agrupados de três em três. No alto da serra, havia uma parada. Três vagões desciam por meio de cabos de aço. Assim, três por vez, os compartimentos eram levados até Piaçaguera. Engatados os últimos, tomavam-se o rumo do litoral.

- *Era uma farra dentro do trem (...)* *Ele ia cheio, lotado (...)* *O caminho para Santos, na estrada de ferro, era a coisa mais linda (...)* *Selva, cachoeira (...)* *Na volta, a gente saía lá pelas cinco ou seis da tarde, e chegava aqui umas nove da noite.* Naira Roveri complementou as palavras do marido: *O pessoal vinha morto de cansaço (...)* *Todo mundo vermelho que nem pimentão.*

As modificações introduzidas a partir da emancipação, obviamente, não foram todas positivas. O crescimento constante da população destruiu o ambiente familiar que vigorava entre os habitantes nas décadas precedentes. Além disso, o progresso fez aumentar a criminalidade, praticamente exigindo a presença de policiais nas ruas.

Era gostoso (...) *Era familiar (...)* *Você tinha amizade com uma pessoa e sabia que ela era sincera (...)* *Hoje não (...)* *Hoje você vê alguém pela rua e se afasta, não quer nem saber (...)* *Antigamente, a gente não tinha medo das pessoas (...)* *Nem policial tinha aqui (...)* *De vez em quando vinha um guarda noturno aí (...)* *Nem sei quem pagava (...)* *A polícia só começou a chegar de verdade na época do Campanella (...)* *Mais para auxiliar o trânsito do que para outra coisa,* observou Mauro Roveri. *Antes só existiam os colonos (...)* *Os filhos de um casavam com os do outro (...)* *Depois é que começou a chegar gente de fora (...)* *Primeiro a gente saía na rua e conhecia todo mundo (...)* *Hoje é difícil achar um rosto conhecido,* adicionou Naira Roveri.

São Caetano do Sul, apesar das pequenas proporções, é uma das mais populosas cidades de São Paulo. Aos imigrantes europeus de fins do século XIX e início do XX juntaram-se os migrantes nordestinos de décadas mais recentes. O crescimento da população local foi vertiginoso em curto espaço de tempo, isto é, em menos de 50 anos. Tudo isso, com efeito, surpreendeu os antigos habitantes que, como Mauro e Naira Roveri, sempre fazem questão de ressaltar as profundas modificações ocorridas no município. Mauro Felipe Roveri, contudo, não se abala, e continua vivendo em ritmo próprio. *Espero que a conversa tenha sido útil (...)* *Agora vou me preparar para jogar bocha com os colegas* (Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul).

Histórias entre uma fotografia e um paletó

Antônio Carmona, espanhol, aos cinco anos de idade veio com a família para o Brasil. Juntamente com os pais - Baltazar Carmona e Águida Vaquero - e os irmãos - Baltazar, Ramon, José e Dolores -, dirigiu-se para o interior de São Paulo. Empregaram-se nas fazendas de café da região. Em 1925, Antônio Carmona, sozinho, veio para São Caetano, indo morar na Rua Amazonas. Nesse tempo, graças à ajuda do pai pôde abrir, em sociedade com um colega de fábrica, uma barbearia no local em que hoje está a Padaria Brasília (esquina das ruas Piauí e Amazonas).

Ao manusear algumas fotografias antigas que lhe foram mostradas, o espanhol demorou-se em um retrato do salão de barbeiro. Ao lado de um colega, fazia pose em frente à cadeira usada pelos fregueses. De imediato, teceu um comentário: *Nesse dia eu estava de luto. Usava uma camisa preta, por baixo do paletó, porque meu pai tinha morrido.* Assim deu início ao relato de suas memórias, da maneira como lhe vinham à mente - uma história evocando outra -, começando por um breve comentário sobre a chegada da família ao interior paulista (fato de que não se recordava muito bem, visto que era pequeno quando isso aconteceu) e um discurso mais detalhado de sua juventude em São Caetano.

Eu vim com cinco anos da Espanha (...) Viemos para o interior, para os lados de São Carlos, para plantar café, traba-



Antônio Carmona, à direita, na Barbearia Olinda, em 1927

Antônio Carmona

lhar na roça (...) E não tinha escolas (...) Mas eu vim para cá (São Caetano) e aprendi a ler um pouco (...) Havia muitos reclames no dorso dos bondes, e eu ia juntando uma letra e outra até formar o nome (...) Desse jeito comecei a ler e a escrever um pouco.

O novo conhecimento foi-lhe

muito útil para namorar. De fato, uma vez que a moça com que flertava era de Sorocaba, a comunicação só podia ser feita através de cartas. A primeira missiva foi escrita por um amigo, dada a timidez do namorado, porém, a partir da segunda: *Mas que! Tinha que falar para os outros o que eu falava para a minha namorada!? Não dá certo! Então me forcei e comecei. E a segunda carta eu mesmo escrevi.*

A maneira pela qual Antônio Carmona conheceu a futura esposa custou-lhe um pulso quebrado. *Aconteceu que uma mulher, que tinha uma escolinha, pediu para eu trocar uma lâmpada queimada (...) "Seo Antônio, quer consertar uma lâmpada aí pra gente?" (...) Eu fui, mas tive que subir numa daquelas coisas de dar aula... carteira! Mas isso não tem muita firmeza nos pés (...) Eu subi nela e ela entortou (...) Me machuquei*



Casamento de Antônio e Dolores Carmona, ano de 1927

Antônio Carmona

a munheca. Quebrou (...) E naquele tempo não tinha médicos aqui (...) Tinha uma senhora que "encanava" o quebrado com taquaras. Punha as taquaras em volta e emendava, enrolava bem, e ficava seguro. Impossibilitado de trabalhar, aproveitou para ir até a casa de um dos irmãos, em Sorocaba:

- Então fui na casa do meu irmão e a minha cunhada disse: "É, você tem que casar com a moça que tem aí, filha do vizinho da chácara. Ela se chama Dolores" (...) E insistiram tanto que eu fui lá e falei com ela (...) Falei com ela, mas não me declarei (...) Aí eu voltei pra cá. E pensei: "Agora só por carta!"

O namoro continuou assim, até quando os dois resolveram que era hora de casar. O futuro sogro, no entanto, não consentia com o matrimônio. O casal, dessa maneira, combinou de fugir. Antigamente se falava muito em fugir (...) Isso aí era quase comum. Meu irmão fugiu, minha cunhada fugiu, minha irmã fugiu (...) Se os pais não quisessem, a primeira coisa que o pessoal fazia era fugir. Depois acertava tudo, ia na igreja (...) Falei pra ela: "Olha, é bom a gente casar, porque eu tô sozinho e tal" (...)



Antônio Carmona no jardim de sua casa, na Rua Piauí, ano de 2001

"É", ela concordou, "então fala com o meu pai" (...) A gente foi falar, mas ele disse que não (...) Aí eu falei: "Ele não quer mesmo, então vamos fugir! À noite eu trago o carro aí" (...) Da estrada até a casa dela eram uns cem metros (...) "Eu pego o carro e te espero aí (...) De noite, assim que você for deitar, faz que vai fechar a porta mas não fecha. Aí você corre até o carro e a gente vai" (...) "É, tá bom", ela disse, "mas não tenho relógio" (...) Eu usava um daqueles relógios de colete, com corrente. "Então fica com o meu, porque eu não preciso. Às oito horas eu pego o carro e tô aqui" (...) A moça estava para receber o apa-

relho, quando o pai surgiu na porta. Chamou o rapaz: "Vem cá, vem", e levou-o para trás da casa. "Vocês tão pensando em alguma coisa? Vai me responder como homem ou não?" (...) Eu tinha 19 anos. "A gente tava preparando um negócio para ir embora" (...) Ele me pediu para responder como homem, então tinha que falar a verdade (...) "Então não vai não", foi a resposta. "Vocês vejam quando querem casar e pronto, finalizou o pai da moça.

O casamento foi marcado. Antônio Carmona levou a namorada na costureira, para fazer o vestido, e depois veio a São Paulo para comprar os demais apetrechos: grinalda, véu, sapato, etc. Em São Caetano, recebeu uma carta dizendo: O casamento não poderá acontecer no dia marcado, porque sua futura sogra não compareceu para assinar. O rapaz, fazendo-se de desentendido, retornou a Sorocaba no dia combinado. "Eu vim aqui para casar. Acertamos um prazo e ele se esgotou". O matrimônio foi realmente adiado, concretizando-se apenas no dia primeiro de Dezembro de 1927. Fomos ao cartório e depois é que fomos à igreja (...) De lá pegamos o trem, que vinha de Campo Grande, no Mato Grosso (...) Tava cheio de poeira, pois já viajava há cinco dias (...) E ela entrou, com o vestido todo branco, nesse trem, lembrou, sorrindo. Ao chegarmos aqui, tinham uns quatro ou cinco amigos meus, fregueses da barbearia, me esperando. Eles sabiam que eu ia chegar naquela hora e queriam me dar os parabéns.

Os quatro ou cinco colegas costumavam cortar o cabelo na Barbearia Olinda. O empreendimento, iniciado na década de



Antiga residência de Antônio Carmona, Rua Monte Alegre

1920, situava-se no Sacomã, em São Paulo. Posteriormente, foi deslocado para São Caetano, sendo instalado onde hoje está localizada a Padaria Brasília, na esquina das ruas Piauí e Amazonas. Antônio Carmona, logo quando chegou ao município, investiu dinheiro, em sociedade com um colega de firma, na abertura do negócio.

- *Eu tinha uns 17 ou 18 anos (...) Eu não tinha dinheiro, mas falei para o meu pai e ele me deu um dinheirinho que ele tinha lá, já velho, uma nota de 500 (réis). O rapaz que ia comigo pôs 300 (réis) e compramos uma barbearia lá no Sacomã (...) Depois, trouxemos para cá (...) Ficamos três meses juntos, em sociedade. De noite, eu pegava o último trem para ir para casa... (...) Separamos a sociedade (...) E tudo foi repartido na metade (...) Foi então que eu aluguei aí na esquina (atual Padaria Brasília) (...) Casei quando trabalhava aí (...) Conheci minha esposa na época em que era barbeiro.*

Antônio Carmona era o único barbeiro que cortava cabelo de mulheres. A filha Dolores, que acompanhava o pai na entrevista, interveio: *A mulher que queria cortar o cabelo "la garçone" tinha que pedir permissão ao marido.* A freguesia do cabeleireiro, contudo, não era formada apenas por senhoras ou senhoritas. Muitos rapazes e homens, da cidade ou dos arredores, freqüentavam o salão. *Eu tinha fregueses que vinham lá de Utinga (...) De outros lados também. Vinham sempre cortar o cabelo comigo.* Inclusive os empregados da General Motors – que, na década de 1920, chegava a São Caetano – eram assíduos visitantes do local. *Quando eu vim pa-*

ra cá, no 25 (1925), tavam construindo a Chevrolet (General Motors). Os pedreiros de lá eram meus fregueses. Vinham cortar a barba e o cabelo.

A indústria automobilística apenas despontava no ABC. Em realidade, somente na década de 1950, com o incentivo do governo, os automóveis começaram a tornar-se produtos mais comuns e acessíveis à população. Nos anos de 1920 e 1930, contudo, eram poucos os carros não só no ABC, mas em todo o País. Antônio Carmona, portanto, foi um dos pioneiros na condução de veículos na região, visto que tirou carta de motorista ainda no decênio de 1920.

- *Foi em São Bernardo. Fui lá e fiz o exame. Precisava de um carro, então aluguei um que tinha na estação (...) Fiz o exame e dei as explicações, que eram um pouco complicadas naquela época (...) Era para falar quantos tempos tem o motor (...) Primeiro, aspiração; segundo, compressão; terceiro, explosão; quarto escapamento! Ainda me lembro de alguma coisa!, comentou, surpreso e contente. Também me recordo de um episódio, em São Paulo (...) Eu não tinha carta e guiei um carro.*

Tinha um guarda de motocicleta que rodava na cidade (...) Um dia, eu vinha vindo da Vila Mariana, pela Lins de Vasconcelos, na direção do Largo do Cambuci. Quando cheguei ali é que avistei a motocicleta. Ele me parou. Digo: "Olha, não tenho carta". Lá fomos nós para a polícia (...) A delegacia ficava no centro (...) Bom, a multa foi paga e chamaram alguém para pegar o carro (...) Era um Ford (...) Lembro bem porque ele não tinha acumulador. Quando parava, a gente precisava girar uma manivela...

Automóveis são responsáveis por outros dois fatos marcantes da vida de Antônio Carmona. Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, o caminhão com que trabalhava (o espanhol também prestava serviços em um armazém de secos e molhados) foi requisitado pelas tropas paulistas. Resignado, levou o veículo até o quartel, localizado entre a Estação da Luz e o Jardim da Luz. Enquanto aguardava a hora de transportar os soldados, apareceu um oficial que o conhecia da barbearia. Perguntou-lhe o militar: *O que você está fazendo aqui?* Retrucou: *Vou embarcar*

Armazém de Secos e Molhados de Antônio Gatti, local em que Antônio Carmona trabalhou. À esquerda o caminhão que usava para fazer as entregas aos clientes do estabelecimento



Album de São Bernardo

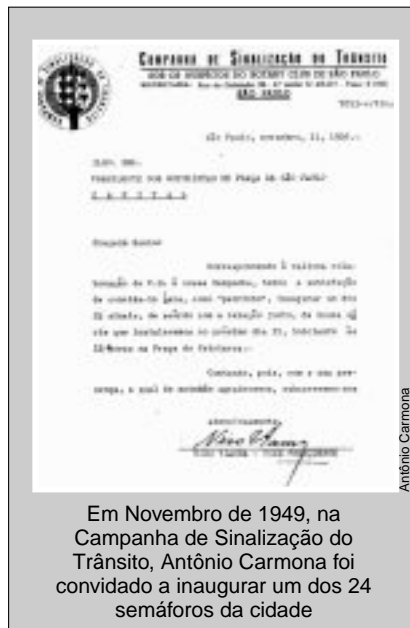
as tropas. A resposta veio de imediato: *Não vai não*. Tirando do bolso um bloco de notas, o policial escreveu: *Caminhão recusado por não estar em condições*. E acrescentou, dizendo: *Vai para casa, põe o caminhão no cavalete e fala que os pneus são ruins*.

Na década de 1940, Antônio Carmona tornou-se taxista. Trabalhou na Praça João Mendes por quase dez anos. *Não existiam pontos de táxi. Era uma confusão só. Então fizemos uma organização e nomeamos um coordenador (...)* *Eu era sempre escolhido para a coordenação (...)* *Foi aí que começaram a fazer os pontos de táxi (...)* *Eu fiz um livrinho explicando como os taxistas deveriam proceder no serviço (...)* *Distribuímos para todos os motoristas (...)* *Quando eles brigavam, por causa dos pontos ou dos clientes, eu ia ajudar a resolver a questão*. Ainda no tempo em que atuava como taxista, Antônio Carmona teve câncer na próstata. Mesmo tendo sido a doença extinguida, o médico solicitou os documentos necessários para aposentar o motorista (na ocasião, com 65 anos).

Mais recentemente, o imigrante europeu foi acometido por um novo mal que, por algum tempo, chegou a comprometer-lhe a memória. Ao olhar a fotografia de uma casa em que morou na Rua Monte Alegre, todas as dificuldades proporcionadas pela doença vieram-lhe à cabeça. *Essa casa (...)* *Quando eu fiquei doente, com falta de lembrar as coisas e tudo, lembrei dessa casa (...)* *Eu pensava que o hospital era a casa. E falava: "Quero descer pela escada que tem no cantinho". E me diziam: "Não tem escada aqui. O senhor*

subiu de elevador". Eu rebatia: "Não, tem sim. A escada é minha. Vocês me larguem, senão..." (...) *Bom, conclusão, eles me pegaram na marra, me deitaram numa cama, e me amarraram as pernas e os braços*.

A casa da Rua Monte Alegre foi apenas uma das residências em que Antônio Carmona morou. A primeira habitação foi na Rua Amazonas, em frente ao antigo Cine Primax, onde veio morar sozinho. Depois de casado,



mudou-se para o local em que funcionava a barbearia. Nesse tempo, também trabalhava em um armazém de secos e molhados, propriedade de Antônio Gatti, na Rua Piauí. *Eu tava trabalhando ali (...)* *Tinha o caminhão e eu entrava por uma porta para guardar ele (...)* *E aí trabalhei muito tempo (...)* *Uns cinco anos (...)* *Quando foi para sair, eu já havia conseguido me estabelecer com uma lojinha de fazendas e armarinhos (...)* *A patroa tomava conta da loja e eu trabalhava com o caminhão. E assim fomos crescendo, até que*

resolvi parar de trabalhar com o caminhão. Pedi para sair, porque tinha muito serviço na loja. O senhor Gatti disse: "Não, o senhor vai ficar mais dois anos aqui. E nós te daremos comissão de três por cento" (...) *Era um armazém grande, de secos e molhados, e três por cento já dava alguma coisinha. Nesses dois anos, então, eles fizeram o balanço: deu tres contos. Me deram mais do que o prometido, pois ganhei cinco contos. "Mais dois para você aumentar o estoque da loja", disse o "seo" Antônio (...)* *Olha, ele e o sócio, que era o dono do prédio, foram muito bons comigo*.

A residência da Rua Monte Alegre, que lhe veio à memória na oportunidade em que esteve doente, mais tarde foi cedida a uma das filhas. *Aí morou uma das minhas filhas. Foi lá com o marido, e eu dei prazo de um ano para eles guardarem dinheiro e se mudar*. Em realidade, Antônio Carmona adquiriu algumas propriedades e, para ampliar a renda, alugava-as. A moradia da Rua Monte Alegre era destinada a isso.

Se as fotografias apresentadas no começo da entrevista fizeram com que diversos episódios de sua vida aflorassem, o paletó que vestia acabou por ser o motivo do último comentário feito pelo espanhol. *Normalmente ando sempre de blusa. Mas hoje, procurando algumas roupas no armário, vi esse paletó. Puxa, ele tem 50 anos e eu nunca o usei... (...)* *Comprei lá na Ducal (...)* *Sabe aquela loja, no centro, que pegou fogo? Pois é, o paletó é de lá*. (Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

Família Toyoda e sua importância na indústria cerâmica

Mário Porfírio RODRIGUES (*)

A participação da colônia italiana no desenvolvimento de São Caetano é digna dos maiores louvores e, felizmente, os historiadores têm reconhecido e destacado sempre o valor dos oriundos de Treviso e Vittorio Veneto que aqui chegaram em 28 de Julho de 1877. Os marcantes acontecimentos de que foram protagonistas esses desbravadores circunscreveram-se, praticamente, à região que, dos trilhos da estrada de ferro São Paulo Railway, estendia-se para baixo, em direção ao Ipiranga.

Alguns anos depois foram chegando outras famílias, também provenientes da Europa, a maioria da Espanha, e se instalando no chamado Bairro Monte Alegre, acima da linha férrea, em direção a Santo André.

Em Dezembro de 1926 chegou a primeira família oriental, indo residir no cortiço da Rua São Paulo, 1056, Bairro Monte Alegre. Senjiro Toyoda, a esposa Shizue – grávida - e o filho Keigo vinham de Ribeirão Preto, onde ficaram um ano trabalhando na fazenda de café Boa Vista, da família Junqueira, na estação de Sarandi. Saíram da cidade de Kobe, Japão, em 18 de Junho de 1925, no navio Manila Maru, que chegou ao porto de Santos em 15 de Setembro de 1925.

A desonestidade do sócio de Senjiro, com quem tinha uma pequena metalúrgica, levou a empresa à falência. A esposa Shizue, enfermeira diplomada, passou a trabalhar em um hospital



Passaporte de Senjiro, Shizue e Keigo, com as anotações do ano de 1925

onde ouviu falar do Brasil. Em pouco tempo resolveram tentar a vida em um novo país.

Depois de procurar trabalho nas Indústrias Matarazzo, na Lapa, Senjiro conseguiu emprego na Fabrica de Louças Adelinas, propriedade de Manoel de Barros Loureiro. Os primeiros amigos da família oriental foram o casal Josefa e Cristóvão, proprietários do cortiço onde moravam; o vizinho Augusto e a esposa Margarida; o sr. Florêncio, dono do empório; Mariana, da loja de tecidos; Encarnación, da leiteria, e sua irmã, da padaria, ambas irmãs do conhecido industrial Antônio Caparrós Guevara.

DIFICULDADES - Senjiro e Shizue tinham dificuldades financeiras e de relacionamento com as demais pessoas, advindo essa situação da diferença entre o idioma por eles falado e o Português. Admitido para trabalhar no setor de química da Fábrica de Louças Adelinas, o japonês não tinha condições de ler e de se comunicar com os demais chefes e empregados, e por isso teve que trabalhar como operário braçal.

Shizue saía do seu minúsculo quarto e cozinha, procurava os vizinhos e achava que estava aprendendo a língua portuguesa mas, quando ia ao açougue ou ao empório, não era compreendida, pois as coisas que desejava comprar eram solicitadas com os nomes espanhóis que ouvia na vizinhança, e nem todos os comerciantes entendiam a mistura dos idiomas espanhol e japonês.

Em 22 de Abril de 1927 nasce a primeira nissei de São Caetano: Sumie. Transcorridos alguns meses, em 1928, um ano após chegarem a esta cidade, mudaram-se para a Rua Tupy (atual Rua Tenente Antônio João). Neste local Senjiro, em suas horas de des-



O imóvel nº 1.056 da Rua São Paulo, tendo à frente Sumie Toyoda

Família Toyoda

canso, constrói um pequeno forno e inicia a fabricação de estatuetas. Eram produzidas desde o final do dia até altas horas da noite.



O pai, Senjiro, o filho, Yeigo, e a esposa Shizue, segurando a filha Sumie, primeira nissei sancaetanese. Dia 15 de Agosto de 1927

Família Toyoda

Shizue produzia flores artificiais durante o dia e ainda terminava a fabricação das estatuetas que o esposo começava a produzir à noite. Era ela também que cuidava da comercialização, vendendo as flores e as estatuetas em feiras livres e pequenos estabelecimentos. As vendas começavam a ser feitas inclusive em São Paulo, graças à boa aceitação que as estatuetas tiveram no mercado. As entregas maiores eram feitas pelo sr. Lúcio, único taxista em São Caetano.

Senjiro conhece o sr. Senichi Hachiya, patrício da mesma cidade do Japão (cidade de Seto, de onde se origina a palavra setomono, que significa porcelana). Este seu novo amigo era proprietário de uma das empresas de maior expressão da época, *Hachiya, Irmãos & Cia. Ltda. Importação e Exportação*, com matriz no Rio de Janeiro e filial em São Paulo.

Quando visitou a pequena indústria do compatriota, o sr. Hachiya explicou-lhe que, para fornecer para atacadistas com caixeiros viajantes espalhados por todo o Brasil, seria necessário ter uma produção maior, e o forno existente não tinha capacidade para atender a essa demanda.

Atento aos comentários, em 1929 Senjiro muda-se para a Rua Maranhão, esquina com a Rua Amazonas, em imóvel de propriedade de Maximiliano Lorenzini. Nesse local constrói um forno maior, deixa a Fábrica de Louças Adelinas e dedica-se exclusivamente à sua indústria. A ampliação e o apoio dos amigos da Hachiya, Irmãos & Cia. Ltda. resultaram em significativo aumento de vendas. Em consequência, cresceu o número de operários e Senjiro chamou seu

irmão Minoru – que estava no Japão - para ajudar na condução da fábrica.

Poucos anos depois, Minoru casou-se com Fusae Iwasaki, fixou residência na Rua São Caetano, 50, e instalou uma fábrica nos mesmos moldes de Senjiro. O casal teve quatro filhos: Fumie, Akemi, Kengi e Hideo.

Os empregados da Cerâmica Toyoda eram tratados como membros da família. Em uma foto de 1932 aparecem Senjiro, Sumie, Shizue, Keigo, o irmão Minoru, recém-chegado do Japão, e os empregados Carlos Rosa, Guilherme, Petra, Feliciano, Izabel, Regina, Gregória, Ana e Urbana.

Em Dezembro de 1932, a família adquire o imóvel nº 106 da Rua Amazonas (atual nº 720) para construir sua fábrica, escritório e residência e registra sua firma na Junta Comercial do Estado de São Paulo sob o nº 58.551.

JAPONÊSES - O casal recebe a visita de outra família japonesa, de sobrenome Kato, residente em São Caetano. Em 1935, procedente do interior de São Paulo, transfere-se para São Caetano o sr. Manoru Iwasaki, que vem morar com o cunhado Minoru Toyoda. Um ano depois este novo sancaetanense casa-se com Tokiwa e fica residindo em nossa cidade, onde nascem seus filhos: Jorge, Riuji, Hiromi e Erina.

Nova família vem para São Caetano em 1936. Os Ozawas chegam para instalar aqui a primeira tinturaria e lavanderia. Senjiro e Shizue os acolhem e os auxiliam na procura de um local para residirem e se estabelecerem.

Os anos iam se passando, outras famílias orientais iam chegando, a colônia oriental aumentava e a pequena fábrica dos



Os Toyodas e seus empregados em frente ao forno da Cerâmica Toyoda. Dia 25 de Junho de 1932

Família Toyoda

Toyodas seguia seu rumo certo, graças à dedicação, ao entusiasmo, ao sacrifício e a muito trabalho dos seus proprietários. Em 1935, Senjiro julga que ele próprio e seus familiares já mereciam uma regalia e compra um automóvel usado.

Foi muito comentado pelos moradores de São Caetano *o carro de lata, com os cantos arredondados, que o japonês comprou*. Diferente de automóveis com teto de lona e de formato anguloso, o Chevrolet 1934 era a atração dos moradores e ficava estacionado em frente à fábrica de louça, na Rua Amazonas, 270. Ao que se sabe, até essa data somente existiam na cidade o táxi do sr. Lúcio e o velho ônibus do Galego. Alguns anos depois, na agência de automóveis da Avenida Rangel Pestana, Senjiro adquiriu um Chevrolet do ano 1937, *novinho em folha*.

Percebendo a importância e o futuro promissor dos seus empreendimentos, em Janeiro de 1936 a família viaja para o Japão. Durante a estada no país de origem, visitam parentes, amigos e inúmeras indústrias de porcelana. Tendo conseguido razoável estabilidade financeira, a primeira preocupação dos Toyodas foi pro-

curar os credores da pequena metalúrgica de que eram sócios - e que havia falido -, para pagar todas as dívidas deixadas em 1925, quando partiram para o Brasil.

Ao finalizarem a viagem, antes do regresso resolvem deixar Keigo no Japão, cursando a Escola Técnica Industrial da cidade de Tajimi, Província de Gifu, terra natal de Shizue. O filho fica hospedado na residência do tio materno, Yooji Mizuno, considerado um dos maiores técnicos em porcelana pela Nippon Tooki Kaisha, fabricante das louças Noritake, famosas no mundo inteiro. Keigo, então, recebe ensinamentos especiais, tanto na escola como com o tio, nas áreas de cerâmica e porcelana.

Em Dezembro de 1941, Kiyoshi Kawano, a esposa Akino e os filhos Paulo e Alberto estabelecem-se na Avenida Goiás, esquina com a Rua São Caetano, com uma fábrica de bonecas. Aqui tiveram, em 1944, outro filho: Toshio.

Pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, recebendo a sua convocação pelo Japão, Keigo regressa para o Brasil acompanhado pela avó Sueno, mãe de Senjiro. Coloca em prática o que aprendeu no



O automóvel de Senjiro Toyoda, estacionado em frente ao nº 270 da Rua Amazonas

país oriental, dedicando-se à área de criação - como a de novos estampas em gesso -, inovando em modelos e na forma de queima dos produtos.

Os modelos tradicionais de estatuetas recebem toques de novidades, leveza e arrojo, os rostos são mais finos, as mãos mais delicadas, as feições mais agradáveis. Os elefantes elevam o pé dianteiro e torcem a tromba para o alto. Antes estes detalhes seriam impossíveis de se imaginar nas técnicas tradicionais da época.

CASAMENTOS - Em 1940 chega do Japão Yanosuke Mizuno, irmão de Shizue, para ajudar na fábrica. No navio ficou conhecendo a família Ito, cuja filha mais velha, Etuko, em 1944 casou-se com Keigo. Foram seus padrinhos de casamento Akino e Kiyoshi Kawano. Keigo e Etuko tiveram duas filhas: Lumi e Emi.

Sumie, a primeira nissei nascida em São Caetano, casa-se em 1947 com Massumi Kohara. O casal teve dois filhos: Issao e Massaru. Issao é o primeiro sansei (terceira geração de japoneses) de São Caetano.

Transpondo inúmeros obstáculos, trabalhando muito, o casal de orientais que aqui chegou em Dezembro de 1926, agora com o filho e o genro dirigindo a indús-

tria por ele e esposa supervisionada, atravessava o melhor período da sua vida. Com uma chácara para recreio em Ribeirão Pires, Senjiro e Shizue cuidavam de jardinagem e também iam com muita frequência para São Vicente, Praia Grande e Guarujá (nas praias de Perequê e Tartarugas), onde gostavam muito de pescar. Senjiro ainda fundou e custeou um time de *baseball* em São Caetano e outro em Ribeirão Pires. As despesas corriam por sua conta.

Uma fatalidade surpreende a todos, em Outubro de 1948, ano em que o chefe da família sofre um derrame cerebral. A paralisa-



Shizue no setor de acabamento da Cerâmica Toyoda

ção do lado esquerdo do corpo melhora com tratamentos e fisioterapia, mas o braço esquerdo permanece imóvel. Durante os últimos quatro anos de vida atendeu ordem médica, vivendo à beira mar em São Vicente.

Viajou novamente com Shizue para o Japão, agora na esperança de encontrar melhora para a sua saúde, porém, o casal lutador não venceu essa batalha. O primeiro oriental que chegou a São Caetano, para colaborar no progresso da cidade, faleceu em 15 de Junho de 1952, rodeado de familiares, amigos e funcionários.

A sua marca, entretanto, ficou gravada em São Caetano do Sul. O fruto do seu trabalho cresceu e continuou colaborando com o progresso da localidade que adotou como sua. Além das atividades desenvolvidas pelas várias famílias que os Toyodas acolheram e ajudaram, a esposa Shizue, o filho e a filha continuaram dando contribuição valiosa para o engrandecimento do município.

A fábrica que Senjiro fundou continuou funcionando por muitos anos. Keigo participou de inúmeras entidades associativas e beneficentes. Além do clube de *baseball* que seu pai fundou, passou a integrar os quadros de sócios do primeiro Rotary Club da Cidade, do Clube de Xadrez, da Delegacia do Ciesp - Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, da Associação Comercial e Industrial e de outras entidades, sendo atuante em todas elas. Os netos prosseguem com esse mesmo trabalho, perpetuando o nome da primeira família oriental que chegou a São Caetano.

(* **Mário Porfírio Rodrigues** é fundador do Rotary Club de São Caetano do Sul, do Jornal de São Caetano, do Hospital Beneficente São Caetano e, atualmente, é membro do Rotary Club de São Paulo

Gisberto Grigoletto, falecido no dia 11 de Setembro de 1999, por muito tempo colaborou com a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Sua produção literária, em boa parte formada por crônicas, espelha os acontecimentos que viu sucederem-se na cidade ou simplesmente externa as impressões causadas por experiências vivenciadas. O dois últimos textos do autor – Manelão o lutador e Impressões de uma viagem à Itália –, publicados nesta edição, exemplificam bem os motivos que o levavam a escrever.

Manelão, o lutador

Gisberto GRIGOLETTO (*)



Morava no **B a i r r o** Monte Alegre, freqüentava a sede do clube, trabalhava nos fornos da Companhia Mecânica

Importadora. Homem simples, possuidor de um físico avantajado, bastante alto, mais ou menos um metro e noventa, todo músculos, com uma força fora do comum. Praticava os esportes condizentes com seu físico, isto é, levantamento de peso, braço de ferro, luta-livre. Treinava com os amigos. Ninguém o venciam.



Veza ou outra, aparecia, entre os torcedores dos clubes que vinham jogar futebol com o Monte Alegre, um ou outro valente com possibilidades de enfrentar o Manelão. Das apostas feitas entre os torcedores dos dois clubes, uma determinada porcentagem do seu valor total destinava-se ao vencedor. De todas quantas eu assisti, nunca vi o Manelão perder uma sequer. Em poucos minutos ele encostava os ombros do adversário na lona, vencendo a luta. Não raro, após a disputa, descia até a Companhia Mecânica Importadora para enfrentar o pesado trabalho e o calor dos fornos.

Impressões de uma viagem à Itália



Nós fizemos parte da viagem à Itália, Região Vêneta, de oito a 23 de Junho de 1990, organizada pelo Movimento da Região Vêneta no Mundo. Éramos 43 pessoas, entre as quais a Maria e

o Giuseppe, líderes do grupo. Em Milano, juntou-se ao grupo a guia local, dona Bianca, que nos acompanhou em todos os nossos passeios. Era uma senhora bastante simpática, comunicativa, pres-

tativa, principalmente nas ligações telefônicas entre Barbaranno e o Brasil.

Os nossos *capi del grupo*, o Giuseppe e a Maria, como também dona Bianca, não mediram

esforços para resolver os problemas que apareciam e procuraram ser úteis de todas as formas, a fim de que os seus *chefiados* pudessem usufruir ao máximo de todo o transcorrer da viagem. De nossa parte, deixamos aqui sinceros agradecimentos pelas atenções de que fomos alvo durante toda a viagem. Portanto, para o Giuseppe, para a Maria e para a dona Bianca, o nosso muito obrigado. Muito obrigado também para as funcionárias de Barbaranno que nos preparavam um bom desjejum e uma suculenta ceia, e, para o nosso motorista Carlo, um profissional cuidadoso, responsável, competente (não foram poucas as vezes em que o aplaudimos pelas suas manobras quase impossíveis). Com ele no volante, viajamos tranqüilos, despreocupados.

A viagem não poderia ter sido melhor, tanto pela acolhida em Barbaranno, como pelas acomodações e mesa farta que nos ofereceram. Bons e instrutivos foram os passeios pela região vêneta. As autoridades davam-nos as boas vindas de suas cidades e enalteciam o trabalho dos vênets nas demais regiões do mundo. As guias locais, bastante simpáticas, esforçavam-se para elucidar todos os pontos turísticos, tais como os edifícios seculares, as praças, os monumentos, as igrejas.

Ficamos muito emocionados quando, na Ponte de Bassano, ouvimos um grupo de *alpinos* entoando canções regionais, algumas das quais nossos pais cantavam.

Não nos cansávamos de apreciar, quando viajavamos, as planícies vênetas totalmente cultivadas, onde sobressaíam a uva, o trigo, o milho. As casas antigas, grandes, quadradas ou retangulares, com dois ou três andares, quase todas ornadas com flores.

Também nas cidades, as residências modernas ou antigas ostentam, em suas sacadas ou peitoris, caprichosos arranjos de flores, onde predomina a cor vermelha, cujo efeito visual é bastante agradável.

Durante esses passeios, observamos que, para facilitar o fluxo dos carros em todas as direções da localidade, ligam-se entre si todas as estradas, quer sejam as auto-estradas, quer sejam as municipais e vicinais, formando uma espécie de *teia de aranha*. As estradas, muito bem conservadas e profusamente sinalizadas, proporcionam ao motorista absoluta segurança no transporte de passageiros ou produtos da região.

Chamou-nos a atenção o inusitado das cidades muradas, entre elas Montagnana, com seus muros, suas torres, suas fortalezas. Também o Castelo de Monselice, com suas armas medievais, sua capela, seus salões nobres, seus magníficos quadros.

Também a Igreja Redonda, de Rovigo, onde não é possível ver as paredes internas, totalmente cobertas, até o teto, com pinturas e esculturas em mármore. Ainda em Rovigo, na Academia dei Concordi, fomos recebidos pelo presidente da entidade e pelo prefeito local.

Nessa Academia, em diversas salas, encontram-se expostos inúmeros quadros de famosos pintores da região. Belíssimos quadros, dignos de serem vistos e apreciados. O presidente da Academia, pessoa bastante culta e comunicativa, participou de nosso almoço, ao término do qual a comitiva cantou músicas brasileiras. Em seguida, ele entoou algumas canções italianas, em voz forte e melodiosa. Foi aplaudido de pé e cumprimentado por todos os presentes.

Estivemos também em Frata, visitando a Mansão Polidon. Em Treviso visitamos a imponente Catedral Duomo.

Que dizer de Veneza? É uma cidade única no mundo. A Ponte dos Suspiros, a Ponte Rialto, as demais pontes, ligando as margens. As lanchas, os motoretos, os barcos, as famosas gôndolas movimentando-se constantemente, por todas as direções, passam rentes aos antigos palácios que margeiam os canais, cujos edifícios, ainda hoje, conservam sua imponência, sua majestade, seu colorido.

Na outra parte, térrea, com seus prédios de cinco ou seis andares, erguendo-se quase encostados, formam-se inúmeras vielas, estreitas, de um metro e meio ou dois metros de largura, onde um vaivém contínuo de transeuntes, de todas as raças, parece procurar a entrada ou saída desse verdadeiro e fabuloso labirinto.

E Murano? Aquelas vitrines beirando o canal, caprichosamente decoradas, mostrando os cristais de fabricação local, nas mais diversas formas, tais como colares, copos, taças, adornos, aves, animais, todos no mais apurado e requintado bom gosto.

Em Vicenza, visitamos o Santuário da Madona de Monte Berrico. É uma Santa muito venerada, tal como Nossa Senhora Aparecida, aqui do Brasil. Tivemos a felicidade de assistir a uma missa e comungar nesse santuário.

Que dizer do Teatro Olímpico? Construção antiquíssima, fora de série, quer interna como externamente. Suas esculturas, seu jardim, seu palco (enorme) e sua geral formam um conjunto realmente impressionante. A praça, os prédios seculares, a Torre do Relógio, com 82 metros de altura,

são alguns dos pontos positivos de Vicenza.

Nos arredores da cidade, visitamos um museu onde estão expostos os mais rudimentares apetrechos manuais para o cultivo da terra. Hoje, parece impossível até mesmo imaginar que os homens conseguiam cultivar a terra servindo-se tão somente daqueles utensílios.

O Lago de Garda é bonito pela sua grandeza. De fato, um observador que se posta de um lado da margem não consegue ver o outro. O local é muito procurado pelos turistas, particularmente pelos europeus. Notamos muitos carros e ônibus da Áustria, Alemanha, França e Suíça.

As igrejas de Pádua? Uma, não me recordo o nome, com suas paredes internas totalmente (do piso ao teto) pintadas com afrescos. Outra, dos Eremitas, cuja particularidade é o teto. Ele é todo trabalhado em madeira de lei, representando um convés de navio antigo. Caso fosse possível inverter a posição da igreja, isto é, de cabeça para baixo, daria a impressão de estarmos em um navio (galera).

Como descrever a Igreja de Santo Antônio de Pádua? Não sabemos, não nos é possível. Notamos que é um templo suntuoso, bastante grande e alto, com diversas cúpulas. Se não nos enganamos, tem 12 colunas que sustentam a nave principal. No seu interior, possui muitos quadros, afrescos e esculturas representando cenas bíblicas. Nas laterais, alguns altares, todos belíssimos, onde se podem rezar, ao mesmo tempo, diversas missas. O altar principal é indiscritível pela sua grandiosidade.

Ainda em Pádua tivemos a oportunidade de visitar uma exposição de quadros de famosos

pintores holandeses. Esses quadros dão a impressão de que *fallam* com a gente.

O que podemos dizer de Verona? São duas cidades em uma só. Uma, moderna, com carros, indústrias, comércio intenso, alguns prédios antigos, a maioria novos. A outra é inversa, parece que o tempo parou. Todos os edifícios são antigos, imponentes, majestosos, com suas colunas, suas esculturas e trabalhos artesanais (hoje não mais se encontra quem os execute). Entre eles, se destaca o Anfiteatro Arena, cujas paredes formadas com grandes pedras sobrepostas, sem argamassa, erguem-se mais ou menos a 20 metros de altura. Internamente existem corredores sombrios, por onde transitavam os gladiadores ou as feras nas ocasiões de espetáculos. A arena propriamente dita tem a forma de concha e sua capacidade é para 30 mil pessoas.

Interessante é o monumento dedicado à Julieta. Os seus seios brilham de tanto serem tocados pelas mãos dos turistas, quando fotografados.

Estivemos em Feltre, cidade milenar, uma das mais antigas da Europa. Foi dominada por diversos povos: romanos, venezianos, teutos e até mesmo por Napoleão Bonaparte. Em uma de suas ruas, há placas de bronze informando os períodos de dominação, que remontam a alguns séculos antes de Cristo. Certos edifícios têm as paredes externas pintadas com afrescos. Convém notar que em um desses edifícios, com mais de cinco séculos, ainda residem familiares diretos dos primeiros moradores.

Em direção a Cortina, partindo de Beluno, onde pernoitamos, passamos por Langarone, cuja localidade, em Outubro de 1963, sofreu uma terrível tragédia. No

local onde existia a igreja antiga, construíram outra, moderna, toda de cimento. Em uma de suas dependências estão expostos destroços da igreja anterior, tais como: sinos quebrados, pedaços de imagens, de mármore, de ferro retorcido, etc. Fizemos uma oração mental em intenção dos mortos, cujos nomes constam nas placas de bronze colocadas nos corredores do templo.

Em Piave de Cadore passamos em frente à casa onde nasceu o pintor Tisiano. Em Misurina vimos o lago em que, no inverno, quando gelado, são realizadas competições de patinação. Em seguida fomos para Cortina. Infelizmente não visitamos a cidade. Estava chovendo e o tempo era curto.

Porém a viagem de Beluno a Cortina foi emocionante. A estrada, em todo o seu percurso, oferece espetáculos impressionantes. Ela vai subindo em ziguezague, ladeada por pinheiros altíssimos, permitindo que sejam vistos, lá em baixo, por muito tempo, o leito do Rio Piave e as montanhas Dolomitis que, altas, com suas escarpas nuas, rentes à estrada, produzem um efeito fora do comum para quem as avista pela primeira vez. Assim, as montanhas, os pinheiros, os abismos, as pontes e túneis, o leito de rio, as curvas, o ônibus ziguezagueando - vistos todos ao mesmo tempo - formam um quadro dantesco, maravilhoso, deslumbrante, que só pode avaliar e sentir aquele que faz parte desse conjunto, desse quadro.

(*) Gisberto Grigoletto nasceu em 1911, em Jaguari (atual Jaguariúna). Veio para São Caetano do Sul aos três anos de idade. Foi secretário e duas vezes presidente do Clube Esportivo Lazio, entre 1932 e 1936. Faleceu em 11 de Setembro de 1999

Caetano Grecco: 60 anos a serviço de São Caetano do Sul

Yolanda ASCENCIO (*)

Cypriano Grecco, nascido em 16 de Junho de 1890, na cidade de Nola (Província de Nápoli, Itália) e Amália Fideli, nascida em quatro de Fevereiro de 1894, na mesma cidade, casaram-se em 1919, embarcando, em seguida, para o Brasil, não como imigrantes, uma vez que o sr. Cypriano tinha profissão definida: montador de sapatos.

Chegando a São Paulo, o casal instalou-se no Bairro da Mooca (São Paulo - capital), na Rua Campos Sales, onde nasceram os seis filhos: Tereza, Francisco (falecido), Anita, Caetano (nosso entrevistado), Glória e Olga. Em 1933, a família Grecco mudou-se para São Caetano, onde nasceu a filha mais nova, Eunice.

Caetano, nascido em 19 de Setembro de 1926, quarto filho do casal, iniciou estudos no Grupo Escolar Romão Puigari, na Rua Rangel Pestana, em frente à Igreja Bom Jesus do Brás, e concluiu o curso primário no Grupo Escolar Senador Fláquer.

Chegando a São Caetano com apenas sete anos de idade, Caetano Grecco hoje declara: *Sou paulistano por nascimento, mas caetanense por convicção.*

FARMÁCIA - Em Abril de 1938, após completar o curso primário, o menino Caetano começou a trabalhar, como auxiliar, na Farmácia São Paulo, na Avenida Conde Francisco Matarazzo (antiga Rua São Caetano).



Caetano Grecco no Cartório de Registro Civil de São Caetano do Sul, Rua João Pessoa, 180. Ano de 1961

Caetano Grecco

Durante seis anos de trabalho, nessa farmácia, adquiriu, segundo ele, conhecimentos que lhe são úteis até hoje.

Com apenas 16 anos de idade, o jovem Caetano Grecco deixou a farmácia para prestar serviços, também como auxiliar, no Cartório de Registro Civil, no dia primeiro de Junho de 1944: *Deixei a farmácia, subi as escadas e já entrei no cartório*, disse ele.

Em Abril de 1948, passou a escrevente habilitado. Em 1953, começou a fazer casamentos. No dia dez de Outubro de 1961, Antônio Fláquer deixou o Car-

tório de Registro Civil de São Caetano do Sul para assumir o Cartório de Registro de Imóveis de Santo André. Foi, então, substituído por Waldomiro Borges Canto, tendo, como oficial maior, Otávio Tegão. Por essa época, Otávio Tegão já estava adoentado e, a conselho de Waldomiro Borges Canto, decidiu aposentar-se. Assim, em 1962, Caetano Grecco foi indicado para o cargo de oficial maior, por mérito. Em 1980, quando Waldomiro Borges Canto se aposentou, Caetano Grecco assumiu, interinamente, o cargo de escrivão.

Segundo a Constituição da época, o oficial maior que ocupasse o cargo por cinco anos ininterruptos teria direito ao posto de escrivão. Assim, por força da Constituição, Caetano Grecco tornou-se escrivão em 16 de Março de 1983, cargo no qual permaneceu até aposentar-se, em 19 de Setembro de 1996, com 70 anos de idade, após 52 anos, três meses e 18 dias de serviços prestados ao Cartório de Registro Civil de São Caetano do Sul, localizado na Rua Pará desde 1965.

Para sua grande satisfação, o sr. Caetano Grecco foi substituído, no cargo de escrivão, por seu filho, dr. Flávio José Grecco, jovem de 28 anos, advogado. Nas horas vagas, até como uma forma de não se afastar do trabalho em definitivo, o sr. Caetano continua dando cobertura ao filho.

FAMÍLIA – No dia oito de Dezembro de 1951, o sr. Caetano Grecco casou-se com Nair Durante, filha de Antônio Durante



Da esquerda para a direita: João Rela, juiz de casamento (falecido); Waldomiro Borges Couto, titular do cartório (falecido); padre José Leamberti (vigário da Paróquia Sagrada Família e atualmente bispo de Sorocaba); Caetano Grecco (oficial maior); Elizeu de Souza Rolim (escrevente); João Antônio O. do Carmo (escrevente) e Manoel Domingues da Silva (escrevente). Maio de 1965

(italiano) e Adelaide Vecchi (sancaetanense).

Segundo nosso entrevistado, a sra. Nair, sua esposa, tem grande habilidade para trabalhos manuais e, há 30 anos, é catequista na Paróquia São João Batista.



Caetano Grecco no Cartório da Rua João Pessoa. Ano de 1961

O casal Grecco tem três filhos: Caetano Grecco Filho (advogado e imobiliário), casado com Maria de Lourdes; Luiz Cypriano (advogado – autônomo), casado com Eliana; e Flávio José (advogado), casado com Eloína.

O sr. Caetano e dona Nair orgulham-se dos cinco netos: Felipe (18 anos), Tiago (17 anos), Mariana (11 anos), Bruno (dez anos) e Rafael (sete anos).

O sr. Caetano Grecco faz questão de declarar-se católico praticante. Aponta a família bem constituída como a base sólida da sociedade. Talvez por testemunhar 31 mil casamentos, afirma que as palavras *sim* e *não* são as mais breves e definitivas da linguagem humana.

(*) *Yolanda Ascencio, professora de línguas, pedagoga, escritora, advogada. Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo*

A fábrica de brinquedos de Ignácio Del Rey

Mário DEL REY (*)

Neste artigo vou traçar sucin-
tamente, em conjunto com a
biografia de Ignácio Del Rey, a
história de uma das primeiras fá-
bricas de brinquedos do ABC.

Em 1943 foi fundada a Indús-
tria Del Rey, na Rua Santa Cata-
rina, 254. Baseava-se na manufa-
tura de artefatos de madeira e
tornearia, tendo sido uma das
primeiras empresas da região a
confeccionar brinquedos e mate-
riais escolares. Entre os produtos
fabricados na época, destaca-
vam-se: caminhão tanque de ga-
solina; vaqueiro a cavalo com
movimento; carrinho de corrida;
berço-balanço; cavalo de balan-
ço; reco-reco; piões; jogo de pa-
ciência; e outros. Entre os anos
de 1943 e 1945, a firma progredi-
u bastante, chegando a vender
artigos para todo o Estado de São
Paulo. A partir de 1946, contudo,
começou a sofrer muita concorrência – e, portanto, enfrentou
problemas econômicos -, de mo-
do que encerrou as atividades um
ano depois.

A história da Indústria Del
Rey, na verdade, não se resume a
um parágrafo condensado sobre
o surgimento, o desenvolvimento
e o fim das atividades da empre-
sa. Em realidade, a trajetória da
Indústria Del Rey é o próprio
percurso de vida de seu funda-
dor, Ignácio Del Rey.

A família Del Rey é originá-
ria da Espanha, onde seus vários
componentes se destacaram nas
carreiras militar e artística. O ra-
mo familiar de Ignácio, desde o
século XVI (conforme o marquês

Inauguração, em
1956, da filial das
lojas Irmãos Del
Rey. Da esquerda
para a direita:
prefeito Anacleto
Campanello;
Ignácio Del Rey;
(?); (?); bispo
dom Jorge;
Francisco Del
Rey; vice-prefeito
Giacomo
Lorenzini



de Ciadoncha, *Rey de Armas* da
Espanha) esteve estabelecido em
diversos lugares da Província de
Salamanca. É dali que seu pai,
Santiago Del Rey Encinas, pas-
sando por dificuldades financei-
ras – como tantos outros imi-
grantes -, saiu em direção à
América

Ignácio Del Rey nasceu em



General dom Felix Maria Calleja del
Rey, vice-rei da Nova Espanha,
conde de Calderón

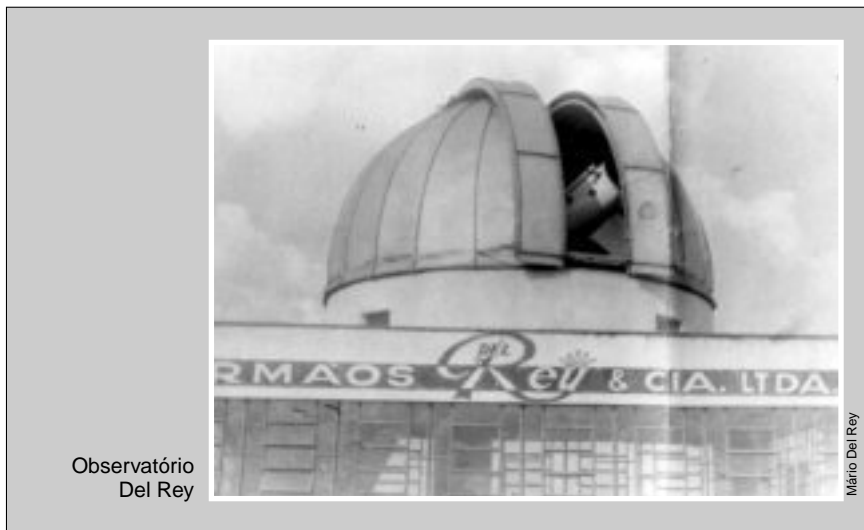
20 de Setembro de 1912, em
Mendoza, Argentina. Cinco anos
depois veio para São Caetano.
Os primeiros estudos fez em São
Paulo, no Liceu Coração de
Jesus. Faleceu no ano de 1969.

Em 1931, fundou seu primei-
ro estabelecimento comercial, o
Armazém Pega-Fogo, que se si-
tuava onde hoje é o cemitério do
Bairro Santa Paula. Em realida-
de, o Cemitério São Caetano foi
construído graças à desapropri-
ação de terrenos como o que abri-
gava o armazém. Ignácio Del
Rey, contudo, relutou em sair do
local, tanto que o negócio, por
um certo tempo, funcionou den-
tro do cemitério já terminado.

Um dos empreendimentos
que mais lhe deu destaque junto
à comunidade foi a empresa
Irmãos Del Rey & Cia Ltda., pri-
meira concessionária dos refrige-
radores Frigidaire para o ABC e
pioneira, em toda a região, no
sistema de vendas a crédito.
Além da Frigidaire, propriedade

da General Motors, a firma Irmãos Del Rey tornou-se representante exclusiva, em São Caetano e arredores, de marcas como Arno e outras hoje famosas. *A Arno começou conosco e conosco tornou-se famosa*, afirmou Ignácio Del Rey em entrevista concedida ao Jornal de São Caetano no dia 20 de Maio de 1967. O estabelecimento dos espanhóis também inovou ao lançar crediário para aparelhos de televisão. *No começo foi difícil, mas depois dos primeiros meses iniciou-se a febre de aquisição de televisores e nossa firma vendeu centenas e centenas de aparelhos, encorajando outras casas comerciais a investir em televisores*, disse Ignácio Del Rey à folha sancaetanense.

Em 1936, o filho de espanhóis obteve destaque por investir no ramo científico. Com efeito, nesse ano foi montado, no alto de um de seus edifícios, situado na Rua Baraldi, 883, um telescópio de 405 mm de diâmetro e 2520 mm de distância focal. Era, na época, o terceiro maior aparelho desse gênero no Brasil. O engenho serviu de apoio para a fundação da Associação de



Observatório Del Rey

Mário Del Rey



Cartão das lojas Irmãos Del Rey

Mário Del Rey

Amadores de Astronomia de São Caetano do Sul.

O telescópio foi muito útil à cidade. Inúmeros estudantes utilizaram-no para ver distintamente a Lua ou o planeta Marte. No ano de 1958, vale lembrar, quando Júpiter aproximou-se bastante da Terra, centenas de estudiosos dirigiram-se ao município a fim de observar o maior planeta do sistema solar. Completando as atividades do observatório astronômico, foram promovidas, em 1959, uma exposição da réplica do satélite norte-americano Vanguard e uma série de conferências sobre astronomia e astronáutica.

O Edifício Irmãos Del Rey, que abrigava o telescópio, foi apenas um dos erguidos por Ignácio e seus irmãos. Entre várias construções, destacam-se: prédio do IAPI (Instituto de Assistência Previdenciária dos Industriários), localizado entre a Rua Rio Grande do Sul e a Avenida Goiás; o Edifício Maria Helena Del Rey, ao lado do atual Vitória Hall; e o Edifício Mário Del Rey, na esquina das ruas Manoel Coelho e Niterói.

No tocante aos serviços prestados à sociedade local, o argentino – naturalizado brasileiro em



Indústria Del Rey, na Rua Santa Catarina

Mário Del Rey



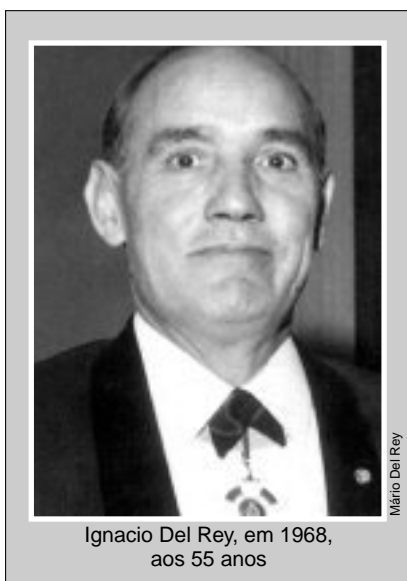
Brinquedo denominado caminhão-tanque

18 de Fevereiro de 1959 – participou de campanhas beneficentes como as da fundação do Hospital São Caetano (foi conselheiro da Sociedade Benéfica Hospital São Caetano), da Sociedade São Vicente de Paula e da Congregação Mariana da Paróquia Sagrada Família. Também esteve presente nas atividades do São Caetano Esporte Clube, do qual foi conselheiro. Pelos benefícios em prol do município recebeu, em 1964, a Medalha José Bonifácio de Andrada e Silva. No ano seguinte, graças ao bom conceito que gozava perante a comunidade, tornou-se membro da Ordem dos Cavaleiros da Concórdia (grupo espanhol existente desde o século XIII), tendo sido o primeiro comendador da instituição no ABC. Exerceu ainda algumas atividades que contribuíram para o progresso local: foi fotógrafo do Jornal de São Caetano, na década de 50, e integrante da Suplência do Conselho Fiscal do Banco Real de Progresso SA em 1966.

Como se vê, Ignácio Del Rey contribuiu de maneira relevante para o progresso da região. Desse modo, nesta invocação histórica de seu passado, desejo esboçar alguns traços essenciais de sua personalidade.



Brinquedo denominado vaqueiro a cavalo com movimento



Ignacio Del Rey, em 1968, aos 55 anos

Costumava usar pensamentos e frases nos diálogos com as mais diversas pessoas. Uma de suas preferidas era a célebre *Querer é poder*. Esse pensamento, aliás, desperta em mim certas recordações de infância, como por exemplo a imagem de meu pai chegando em casa, tirando o sapato e deixando ver a meia manchada de sangue, resultado das longas caminhadas que era obrigado a fazer como funcionário da Contra (após o fechamento da fábrica de brinquedos, em 1947, Ignácio Del Rey, em dificuldades financeiras, foi trabalhar como representante e distribuidor da Fábrica Contra Ltda., indústria que lidava com equipamentos para combater incêndios. Alguns anos depois, contudo, recuperou-se e, junto com o irmão Felipe, fundou a Irmãos Del Rey, revendedora da marca Frigidaire).

Respeitador, não fazia distinção de classe social. *Me queiras bem que não te custa nada*, dizia com frequência. Todos os anos, juntamente com os irmãos, colaborava com a campanha Natal das Crianças Pobres, a fim de presentear os filhos dos menos favorecidos. Do mesmo modo, sempre buscou ajudar os que passavam por problemas como enchentes, etc. Para os familiares, frisava: *Não façam aos outros o que não queres para ti*.

Finalmente, uma das características mais marcantes de seu espírito era a religiosidade. Quase sempre orava, em voz alta, antes de sair e ao voltar para casa. Esse era meu pai, homem cuja atuação em benefício do progresso de São Caetano foi relevante.

(*) Mário Del Rey é escritor, tradutor, advogado e mestrando em História na PUC - SP



Carlos Goto. Agosto de 2001



Flora Goto. Agosto de 2001

Teruo Fujita

Foto Americano marcou época no Bairro Fundação

O calendário pendurado na parede marcava o ano de 1925. Do porto de Osaka, no Japão, partiam os navios trazendo os imigrantes japoneses para o Brasil. Num deles estava o garoto de quatro anos, Risaburo Goto, que no Brasil passaria a ser conhecido como Carlos. E num segundo navio, uma menina de um ano, a Fukiko, que receberia o nome brasileiro de Flora.

Quis o destino que ambas as famílias fossem morar na cidade de Lins, no interior de São Paulo. Lá se conheceram, ficaram amigos e namoraram. Nessa cidade trabalharam na lavoura e, como o então jovem Goto nos contou, até os 19 anos vivia descalço, dentro da mata. Mas foi também lá no interior que o nosso Carlos aprendeu a profissão de tirar retratos.

Os jovens Carlos e Flora se casaram no dia primeiro de Julho de 1945 e vieram morar na capital de São Paulo. A experiência conquistada na área da fotografia



Fachada do Foto Americano. Em frente, Paulo (irmão de Carlos) e Tetsuo, o filho de cinco anos, no ano de 1955

Família Goto

permitiu que ele fosse trabalhar como empregado do Foto São João, em São Paulo, um estabelecimento comercial que possuía muitas filiais, como no Ipiranga, onde atuava.

Naquela época, o casal tinha um amigo em São Caetano e, como Carlos estava cansado de ser empregado, resolveu tentar a sorte, montando em um salão o seu estúdio fotográfico. Instalado na Rua Perrella, no Bairro Fundação, o estabelecimento ganhou o nome de *Americano*. A loja ficava no número 113, mas, depois, com a ampliação da rua, passou a ser o número 342. Nesse local Carlos ficou até se aposentar, no ano de 1982. Hoje as máquinas estão no museu da cidade.

O sr. Goto nos contou que fazia muitas ampliações no tamanho três por quatro. Eram fotos utilizadas para a confecção de carteiras para documentação dos funcionários da Indústria Matarazzo, que na época contava com mais de três mil trabalhadores. Esse pessoal passava todos dias na frente de seu estabelecimento e acabava escolhendo esse local para tirar as fotos.

Como seu estúdio tinha cenários com fundos para tirar foto,



Flagrante do jogo entre casados e solteiros realizado pela turma da Rua Perrella no Bairro Fundação. Trabalho de Risaboro Goto feito no ano de 1968

Família Goto

o local era o preferido das famílias. O Foto Americano também era muito procurado para reportagens de casamentos, batizados e demais festividades. Muitas competições esportivas amadoras, entre moradores, também eram alvo dos cliques do sr. Goto.

O casal de imigrantes japoneses morava na Rua Herculano de Freitas, 145, no Bairro Fundação. Eles tiveram três filhos. Como estão aposentados, se transferiram para o Bairro Boa Vista e só tiram fo-

tografias por brincadeira, só para lembranças.

RETOQUE - A família Goto é da época em que as fotos eram todas em preto e branco e só na base da aquarela e do pincelzinho, num trabalho manual e demorado, é que elas ganhavam cor. Por volta de 1960, quando o cliente escolhia fotos no tamanho seis por nove, ou maiores, ganhava uma cópia colorida, cuja unidade era retocada ainda no negativo.

Carlos Goto considera que era um tempo mais humano. Ele

contou que alguns vinham com problemas financeiros, não tinham dinheiro mas precisavam da foto, a fim de tirar documentos com objetivo de ir atrás de um emprego. Então não cobrava na hora. E após uns três meses eles vinham pagar a dívida e informar que haviam conseguido emprego.

Quem fosse procurar o Foto Americano saía com a foto e um conselho: Goto dizia para que não escolhessem emprego. Explicava que, no começo, o melhor é estar trabalhando. Depois haveria tempo para procurar coisa melhor.

Como fato curioso sobre os anos 60, citou que era comum naquela época a energia elétrica só aparecer por volta da hora do almoço. Como se vê, o apagão já existia e era geral, para tristeza de todos, pois sem dúvida prejudicava imensamente o trabalho e a vida das pessoas (*Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*).



Tetsuo e o pai, o fotógrafo Carlos, no Foto Americano. Ano de 1955

Fotógrafo Carlos e suas câmeras na época. Uma delas doadas ao museu da cidade

Família Goto



Família Goto

Recordações de uma lenda do Esporte

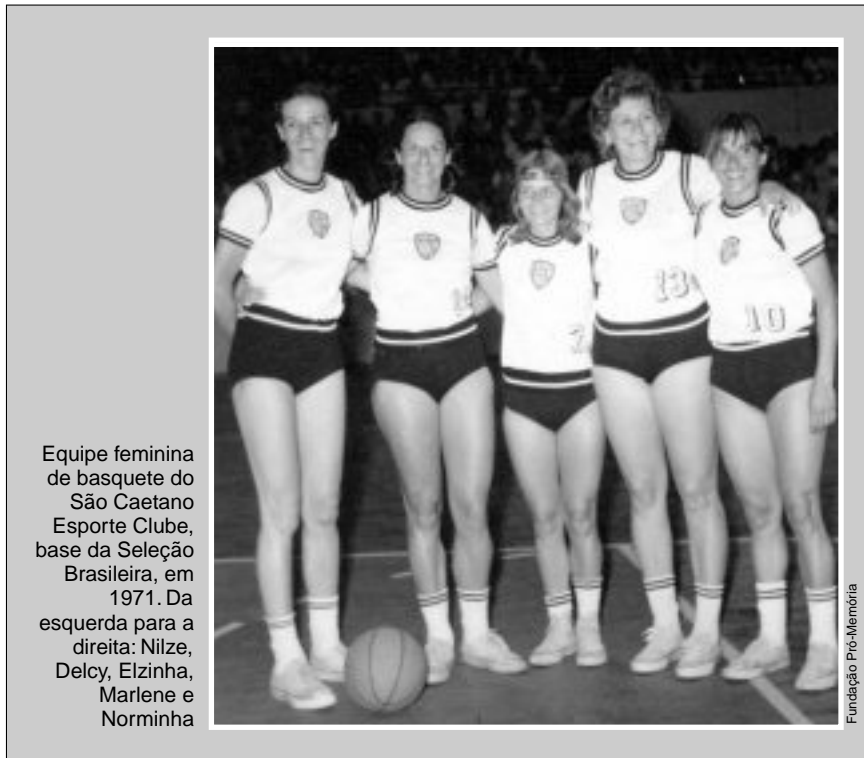
Alexandre Toler RUSSO (*)



Esporte

Norma Pinto de Oliveira – mais conhecida como Norminha –, uma das maiores jogadoras do basquete brasileiro

em todos os tempos, contribuiu muito para o desenvolvimento esportivo de São Caetano do Sul. Nascida em Buenos Aires, Argentina, em 13 de Maio de 1942, veio para o Brasil aos 11 anos de idade, tomando o rumo do interior paulista. *Fomos para Jacareí (...)* Depois para Porto Ferreira (...) Voltamos para Jacareí, e aí saí para jogar. Naturalizou-se brasileira somente quando foi convocada para defender a seleção nacional. A vinda para São Caetano aconteceu justamente quando já era atleta consagrada. Os clubes em que jogou, as dificuldades do amadorismo esportivo, a opinião abalizada a respeito dos rumos tomados pelo basquetebol no Brasil e o carinho



Equipe feminina de basquete do São Caetano Esporte Clube, base da Seleção Brasileira, em 1971. Da esquerda para a direita: Nilze, Delcy, Elzinha, Marlene e Norminha

Fundação Pró-Memória

especial pelo Município de São Caetano do Sul foram assuntos vivamente relatados pela ex-jogadora.

Desde pequena eu praticava esportes (...) Meu pai era boxeador e também corria (...) Minha mãe era tenista (...) Por

isso, sempre tive incentivo (...) Na Argentina, com quatro anos, eu já nadava (...) Depois viemos para cá (...) A família do meu pai é de Jacareí – aliás, ele é brasileiro –, e então ficamos nessa cidade. Foi no ginásio local que começou a jogar



Norma Pinto de Oliveira, a Norminha, em depoimento à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em 27 de Março de 2001

Fundação Pró-Memória

basquete. Os professores de Educação Física – Juvenal e Rudyl Soares - gostaram de seu desempenho e convidaram-na a participar, por Jacareí, dos Jogos do Vale do Paraíba. *Isso com uns 14 ou 15 anos.*

Logo em seguida fui jogar em São José dos Campos (...) Lá havia uma equipe feminina de basquete (...) Aí me viram. Nessa época, a cidade localizada no Vale do Paraíba participou do Torneio Última Hora. Orlando Valentim, técnico da Seleção Brasileira Feminina de Basquete, assistiu aos jogos. Procurou por Norminha. Ele me disse: *"Você vai para a Seleção Brasileira"*. A professora Rudyl Soares já lhe tinha dito isso antes. (...) *Isso foi tudo muito rápido (...) Com 16 anos, vim jogar pela Sociedade Esportiva e Recreativa Ipiranga (...) Ainda nesse ano, 1959, fui convocada para a seleção que ia aos Jogos Pan-Americanos de Chicago.* A primeira experiência no selecionado nacional não foi satisfatória. De fato, logo no início dos treinamentos a atleta foi cortada por não ser brasileira. *Descobriram que eu era argentina (...) Eu realmente não era naturalizada (...) Então tive que ser cortada.*

O processo de naturalização era demorado, no entanto, a Confederação Brasileira de Basquete providenciou a papelada em três meses. *Isso foi em 1960 (...) Eles tinham interesse (...) Era o Sul-Americano do Chile (...) Fui como décima segunda jogadora porque era a mais nova do grupo (...) Fui convocada aos 17 anos e fiquei até o fim da carreira (...) Entrei no segundo jogo e não saí nunca mais (...) Fui, inclusive, a revelação do Campeonato Sul-Americano (...) Joguei pela Seleção Brasileira durante 20 anos.*

CARREIRA – Quando começou a jogar pela Seleção Brasileira, Norminha ainda morava em Jacareí. Em 1960, ano em que foi convocada para o Sul-Americano do Chile, recebeu proposta do Clube Atlético Votorantim para ir jogar em Sorocaba. *Na metade de 1960, fui morar em Sorocaba e jogar no Votorantim (...) Fiquei lá por dois anos (...) E sempre jogando e estudando (...) A gente estudava, trabalhava e treinava.* Era secretária na Comissão Municipal de Esportes local. Não recebia nada para jogar. O clube apenas dava alimentação e moradia às atletas (as moças,

seis ou sete jogadoras, ficavam em uma república). *Eles davam alimentação e casa, mas cada uma tinha que se sustentar com o trabalho.*

Ao cabo de dois anos atuando pela agremiação sorocabana, foi-lhe feita proposta do Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro. *Lá no Rio também recebi um trabalho (...) Eu já era formada em Contabilidade (...) Porém entrei na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em Educação Física.* Inscreveu-se em dois cursos: Educação Física e Economia. A princípio, levou as duas faculdades, no entanto, acabou desistindo de Economia por não conseguir conciliar todas as atividades. *Cursei seis meses de Economia, mas dormia na classe (...) Por quê? Porque de manhã estudava na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha (...) Saía correndo e ia lá para a Praça Mauá, no Instituto Brasileiro do Café (...) Eu era auditora e ficava aí até às seis horas da tarde (...) Nos dias em que não treinava, ia para a Faculdade de Ciências Econômicas (...) E tudo em condução (...) Ônibus (...) Não agüentei.* Formou-se em Educação Física em 1967. No ano seguinte, veio para São Caetano do Sul.

Foi a época de ouro em São Caetano. Vieram sete jogadoras da Seleção Brasileira (...) O convite, aliás, chegou em hora oportuna (...) Meu pai estava doente e eu queria voltar para São Paulo (...) Estar mais próxima dele (...) Em realidade, no Rio eu já havia sido campeã de tudo (...) Aliás, fui até mesmo tricampeã de decatlo nos Jogos da Primavera. (Norminha, inclusive, é atleta



Norminha recebendo troféu das mãos do prefeito Oswaldo Samuel Massei. Na oportunidade, representava o Centro Interescolar Municipal Professora Alcina Dantas Feijão nos jogos comemorativos da Semana da Pátria. Ano de 1972

Fundação Pró-Memória

benemérita do Flamengo) (...) *Aí vim para São Caetano e joguei por vários clubes. Com efeito, após atuar pelas agremiações do Clube Atlético Monte Alegre, do São Caetano Esporte Clube e do Centro Recreativo Esportivo União Amigos de Vila Prosperidade, conquistando diversos títulos, encerrou a carreira na cidade (no final da década de 70). Passei por vários lugares, como o Monte Alegre, o São Caetano, o Vila Prosperidade, e ganhei todos os títulos possíveis (...) Encerrei minha carreira por volta de 1979.*

O tempo em que a desportista esteve na ativa correspondeu ao amadorismo do basquetebol brasileiro. Ao contrário de hoje em dia, quando grandes empresas patrocinam clubes e pagam jogadores para que se dediquem integralmente ao esporte, nos anos 60 e 70 os atletas recebiam apenas uma ajuda de custo (moradia, alimentação), sendo que precisavam trabalhar para o próprio sustento. Em São Caetano, as coisas não foram diferentes. Entretanto, a ex-jogadora fez questão de destacar o esforço de alguns diretores de clubes e homens de esporte da cidade, no intuito de proporcionar a melhor infra-estrutura possível para o bom desempenho das equipes.

- Tinha os diretores (...) Eles ajudavam muito (...) Me lembro do Cláudio Musumeci e de vários outros (...) Inclusive colocavam dinheiro do bolso (...) Quando viajávamos, a Prefeitura, às vezes, só podia ceder a perua e o motorista (...) Chegava no fim do jogo, não tinha verba, e os diretores, na medida de suas possibilidades,

Jogadoras do São Caetano Esporte Clube, que defenderam a Seleção Brasileira Feminina de Basquete em 1971, foram homenageadas no Ginásio de Esportes Lauro Gomes. Norminha postou-se à direita do prefeito Oswaldo Samuel Massei



Fundação Pró-Memória

davam um lanche ou uma pizza para nós.

A vida diária da ex-cestobolista em São Caetano do Sul era bastante ocupada. Ainda que lhe fossem dadas alimentação e moradia, precisava de mais de um emprego para poder equilibrar-se financeiramente. *Eu trabalhava no Alcina Dantas Feijão, além de ter serviços no Tatuapé e no Tucuruvi (...) Chegava a dar umas 50 aulas de Educação Física por semana (...) E tinha que treinar e jogar (...) O treino começava às oito da noite e ia até às onze e meia (...) Comíamos, no máximo, um sanduíche (...) Todo mundo arreventado de tanto trabalhar.*

Apesar dos sacrifícios, Norminha guarda muitas alegrias desse tempo. Titular da cadeira de Educação Física do Centro Interescolar Municipal Professora Alcina Dantas Feijão durante 12 anos, colecionou todos os títulos disputados na região. *Eu fui professora do Alcina por 12 anos e, nesse período, bate-mos todos os títulos possíveis e imagináveis (...) Meu colégio ganhava, além dos jogos coletivos e individuais, os títulos de melhor torcida, banda, etc. (...) Ganhávamos sempre os Jogos*

Escolares, que eram as Olimpíadas do Tijucussu (essa era a grafia utilizada pelo clube), promovidas pelo Tijucussu Clube e realizadas pelo Vítor Matsudo (então estudante de medicina).

Ao deixar o colégio Alcina Dantas Feijão, tornou-se diretora da Secretaria de Esportes de São Caetano do Sul. *Havia a Divisão de Esportes e a Divisão Social (...) Estive na Divisão de Esportes durante quatro anos (...) Fiz parte de muitos trabalhos apresentados ao MEC (Ministério de Educação e Cultura) (...) Junto com o Vítor Matsudo, com o pessoal que estudava (...) Com a turma do voleibol (...) Com o Carlos Boaventura (...) Tinha uma equipe fantástica (...) Então, em São Caetano eu fiz muita coisa, muita coisa mesmo.*

PROFISSIONALISMO – As equipes amadoras da cidade não resistiram à chegada do profissionalismo. Norminha, responsável pelas atividades esportivas em São Caetano, acompanhou de perto todo o processo e explicou como as coisas aconteceram.

- Em 1978, o profissionalismo começou a chegar através

do voleibol masculino (...) Apareceu aqui em São Caetano um senhor, vindo de Catanduva, e ofereceu mundos e fundos para as meninas do basquete (...) Ofereceu casa mobiliada, emprego para os familiares, faculdade (...) E o time de São Caetano foi diluindo (...) Não dava para segurar os atletas porque o dinheiro oferecido era muito alto (...) São Caetano não conseguia fazer frente ao profissionalismo.

De acordo com a ex-jogadora, equipes do interior começaram a contratar atletas dos mais diversos municípios (Santos, São Bernardo, Santo André, etc.). Proporcionaram-lhes, inclusive, infra-estrutura adequada para jogarem com tranqüilidade. *Elas tiveram ônibus! Minha nossa, a gente nem pensava nisso!* O interior, desse modo, passou a ser a região mais importante no que dizia respeito ao basquetebol. A capital tivera época áurea na década de 60, quando agremiações como Palmeiras, Corinthians, Pinheiros ou Sírio montaram fortes equipes. A falta de interesse das empresas em investir nos clubes, contudo, acabou por impedir o crescimento

do esporte. No interior, ao contrário, além da tradição dos Jogos Abertos, que tornavam mais populares modalidades como basquete e vôlei, as aplicações em patrocínio foram maiores. Sobre os Jogos Abertos do Interior, aliás, a ex-atleta comentou:

São Caetano ia com 400 pessoas, fora toda a parafernália. Ia cozinha, mordomo, não sei quê (...) São Caetano teve muitos títulos (...) No basquetebol feminino ganhamos todos (...) Mas era uma briga, porque São Caetano tinha cinco titulares e uma reserva da Seleção (...) Santo André tinha a outra metade (...) Piracicaba tinha um pouco (...) Desse jeito, todo mundo queria ganhar de nós (...) Nosso time titular era Marlene, Delcy, eu, Elzinha, Angelina, Odete e Rosália (esta última revesava com as demais jogadoras). Como se vê, a Seleção de São Caetano era a própria Seleção Brasileira Feminina de Basquete. Assim, o sucesso da cidade, em qualquer torneio, era garantido. As agremiações do município estavam entre as melhores do País. Não tinha para ninguém (...) Faturamos o Paulista, o

Brasileiro, o Sul-Americano de Clubes (...) Só não tivemos o Mundial de Clubes (...) Depois que chegamos, não deixamos ninguém ganhar.

Durante todo o tempo em que atuou, Norminha sempre foi amadora. Não há queixas. Pelo contrário, as lembranças da época são-lhe gratificantes. A comparação entre os esforços feitos em seu período e as facilidades do profissionalismo atual, no entanto, foi inevitável. *Não tive a felicidade de pegar o profissionalismo, ironizou. O amadorismo era assim: se não te dessem nada, ao menos davam algo coletivamente (...) Lugar para morar, alimentação (...) Aqui em São Caetano, morávamos na Rua Monte Alegre, perto do "Tobogã do Elefante" (Concha Acústica) (...) Era um apartamento com três quartos (...) Às vezes a gente almoçava no clube (no Clube Atlético Monte Alegre, quando defendia a agremiação) ou fazia compras (...) Eles davam moradia e alimentação, mas dinheiro a gente tinha que batalhar (...) E, aliás, toda vez que íamos jogar pela Seleção Brasileira, para se ter uma idéia, estávamos trabalhando na Prefeitura (...) Pedíamos licença, e a licença não vinha (...) Então sustavam nosso pagamento (...) No Mundial de 1971, ficamos três meses sem receber (...) E quase fomos exoneradas porque não veio nenhuma assistência do MEC (...) E todo mundo vendo a gente defender o Brasil (...) Estávamos trabalhando.*

Caso similar aconteceu quando Norminha ainda jogava no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que servia o selecionado nacional, prestava serviços ao Instituto Brasileiro do



Alunas do Centro Interescolar Municipal Professora Alcina Dantas Feijão, ao redor de Norminha, por ocasião da vitória nos jogos escolares da Semana da Pátria, em 1972

Fundação Pró-Memória

Café (IBC). Quando veio para São Paulo, descobriu que a instituição carioca, para justificar as ausências devido aos jogos, considerou as faltas como dispensas por doença. Para poder se aposentar, a professora de Educação Física precisou ir a Brasília.

Eu tive que ir a Brasília, você acredita? Isso para não perder tudo, pois, se é dispensa por doença, não se conta o tempo de serviço (...) Então eu tinha mais de dois anos de serviço que não seriam computados (...) Aí tive que arranjar todos os memorandos da Confederação, levar as datas e tal (...) Fui entregar tudo no Instituto Brasileiro do Café (...) Depois, quando fui me aposentar, tive que voltar ao Instituto (...) Estava extinto (...) Demorei seis meses para saber onde estava o arquivo morto (...) Estava no Ministério da Guerra (...) Vou te contar, não me arrependo de nada do que fiz, mas foi uma época muito sofrida (...). Norminha fez questão de ressaltar a ajuda que lhe prestou Norma Vaz, ex-jogadora da Seleção Brasileira Feminina de Voleibol, na época funcionária do IBC. Foi ela que localizou para mim onde estava o arquivo morto.

Sofrível, do mesmo modo, era a infra-estrutura por trás dos clubes brasileiros. Raríssimas eram as vezes em que as atletas, quando viajavam pelo País, ficavam alojadas em hotéis. Via de regra, abrigavam-se sob as arquibancadas dos ginásios. *Não havia comida especializada e tampouco assistência médica regular. Não levávamos fisioterapeutas (...) Esporadicamente levávamos os médicos (...) A gente pegava*

Em Junho de 1971, as atletas da Seleção Brasileira Feminina de Basquete, residentes em São Caetano, foram homenageadas com um almoço na Indústria Brasinca. As atletas Delcy, Norminha, Marlene e Simone (depois se tornou cantora da Música Popular Brasileira) estão acompanhadas por funcionários da empresa



Fundação Pro-Memória

médicos de outras delegações se alguma jogadora se contundia (...) Essa é a nossa história (...) Agora vêm com esse papo-furado de "não posso comer isso", "não posso comer aquilo", "quero tanto para jogar" (...) E jogar, que é bom, nada.

Tão raras eram as estadias em hotéis, que Norminha surpreendeu-se quando recebeu a notícia de que, pela primeira vez, ficaria alojada em um estabelecimento de luxo. *A primeira vez que fiquei, assim, encantada, foi no Hotel Petrópolis, onde a gente treinou, para o Mundial, durante 60 dias (...) Quando me disseram que íamos ficar nesse hotel, pensei: "Nossa, será possível?" (...) Mas quando a gente viajava para o exterior com a Seleção, aí tudo bem, sempre ficávamos em hotéis (...) Porém eram lugares bem simples.*

O contraste entre os períodos anterior e posterior ao profissionalismo ficou bem claro quando a experiência como diretora da Federação Paulista de Basquete (FPB), entre 1990 e 1996, foi relatada. *Vou te contar! (...) Era um absurdo (...) Tinha atleta mirim ganhando três ou quatro mil dólares (...) O que é isso!? (...) O dólar es-*

tava a três por um (...) As mais velhas, mais badaladas, chegaram a fazer contratos de 500 mil dólares (...) Fora isso, pegavam nutricionistas, fisioterapeutas (...) O investimento de empresas como Nestlé e outros patrocinadores foi muito alto (...) Uma equipe de basquete custava um milhão de dólares.

Todavia, a ex-diretora da FPB frisou que os investidores não perderam dinheiro. De fato, usavam as maiores estrelas de seus times como garotas-propaganda em comerciais de televisão. Além disso, em dia de jogo o logotipo da empresa era mostrado de graça ao longo de toda a partida. *Imagine você quantas vezes não aparecia a marca "Leite Moça" num jogo de basquete de duas horas? Isso popularizava qualquer produto (...) A mídia é um ótimo recurso para a divulgação das coisas (...) Você não viu quantas vezes o logotipo do SBT apareceu na camisa do Vasco da Gama na final da João Havelange contra o São Caetano? Um monte!, arrematou, sarcasticamente.*

Outro ponto destoante entre amadores e profissionais era o relativo aos estudos. Norminha explicou que, em sua época, todos os atletas tinham que estu-

dar e trabalhar (ela própria formou-se em Contabilidade, Pedagogia e Educação Física), ao passo que, atualmente, os jogadores dedicam-se integralmente ao clube. *Hoje em dia, cá entre nós, o pessoal faz faculdade em cursos vagos (...) Muito sujeito conhecido jamais freqüentou uma aula de Educação Física, mas recebeu, no fim do curso, o diploma.*

Mesmo não tendo disponibilidade total para a prática esportiva, as jogadoras amadoras enfrentavam seleções profissionalizadas de igual para igual. Americanas, russas, búlgaras, japonesas, todas estavam garantidas por infra-estrutura adequada ao desenvolvimento esportivo. Além disso, os próprios selecionados sul-americanos eram bastante competitivos, de maneira que o destaque das brasileiras ganhou importância ainda maior.

- *A Rússia!? Elas foram por 20 anos campeãs mundiais de basquete (...) Saía uma mulher de 2,02m e entrava outra de 2,08m (...) E o nosso time era baixo (...) A mais alta, a Nilsa, tinha 1,81m (...) Depois vinha a Marlene, com 1,80m (...) Eu, com 1,69m (...) A Heleninha, com 1,60m (...) A Laís!? Daquele tamanho... (...) A Maria Helena, a Delcy, e outras (...) Mas sempre fomos páreo duro (...) Fomos bicampeãs pan-americanas (...) Jogamos contra as cubanas, que tinham um time fortíssimo (...) As canadenses, que Deus que me perdoe! (...) E as equipes sul-americanas eram sensacionais (...) Não era essa "baba" de hoje em dia (...) O Chile era um grande esquadrão, com jogadoras de alto nível, como por exemplo a Esmenea Pouchard*

(...) O Paraguai tinha a Edite Nuñez, jogadora com um senso de colocação fantástico (...) A Argentina era muito boa (...) O Peru também (...) Até a Bolívia era mais ou menos.

A transição do amadorismo para o profissionalismo, contudo, não foi brusca. Em realidade, houve jogadores que, mesmo não podendo legalmente receber salários, eram pagos na clandestinidade. Foi o que ficou conhecido como profissionalismo marrom. *Ninguém podia ganhar dinheiro (...) Se ganhasse, era profissional (...) Como aqui não tinha profissional... (...) Mas a gente sabia que corria dinheiro (...) Era o profissionalismo marrom.*

As moças da Seleção Brasileira, todavia, atuavam de graça e sequer era-lhes fornecido material especial para a prática do basquete. Em geral, usavam tênis Kichute, que diferia do usado pelos garotos nas pelejas de rua apenas por ser branco, ou All-Star (este calçado só era concedido quando as jogadoras ganhavam as partidas. Era um privilégio). Somente o uniforme era dado. *Na verdade, eles nos davam só o uniforme (...) Tênis? Não tinha essa de tênis para correr, tênis para isso ou para aquilo (...) Era um "Kichute" ou um "All-Star" (...) O uniforme nos entregavam em cima da hora. Eu usava 42 e me davam 48 (...) Minha mãe, à meia-noite, tinha que ficar costurando a roupa.*

OPINIÃO – Norminha está convicta de que o Esporte é o fator que mais destaca os países no mundo. Além disso, ressalta também o caráter social das atividades esportivas, que proporcionam ocupação saudável a pessoas de todas as idades.

Citando algumas das medidas que tomou em prol do desenvolvimento esportivo de São Caetano, quando trabalhava na Prefeitura do município, a professora traçou um paralelo entre a real importância da prática desportiva e a atenção que lhe é dispensada pelas autoridades brasileiras.

- *Eu procurei ajudar como pude (...) No período em que estava em São Caetano, cedi o Estádio Lauro Gomes para que ali fossem ministradas aulas da FEC (Faculdade de Educação e Cultura). Mas, na verdade, o governo, no geral, não ajuda muito (...) Por exemplo, na época do Mário Covas praticamente foram abolidas as aulas de Educação Física nas escolas (...) Agora tá voltando (...) Mas a gente não tem segurança (...) Olha, dão pouca importância para o Esporte (...) A bem da verdade, se você for ver, os grandes países do mundo destacam-se pelas atividades esportivas (...) Rússia, Alemanha, Cuba, Canadá e até mesmo os Estados Unidos (...) São estruturas em que você tem educação e, automaticamente, as pessoas praticam diversas modalidades (...) Aqui, nossos governantes, em vez de incentivar, roubam (...) Nos EUA, para se ter uma idéia, o atleta, para poder competir, tem que estar cursando a graduação, pós-graduação ou o que seja. O estudo é uma condição para a prática esportiva (...) No Brasil, infelizmente, estamos longe disso.*

(*) Alexandre Toler Russo é jornalista

Araken Patusca: um gênio sagrado do futebol

José Odair da SILVA (*)

Em 1912, o futebol da cidade de Santos atravessava uma fase difícil, um período de desânimo e declínio. Os clubes que disputavam a primazia do esporte em Santos não existiam mais. O Clube Internacional desaparecera e o Americano, não tendo mais adversários, transferiu-se para São Paulo. Era o fim dos times mais tradicionais santistas. Alguns esportistas dedicados e entusiastas deram corpo à idéia de fundar um novo clube e recuperar o esporte na cidade. Em 14 de Abril, amantes do futebol santista compareceram à sede do Clube Concórdia para discutir a proposta. Estava nascendo o Santos FC e o seu primeiro presidente foi Sizino Patusca, pai de Araken Patusca (que se tornaria um dos mais completos jogadores do Brasil, comparado a Friedenreich, Leônidas da Silva, Garrincha e Pelé).

Araken Patusca nasceu em sete de Julho de 1905, na cidade de Santos. Com dez anos de idade já jogava no Infantil Miramar. No tempo de colégio mostrava muita habilidade com a bola. Estudou na escola Tarquino da Silva e, nos intervalos, era visto dando aulas de futebol para a garotada, que não se cansava de aplaudi-lo. Em 1917, disputou o Campeonato Infantil pelo Liceu Coração de Jesus e, em seguida, jogou no Mackenzie Colleege. Chegou ao Santos FC em 1921, na posição de meia-esquerda.

A diretoria do Santos FC não era favorável à contratação de Araken Patusca. Segundo os dirigentes, ele jamais poderia se adap-



Araken Patusca, aos 72 anos, aparece de palheta e bengala para lembrar a época romântica dos salões e campos de futebol. O flagrante, obra de Flávio Canalonga, data de 1987

tar à rudeza de treinamentos físicos ou suportar os beques que não eram nada técnicos. Havia um lugar em que Araken Patusca era muito conhecido: os salões de baile. Ele era um excelente dançarino de charleston, e as rádios e o teatro

eram ótimas diversões em 1921. Não havia profissionalismo e campos à beira das praias não faltavam. Mas Araken não deixava de acompanhar o time de seu coração, via de perto todos os jogos, e foi num desses jogos que apareceu sua grande oportunidade.

Em 1923, o Santos FC foi convidado para fazer um amistoso em Jundiaí, contra o Paulista. A delegação santista tinha apenas 11 jogadores, um diretor, uma pequena torcida e Araken. O jogo seria à tarde. A delegação almoçou e logo depois o ponta-esquerda Marcos, que era titular, teve uma indigestão e não pôde jogar. Como não havia reservas, a solução foi colocar Araken em campo. O time do Santos FC começou perdendo de 2X0, mas conseguiu empatar e virar o jogo. O resultado final foi 4X4, com quatro gols de Araken. O dançarino recusado pela diretoria havia dado a resposta com grande talento e estilo. Com apenas 17 anos, o garoto ágil impressionou a todos, começando uma carreira de glórias como titular do time principal.

No ano de 1925, foi cedido pelo Santos FC ao CA Paulistano, primeiro clube brasileiro a visitar a Europa. Foram dez partidas pela França, Suíça e Portugal. O resultado não poderia ter sido melhor: em 43 dias, nove vitórias e apenas uma derrota. Nessa excursão, os atletas do Paulistano receberam o título de *Reis do Futebol* e Araken recebeu da imprensa francesa o título de *Le Danger* (O Perigo). Araken lembra a sua emoção: *A emoção não foi tanto dentro do campo, foi mais no hotel onde es-*

távamos hospedados. O jogo era no domingo, e sábado à noite o presidente Antônio Prado Júnior anunciou quais seriam os jogadores que fariam a primeira partida. Meu nome estava incluído. Não só o meu, como o de muitos jogadores jovens entre 17 e 18 anos. Choramos por muito tempo, de alegria. Era uma sensação indescritível. Principalmente a minha, pois havia sido convidado para reforçar o time do Paulistano. Mais tarde, em 1945, publicou um livro intitulado *Os Reis do Futebol*, onde descreveu com detalhes o que foi a excursão do Paulistano na Europa. A primeira edição, de 3.500 exemplares, esgotou-se rapidamente.

O Santos FC de 1927 entrou para a história do futebol brasileiro. Surpreendeu a todos com a marcação de cem gols em apenas 16 jogos disputados, uma fantástica média de pouco mais de seis gols por partida. É bom que se diga que isso ocorreu não pela fragilidade de seus adversários. A explicação fica por conta da boa fase dos atacantes, principalmente Araken, que foi o artilheiro do campeonato com 31 tentos marcados em 16 partidas, uma boa média de quase dois gols por jogo. Omar, Camarão, Feitiço, Araken e Evangelista foram os homens que formaram o quinteto arrasador do Santos FC e que ficou apelidado de *Ataque dos Cem Gols*^[1]. Em termos de média, Araken continua imbatível. Em toda a história do Campeonato Paulista, Pelé e Feitiço são os maiores fazedores de gols. Pelé, em 1958, fez 58 e teve uma média de 1,52 por partida. Feitiço, em 1931, fez 39 e teve uma média de 1,77. Araken, em 1927, fez 31 e teve uma média de 1,93. Fato curioso é que os três obtiveram suas marcas jogando pelo Santos FC.

Foi de Araken durante 37 anos o recorde paulista de tentos em uma única partida. No dia três de Maio de 1927, ele fez sete gols na vitória de 12X1 do Santos FC sobre o Ypiranga. Um ano e quatro meses depois, no dia 11 de Setembro de 1928, Friedenreich igualou a marca. Somente em 21 de Novembro de 1964, Pelé iria marcar oito tentos na vitória do Santos FC contra o Botafogo de Ribeirão Preto por 11X0. Araken sagrou-se vice campeão paulista em 1927, 1928 e 1929. Acabou recebendo da crônica esportiva carioca o título de *Campeão da Técnica e da Disciplina*^[2]. Ainda no ano de 1927, foi recordista dos 110 metros com barreira no Campeonato do Interior, defendendo o Clube de Regatas Saldanha da Gama.

Em 1930 transferiu-se para o São Paulo F.C da Floresta onde, além de jogador, foi seu fundador. Foi dele o segundo gol da história do novo clube. Um ano após sua fundação, o time conquistava o título de campeão paulista. Na euforia da conquista, torcedores saíram em passeata pelas ruas da cidade. Araken ainda foi vice-campeão paulista em 30, 32, 33 e 34, tendo sido o terceiro artilheiro do campeonato em 32 e 33, e artilheiro do São Paulo em 1933, com 13 gols^[3]. Nessa época o São Paulo de Araken era conhecido como Esquadrão de Aço.

Chegou a vez da Copa do Mundo. A viagem de três dias a vapor até Montevidéu levava a seleção brasileira para a primeira Copa do Mundo da história do futebol. Eram dez cariocas (Joel, Brilhante, Fausto, Fernando, Hermógenes, Poly, Teóphilo, Itália, Preguinho e Nilo) e um paulista, Araken Patusca no time principal. Uma seleção arrumada na última hora, que não tinha técnico,

roupeiro ou massagista acompanhando a delegação. Araken conta como era jogar na seleção naquele tempo: *Cada um levava o seu próprio material esportivo e também um smoking, porque os jantares eram a rigor. Os brasileiros não tinham técnico, apenas Píndaro de Carvalho, que era treinador do Flamengo, dava orientação em linhas gerais. Não existia esquema tático: o negócio era aproveitar as falhas do adversário e marcar gols. Por isso nos reuníamos antes dos jogos e batíamos um papo sobre o que faríamos em campo. Substituição isso não havia. Quem entrava em campo tinha que agüentar até o fim. Às vezes, devido a uma contusão, saía um pouco para descansar e voltava. Se não pudesse voltar, azar do time, jogava com dez homens (...)* O fato de mulheres ficarem com os jogadores na concentração não era novidade na seleção de 30. Tanto que minha esposa, dona Irene, me acompanhou em lua-de-mel. Eu casei um pouco antes da copa e o presidente da delegação disse que nesse caso minha mulher iria junto. Foi uma viagem de núpcias meio acidentada, atrapalhada por causa dos jogos, mas até que foi divertida. Logo após o primeiro jogo, na derrota frente aos iugoslavos por 2X1, a copa também terminava para Araken. Seu pai havia sofrido um acidente automobilístico em Santos, e isso fez com que o jogador abandonasse a seleção.

Araken Patusca tomou parte na Revolução de 32, como oficial do Batalhão Ferroviário de Engenharia da Estrada de Ferro Central do Brasil, pois cursava o terceiro ano da Faculdade de Engenharia Mackenzie. Sua contribuição foi importante, como ele mesmo comenta: *Recebi o posto de capitão do Batalhão Pais Leme, e como já tinha prestado serviço militar e*

possuía carteira de reservista, além de alguns conhecimentos de engenharia, fui designado pelos meus superiores para tratar de nossas linhas de frente, fazer cavar trincheiras, instalar arame farpado, tudo visando evitar a progressão do inimigo. Fomos até Lorena e, mais tarde, ao sul de Minas Gerais. Depois de um dia e meio de trabalho, abrindo trincheiras e instalando arame farpado, chegou um oficial, colega meu, correndo e avisando que estávamos fazendo trincheiras em campo do inimigo. Tivemos que fazer uma retirada. O inimigo estava meio descontrolado. Era uma tropa de Alagoas, totalmente despreparada. Na fuga fui atingido apenas no capacete, e a marca de bala ficou gravada na altura da testa. Araken ainda conta que deu pelo menos oito medalhas de ouro maço, que havia ganho com o futebol, pois era um astro da época e tinha que arrumar recursos para a guerra.

Com o final da guerra, Araken volta às suas atividades de atleta. Em 1932, foi campeão de hóquei sobre patins pelo São Paulo FC, jogou basquete pelo Mackenzie College e pela Associação Atlética São Paulo e ainda praticou tênis, tendo competido pelo Palestra Itália. Em 1933, foi signatário do manifesto pela implantação do profissionalismo no futebol brasileiro e participou da seleção paulista. Tomou parte do primeiro jogo de futebol profissional, realizado no Brasil, defendendo o São Paulo que venceu, na Vila Belmiro, o Santos por 5X1. Neste jogo, Friedenreich marcou o primeiro gol do novo regime. Também tomou parte do primeiro jogo de profissionais entre paulistas e cariocas.

Em 1934, foi campeão brasileiro de seleções defendendo a sele-



Araken Patusca, em frente a uma corbelha de flores, ao lado de Friedenreich, no jogo América X São Paulo, realizado no Rio de Janeiro em 1933

Família Patusca

ção paulista. Retornou ao Santos FC para ser campeão em 1935. Era o primeiro título paulista da história do clube. Permaneceu no clube santista até 1938 quando, pela última vez, integrou a seleção paulista, que foi vice-campeã brasileira. Despediu-se do futebol profissional como capitão da seleção do Estado de São Paulo. Entre 1939 e 1942, jogou futebol amador pela equipe LPB Futebol Clube. Disputando os campeonatos da Associação Comercial de Esportes Atlético (ACEA), sagrou-se tetracampeão. A partir daí, encerra oficialmente sua carreira, passando a integrar a equipe dos Veteranos Paulistas de Futebol, tornando-se presidente da diretoria da agremiação. Foi fundador, em 1941, da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (Aceesp). Sua inscrição na Associação é a de número quatro. Em 1947, disputou as eleições como candidato a vereador de São Paulo pelo Partido Social Progressista, ocupando o cargo de suplente. Sob patrocínio do Governo do Estado de São Paulo, integrou a equipe que disputou o Campeonato Sul-Americano de Veteranos em 1953, sagrando-se campeão.

Como homem culto, nunca deixou de ser convidado para trabalhar. Entre 1927 e 1930, foi funcionário da Agência Martinelli de

Vapores de Santos; de 1930 a 1938, trabalhou na Light em São Paulo; de 1938 a 1940, esteve no Laboratório Paulista de Biologia; e, em 1947, foi nomeado para um cargo público – lançador de impostos - na Prefeitura de São Paulo.

Em 1977, foi homenageado no *Canto dos Campeões*, um autêntico museu a céu aberto, localizado num pequeno jardim ao lado esquerdo dos portões monumentais do Estádio Paulo Machado de Carvalho – o Pacaembu –, juntamente com Adhemar Ferreira da Silva e Francisco *Chico Landi*. Gravaram seus pés e mãos e assinaram no cimento, perpetuando publicamente a história do esporte brasileiro. No mesmo ano, o Centro Educacional e Esportivo *Arthur Friedenreich* promoveu um concurso cultural cujo tema foi Araken Patusca. A atividade foi oficializada pela Secretaria Municipal de Esporte.

No dia 17 de agosto de 1978, recebeu a Medalha Anchieta e o Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo. A homenagem foi conferida pela Câmara Municipal através do vereador Mário Américo. Foi o reconhecimento pela brilhante e notável trajetória não só na parte esportiva, mas também nas demais atividades de que participou, sempre com real destaque,

dignidade e lealdade, fazendo merecer as demonstrações de carinho do povo paulistano.

Araken foi alvo de muitas homenagens, tendo sido laureado 110 vezes com diplomas, medalhas e troféus. Conquistou 85 medalhas na militância esportiva, 20 diplomas de mérito esportivo e 24 troféus. Nunca foi punido pelos tribunais esportivos e só foi expulso uma única vez de campo.

Fazia parte de uma família de destaque no esporte. Seu pai foi fundador e primeiro presidente do Santos FC, seu irmão, Ary Patusca, foi centroavante de ótimas qualidades e durante quatro anos foi campeão suíço pelo FC Brhul (inclusive vestiu a camisa da seleção da Suíça). Também jogou no Santos e no Flamengo, sendo conhecido, na época, como o mais hábil cabeceador do futebol brasileiro. Foi o primeiro jogador brasileiro a conquistar um título no exterior. Arnaldo, primo-irmão de Araken, foi um perigoso ponteiro e Siriri, avante do Santos e do São Paulo, era seu cunhado. O irmão Ararê jogou no Santos e no Atlético Santista.

Araken Patusca teve ainda participação de destaque em vários outros segmentos da atividade humana. Foi o primeiro comentarista esportivo do Brasil, ao lado de Nicolau Tuma. Seu registro de jornalista profissional é o de número 641. Foi examinador da primeira turma de formandos da Escola de Árbitros de São Paulo. Atuou como cantor das rádios Educadora, Record e Cosmo, chegando a gravar um disco. Como bailarino amador interpretava danças populares, destacando-se como primeiro aluno de madame Poças Leitão e do professor Rimac. Atuou no teatro, em um grupo de profissionais, interpretando o personagem Montgmonranci na *Ceia dos*

Cardeais (fez três espetáculos no antigo Cassino Antártica). Trabalhou como narrador esportivo nas emissoras Panamericana (Jovem Pan), Record, Bandeirantes, Cultura e Americana. Escreveu crônicas de futebol para jornais especializados. Teve participação no filme *Os Desclassificados*, onde interpretou um banqueiro casado com a atriz Joana Fomm, aceitando o convite de Hélio Souto. Foi membro da Ordem dos Velhos Jornalistas e comendador das ordens *MMDC*, *Marechal Rondon* e *Governador Pedro de Toledo*. Virou marca de cigarro em Fortaleza, ritmo de dança (uma espécie de maxixe) em Santos e nome de cachaça em São Paulo. Cantarolava em francês, espanhol e italiano.

Morreu aos 84 anos, vítima de complicações pulmonares. Seu corpo foi velado na Câmara Municipal e sepultado no Cemitério do Araçá. Araken viveu a vida em plenitude, proporcionou a todos quantos tiveram a felicidade de conhecê-lo pelo menos um momento inesquecível. Era fino, culto, elegante e craque. Sua finta era como um trecho de bailado, o controle de bola um ato de ilusionista estilizado, desmontava adversários com breques que davam a impressão de um filme, em que os personagens de súbito se tornam estáticos, e logo em seguida reiniciava a marcha, conduzindo a bola com elegância a caminho da rede. Ele fez parte da história deste país e, mais do que isso, pode ser considerado um mito, figura imortal, monstro sagrado do futebol brasileiro. Recebeu apelidos que sintetizaram sua carreira: *Violeta* e *Professor*. Elegante como poucos, sóbrio, inteligente, vistoso jogador floreado, perito fintador de chute certo.

Deixou bem próximo de nós

um elo de memória, sua filha Gilda Patusca Ribeiro das Neves, que durante 27 anos foi diretora da Premi (Pré Escola Municipal Integrada) Maria D'Agostini, localizada no Bairro Mauá. Pedagoga de formação, hoje é pesquisadora da educação na Fundação Pró-Memória. Reside em São Caetano do Sul há 37 anos.

Bibliografia:

- FARAH NETO, José Jorge e KUSSAREV JR., Rodolfo. Almanaque do Futebol Paulista, Osasco/São Paulo: Panini, 2001.
PATUSCA, Araken. Os Reis do Futebol, São Paulo: Bentivegna Editora, 1976.
RIBEIRO, Rubens. O Caminho da Bola, São Paulo: Federação Paulista de Futebol, 2000.
Santos, a história do alvinegro da Vila (Série Grandes Clubes), São Paulo: Lance, 1999.
São Paulo, a história do tricolor do Morumbi (Série Grandes Clubes), São Paulo: Lance, 1999.
STORTI, Valmir e FONTENELLE, André. A História do Campeonato Paulista, São Paulo: Publifolha, 1997.
Coleções de Jornais :
A Gazeta Esportiva
A Gazeta de Vila Prudente
A Tribuna de Santos
Diário de Jacareí
Folha da Tarde
Jornal do Brasil
Jornal do Santos F.C.
O Estado de São Paulo

Notas:

- [1] Cf. RIBEIRO, Rubens. O Caminho da bola, vol. I, São Paulo: Federação Paulista de Futebol, 2000.
[2] Op. Cit., p. 296.
[3] Cf. STORTI, Valmir e FONTENELLE. A História do Campeonato Paulista, São Paulo: Publifolha, 1997.

(*) José Odair da Silva, mestre em História e conselheiro da Fundação Pró-Memória

Jogos Abertos do Interior: participamos pela primeira vez em 1952

Nelson PERDIGÃO (*)

Após a emancipação política, São Caetano do Sul viveu momentos de muita euforia, principalmente no setor esportivo. Em 1949, foi fundada a Liga Sancaetanense de Esportes e, já entrando na década de 1950, foram criados os clubes de xadrez e de voleibol. O prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, no dia 12 de Janeiro de 1951, instituiu a Comissão Municipal de Esportes (CME) através do Decreto nº 40 – Municipal, nos termos do artigo 2º do Decreto Lei Estadual nº 10424 de seis de Dezembro de 1946.

A criação da CME serviu para regularizar as atividades esportivas, perante o Departamento Estadual de Esportes, nas competições intermunicipais. Regularizou a prática esportiva dentro da cidade criando vários departamentos para cuidar das modalidades esportivas. A Comissão Municipal de Esportes era composta por três membros – presidente, secretário e médico responsável –, considerados relevantes ao município. O primeiro presidente foi o extraordinário esportista Humberto Ceccato, que tinha como secretário o então jovem estudante de Direito Antônio Russo.

Participamos dos Jogos Abertos do Interior foi o título da matéria inserida nas páginas do *Jornal de São Caetano*, no dia 26 de Julho de 1952, pelo secretário da Comissão



Fundação Pró-Memória

Aladin José dos Santos fez parte da equipe de xadrez que representou São Caetano nos Jogos Abertos do Interior em 1952. Ano de 2001



Fundação Pró-Memória

Matheus Bazani, ex-integrante da equipe de atletismo, representou São Caetano do Sul nos Jogos Abertos do Interior de 1952. Ano de 2001

Municipal de Esportes, Antônio Russo. A controvérsia da instituição da CME, pelo prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, diante dos esportistas vinculados à Liga Sancaetanense de Esportes ganhava corpo, tornando necessários alguns esclarecimentos para os mais exaltados. Antônio Russo defendeu, de forma coerente e definitiva, como primeira grande atividade da CME, a ida de São Caetano do Sul aos Jogos Abertos do Interior. Destacamos da matéria algumas passagens: *O esporte é um veículo de publicidade, escola salutar e tem os benefícios da representação (...)* Anualmente realiza-se no interior paulista uma verdadeira festa desportiva, onde são reunidas centenas de cidades para a disputa de uma grandiosa Olimpíada, denominada Jogos Abertos do Interior (...) Ribeirão Preto, de 19 a 26 de outubro, sediará os XVII Jogos Abertos do Interior, com a participação das cidades do interior de São Paulo e de outros estados, nossos atletas não possuem tarimbos em semelhantes competições, mas são abnegados e no futuro serão grandes campeões (...) Participar trará duplo benefício: 1º - nossa mocidade terá oportunidade de participar da melhor competição esportiva do país, 2º - O Príncipe dos Novos Municípios terá a publicidade que necessita para impor ao respeito dos seus confrades, que, na sua totalidade das suas populações

desconhecem o nome e o valor destes benditos limites de nossa terra.

Para o financiamento das despesas da delegação de São Caetano, foi solicitada verba de Cr\$ 75.000,00 (setenta e cinco mil cruzeiros) para 45 atletas das seguintes modalidades: voleibol, xadrez, ciclismo, atletismo e basquetebol. No dia quatro de Outubro de 1952, às vésperas da competição, a Câmara Municipal atendeu à solicitação do prefeito Ângelo Raphael Pellegrino e aprovou a liberação de Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros). Com o corte da verba inicial, a modalidade de voleibol não viajou, contrariando atletas e dirigentes.

Apesar dos contratemplos, São Caetano do Sul esteve presente nos XVII Jogos Abertos do Interior com uma delegação de 32 atletas. Antônio Russo era o chefe da delegação e o *Pinicilina* era, por assim dizer, o enfermeiro-massagista. A viagem deu-se da seguinte forma: no dia 18 de Outubro, por via férrea, foram os atletas de basquetebol e os enxadristas, acompanhados pelo chefe da delegação, técnicos e o massagista. No dia 24, foram os grupos de atletismo e ciclismo, cada equipe com cinco atletas e os respectivos técnicos.

O *Jornal de São Caetano*, em sua edição de oito de Novembro de 1952, publicou extenso relatório da participação da cidade nos XVII Jogos Abertos do Interior. O basquetebol estreou na competição com uma vitória, sobre a equipe da cidade de Taiúva, pelo placar de 47 a 43. No segundo jogo, dia 21 de Outubro, São Caetano teve pela frente a vi-



Antônio Moreno Júnior, à direita, e Lang participaram da equipe de basquete de São Caetano nos Jogos Abertos do Interior de 1952. Ano de 1952

Fundação Pró-Memória



Em 1949, Humberto Ceccatto, presidente da Comissão Municipal de Esportes de São Caetano do Sul, deu o pontapé inicial do jogo entre os juvenis do Corinthians e do São Caetano Esporte Clube

Fundação Pró-Memória

ce-campeã dos Jogos anteriores, Santos, perdendo por 50 a 25. A competição era em eliminatória simples e, com a derrota, a equipe voltou para casa. Representaram São Caetano os seguintes atletas: Moreno, Lang, Ziga, Bastos, Armandinho, Walter Pinto, Mario Chekin, Adriano, Lauro Veronesi, Aron, Galinho e Stetano. O técnico foi José Crivelaro. Os enxadristas, por sua vez, estrearam com derrota para Ituverava. Na seqüência, contudo, conseguiram duas importantes vitórias sobre Araraquara e Mogi das Cruzes. Na quarta partida perderam para Campinas por 2 ½ a ½, impressionando os amantes da modalidade, pois Campinas era a principal equipe da época. No atletismo, os heróis sancaetanos representaram a cidade com muita garra. As performances foram as seguintes: Mateus Bazani, quarto lugar nos 400 metros. Cicero Leônico de Lima e Walter da Silva Reino, quinto e oitavo colocados nos 800 metros. Francisco dos Santos Filho e Otávio Correa disputaram a prova de 1.500 metros, obtendo os segundo e oitavo lugares na série, porém, não se classificaram para as finais. O ciclismo era a modalidade melhor preparada, abrigada no General Motors Esporte Clube, que tinha uma equipe competitiva. Para o desespero dos atletas, as bicicletas, que haviam sido despachadas por via férrea, chegaram minutos antes da competição, impedindo a equipe de treinar e aquecer antes da prova. Participaram 92 cidades nesta modalidade, e São Caetano classificou-se em terceiro lugar no cômputo geral.

Paulo Moacir Moretti e Santiago Navarenho participaram das provas de velocidade. Na prova de resistência representaram-nos Léo Bergamo e Néelson Cogo.

DEPOIMENTOS – Vários esportistas que participaram dos Jogos Abertos do Interior, em Ribeirão Preto, em 1952, foram procurados para prestar seus depoimentos. Relacionamos, a seguir, os que por nós foram ouvidos.

Mateus Bazani iniciou a prática do atletismo, em 1948, no CA Aramaçan, em Santo André. Participava de provas de rua a fim de ganhar medalhas e troféus. Passou a treinar na General Motors Esporte Clube na mesma época em que começou a trabalhar na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Em 1952, foi convidado para compor a equipe de atletismo pelo professor Milton Feijão, que colaborava com a CME. *Eu, que praticava o esporte pelo esporte, aceitei o convite e me preparei para representar a cidade, em prova de pista. O vivenciamento desta competição foi prazeroso. Encontramos na cidade de Ribeirão Preto o melhor do*

atletismo do Brasil. Mateus arrematou: Com certeza São Caetano foi muito bem representado. Fomos para a competição pelo amor à cidade.

Aladin José dos Santos participava da excelente equipe de xadrez da cidade. Era alfaiate, e seu local de trabalho servia para receber os amigos e praticar o esporte. Lembra-se com muito carinho dos companheiros, destacando-os: o mestre Keigo Toyoda, Roberto Schimdt, Renato Russo, João Samba e outros. Hoje, aos 75 anos, vejo a grande bobagem que fiz: joguei fora todas as minhas medalhas, troféus e re-

cortes de jornais. Achei que não valiam para nada (...) Lembro que lutamos muito para a criação do Clube de Xadrez e a seguir começamos a representar São Caetano do Sul em muitas competições. A primeira delas foi os Jogos Abertos do Interior.

Mário Chekin: *O pessoal de basquete, quando chegou em Ribeirão Preto, após uma longa viagem de trem foi surpreendido pelo primeiro trote: o Pinicilina, enfermeiro da delegação, tirou todos os parafusos das camas e beliches. Foi um tombo para cada um. Mario Chekin lembrou ainda a grande luta para São Caetano participar pela primeira vez dos Jogos Abertos: Eu sempre colaborei com a Comissão Municipal de Esportes como atleta e diretor de basquetebol, mas, como diz o comercial, "a primeira vez a gente não esquece".*

() Nelson Perdigão é jornalista esportivo e professor de Educação Física em São Caetano do Sul*

Mário Chekin, o primeiro jogador em pé, da esquerda para a direita, disputou os Jogos Abertos do Interior de Ribeirão Preto na equipe de basquete de São Caetano. Em 1951, jogava pelo General Motors Esporte Clube



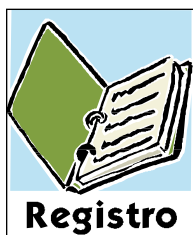
Fundação Pró-Memória



Antônio Russo, secretário da Comissão Municipal de Esportes de São Caetano nos Jogos Abertos do Interior de 1952, em Ribeirão Preto, deu o pontapé inicial de um jogo de futebol amador na cidade. Década de 1980

Fundação Pró-Memória

Pró-Memória montou exposição sobre o comércio de São Caetano no Hipermercado Extra



A Fundação Pró-Memória participou, no dia 12 de Junho, da reabertura do Hipermercado Extra de São

Caetano, com a exposição *Comércio em São Caetano do Sul*, montada no local.

Quase trinta fotografias, das décadas de 20 a 60, retrataram padarias, bares, como o da *Dona Boneca*, confeitarias, farmácias, as



tradicionais lojas de chapéus e sapatos, e estabelecimentos comerciais em geral, que foram marcantes no início do desenvolvimento econômico da cidade. Dentro do ambiente atual e moderno do hipermercado, a Fundação mostrou como tudo começou.

Comércio em São Caetano do Sul ficou no local até o final de Junho. Desde então, o Extra

passou a ser um dos espaços culturais da instituição, recebendo a cada mês uma nova exposição.

Selos e AD São Caetano foram tema de exposição no Museu Municipal



Reunindo duas exposições em uma, *Filatelia e Futebol* mostrou selos esportivos e objetos da equipe de futebol da Associação Desportiva São Caetano, na sala central do Museu Histórico Municipal, de dez de Julho a 19 de Agosto.

Os filatelistas (coleccionadores de selos) Valdenizio Petrolli e Wenceslau Teixeira emprestaram suas coleções particulares de selos para a exposição. Além dos selos, foram expostos envelopes, carimbos, franquias, blocos e folhas (conjunto de selos), tendo como tema o futebol. A AD São Caetano, vice-campeã brasileira, esteve presente em objetos como uniformes, tro-

féus, flâmulas, souvenirs e fotos que retratam os 11 anos de história do clube.

Durante a abertura da exposição, a AD São Caetano foi homenageada com o lançamento de um carimbo oficial pela Empresa de Correios e Telégrafos. O carimbo ficou na agência de Correios de São Caetano, à disposição dos filatelistas, até o final do mês.

Eventos comemoraram os 10 anos da Fundação Pró-Memória



A Fundação Pró-Memória completou dez anos de atividades no dia 12 de Junho, mas as comemorações aconteceram no dia 18 de Julho. Quatro eventos marcaram a data.

A exposição *Fundação Pró-Memória – 10 Anos* trouxe uma espécie de retrospectiva dos últimos dez anos. Painéis mostraram as mais significativas exposições, os eventos, projetos e parcerias. Além disso, foram expostos convites, fotos e cartazes, apresentando um painel completo das atividades da Fundação. Perspectivas e projetos futuros e em desenvolvimento também integraram a exposição.

Na mesma ocasião, foi lançado um carimbo oficial dos Correios, comemorativo ao décimo aniversário da Fundação, além do novo site, com informações atuais e dados sobre a instituição, o Museu Histórico Municipal e a história da cidade.

A data também marcou o lançamento da revista *Raízes* n.º 23, publicação semestral editada pela Fundação Pró-Memória, que conta com artigos referentes a São Caetano do Sul e a fatos que marcaram a história da região.

Monges beneditinos visitaram Fundação Pró-Memória



Os monges Anselmo Ribeiro e Mauro Moreira da Silva, da Ordem dos Beneditinos do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, estiveram em São Caetano no dia 25 de Julho. Depois de terem conhecido o local onde, no dia 27 de Julho, realizariam a missa de aniversário da cidade, a Matriz Velha, os monges estiveram na Fundação Pró-Memória e foram recebidos por todos os funcionários.

O passeio pela cidade foi acompanhado pela presidente da Fundação, Sônia Maria Franco Xavier, pelo diretor do Museu Histórico Municipal, Humberto Pastore, e pelo assessor da Câmara Municipal, Paulo Azevedo.

Cinquenta anos do Tiro de Guerra no Museu Municipal

No dia 25 de Agosto, o Museu Histórico Municipal comemorou os 50 Anos do Tiro de Guerra de São Caetano do Sul com a abertura de uma exposição fotográfica e de objetos.

Vinte e cinco painéis com fotos retrataram a história do Tiro de Guerra até mesmo antes de sua fundação. As imagens resgataram ainda o primeiro juramento à bandeira, as inaugurações das sedes, desfiles e as participações em campanhas sociais.

Ficaram expostos, também, quadros de todos os chefes de instrução do Tiro de Guerra, além de fotos da história mais recente. Entre os objetos, o primeiro livro de ata e fardas novas e antigas.

Pró-Memória faz exposição fotográfica sobre a Festa Italiana



A exposição fotográfica *Nossa Festa Italiana* foi a atração da Fundação Pró-Memória durante a nona edição da Festa Italiana de São Caetano do Sul, que aconteceu durante todos os finais de semana do mês de Agosto, no Espaço Matarazzo, Bairro Fundação.

As 12 fotografias, pertencentes ao acervo da Fundação, mostraram a evolução da Festa Italiana, desde quando ainda era realizada na rua, em frente à Paróquia São Caetano, até quando passou para o novo espaço. A participação popular na Festa, as barracas alegremente decoradas e os participantes com suas roupas típicas também foram retratados nas imagens.

Pró-Memória e Museu Municipal integraram evento regional que comemora 100 anos da imprensa no ABC



A *História da Imprensa no Brasil – Eventos Preparatórios às Comemorações: Bicentenário da Imprensa Brasileira e Centenário da Imprensa no Grande ABC* foi o nome do evento do qual cinco cidades do Grande ABC participaram nos meses de Setembro e Outubro. Os núcleos de memória do ABC produziram exposições que retratam o passado do jornalismo na região. A Fundação Pró-Memória e o Museu Histórico Municipal representaram a cidade de São Caetano do Sul.

O Museu Municipal montou a mostra *Sala de Imprensa*. Recriou uma redação de jornal da década de 50, com uma máquina de escrever de 1953, uma televisão de 1954, além de um armário de madeira onde eram guardados clichês de fotos a serem impressas, e outros objetos. Integraram também este ambiente, exemplares de antigos jornais que circularam na região, entre eles o *Jornal do Comércio*. *Sala de Imprensa* ficou no Museu de 11 de Setembro a 30 de Outubro.

Já na Fundação Pró-Memória aconteceu o lançamento regional do livro *Cirurgia em Campo Aberto*, do jornalista Aureliano Biancarelli, acompanhado de uma exposição fotográfica com o mesmo nome. Fotojornalistas como Marlene Bergamo, Juca Varela e João Bittar acompanharam cada movimento do livro e retrataram seus personagens. A instigante e envolvente exposição *Cirurgia em Campo Aberto* ficou no Salão de Exposições da Fundação Pró-Memória de 17 a 28 de Setembro.

Pró-Memória contou história das capas de disco



Uma forma de arte com mais de 60 anos e que hoje já desapareceu foi o tema da exposição *Imagens que Embalam o Som*, que ficou em cartaz no Salão de Exposições de cinco de Outubro a sete de Dezembro.

Retratando seis décadas de música, através de capas de disco, a mostra trouxe, em ordem cronológica, mais de 60 capas de discos que refletem o período dos anos 40 aos anos 90, com artistas nacionais e internacionais. Atravessando a Bossa Nova, a Jovem Guarda, a Tropicália, a mostra chegou até a era dos grafismos e efeitos gráficos. A idéia surgiu do colecionador e produtor cultural Ricardo Martins.

O passeio musical proporcionado pela exposição foi eclético, pois foram encontrados desde Orlando Silva, numa capa de 1952, até Racionais MC's, em LP de 1993. Houve também espaço dedicado aos artistas e grupos da região e às capas que fogem do design tradicional.

A abertura contou com a participação de automóveis antigos, perfilados em frente ao Salão de Exposições e um telão que exibiu clipes e documentários musicais. Do lado de dentro, rádios, vitrolas e um gramofone, peças emprestadas por José Zorzi, colecionador de São Caetano.

Museu Municipal mostrou brinquedos e brincadeiras de várias gerações

Cerca de 40 brinquedos antigos, fabricados a partir dos anos de 1930 até 1980, integraram a exposição *Mundo da Criança*, em cartaz no Museu



Histórico Municipal de nove de Outubro a 30 de Novembro. A mostra reuniu bonecas, carrinhos, miniaturas como a de um parque de diversões e outra de um forte apache, jogos de panelinhas e ferramentas. Gibis e livros infantis dos anos de 1950 também ficaram expostos.

Um dos destaques da exposição foram sete quadros, em óleo sobre tela, com temas infantis, pintados pela artista plástica Ida Dall'Antonia, de São Caetano. A artista já participou de exposições nos Estados Unidos e Canadá e tem um de seus quadros exposto no Museu do Mar, em Santos.

Shopping ABC recebeu exposição da Pró-Memória sobre criança em Outubro



Em comemoração ao Dia das Crianças (12 de Outubro), a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul colocou em cartaz, no Shopping ABC, a exposição *Ser Criança*, durante todo o mês de Outubro.

Ser Criança é uma mostra fotográfica que traz imagens antigas de crianças, desde o início do século XX até os anos de 1930. As imagens retra-

tam um ambiente familiar, de trabalho e de rigidez escolar. São 20 painéis onde as crianças aparecem junto de seus pais, como pequenos trabalhadores, em poses de fotos escolares ou com seus brinquedos.

Alguns depoimentos também integraram a mostra. São histórias de vida, lembranças da infância, recortes de um passado distante mas que está vivo na memória de nossa cidade.

Projeto Memória e Cidadania homenageia moradores mais antigos dos bairros de São Caetano



Dentro do Projeto *Memória e Cidadania*, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul homenageou quase 300 moradores dos mais antigos da cidade, sendo cerca de 20 de cada bairro. As homenagens aconteceram durante as edições deste ano do Governo Itinerante – Projeto Cidadania.

Tendo como base o Censo Histórico, realizado em 2000, foram identificadas as pessoas com mais tempo de moradia nos bairros. Estes agentes, que contribuíram para a construção da cidade, receberam uma placa de homenagem das mãos do prefeito Luiz Tortorello e da presidente da Fundação Pró-Memória, Sônia Maria Franco Xavier.

Os homenageados também irão contribuir para a preservação da memória da cidade. Eles estão apresentando depoimentos para a Fundação, a fim de compor uma base de dados de história oral, formando importante fonte de pesquisa para o município.

A Fundação Pró-Memória ainda mostrou, durante o Governo Itinerante, exposições sobre a história dos bairros, onde foram expostas imagens do passado e presente em fotos comparativas de diversos pontos.

Paula Fiorotti é jornalista



**Memória
Fotográfica**



Yolanda Ascencio

1 – O senhor Salvador Ascencio, descendente de espanhóis, chegou a São Caetano do Sul em 1917, passando a exercer várias profissões, inclusive a de vendedor de jóias. É pai da ex-vereadora e professora Yolanda Ascencio. Morou durante muito tempo na antiga Rua Caputira, depois Rua Tapuias e hoje Rua Nossa Senhora de Fátima, no atual Bairro Oswaldo Cruz. À esquerda do amigo Rafael Garcial, Salvador Ascencio monta a charrete conduzida pelo cavalo chamado Gaúcho. Ano de 1946



Fundação Pró-Memória

2 – O prefeito Oswaldo Samuel Massei é carregado nos ombros de amigos e populares durante o ato de inauguração do Parque Municipal da Vila São José (atual Bairro São José), ocorrido em 18 de Março de 1961



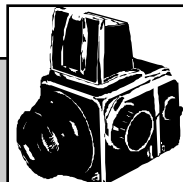
Fundação Pró-Memória

3 – No início da década de 70, São Caetano do Sul começava a perder a fisionomia simples, marcada por casas térreas, e passava a sofrer acelerado processo de verticalização. A partir da Avenida Goiás, erguiam-se os primeiros edifícios no atual Bairro Santo Antônio, transformando ainda mais o cenário já alterado pelo Paço Municipal e pela Concha Acústica do Jardim 1º de Maio, ambos em primeiro plano



Fundação Pró-Memória

4 – Vereadores da quarta legislatura (quatro de Abril de 1961 a três de Abril de 1965) da Câmara Municipal de São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: Anacleto Pires, Cezário Migliani, Concetto Constantino, Floriano Leandrini, Gentil Monte, João Anhê, João Azzi, João Cambaúva, Fábio Ventura, Jaime da Silva Reis, Altamiro Rians da Motta, Silas Rodrigues, Júlio de Mello, Lavinho de Carvalho, Nestor Borges, José Agostinho Leal, Nilo Ribeiro de Figueiredo, Oscar Leite, Raimundo da Cunha Leite, Sebastião Sepúlveda e Waldemar Fantinatti



1 — Três de Abril de 1955. Instalação solene do Fórum de São Caetano do Sul. A Comarca de São Caetano do Sul havia sido criada em 30 de Setembro de 1953. Em seguida, foram providenciadas as acomodações para o funcionamento do Fórum, e a autorização para o início das atividades veio através da Lei nº 503, de sete de Dezembro de 1954. Foi assinado contrato de locação para 15 salas, localizadas no terceiro andar do Edifício Vitória. O primeiro juiz foi Milton Evaristo dos Santos, e o primeiro promotor público, Gastão Maria de Carvalho



Fundação Pró-Memória

2 — Dia 24 de Novembro de 1938. Alunos do Grupo Escolar de Vila Barcelona. Diretor, Alírio Barbosa Saraiva; professora substituta, Irani; (na ocasião, substituindo Terezinha Nardossi). Da esquerda para a direita, de cima para baixo, primeira fila: 1- Eugenio Conti, 2-Ivan(?), 3-Anésio(?), 4-(?), 5-José Uliana, 6-João Ponci, 7-Aristides Paleti, 8-Seferino(?); segunda-fila: 1- Euzébio Fábio, 2-Naime(?), 3-José Tocaeske, 4-Quiri Cone, 5-José Bernardes, 6-(?), 7-Antônio Uliana, 8-Aldo(?); terceira fila: 1-Paulo Berne, 2-Beline(?), 3-Durcelino (?), 4-(?), 5-(?), 6-(?) Manzano, 7-Armando(?), 8-José Laranjeira, 9-Rubens Moura; e quarta fila: 1-Vicente R. Vieira, 2-Ramon Lorente, 3-(?), 4-Durval(?), 5-Eduardo(?), 6-Esmeraldo(?), 7-Elmo(?), 8-Chiquinho (?), 9-Francisco Gimenez (Mosquito)



Franco Gimenez

3 — O Viveiro Municipal foi inaugurado, em Julho de 1954, com a finalidade de abastecer a cidade com mudas de árvores para o serviço de arborização. Começou com um pequeno horto de 60 mudas, número que, em um ano, subiu para três mil. Localizava-se junto ao canil, na Estrada das Lágrimas, atual Bairro Mauá

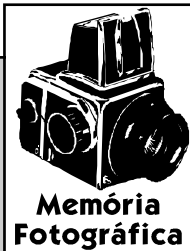


Fundação Pró-Memória

4 — Em 1966, foi iniciada a retificação do Córrego do Moinho para a construção da Avenida Presidente Kennedy. Muitos trabalhos estavam em andamento na esquina da futura avenida com a Rua Arlindo Marchetti



Fundação Pró-Memória



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 — Década de 50. Esquina da Avenida Goiás com a Rua José Paolone. O posto de gasolina ainda funciona no mesmo local. Ao fundo, observa-se toda a lateral da Igreja Matriz Sagrada Família



Fundação Pró-Memória

2 — Cruzamento das ruas Visconde de Inhaúma e Lourdes. Em Dezembro, os enfeites relativos ao Natal de 1980 já estavam pendurados nos postes. A Rua Visconde de Inhaúma sempre teve, e ainda tem, função importante no sistema viário da cidade, ligando São Caetano aos municípios de Santo André e São Bernardo do Campo



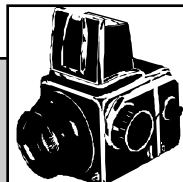
Fundação Pró-Memória

3 — Construção do antigo prédio do Grupo Escolar da Vila Marlene, na década de 50, com capacidade para 1500 crianças e 12 salas de aula. Atualmente, no local funciona a Escola Estadual de Primeiro Grau Padre Luiz Capra. O custo da obra, na época, foi de 13 milhões de cruzeiros, sendo que sete milhões e 300 mil cruzeiros foram pagos pela Prefeitura, e cinco milhões e 700 mil cruzeiros ficaram a cargo do Estado



Fundação Pró-Memória

4 — No início da década de 70, era demolida a antiga estação ferroviária (que daria lugar à atual). Acima dos trilhos, à direita, todo um quarteirão fora destruído para o erguimento do segundo módulo do Terminal Rodoviário. A antiga Estação Ferroviária de São Caetano do Sul, que estava sendo reformada, havia sido inaugurada em Primeiro de Maio de 1883. Foi em torno dela que a cidade desenvolveu um pólo comercial de grande importância, servindo como ponto de comunicação de pessoas e bens industriais na ligação São Paulo - Santos



**Memória
Fotográfica**

1 — Sempre que se referiam ao centro comercial da cidade, os antigos moradores usavam as expressões "prá baixo das porteiras" e "prá cima das porteiras". As cancelas ferroviárias da estrada de ferro eram chamadas de porteiras, e praticamente dividiam São Caetano em duas partes. "Prá baixo das porteiras" ficava a área da Avenida Francisco Matarazzo, que ligava os trilhos da estrada de ferro até o rio Tamanduateí, na divisa com a Vila Alpina, em São Paulo. "Prá cima das porteiras" era a área da Avenida Conde Francisco Matarazzo até à Rua Manoel Coelho e daí em diante. Anos 60



Fundação Pró-Memória

2 — Da esquerda para a direita, entre os anos de 1940 e 1945, padre Artur de Vigili, padre Ézio Gislimberti e padre Alexandre Grigoli



Fundação Pró-Memória

3 — Inauguração do campo de futebol do Atlético Vila Alpina, em primeiro de Junho de 1952, na Rua Herculano de Freitas – Bairro Fundação. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Jayme da Silva Reis (ao microfone), Aurélio Loureiro Bastos (de suspensórios). À direita do portão: Ângelo Raphael Pellegrino (prefeito), professor Moura Branco e Humberto Cecatto (estes dois últimos, nessa ordem, à esquerda do prefeito)



Fundação Pró-Memória



**Memória
Fotográfica**



Fundação Pró-Memória

1

1 – Vista aérea do Bairro Prosperidade, em 1958, quando ainda pertencia ao Município de Santo André. Observam-se duas importantes indústrias da época. Em primeiro plano, as instalações da Quimbrasil, indústria química do grupo Santista. Acima, entre a Avenida Prosperidade e o Rio Tamanduatei, a área da Brasilit, fabricante de telhas de amianto. Também em primeiro plano, terreno vazio onde seriam erguidos os tanques de combustível do Terminal de Petróleo da Petrobrás



Fundação Pró-Memória

2

2 – Dia 17 de Julho de 1967. Centro comercial da cidade, com destaque para a construção do edifício localizado na Rua Manoel Coelho, 500. À direita, as torres da Paróquia Sagrada Família e, ao fundo, as chaminés das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo



Walter Andrade

3

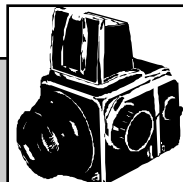
3 – Fachada da Casa Parente – armazém de secos e molhados -, na Rua Santo Antônio, 1196 (atual Avenida Senador Roberto Simonsen). Da esquerda para a direita: Santo Parente (menino), José Parente, José da Silva, Dante Beloti, Landico Varani, (?). Ano de 1936



Fundação Pró-Memória

4

4 – No dia 18 de Agosto de 1959, o prefeito Oswaldo Samuel Massei visitou um trecho da Rua Rio Grande do Sul, por ocasião da sua pavimentação asfáltica. Estava acompanhado de Nicolau Delic e do vereador Nilo Ribeiro de Figueiredo



1 — Em 22 de Dezembro de 1963, a Paróquia do Sagrado Coração (antiga Vila São José) celebrou uma missa de 30 dias em homenagem ao presidente dos Estados Unidos da América, John Fitzgerald Kennedy, assassinado em Dallas



Fundação Pró-Memória

2 — O Comercial Futebol Clube, time amador, foi criado em 1946 e participou da fundação da Liga Sancaetanense de Futebol. Em 1948, a equipe apresentou-se no campo do São Caetano Esporte Clube para disputar o torneio inicial da Liga contra o São Paulo da Vila Alpina. O resultado do jogo foi 1 X 0 para o São Paulo, e o juiz da partida foi Geraldo Tavares. Em pé, da esquerda para a direita: Fiorotti, Alberto, Macaco, Bombes, Lola, Armando e Trator (Azzi). Agachados: o massagista Estephan Guelbali (Estopa), Paulinho, Mingo, Aldo, Kike e Agnaldo



Fundação Pró-Memória

3 — O atual Espaço Verde Chico Mendes era formado por uma imensa cratera, denominada buracão da Cerâmica ou barreiro, de onde a Cerâmica São Caetano extraía argila para fazer tijolos, telhas e refratários. Na década de 60, foi planejado construir no local um grande parque esportivo e aquático, que não teve prosseguimento. Todavia, algumas quadras esportivas começavam a ser feitas



Fundação Pró-Memória

ISSN 1415-3173

